OBRAS
DE
FRANCISCO RODRIGUES
LOBO.

TOMO II.

OBRAS
POLITICAS, E PASTORIZ
DE
FRANCISCO RODRIGUES
LOBO.

Nesta prezente ediçaõ correctas, e escrupulozamente emendadas.

TOMO II.

Primavera.

LISBOA
NA OFFIC. DE MIGUEL RODRIGUES
1774.

Com licensa da Real Meza Censoria.

Em quanto está o avaro em seu thezouro
Cevando os olhos, dando ao pensamento
Materia a vam cubiça de mais ouro.

Primavera, Floresta 4.

PRIMAVERA.

Valles, e Montes, Enire, o Lis, e Lena.

FLORESTA PRIMEIRA.

ENTRE as fragozas montanhas de Luzitania, na costa Occidental do mar Oceâno, onde se vem agora com mais nobreza levantadas as ruinas da Cidade antiga de Colippo, ha hum espaçozo sitio, partido em verdes outeiros, e graciozos valles, que a natureza com particulares graças povoou de arvores, e fontes, que fazem nelle perpetua Primavera: em meio do qual se levanta hum monte agudo de penedia, cercado como ilha de dous rios, que pela falda delle vaõ murmurando; até que ajuntando-se no extremo de sua altura levaõ ao mar em companhia a vagaroza corrente; e assim da parte do rio Lis, que na copia das aguas he principal, como pela do claro Lena, que escondido entre arvoredos faz o caminho, he cultivada a terra de muitos pastores, que naquelles valles, e montes apascentaõ, passando a vida contentes com seus rebanhos, e com os frutos, que a terra em abundancia lhes offerece, assim de Ceres, como de Pomona: porque com a benigna inspiraçaõ do Ceo, e dispoziçaõ da terra naõ sómente saõ as plantas mais formozas á vista, os frutos mais saborozos ao gosto, as flores mais suaves ao

cheiro, e alegres aos olhos, mas ainda os penedos mais engraçados, e parece que menos duros. Aqui, onde Amor costuma conservar seu senhorio, mostrava cada dia maiores effeitos delle entre as pastoras do valle, que igualavaõ, e venciaõ as do Tejo, e Mondego em formozura. Huma entrada do Veraõ, quando pelo costume dos naturaes do valle, e por ajuntamento de outros pastores estrangeiros, que alli traziaõ seu gado pela abundancia dos pastos daquella ribeira, havia entre todos muitos exercicios de alegria costumados dos pastores, como eraõ muzicas em porfia, duvidas amarozas, bailes, e luctas de terreiro, e outros jogos, em que havia na montanha guardadores extremados; Lereno, que na muzica a muitos do valle tinha vantajem, hum dia, que com o novo Sol sobre os floridos ramos começáraõ as aves a celebrar a entrada do Veraõ, e as hervas, e boninas a se levantar da terra a pezar das cheias do Inverno, escolhendo hum lugar apartado, a que o inclinava a propria condiçaõ, se foi assentar junto de huma fonte, que está perto do rio á sombra de hum alto freixo, entre duas faias; e alli tirando a sanfoninha cantou esta lyra:

JA' nasce o bello dia,
Principio do Veraõ formozo, e brando,
Que com nova alegria
Estaõ denunciando
As aves namoradas,
Dos floridos raminhos penduradas.
Já abre a bella Aurora
Com nova luz as portas do Oriente;

E mostra a linda Flora
O prado mais contente,
Vestido de boninas
Aljofradas de gotas cristalinas.
Já o Sol mais formozo
Está ferindo as aguas prateadas;
E Zefiro queixozo
Hora as mostra encrespadas
A' vista dos penedos,
Hora sobre ellas move os arvoredos.
De reluzente arêa
Se mostra mais formoza a rica praia;
Cuja riba se arrêa
Do álemo, e da faia,
Do freixo, e do salgueiro;
Do ulmo, da aveleira, e do loureiro.
Já com rumor profundo
Naõ soa o Lis nos montes seus vizinhos;
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os peixes, que nas vêas
Deixaõ tremendo a sombras nas arêas.
Já sem nuvens medonhas
Se mostra o Ceo vestido de outras côres;
Já se ouvem as sanfonhas,
E frautas dos pastores,
Que vaõ guiando o gado
Pela fragoza serra, e pelo prado.
Já nas largas campinas,
E nas verdes descidas dos outeiros;
Ao som das sanfoninas
Cantaõ os ovelheiros
Em quanto os gados pascem
As mimozas hervinhas, que renascem.
Sobre a tenra verdura

Agora os cabritinhos vaõ saltando;
E sobre a fonte pura
Passa a noite cantando
O rouxinol suave
Com saudozo accento, agudo, e grave.
Diana mais formoza
Sem ventos sobre as aguas apparece,
E faz que a noite iroza
Taõ clara resplandece
A' vista das estrellas,
Que se envergonha o Sol de inveja dellas.
Tudo nesta mudança
Tambem de novo cobra novo estado,
Qual em sua esperança,
E qual em seu cuidado
Acha contentamento,
Qual melhora na vida o pensamento.

Acabou de cantar: e porque o murmurio da fonte, que entrava no rio debaixo de huns salgueiros, e a veia da agua cristalina, que borrifava de flores a verdura, fazia a vontade cubiçoza de tocar, poz o çurraõ, e a sanfonha sobre o penedo para lavar o rosto na borda da agua; e virando os olhos vio em huma face da pedra entalhado este mote:

O mal, que meu peito encerra,
Pois ventura o quer assim,
Seguro estará de mim,
Se o naõ descobrir a terra.

Enleado no que debaixo daquelles versos se entendia, crendo que naõ foraõ sem cauza escritos em tal lugar, deitou o pastor mil juizos para entendellos: mas havendo todos por temerarios, pois as palavras em fim mostravaõ segredo, deixou a empreza; e depois de lavar

o *rosto*, tomou o caminho para os curraes, donde vio que já desciaõ com o gado os pegureiros, e entre elles vinhaõ cantando em baixa voz Tirreno, e Melibeu, como que se entoavaõ. Porém, conhecendo-o, deixaraõ a cantiga, e com muito alvoroço o festejáraõ. Bofé (disse Tirreno) que mais parece este encontro buscado de minha boa vontade, que achado nella: e sabe que naõ ha bem que naõ venha a hum descuidado; que bem o estava eu agora do que me convinha, e da tua lembrança. Naõ te desmereço eu (disse elle) muitas lembranças; que naõ sei, pastor desta ribeira, que mais me contente, ora seja no gado, ora no canto: e o em que agora vinhas com Melibeu começava eu a ouvir com muito gosto, mas fizestesme cuidar que vos estorvava. O mal fora (tornou elle) naõ cantar bem diante de quem melhor o faz nesta montanha; e já tornaramos á cantiga por teu gosto, se ella fora para o dar. Com tudo te direi a razaõ, que nos moveu a este ensaio. O Domingo da festa, quando tu faltastes (que logo o tive a mau agouro) foi grande lucta, e folgar; porque os Serranos do Lena nos desafiáraõ a cantar, e bailar diante as nossas pastoras, das quaes foraõ mui gabados no seu modo, e nas suas cantigas; e já sabes que o que se tem a geito nunca he melhor, que o que vem por novidade: mas foi para nós mui grande sermos enjeitados; e logo com raiva desafiámos Melibeu, e eu a cantar de porfia a todos os vaqueiros, e guardadores dalém do rio; e sabe que estamos para hoje bem temperados: mas como ellas saõ já suspeitas, e elles favorecidos, corremos risco,

co, se tu naõ fores do nosso cabo. Para vos ouvir (respondeu elle) hirei eu de boa vontade; e esta tenho tambem para vos obedecer, naõ contra vós, como fora misturarme na vossa demanda. Naõ te valem escuzas (tornou Melibeu) que, quando naõ bastarem rogos, provaremos forças. E tomando-o pelos braços, o levàraõ entre si, e foraõ pelo valle abaixo atraz do gado: e ao empinar do Sol vieraõ pela praia do rio Lis, onde elle reprezado entre altas arvores aos raios do Sol fica escondido, até que, chegando a huma fragoza penedia, vem quebrando em escuma sobre os lizos penedos, e com acordado ruido se vai debruçando em hum quieto remanso, deixando em ondas a arêa, que ao longo da praia vai correndo: e nella viraõ estar muitos pastores, huns cantando, outros jogando, o que entre elles he costume; outros intertendo-se em saboroza conversaçaõ com as pastoras. E vendo aos contendores da porfia, com grande alvoroço se levantáraõ aos receber; e assentados em roda os obrigáraõ logo a que cantassem, pois lhes tocava pela promessa passada: e como por esta razaõ a naõ tinhaõ de se escuzar, affinando os instrumentos cantáraõ o que se segue.

Quem a Amor serve, quem de Amor procura
A gloria de hum contente, e ledo estado:
Quem por Amor quer ter vida segura,
E ver ditozo o fim de seu cuidado,
Quem quer em seus serviços ter ventura,
E vir por este preço a ser amado,
Por Amor sirva, por Amor mereça,
Por Amor ouze, tema, e obedeça.

Ponha só nestes meios a esperança

Para

Para alcançar de Amor bens de verdade;
Que mal póde ter nelles confiança
Quem a vida naõ der, e a liberdade:
Em vaõ pertende amar, em vaõ se cansa
Quem naõ obriga as forças da vontade.
A tyranna izençaõ de huma Pastora,
Que de quantos a vem quer ser senhora.

Faça de seu querer merecimento,
Sem querer merecer por outra via;
Posto que tenha em posse, e pensamento
Mais ovelhas, mais cabras, mais valia:
O que mais lhe convém he soffrimento,
Com que vença o poder da fantazia;
Que nenhuma pastora se imagina
Ser menos que formoza, ou que divina.

Ouze; por que mil vezes o atrevido
Alcansa mais que o cauto, e temerozo;
E o que nega o temor, quando he devido,
Dá hum successo vil a hum venturozo.
Mais val ficar cazado arrependido,
Que ser fiel amante, e vergonhozo;
Pois nenhuma pastora em affeiçaõ
Respeita mais amor, que occaziaõ.

Tema; porque o que sabe amar melhor,
Melhor teme as mudanças da ventura;
Que naõ ha em mulher seguro amor,
Nem auzente affeiçaõ de muita dura.
Aprenda mil cautelas do temor,
Para o que só na vista se assegura;
Pois quem da vista huma hora só se parte,
Ou já naõ acha amor, ou noutra parte.

Obedeça; que em fim nisto se encerra
O merecer, servir, temer, e ouzar;
E quem conquista Amor em justa guerra,
Deve só com taes armas pelejar.

Este

Este he o mór poder, que tem na terra
Quem quer vontades livres sujeitar;
Sem esta naõ alcansa, e naõ repouza
O que serve, merece, teme, e ouza.

Esperou Beliza que os pastores acabassem a muzica (que pareceu mui bem) para se defender da cantiga, que a todas tratava mal. Que graça he (disse ella) cuidarem Tirreno, e Melibeu que, por cantarem melhor, podem ser mais atrevidos, sendo maior a offensa, que nos fizeraõ com a sua cantiga, que o gosto que se esperava della? Com tudo se elles senaõ desdizem logo, e estas pastoras me derem a licença, eu defenderei a nossa razaõ muito á sua custa, e sem nenhum perigo do que nos alevantam. Grande mal he (tornou Tirreno) que naõ sómente sejais todas más de servir, senaõ que tenhais por aggravo ensinar a grangearvos condiçaõ ao que a naõ sabe: e se estas, em que eu puz o serviço de Amor, vos parecem mais, daime alguma pastora que se contente com menos. Naõ reprovo eu (disse a pastora) que para servir a Amor seja muitas vezes necessario renunciar a propria vontade, desconhecer a razaõ, e o merecimento de serviços, pondo a valia toda no preço de Amor: mas dar por razaõ de suas semrazoens a nossa altiveza, e mudança, ou he erro de innocente, ou vingança de magoado. E já que os homens, como pouco experimentados em Amor, que naõ conhecem, naõ podem dar sahida a seus enleios, e como inimigos nossos querem encobrir suas faltas com nossas condiçoens, passemos estes despropozitos, que nascem de raiva, e de inveja. Naõ passes adiante

(disse

(disse Lereno) que naõ he justo, Beliza, que o nosso passatempo se torne em differença. O teu queixume he justo, e a cantiga destes pastores verdadeira : mas, para concertar vossa profia, eu quero ser atrevido; que he crueldade a quem cantou tam bem desengraçar com todos sua cantiga; e seria maior erro o de a sustentar em prejuizo de vosso merecimento : porém, sem a este fazer offensa, digo que quem pertende obrigar, ou affeiçoar huma vontade livre por natureza, deve uzar das leis da sua cantiga, e de outras muitas, que se aprendem na servidaõ de Amor. E quanto á vossa queixa particular, fique á conta das que merecem nome de mudaveis, esquecidas, e ingratas; mas outras, a quem se deve fé verdadeira, ellas tambem ficaõ sujeitas á desgraça de serem diffamadas; mas saõ por natureza taõ senhoras de nossa vontade, e taõ livres do alheio senhorio, que naõ ha nenhuma, que naõ seja servida, e poucas, que naõ tenhaõ queixozos seus servidores : donde vem attribuirem só á ellas o que he commum a todos os pastores, como serem servidas, respeitadas, e temidas; que o mesmo lhe importa a ellas para obrigar a outrem. E lembra-me que em outro valle bem desviado ouvi eu já a hum vaqueiro huma cantiga deste propozito : era elle já de idade, e gastára o melhor della no serviço de Amor, e ensinava a acautelarse de suas mudanças aos que de novo entravaõ na sua sujeiçaõ : e se eu naõ temera o que aconteceu aos dous meus companheiros, que em lugar de louvados foraõ reprehendidos, me offerecera a cantar o que lhe ouvi. Quem póde tanto (disse Learda) que

apaga

apaga culpas alheias, e faz que ainda fiquemos devendo graças a quem nos offendeu, naõ deve temer em cauza propria que seja mal ouvido. E pois Tirreno, e seu companheiro disseraõ já o de que nos podia pezar; que males póde ter a tua cantiga, ou haver em nós, que nos descubraõ mais defeitos? Assim que com o mesmo desconto te pedimos que cantes. Isso naõ farei eu (tornou elle) só com o teu consentimento; porque estaõ na companhia muitas, que mostraõ pouco gosto de me dares licença: e se tambem naõ for seu, eu me naõ atrevo. Entaõ lhe pediraõ todas que cantasse, mostrando que o dezejavaõ muito: e logo, tocando a espaços huma frauta, disse estas endechas.

Quem poz seu cuidado
Em pastora loura,
Nem veja a lavoura,
Nem sirva de arado.

Nẽ já mais se entregue
Em lavrar abrolhos;
Semee em seus olhos,
E em seus olhos cegue.

E se seus amores
Nascèraõ de amor,
Seja lavrador;
Pois que lavra dores.

Para sustentalla
Gaste a vida nella,
Ou viva de vêlla,
Ou de dezejalla.

Tenha aonde a tem
A vida, e cuidado;
Se ella guarda gado,
Guarde elle tambem.

No valle, e no monte
Seja seu vizinho,
Saialhe ao caminho
No rio, e na fonte.

Tragalhe das vinhas
O seu fruto ingrato;
Quando vem do mato
Tragalhe das pinhas.

Se vem do serviço,
Traga das montanhas
As molles castanhas
No seu crespo ouriço.

Se em monte, ou ribeira
Cria enxame bravo,
Delhe o doce favo
Da crésta primeira.

Pardos roxinois,
Ledos passarinhos (nhos;
Lhe traga em seus ni-
Quando vem dos bois.

Em

Em quanto a manada
Anda apascentando
Lhe lavre cantando
A roca pintada.
Quanto ella sustenta,
Tanto elle sustente;
E viva contente
Do que lhe contenta.
Se a côr arenoza
Tiver por melhor,
Diga que essa côr
A faz mais formoza.
Se a tarde, e Sol posto
Lhe parece bem,
Mostre que naõ tem
Mais Sol q̃ o seu rosto.

E se a noite fria
Lhe contenta mais,
Mostre por sinais
Que quer mal ao dia;
Todo se transforme
Na vontade della,
Véle quando vela,
Durma quando dorme.
O que ella approvar
Só bem lhe pareça;
E a si se aborreça
Pela contentar;
Que Amor engrandece
Nas leis, em que está,
Quem serve e quem dá,
E a quem lhe obedece.

Cantou Lereno tanto a sabor dos que o ouviaõ, que, de enlevados com o sentido nelle, o perderaõ muitos do gado; que derramando-se pelos vizinhos cerrados se desmandava, por cujo respeito deixáraõ aquelle lugar, e se foraõ ao recolher. Mas Albano, que só em Nize tinha o pensamento taõ obrigado, como ella era livre por natureza, ao pôr do Sol a foi esperar debaixo de hum castanheiro, que cobria o caminho por onde havia de passar para os curraes; e conhecendo-a que atraz das ovelhas vinha bradando, lhe sahio ao encontro, e disse: Naõ sei que mal achas, Nize, no bem que te quero, pois nos maiores extremos, que por ti faço, mostras menos affeiçaõ. Se julgas que he offensa o Amor que te tenho, nem podes deixar de ser offendida em quanto eu viver, nem, em quanto me tratares mal, podes perder o nome de ingrata. E como Nize vivia de

des-

desprezar seus amores, sem perder hum passo do caminho, lhe respondeu: Ninguem fica obrigado aos males, que cada hum procura para si; e pois os teus tem taõ facil remedio, como he deixallos, e naõ importunar a quem te aborrece, troca o cuidado, e viviràs contente. O pastor, a quem esta esquivança traspassava a alma, com hum suspiro, que della lhe nascia, a foi seguindo até á entrada da cabana; e alli, perdendo-a de vista, conheceu que era vinda a noite; que quem em outra luz poem a de seus olhos, só na auzencia della conhece a falta do dia.

FLORESTA SEGUNDA.

POrque a alegria do Veraõ todos aquelles dias fazia de festa entre os pastores, cada hum no trajo, e nas divizas a mostrava; qual tinha no cajado escrito o nome de sua pastora, qual no fim delle a trazia subtilmente retratada, qual vestia a côr de suas esperanças, qual se mostrava desconfiado entre ciumes. Tudo eraõ muzicas pelo valle, em todos os ajuntamentos se ouviaõ praticas namoradas, cada hum em gloria de seus cuidados celebrava o bem do que sentia, e quazi todos se queixavaõ do mal que Amor os tratava; que costume he seu nem dar contentamento sem queixume, nem deixar em nenhum estado satisfeito a quem o serve. Ajuntaraõ-se huma sésta ao longo do rio Lis, no lugar, onde fora a contenda de Tirreno: e porque a força do Sol naõ consentia outro exercicio, começou a falar Alceu, assim por dar principio á conversaçaõ, como por descobrir

brir *nella* seu pensamento a Nize, que o escutava, ainda que tam alheia de seus cuidados, como poderoza com sua formozura para lhes cauzar outros de novo. Pois a hora do dia (disse elle) e a formozura deste lugar estam aconselhando que a gozemos em saboroza pratica de amores, quero na mesma materia fazer huma pergunta, assim porque as differentes opinioens dos que estamos prezentes daraõ occaziaõ de passatempo, como porque naõ sei outra, em que mais facilmente fique satisfeito da verdade que dezejo saber nella, e he:

Se huma mulher por izenta
Se póde livrar de ingrata?

E porque ha muito tempo que procuro ouvir resposta que satisfaça, naõ tenho por pequena ventura lembrarme agora. Em extremo folgo (disse Enalia) com a materia da questaõ, porque dezejava a mesma duvida de hum homem; e deve ser igual a razaõ entre nós, e elles, e mui encontrados os pareceres dos que estamos prezentes. O meu em tal cazo he (respondeu Albano) que huma culpa naõ desaggrava outra, antes a faz maior: e por tal tenho eu o ser inzenta quem deve ser agradecida, que he o mesmo que naõ caber na izençaõ com agradecimento, pois ella livra da sujeiçaõ de vontades alheias, e lhe nega o preço com que se entregáraõ; e elle paga com Amor o que lhe offerece huma vontade. O contrario me parece a mim (tornou Lereno) porque a izençaõ he hum poder livre, que naõ deve a vontade a outro alheio respeito; antes como senhora da sua a conserva em hum vigor: e no que toca a hum affeiçoado, em nenhuma

divida

divida lhe fica huma mulher izenta ; pois elle voluntariamente se offerece a amar sem esperanças a quem nem lhe faz força, nem offerece galardaõ : e se por tal cauza padece, seja em pena da culpa, que contra Amor committe, pois se naõ contenta de amar, senaõ de ser amado, sendo tal bem de ventura, e naõ de obrigaçaõ. Naõ ficou Lizea satisfeita na opiniaõ de Lereno, crendo que a mesma tinha em seus amores ; e assim atalhou logo a Albano, que já respondia : De que serve pôr em opinioens o que está claro pela fé de muitos exemplos ? A verdade he que, se huma mulher se izentar de affeiçoens alheias, será em rigor da razaõ, e naõ em lei de Amor, que a naõ guarda, e costuma em similhantes cazos tomar estranhas vinganças, como sabemos. O mais certo he isso (respondeu o pastor) e pois entramos em declarar a pergunta desse mote, no qual me eu dou por contente, e satisfeito com o que disse Lizea, vos quero mostrar hum, a que naõ sei dar sahida, que por maravilhoza ventura achei muito perto daqui escrito em huma pedra, de letra mui antiga ; e além de ser para ver, dará em que cuidar. E porque todos os pastores mostravaõ curiozo dezejo de ver aquella antigalha, guiou Lereno para a fonte onde a vira, a qual sahia debaixo de hum penedo cercado por todas as partes de gracioza verdura, e nelle lhe mostrou o mote, no qual elles ficáraõ enleados. Mas Lizea, que tinha mui agudo juizo, disse logo : Se me a imaginaçaõ naõ engana, ou alguma pessoa está por estranho cazo enterrada ao pé deste penedo, ou alguma coiza de valia escondida debaixo delle ;

e quem o cavar eu fico que ache novidade. Os paltores, a quem naõ pareceu mal este discurso, buscando o que para isto lhe convinha, começaraõ de cavar o penedo por todas as partes: e arredando-o de huma, de que estava levantado, acháraõ debaixo enterrada huma pequena caixa de pedra, dentro na qual havia algumas taboas bem lavradas, e nellas escrita a prezente historia, a qual Lereno leu aos pastores em alta voz, com quanto a antiguidade da escritura o naõ ajudava.

Sileno sou, que em fonte convertido
Vou regando a verdura deste prado:
Nas ribeiras do Lena fui nascido,
E nas do Lis guardava o manso gado:
Amor, de quem vivi mais esquecido,
Com transformarme assim ficou vingado;
Que foi para este mal, que me condena,
Homicida na culpa, algoz da pena.

Aqui vivi contente, naõ curando
Mais que de hum só rebanho que entaõ tinha,
Hora á sombra das arvores cantando
Gloria da liberdade sua, e minha,
Hora as feras seguindo, hora deixando
Livre a caça dos montes, que me vinha.
Fazendo para a propria liberdade
As Leis só pela traça da vontade.

Taõ livre fui, que a nada respeitava
Mais, do que o vaõ dezejo me pedia.
Ouvia entaõ melhor quando falava,
Entaõ via o meu bem quando eu me via:
Outrem com forças mil me conquistava,
Eu só de meus dezejos me vencia.
Vio-me amor ser senhor de meus amores;
Naõ quiz soffrer num reino dous senhores.

Pro-

Procurou a vingança em seu sujeito;
Porque izençoens alheias tanto aggravaõ;
Naõ consentio negarlhe o seu direito
Na vontade, a que tantas procuravaõ:
Novas forças provou contra este peito,
Onde as settas de amor se despontavaõ.
O' cazo estranho, ó coiza nunca ouvida!
Que aqui vim por amor perder a vida.
Numa clara manhã, já quando a Aurora
Enchendo os horizontes de alegria,
Pela jurisdicçaõ sua daquella hora,
As janellas do Ceo ao mundo abria:
O formozo jardim da varia Flora
Coberto de cristal se descobria
Neste valle formozo, onde esperava
Eu triste a caça livre que passava:
Daqui de entre estes ramos com cautela,
Como caçador destro, e diligente,
Via fugir correndo a clara estrella
Do Sol, que já apontava no Oriente;
E em louvor da manhã formoza, e bella,
Cantar ouvia as aves ledamente,
Dos ramos, que com raios, que os feriaõ,
De esmeraldas, e de ouro pareciaõ:
Quando huma branca cerva atravessando
Com o peito vinha o rio cristalino;
Fui eu no arco a setta endireitando,
Que alli cortarlhe o passo determino:
De hum salto arriba toma, e vai buscando
O monte, com furiozo desatino
Ligeira corre; e a setta mais ligeira
Fez emprego na furia da carreira.
Della recebe em vaõ mortal ferida;
Mas desprezando a farpa aguda, e forte,
Na ligeireza pondo a propria vida,

Tras-

Traspoz o valle, e monte, (ó nova sorte !)
Eu o alcance segui, ella a fugida;
Ella a darme a vida, eu darlhe a morte:
Desci em fim traz ella o verde monte,
Té vêlla entrar nas aguas de huma fonte.
Chegando naõ vi mais que a limfa pura,
Sem rasto, e sem signal que alli ficasse:
Olheia, e nella vi minha figura
Que outra vira já mais que tanto amasse;
O trabalho de andar pela espessura
Alli me aconselhou que descansasse:
Depois, com o cazo estranho o peito frio;
Desço outra vez do monte para o rio.
Naõ sabia que o fado, por guardarme
Dos perigos de Amor, me offerecera
Tam nova occaziaõ de retirarme,
Seguindo pelo monte a branca féra:
Naõ soube como incauto desviarme;
Que o successo mostrou que bem pudera:
Tornei buscar a morte, que fugira;
E buscara melhor, se a cauza vira.
Vejo, chegando, andar sobre a corrente
Huma Ninfa cortando a onda leve,
Cujos membros do corpo transparente
Faziaõ parecer escura a neve:
O Sol ficou escuro no Oriente,
Em quanto a nova luz defronte esteve;
Só as aguas, que os seus braços dividiaõ,
Como cristaes com o Sol resplandeciaõ.
Diante a branca espuma vem ferindo
No peito de cristal formozo lume;
Das arvores, que o rio estaõ cobrindo;
Cada qual darlhe sombra alli prezume:
Os peixes, que das lapas vaõ sabindo
Pelo rigor do Sol, como he costume,

Qual toca o branco pé na agua escondido,
Qual se mostra em chegar mais atrevido.
A espaços voltava os olhos bellos;
As ondas, que com os braços apartava;
Movendo ondas de amor nos seus cabellos,
Que o derretido aljofar borrifava:
Eu, que para meu damno ouzava vêllos,
Nelles a pouco, e pouco me enlaçava:
Naõ houve Amor mister poder sobejo;
Que eu mesmo me venci de meu dezejo.
Confuzo estava, e prezo no que via,
Seguindo já de longe o meu tormento;
Quando o mover das aguas me accendia
Com amorozo fogo o pensamento:
Hora toda nas ondas se encobria;
Hora, trocando o doce movimento,
Encostada quebrava a clara vêa,
Hora tomava pé na loura arêa.
E em quanto gózo a vista soberana,
Onde o sentir commum ficava falto,
Naõ podendo entender que em coiza humana
Se podesse esconder valor taõ alto:
Qual vista de Actéon outra Diana,
A vi com desuzado sobresalto!
Fugir de hum Fauno ouzado, que defronte
Vem saltando traz della para o monte.
Naõ pôde em mim soffrér a ardente chamma;
Que em fogo me abrazava o vivo peito,
Que naõ sabisse dentro a verde rama
Por atalhar ao Fauno o passo estreito:
Elle voltando em ira accezo brama;
Ou se tornou por medo, ou por respeito.
E a Ninfa, que do monte estava vendo,
Outra vez para o valle vem descendo.
O pejo de ser vista em tal estado

Mil

Mil vezes lhe mudava a côr formoza:
Passada vinha do temor passado,
Mas tornava a córar de vergonhoza.
Em igual posto eu tinha meu cuidado,
Quando ella mais corrida, e vagaroza,
Segura para o rio se chegava,
Que de contente as ondas levantava.

Voltou a mim de perto o rosto lédo
Em graça de valerlhe em tal perigo;
(Quem julgará de Amor este segredo,
Que com isto cobrou novo inimigo).
Mais perto me cheguei deste penedo,
Estreitando o caminho que hora sigo,
Onde, passando a Ninfa diligente,
O caminho atalhei ligeiramente.

Porém tocando o peito delicado,
Logo a pena senti do desatino;
Que ella com força entaõ levanta o brado;
E invoca contra mim poder Divino:
Sem ella entre estes ramos enleado
Fiquei como permitte o meu destino;
Aos membros o vigor lhe vai faltando,
E em liquido cristal se vaõ trocando.

Dos olhos corre a vêa clara, e pura;
Que em si recolhe o peito como seio:
Parte-se em dous regatos a verdura,
Criando varias flores pelo meio:
A voz já naõ se sente, mas murmura
Por entre os alvos seixos, novo enleio:
E porque o peito estava em fogo ardendo;
Tambem como fogo as aguas vem nascendo.

Tudo isto via o Fauno, que tornára
Buscar a bella Ninfa, a quem perdêra:
E vendo como assi me transformara,
E que elle de meu mal a cauza dera,

A Amor a minha historia perguntára;
E por ordem dos fados a escrevera,
Deixando nestas pedras escondida,
Ao segredo do tempo offerecida.
Se algum pastor aqui por sorte estranha,
Descobrindo esta pedra tosca, e dura,
Das correntes, e campos, que o Lis banha;
Achar esta encantada sepultura;
Conte aos guardadores da montanha
O segredo, que vio nesta agua pura,
Para que nelle vejaõ cada dia
Como castiga Amor huma ouzadia.

Enleados ficáraõ todos os pastores ouvindo a estranha historia de Sileno: e vendo ante seus olhos exemplos, e signaes de seu successo, virando-se huns para os outros, como que emudeceraõ, significavaõ o espanto daquella novidade; e depois de algum espaço tomaraõ entre si parecer do que fariaõ. Huns julgavaõ que era bem ficar no mesmo lugar aquella historia enterrada: outros que a divulgassem primeiro a todos os moradores do valle, dos quaes alli vieraõ alguns junto da noite para se banharem nas aguas da fonte, que contra muitos males tinhaõ approvada virtude. Como em fim anoiteceu, houveraõ que ao outro dia tomariaõ sua determinaçaõ; e com esta se apartaraõ, levando para o lugar aquella antigalha, a qual todos aquelles primeiros dias foi mui vista, e celebrada assim por coiza digna de memoria, como por ser castigo dado por Amor a quem elles serviaõ; que he coiza muito ordinaria approvar as grandezas de hum poderozo quem se confessa por seu sujeito.

FLO-

Floresta Terceira.

AQuella noite, e á que depois se seguio passou Lereno em quieto somno, sem lhe vir á lembrança mais que as occupaçoens, e passatempos do dia, o qual elle gastou com os pastores, celebrando com muzicas, e cançoens o segredo, que aquelle penedo guardara tantos annos para se manifestar em tal idade. Passados estes primeiros, amanheceu o outro dia, em o qual o pastor triste, e pensativo, sem conhecer a cauza de sua mudança, aborrecia a conversaçaõ dos companheiros, e a companhia do seu gado. Assim deixando-o no pasto se foi ao longo do rio, ribeira assima, até dar nas faldas delle em huma confuza penedia, coberta de arvores silvestres, que dos cavernozos riscos por entre escuro musgo vem sahindo, e junto a hum penedo, de que por sima da viçoza ruda, e crespa tageda cahiaõ algumas gotas, vio huma Lapa talhada entre dous penedos, mal coberta de huma lagem, que por maõ da natureza parecia fabricada. Afastou elle a pedra: e entrando na cova, ouvia dentro o furiozo ruido, que por baixo daquellas concavidades se espedaçava, e a terra como abalada daquella furia estava tremendo. Pareceu-lhe ao pastor o lugar conforme a inclinaçaõ, que alli o guiara; e entrando pouco adiante se assentou sobre huma pedra, onde ao som das aguas, que nella batiaõ, começou a cantar desta maneira:

Tristezas, pois me buscais,
Dizeime o que pertendeis;
Que eu naõ sei de que nasceis,
Nem de que vos sustentais.

Se

Se em meu livre sentimento
Tivera Amor feito prova,
Suspeitára que ereis nova
De amorozo pensamento:
Porém naõ trazeis signais,
Que mostrem donde nasceis;
Deixaime, naõ me canceis,
Pois em balde vos cansais.
Se vos manda a sorte dura
Pela cauza que em mim vê;
Tristezas sois sem porque,
Porque eu naõ busco ventura.
Se vindes, porque buscais
Tristes a quem contenteis,
Muito mal me conheceis;
Que eu naõ sou quem vós cuidais.
Se vindes porque algum dia
Me vistes mais natureza
Para males de tristeza,
Que para bens de alegria;
Sabei que antes que venhais;
Bem póde ser que enganeis;
Porém, como entristeceis,
He certo que aborreçais:
Ide a buscar quem vos ama,
Desprezando a minha sorte,
Quem acha gloria na morte,
Quem a busca, e quem a chama.
E para que conheçais
Se he justo que me enfadeis,
Vede o mal que me fazeis,
Vede o bem que me tirais.

Cantava o pastor, e dava mais tristeza á sua voz o ecco, que a tornava a trazer de entre os rochedos; até que em suspiros no ar a desfazia.

fazia. Tudo isto concertava tal harmonia para os sentidos, que antes do fim da cantiga Lereno adormeceu, e naõ já por pequeno espaço; porque, quando acordou de hum pezado sonho, era a tempo que o Sol estava no mais alto do meio dia; e naõ atinando com o lugar por onde entrara, se foi mettendo pela lapa adiante, cuidando que sahia della; e dalli foi sahir a hum formozo prado coberto de gracioza verdura, onde, como em jardim proprio da natureza, havia toda a variedade de flores, e boninas: em roda era cercado de muitas arvores, que sem ordem, mas com hum aprazivel desconcerto, estavaõ entermettidas: em meio do copado salgueiro, e sombrio freixo, se levantava o funebre cipreste; sobre o sagrado louro, e branco alamo se derramava em curiozos laços a verde parreira; e da amoroza murta, que com miudas ramas cercava os cibados, reprezentando artificiozas figuras, que de outras cheirozas flores se cobriaõ, e ao longo apparecia com agudas folhas o aspero pinheiro pelo pé de huma serra, que por ambas as partes se levantava; e na descida della ficavaõ algumas cabanas de pastoras, obradas com muito artificio, e galantaria. Espantado ficou Lereno daquella estranheza, vendo junto no valle, onde se criara, coiza que os naturaes delle nunca viraõ. E dezejozo de saber em que lugar estava, se foi para huma fonte que corria entre o arvoredo, a qual nascia das entranhas de hum marmore, donde a agua hia tirando branca, e miuda arêa, que como ourella daquelle prado com os raios do Sol resplan-cia: alli achou hum cajado sobre a

como que a alguem efquecêra naquelle lugar; e levantando-o entendéu que devia fer de alguma paftora, que, além de eftar fubtilmente lavrado, tinha no remate huma figura de mulher, tirada ao natural: com elle foi o paftor tomando hum caminho, que por entre altas arvores guiava ao cume do monte; e depois de andar por elle grande efpaço, em hum pequeno campo, que cobria huma copada aveleira, vio que eftava dormindo huma paftora, em cuja vifta elle ficou taõ alheio de todos os fentidos, que nem atinava no que faria, nem lhe lembrava a eftranha ventura que alli o trouxera: e enleado nefte fobrefalto, como quem fem alma ficara, efteve contemplando a formozura que via no bello rofto, que com hum fraco raio do Sol, que de pura inveja por entre os ramos a defcobria, reprezentava na terra huma formozura divina; a côr com hum tranfparente criftal, que coberto de rozas as retratava: a boca de dous formozos rubins, que ao doce refpirar do fomno defcobriaõ hum thezouro de ricas perolas, onde as Orientaes ficavaõ fem preço: os formozos olhos, ainda cerrados por entre negras peftanas eftavaõ faifcando raios de Amor; os cabellos em anneis foltos fobre as flores, que mal julgava a vifta a cor que tinhaõ, porque hora com tranfparente movimento pareciaõ de ouro, hora variando a vifta com hum formozo efcuro fe entrifteciaõ. Tinha veftido hum vaqueiro de monte, guarnecido de alvas pellícas com vivos amarellos, huma aljava de douradas fettas debaixo da cabeça, e o arco mettido pelo braço efquerdo, como que canfada da caça adormecêra.

cêra. Depois que o pastor, como quem acordava de hum pezado sonho, tomou ouzadia, e entrou em imaginar no roubo de sua liberdade, julgando que ou a que dormia fosse a formoza Diana, que esperava o seu querido Endimiaõ naquella montanha, ou a bella Venus, que com armas do poderozo filho buscava o bello Adonis, porque nem o lugar tinha por morada de homens humanos, nem aquella formozura, senaõ por extraordinaria; nem ouzou despertalla, nem esperar que acordando perdesse com o bem, que tinha, as esperanças de outro furto taõ venturozo; e tomando da aljava huma setta, naõ a fiando do çurraõ, a metteu no seio, e escrevendo no cajado estas palavras, lho deixou encostado sobre o braço:

Dormindo mais descuidada,
Quem te vê deixas sem vida;
Mas foge a caça ferida,
E vai morrer apartada.
E porque alguem naõ commetta
Levar tal preza por sua,
E se conheça que he tua,
Leva no peito huma setta.

Com isto se foi Lereno: mas como deixava os olhos, e o sentido no lugar, de que se apartava, a cada passo perdia outro por alcançar com a vista aquella gloria; e já donde escaçamente por entre os ramos a hia divizando, vio que acordava, e que abrindo os olhos encheu de nova graça as arvores, e hervas, e as boninas, como que de sua vista todas nasciaõ: e espantada de ver sobre o braço aquelle cajado, que alli naõ trouxera, pondo os olhos nelle vio as letras, que o pastor de novo lhe escre-

crevera : e naõ se mostrando descontente do que diziaõ , lançando a aljava ao hombro o levou comsigo , e em ligeiro passo , qual a formoza Atalanta , atravessou o monte , donde Lereno perdendo-a de vista se apartou logo , e foi buscar o passo por onde entrara , sahindo ao seu conhecido pasto , tam alheio de si pelo que vira , que as proprias ovelhas o estranhavaõ ; e com os olhos nelle , deixando as hervas , com sentido no balar , parece que estavaõ perguntando a cauza de sua mudança. Ao que elle respondia com alguns suspiros , que as amedrentavaõ ; e dalli a pouco espaço guiandoas para o curral , lhes foi cantando esta cantiga :

Desconheceisme , meu gado :
E pois que assim quer Amor ,
Buscai de hoje outro pastor ,
Que eu já tenho outro cuidado.
Em quanto mais naõ cuidava ,
Que em vosso pasto , e defensa ;
A todos fiz differença
No modo , com que pastava.
Agora sereis tratado
Como me trata Amor ,
Naõ sei ainda se em pastor ;
Porque he alheio o cuidado.
Minhas ovelhas queridas ,
Que a mim voltando balais ,
Parece que adivinhais ,
Em verme , que estais perdidas.
Já se trocou meu cuidado ,
Perdeu-se vosso pastor :
Mal tereis bom guardador
Em quem foi tam mal guardado.
Nunca assim me acautelei

Do

Do damno que em vaõ temia:
Posto que entaõ naõ sentia,
Parece que adivinhei.
Tambem vós sentis, meu gado,
De certeza, ou de temor,
Que perdeis hum bom pastor
Perdido por hum cuidado.
Naõ guarda o tempo respeito
A alguem, que com gosto viva;
O que he mais livre cativa,
E faz livre o mais sujeito.
Ereis tégora meu gado,
Eu era vosso pastor;
Hoje tenho outro senhor;
Vós tereis outro criado.

Assim levava Lereno o seu rebanho, antes que os outros pastores recolhessem o gado, porque sempre a hum saudozo anoitece mais sedo. E logo em sahindo do valle, na encruzada de dous caminhos, que vaõ entre os pomares da Aldea, vio estar duas pastoras Beliza, e Pinea sentadas ao pé de hum amieiro com hum papel na maõ, o qual hiaõ lendo a espaços com tanto rizo, e differença, que ao mais descuidado fariaõ cubiça de ler o que continha: e posto que elle passou sem mostrar este dezejo, como ellas o tiveraõ de lhe communicar aquella graça, levantaraõ-se a tempo que o pastor as saudou, e Beliza disse para elle: Aqui verás, Lereno, a obediencia, que te guardaõ as pastoras da montanha, que até o segredo de seus amores te confiaõ. Agora, se me peitares, te direi huns meus; que, ainda que a dama he taõ fea, naõ saõ pouco engraçados. Ao que o pastor respondeu contrafazendo alegre rosto:

Nem

Nem eu tenho da cauza essa opiniaõ, nem delles deixarei de ter muito boa, sendo taõ bem empregados: de peita te offereço o gosto, e dezejo, que já tenho de o saber: e se mais queres de mim, escolhe como em coiza tua. Já ouvirias (tornou ella) que naõ ha mulher, que naõ tenha parte de formoza, e esta he muito grande para imaginarem todas que o saõ: eu por meus peccados ha muito tempo que me tinha por a mais desamparada neste engano, sem achar no meu rosto coiza que podesse ferir huma faisca de amor: e quando com esta magoa me tinha por livre de seu serviço, de subito se me levantou hum amante, que cada hora levanta mil testimunhos á formozura; e por a minha ser extraordinaria, quiz que tambem nella o fosse a cauza de sua affeiçaõ; e affirma que se namorou de mim vendo-me merendar ao pé de huma fonte da verdura, que os pegureiros traziaõ das hortas: naõ sei se na vontade com que eu comia, se no sabor dos manjares achou graça, que está esperdiçado por meus amores, como o confessa em huma carta, que Pinea, e eu liamos quando chegastes. Por certo (disse Lereno) deixando as mais razoens que o pastor tem de ser teu perdido, que he essa de muita força; mas se a carta tem tanta para alegrar a hum triste, como o conto a teve, naõ te escuzarás que naõ a leias. Isso havia eu de fazer (tornou ella) ainda que tu naõ quizesses: e se vinhas triste, já me podes agradecer o remedio. Este vem tarde (disse Pinea) pois qualquer espaço que cortas com a pratica, deves em restituiçaõ á carta. Entaõ começou ella em alta voz, e dizia desta maneira:

„ Naõ

„ Naõ te quero bem para que mo queiras ;
„ pois, mal peccado, já sei que he coiza escu-
„ zada ; mas porque naõ posso al fazer de minha
„ vontade, se tomaste em teima quererme mal á
„ sinte, praza a Deos que naõ to acoime, an-
„ tes te arrependas a tempo que amor com sanha
„ naõ seja vingado. Dezejo saber o porque te
„ aborreço : se tu o sabes, dizemo ; terei se quer
„ da tua boca hum desengano : mas descança de
„ deixar de te querer, por muitos que veja, por-
„ que tambem o meu coraçaõ aprendeu dos teus
„ olhos a ser teimozo. Tambem sei que me tra-
„ zes entre os dentes, porque quando me namo-
„ rei de ti estavas comendo : porém vejo que naõ
„ he muito que escarneças de quem tomaste em
„ desprezo de matar. Huma trova te mando,
„ quejanda a eu houve : se te naõ aprover,
„ farei conta que tal he a minha dita.

Se quando merendava sobre o prado
Eu cerrara os meus olhos entrementes,
Quiçais me naõ trouxeras entre os dentes,
Onde me tens, Beliza, atravessado.
Porém eu era endouto, mal peccado,
A outras condiçoens mui differentes :
E assim nestes dezejos mui contentes
Amor me enfeitiçou co teu bocado.
Logo agourei dalli tanta mofina,
Que chorar tenho só em boa estrea ;
Sem ter hora outro mal de que me queixe.
Certo he que hei de morrer nesta contina,
E que se ha de dizer por toda a Aldea,
Que morri pela boca como o peixe.

Bem declara o pobre amante sua paixaõ (disse Lereno) com as palavras que sabe ; porém vale pouco a razaõ, para merecer, onde se

feste-

feſtejaõ com rizo males taõ verdadeiros : quere-lhe bem, pois o deves a quem te ama ; e naõ tomes em graça a ſua pena. Ainda eu ſou mais ditoza (diſſe Beliza) do que cuidava ; que já que o meu galante naõ tenha partes, merece ter hum alcoviteiro a quem ellas naõ faltaõ. Tambem eſſa tenho por boa (reſpondeu elle) folgo de to parecer ; e logo me puz da do teu namorado, porque lhe ſenti razaõ pela cauza que eſcolheu para affeiçoado. Só eſſa parte teve boa (tornou ella) porque eſtou bem com amores de merendar ; e naõ de huns, que ſaõ puro faſtio, porque quem com elles trata, logo moſtra na côr a fraqueza em que poem o coraçaõ. Livre eſtá o teu (lhe reſpondeu Pinea) deſſe perigo com o vaqueiro da carta ; pois que a lêſte a Lereno, o menos ſerá dizerlhe o nome. Em extremo (diſſe ella) folgarei de o conhecer, pois já me eſtá em divida da boa vontade que moſtrei em ſua auzencia, para ſaber ſe a empreguei tambem como elle o ſoneto, que te eu naõ ſei gabar. Outro dia (tornou ella) terás mais larga informaçaõ de ſua prezença : e pois eſte he acabado, vai teu caminho, que o noſſo fica deſviado. Iſto moſtrou o paſtor que fazia contra ſua vontade : e deſpedindo-ſe, tomou para os curraes imaginando em ſeu emprego ; que mal póde o de bens alheios tirar a hum triſte o ſentimento de males proprios.

FLORESTA QUARTA.

LEvantou-ſe Lereno ao outro dia em amanhecendo, porque cuidados de amor naõ

ſoffrem

soffrem quietaçaõ em huma alma que o serve: e dezejando communicar aquelle estranho successo a quem lhe aconselhasse o que faria, se passou além do rio Lena a buscar hum antigo pastor seu grande amigo, que habitava naquellas montanhas em hum cazal apartado, livre do trato, e conversaçaõ da Aldea, contente da solidaõ daquelles outeiros, do interesse de seu rebanho, e dos desenganos que com a idade, e experiencia tinha grangeado. E antes de Lereno chegar aonde elle morava, o vio estar ao longo do rio Lena, debaixo de hum castanheiro, em cuja roda o seu rebanho andava pastando, e ao som de hum dourado salteiro cantava o seguinte.

Em quanto está o avaro em seu thezouro
Cevando os olhos, dando ao pensamento
Materia, á vã cubiça de mais ouro:
Em quanto o navegante ao leve vento
Entrega com as vellas a esperança,
Do temor dos perigos livre, e izento:
Em quanto vai regendo a grossa lança
O Soldado atrevido, cujo estado
Só nos braços da morte em fim descança:
Em quanto em vans promessas levantado
Segue o trato da corte perigoza
Quem taõ tarde se vê desenganado:
Em quanto na Cidade populoza
Naõ cessa a confuzaõ da humana gente,
Onde reina a mentira poderoza:
Pascei, minhas ovelhas, livremente
A verde herva deste valle humbrozo;
Fartaivos de esperança taõ contente.
Gozai do louro Sol claro, e formozo,
Agora que vos mostra a face sua
Sem seu rigor ardente, e furiozo.

Ne-

Nenhuma flor o Ceo vos exceptua
De quantas para os olhos mostra, e cria;
De dia o claro Sol, de noite a Lua.
E eu debaixo desta arvore sombria,
Assentado sobre hervas, e entre flores;
Vos estarei guardando todo o dia.
Daqui vos contarei dos meus amores
Ao som do meu rabel já taõ gabado
Entre as mais das pastoras, e pastores.
A vós darei os olhos, e o cuidado;
Vós me dareis do leite; e da lã vossa
Trarmebeis assim vestido, e abastado.
Contente viverei na minha choça,
Sem querer dar á vida, e ao temor
Os bens, de que a fortuna desapossa.
Eu gozarei da vida a meu sabor,
E vós a passareis tambem segura,
Sem recear ao lobo roubador.
Ande o rico melhor tras da ventura,
Melhore-se em cobiça, e em riqueza;
Que iguaes nos ha de achar a sepultura.
Mais rica he que a ventura a natureza:
E quando hum pobre alcança tanto della,
Naõ tem que querer mais, que esta pobreza.
Prosiga o navegante a sua estrella,
E sobre o fraco lenho no mar alto
Ande sempre com os ventos em cautella;
Que eu livre estou do procellozo assalto;
E quando o Ceo se mostra turbulento
Fico vendo os perigos de mais alto.
Se me chovera agora neste assento,
Debaixo de outro tronco me amparara,
Valendo-me dos pés, naõ já do vento.
Se a calma lá no campo me apertara,
Quaõ presto achára esta arvore sombria,
Que dos raios ardentes me livrara!

Se a sede com o dezejo de agua fria
Me importunara andando pela serra,
Quam sedo para o valle desceria!
Busque o guerreiro forte a dura guerra,
Ou pelo largo mar no lenho breve,
Ou por varios successos cá na terra;
Ache as pezadas armas trajo leve,
Tenha os móres perigos por victoria
Até pagar á morte o que lhe deve:
E no lugar da honra, fama, e gloria
Ache mais certo o fim, que a vida atalha,
De que a poucos depois fica a memoria:
Que eu cá vivo seguro de batalha,
Havendo o meu pellicó, e o meu cajado
Por elmo, lança, arnês, escudo, e malha.
Não vejo o esquadrão forte ordenado,
Com estranha invenção, e modo estranho
De ferro, fogo, e de furor armado.
Contente os olhos ponho em hum rebanho,
Cujas naturaes armas para o frio,
Para elle, e para mim ficão de ganho.
Siga da Corte a gala, o termo, o brio,
O engano, o estilo, e a privança,
O que dezeja mando, e senhorio;
Que em quanto vive, e morre de esperança,
Que tanto dura, quanto a vida dura;
E tanto cança, quanto a vida cança:
Eu logro as aguas desta fonte pura,
De quem me está mostrando o claro seio
A boliçoza arêa mal segura.
Não escondo outro mal, nem outro enleio,
Outros intentos vãos, outros sentidos,
De que me possa vir algum receio.
Livre estou de tratar peitos fingidos,
Que fazem mil enganos á verdade,

E enganaõ com palavras mil ouvidos.
Estou livre de enganos da Cidade;
E sem mais dezejar outro poder,
Tenho, se quer, de meu a liberdade.
Trago bem costumado o meu querer;
Se naõ tenho do paõ, como da avea;
Naõ guardo que esperar, nem que perder.
A minha caza he pobre, he sempre chea,
Naõ desse metal triste, e descorado,
Que à tantos teme, e tantos senhorea.
He chea com hum çurraõ mal pendurado,
Com hũ tarro, com hum cabaz, e cõ hũ pellico,
Huma frauta, huma funda, e hum cajado.
Nella assim pobremente vivo rico,
E porque como só por mantimento,
Com pouco mantimento farto fico.
O outro naõ me offende, o mar, nem o vento,
O temor, e os despojos que ha na guerra,
Da Corte a esperança, e pensamento:
Em quanto tarda o Ceo quero esta terra.

Cantava o sabio velho; e o namorado pastor por detraz de hum saudozo penedo o estava ouvindo com inveja mui justa de seu contentamento: e acabada a cantiga, chegou para elle, de quem foi com muito gosto recebido; e entre hum amorozo abraço, lhe disse estas palavras: Quam mal esperava eu, Lereno, de te ver neste desvio, depois que tanto tempo te esqueceste delle, e de mim! Bem me conheço eu por descuidado (tornou o pastor) mas o meu rebanho me desculpa, que andou estes tempos atrás dertamado, e despezo com as cheas do inverno; e das minhas mais estimadas ovelhas quatro entre os salgueiros salteadas das aguas do monte perecêraõ com os tenros

cor-

cordeirinhos, que as seguiaõ: mudei-lhe o pasto para o monte, onde os ventos com maior força as derribavaõ; e amedrentadas dos raios, que sobre os carvalhos desciaõ, deixavaõ o pasto, e á sombra dos dezertos penedos se abrigavaõ: ficáraõ tam magras, e eu tam cançado, que nem guiallas podia, nem ellas seguirme: agora, que com a entrada do veraõ, e com o novo pasto começavaõ a engordar ao olho, perdi eu o gosto dellas, e o cuidado da vida; por isso naõ te espante de o naõ ter de te buscar, que ainda agora o faço mais pelo que convém ao remedio de minha tristeza, que pelo que te devo. Que coiza ha de novo (perguntou o velho) que em ti fizesse tanto abalo, ou donde te podia nascer este desgosto? Se he da perda do gado, naõ a estranhes; pois naõ foste só; que das minhas rezes do armentio duas no salto da valla me morreraõ, e a minha dourada com dous novilhos em poder de famintos lôbos acabou. Das ovelhas a maior parte ao desamparo dos pegureiros se perdéraõ. As cabras com ruina destes barrancos, humas ficáraõ vivas, e enterradas, outras cahindo na furia da corrente entre os borbulhos da agua se afogáraõ. E quando as perdas saõ de tantos, naõ te entristeças pela que te cabe; que assim como os annos se mudaõ, tambem se melhoraõ. Naõ he esta (respondeu Lereno) a cauza de meu desgosto, ainda que deva ter muito do damno do meu gado, como seu pastor: mas em quanto com a falta delle tinha liberdade, esperava, como tu dizes, o da mudança; porém fiz outra em minha vida, que houvera por barato perdella quando começou. A isto

atalhou o velho com hum suspiro, e disse: Amigo Lereno, se eu naõ perdi de todo o sentimento, teu mal he de amores; e naõ sem cauza o tens por perigozo: mas pois em o communicar está ás vezes a cura delle, contame o que te aconteceu. Naõ ouzo (respondeu elle) com temor de achar nisso o maior perigo, porque me naõ esquece que já te ouvi que os thezouros de encantamento, que appareciaõ como em sonhos, sómente communicados se perdiaõ: e porque eu tenho por tal este que amor dormindo me descobrio, guardo segredo até lhe ver o successo. Quem poupa thezouro de males (lhe disse o velho) de crer he que por vontade os padece: e pois tu os estimas, naõ te queixes. Ah fiel amigo (respondeu elle) bem entendes tu (pois amaste na mocidade) que os tormentos nascidos da affeiçaõ só em a dor saõ taes, e que naõ ha esta sem queixume, dado que haja gosto em os padecer. Quem ama vive nestes encontros, e desconcertos, hora procurando por remedio o que lhe cauza pena, hora enganando-se a si por salvar a semrazaõ do que sente. Daqui nasce que, vindo em ti buscar remedio de meus damnos, estou calando o mal donde nasceraõ, como que podesse sem informaçaõ ser curado. Naõ está de todo fóra de si (tornou o velho) quem conhece seu erro antes de arrependido: e agora he o tempo, em que tem cura essa doença. Amor (como sempre ouvi dizer) em menino he brando, e facil de dobrar, em velho he firme, e rigorozo; e ou dura com a vida, ou muito á custa della se acaba. Nestas razoens estavaõ os dous pastores ao longo do rio, quan-

do

do do outeiro bradáraõ ao velho que subisse com o gado. Lereno o ajudou a guiallo, posto que elle o escuzasse, e tambem de deixarem a pratica: com tudo foi de gosto o caminho, porque chegando á coroa do monte, no chaõ delle estavaõ dous pegureiros, que ao olho do Sol tosquiavaõ as ovelhas, e descançando ao tempo que o amo chegava com a companhia de Lereno em perguntas, e respostas, cantáraõ esta cantiga:

Onde es, Gil, que te naõ vem
No pasto, nem no curral?
Bofé, Lourenço, ando tal,
Que me naõ verá ninguem.
De que andas escondido,
Se es de todos dezejado?
De mim ando homiziado
Por hum crime naõ sabido.
Conta-me como, e de quem;
Que eu terei segredo igual.
Faço alquimia de meu mal,
Para convertello em bem.
Se isso a teu querer naõ falta,
Temes o que te assegura.
Temo que saiba á ventura
Que inventei moeda falsa.
E se amigos sós te vem,
Porque temerás tu tal?
Porque me haõ de querer mal,
Como me virem ter bem.
E crês que o mal, que te estraga,
Em tal lugar se te ponha?
Sim; que naõ fez da peçonha
Contra a peçonha triaga.
Faz que o mal, que por bem vem,
He por ser menos mortal.

Pois

Pois naõ farei bem de hum mal,
Que nasceu de querer bem?
Queres, Gil, darme a receita
Do que achares como amigo?
Buscalla antes do perigo,
Lourenço, pouco aproveita.
He logo a fortuna tal,
Que naõ lhe escapa ninguem?
He; mas no tempo do bem
Ninguem se arma contra o mal.

Cantavaõ os dous pegureiros muito bem: e Lereno, que naõ perdeu o sentido da cantiga, acabada ella disse para o velho: Razoens saõ aquellas de experimentado; e he bom conselho o que dellas se tira, se houvera artificio taõ poderozo, que apurasse os males de maneira, que ficassem em ouro; mas como elles em tudo saõ faceis, custozo deve ser aquelle segredo. Muito custa o bem (respondeu elle) e tudo acaba o sizo, e a porfia; e de ver as coizas, e ainda commettellas, a alcançallas ha grande differença. Naõ te enganes: que quanto amor faz dos homens com seu poder, tanto os homens fazem de amor com sua cautela: e naõ sei se diga que mais; pois elle obriga a hum homem a querer bem a quem com formozura, graça, ou outras partes naturaes o contenta; e os homens com juizo, e razaõ obrigaõ muitas vezes que os ame huma mulher, a quem aborrecem. E porque a idade atégora te naõ deu lugar para mais experiencia, antes para tam poucos annos alcançaste muita, tudo te mostrará o tempo adiante. Agora vamos até a minha cabana, que se faz tarde: e antes que se ponha o Sol, quero que vejas os enxertos do

do meu pomar como estaõ crescidos, e lá saberei o successo de tuas coizas, e procuraremos ambos o remedio dellas; que esta noite por força serás meu hospede. Naõ foraõ necessarios muitos rogos para que Lereno lhe obedecesse: e logo foraõ pelo valle abaixo até á cabana, que no fundo delle estava; contente Lereno com a companhia do sabio pastor, imaginando que no seu conselho acharia principio de remedio; que o maior, que tem os males de amor, he serem guiados por exemplo de successos alheios.

Floresta Quinta.

DEscuidado vivia Lereno dos extremos, que Lizea fazia em sua auzencia; que o amor, que em prezença dissimulára muito tempo, naõ podia entaõ encobrir a dor de falta tam custoza. Ella naõ encontrava pastor no valle, a quem naõ perguntasse se vira o seu Lereno, dando a entender com suspiros a pena que sentia de o naõ achar. Correu o valle, e o monte; tornou em fim ao longo da ribeira do Lis, onde achou o seu rebanho, cujas ovelhas, como saudozas de tam bom pastor, humas olhando para o pegureiro, deixavaõ de comer a miuda relva; outras vendo nas fontes a sombra de sua figura, com tristes balidos o chamavaõ. Alli se assentou Lizea defronte dellas ao pé de hum freixo, por entre cujas raizes passa o ribeiro, que com apressado murmurio vai fugindo da fonte, donde nascera; e alli tirando do çurraõ huma penna, e papel, escreveu estas palavras:

A

A ti, guardador perdido,
Que desamparando o gado,
Sem te haveres por culpado,
Andas com razaõ fugido,
Huma pastora enganada,
De teus poderes vencida
Te roga, e dezeja vida,
Inda que lha tens tirada.
Naõ pareces ha mil dias,
Nem eu sei onde te escrevo;
Sei que naõ faço o que devo,
E faço o que me devias.
Mas naõ he coiza de espanto
Que nestes erros acerte
Quem sem ti soube quererte,
E te soube querer tanto.
Busquei montes, busquei valles:
E onde te busque naõ sei;
Porque das novas, que achei,
Abri caminho a mil males.
De quem foges, ou porque?
Aonde, e quem vas buscando?
Olha, se naõ vez qual ando,
Que amor, que he cego, me vê.
E se atégora calava
Males que só padecia,
Era que em quanto te via
De nenhum mal me lembrava.
Porém hoje que o dezejo
Naõ acha quem lhe resista,
Pois que te perdeu de vista
Sente o mal em que me vejo:
Deixa, deixa o pasto estranho,
Torna ao teu natural;
Se naõ te obriga meu mal,
Lembre-te o do teu rebanho.

Com

Com que engano te aconselhas?
(Mas tu só es quem te engana)
Deixas, Lereno, a cabana,
Perdes carneiros, ovelhas,
Que em poder do pegureiro,
Que repouza a bom sabor,
Bradaõ pelo seu pastor
Pelas faldas deste outeiro.
A que te naõ vê defronte
Balando o bocado perde,
E pizando o pasto verde
Fica com os olhos no monte.
E se andar teu gado assim
Tens por mal fraco, e pequeno,
Lembrate de ti, Lereno:
Porque te esqueces de ti?
Se, como eu vou suspeitando,
Buscas fugitivo amor,
Onde acharás melhor,
Que onde elle te anda buscando?
Naõ fujas a quem se esconde,
Para te esconder de quem te ama:
Ouve, e fala a quem te chama;
Naõ chames a quem naõ responde.
Mas ai triste, e sem sentido,
Como eu mesma me condeno,
A quem quererás, Lereno,
De que naõ sejas querido?
Quem te negará a vontade,
Tendo na tua esperança,
Se só com huma esquivança
Me comprafte a liberdade?
Porém inda em termos tais
Que esse amor teu tenha fruito,
Pode-te outrem querer muito,
Naõ te póde querer mais.

Acharás noutra ribeira
Pastora mais gracioza;
Mais discreta, e mais formoza,
Porém naõ que mais te queira.
Torna, conhece teu erro,
Deixa hora a terra albea,
Que te quer bem toda a aldea;
Ninguem te quer no desterro.
E eu naõ te dou taõ barato,
Amor por naõ ser de preço;
Porque em nada desmereço,
Senaõ se fores ingrato.

Depois que escreveu, e serrou a carta, com mil suspiros, que lhe nasciaõ da saudade de Lereno chegou ao pegureiro, que logo a conheceu, e com amorozas palavras lhe perguntou: Que novas tens, Serrano, do teu pastor, que tantos dias ha que deixa este seu gado, e a ti com os encargos delle? Bofé (respondeu o pegureiro) que te naõ darei boa conta de sua vida, porque a elle dá tal de si, que naõ sei mais, que estranhar as novidades que nelle vejo. E essas quaes? saõ (disse a pastora) póde ser que pelos effeitos se conheça o mal. Qualquer que o mal seja (tornou Serrano) he perigozo, e inimigo da vida, e do socego: porque Lereno atégora ria, e zombava; hoje suspira, e chora; buscava os pastores, agora foge delles; esmorecia sobre o seu gado, agora aborrece-o, e desampara-o; era aprazivel a todos, agora intratavel; naõ sahia das festas, e lugares publicos da Aldea, hoje gasta o dia entre os matos, e a menor parte da noite na cabana; finalmente nem se lembra de si, nem vive: naõ sei aonde agora he ido, nem donde lhe veio

este

este cuidado. Com lastima delle contei a minha tia Lizandra, que, como tu sabes, entende das hervas, e das estrellas; e deve saber pelos signaes a natureza do mal quem sabe dar-lhe o remedio: pela informaçaõ, que lhe dei, disseme que o seu mal era amor, ou doudice; que tanto monta. Se tal he, da-o tu por finado, porque Lereno he de fraca natureza, e os frenezis de amor muito poderozos para a destruir; naõ durará muito. E donde te vem a ti (perguntou a pastora) ter em tam má conta os frenezis de amor? Pela que elle dá (tornou Serrano) de quem o segue, e serve. Nunca outra coiza ouvi, senaõ blasfemar de suas semrazoens; e ainda Lereno antes deste successo já doutiva dizia mal de seu senhorio, como quem agora havia de experimentar quanto custa conhecello. Se eu a tal estado chegasse (longe vá eu de agouro) antes escolhera a morte, que a sujeiçaõ, por naõ aceitar vida em que hum homem ha de perder a propria vontade, e andar grangeando a alheia; que em galardaõ disso ás vezes se entrega a outra, que fica senhora de ambas. Grande he a força de amor (disse Lizea) e todos esses contrarios consente; mas naõ o aggraves, porque he vingativo, e naõ se paga de liberdades alheias; e pouco te valerá conhecer seu damno para fugir-lhe, porque a sujeiçaõ da vontade naõ deixa juizo livre; donde fica leve a culpa de quem por sua cauza commette desatinos. A isto lhe atalhou Serrano: Falas tanto ao acerto, que me parece que algum tempo tiveste esta doença, porque naõ póde saber tanto della quem a naõ sentio. Oxalá (tornou a pastora) que, como tu dizes, fora

fora só em algum tempo; que nenhum eu tive fóra desta sujeiçaõ; e agora, além de sujeita, estou captiva com tam pouca vontade, e esperança de me ver livre, que naõ procuro mais que favoravel cativeiro. Naõ cuido eu (disse elle) que haverá alguem, ainda que por natureza seja izento, que naõ queira conhecerte por senhora, quanto mais terte por obrigada: e com esta certeza hei dó de ti; pezame de teu mal, porque nenhum mereces: porém naõ te agastes; que, se Lereno se acha bem com humas hervas, que Lizandra andou buscando esta madrugada junto do Lena entre huns penedos, tu haverás cura. A que eu quizerá (respondeu Lizea) naõ he que me faltasse este mal, mas que a cauza delle, ao menos com sua vista, quizesse dar-lhe remedio. Coiza he essa (respondeu elle) facil de alcançar, e que ninguem te negará. Só por teus meios (tornou ella) a eu podera ter mui sedo. Ainda he logo mais facil do que eu cuidava (disse Serrano) porque naõ haverá nenhuma coiza de teu gosto, que eu naõ faça com muita vontade, e agora com maior pela compaixaõ de ver tal a Lereno: por isso dize-me o que posso fazer em teu favor. Nenhuma outra coiza, disse a pastora, que dares-lhe esta carta como vier ver o rebanho, encobrindo-lhe agora o nome de quem ta deu, porque nisso está a minha vida. Por certo (tornou Serrano) que a tens em perigo, porque eu procuro salvar de hum a Lereno, e tu queres que o metta em outro. Porém (como dizem) ás vezes huma peçonha mata a outra: da-me a carta, e guarda segredo no officio; que eu farei nelle maravilhas. Novo coraçaõ me déste

(disse

(dissa a pastora) com essa promessa; e se eu lhe vir tam venturozo fim, como espero, prometto que naõ te pêze de empregares o cuidado, em me valer. Mas agora dissimula, que vem descendo pelo valle abaixo Nize, e encaminha com os olhos para cá; finge que me ensinas a toada de alguma cantiga. Logo Serrano tomou o rabil; e em voz baixa, como que ensinava, cantou este vilancete:

Vai o rio de monte a monte:
Como passarei sem ponte?

He o vau mui arriscado:
Só nelle he certo o perigo.
O tempo como inimigo
Tem-me o caminho tomado.
Num monte está meu cuidado:
E eu posto aqui noutro monte,
Como passarei sem ponte?

Tudo quanto a vista alcança
Coberto de males vejo:
Dáquem fica meu dezejo,
E dálem minha esperança.
Esta continua me cança,
Porque está sempre defronte:
Como passarei sem ponte?

A este tempo chegou Nize; e com a côr alterada da pressa, que trazia, se assentou junto a Lizea, e Serrano, que logo lhe perguntáraõ a cauza, porque assim vinha. Venho (disse ella) fogindo do mais importuno pastor, que ha neste monte; e este he Alceu, que ha mil dias que me persegue, e quer terme obrigada a ouvir seus desatinos. E com esses que pertende? (perguntou Serrano). Dar a entender que me quer muito (respondeu ella) e he

de

de tam pouco fruto o ſeu amor comigo, como o credito que dezeja que eu tenha delle. Com pouco ſe contenta quem padece (diſſe Lizea) quando ſe ſatisfaz com ſeus males ſerem cridos; e naõ lhe devia negar coiza taõ facil quem naõ faz conta de lhe dar outro remedio. Bom era eſſe (reſpondeu Nize) ſe aſſim podeſſemos atalhar perſeguidores de vontades alheias: naõ ſei maior barato que darlhe eſſa fé; mas ha nenhum, a que naõ pareça, que de crerem ſua affeiçaõ a pagaremlha naõ ha huma jornada. A iſto diſſe Serrano, com geito de magoado: Quem ſe quer deſobrigar, todas as portas ſerra ao amor: e neſta determinaçaõ eſtá a culpa, pois naõ he tam pequena divida a de huma affeiçaõ verdadeira, que ſe poſſa huma paſtora izentar della, ſem ſer deſagradecida. Porém eſtá já tanto por coſtume eſta ſemrazaõ, que tem ſuas eſquivanças por grandeza, e, o que melhor he, que poucas paſſaõ ſem pagar na meſma moeda a offenſa que fazem 'a quem lhes quer bem. Naõ tinha Alceu em ti mau procurador (diſſe Nize) ſe entre nós ſe houvera de julgar a ſua cauza; outro dia lhe virá, em que eſteja menos cruel, e mais affeiçoada. A eſte tempo deſcia elle de hum outeiro para o valle: e Nize como o vio, ſe eſcondeu entre huns ſilvados; e Serrano, e Lizea o ficáraõ ouvindo, que paſſou cantando a cantiga que ſe ſegue.

Poderaõ pedras quebrar,
Quando em duras pedras deraõ
Lagrymas, que naõ puderaõ
Com voſco nada acabar?

Lagrymas mal empregadas,

Pois

Pois sois mal agradecidas,
Só da razaõ reprendidas,
E da vontade choradas;
Que mais pudestes mostrar
A força de huns olhos tristes,
Obrigados a chorar,
Sé, quando em pedras cahistes,
Poderaõ pedras quebrar?
Como assim degenerais
Do poder que antes tivestes?
Quebrais pedras, aonde déstes;
E hum coraçaõ naõ quebrais?
Se foi porque se perderaõ
As que entaõ esperdicei,
Que tam pouco me valeraõ;
Como entaõ as chorarei,
Quando em duras pedras deraõ?
Esse coraçaõ de féra,
Nize, que me está diante,
Como he para mim diamante,
E para outro branda cera?
Que remedio bastará,
Já que os mais naõ me valeraõ,
Contra a dureza em que está?
Mas que coiza poderá,
Lagrymas que naõ puderaõ.
Quem de vossa formozura
Alcança o que mais negais,
Naõ me tem vantajem mais,
Que sómente em ter ventura:
Naõ consente minha estrella
Que esta vos possa obrigar,
Pois eu com servir, e amar
Nunca já pude sem ella
Com vosco nada acabar.

Atraz

Atraz de Alceu ſe levantáraõ logo ás paſtoras, e com Serrano recolhêraõ o gado, que em quanto durou o caminho lhe foi tocando huma frauta; o que elle fazia com muita graça: e com a noite, que vinha ameaçando com grande eſcuro, ſe foraõ ás cabanas, Nize fugindo de quem a amava, e Lizea buſcando a quem lhe fugia; que neſta differença de cuidados ſe recreia amor, como inimigo do ſocego de quem o ſerve.

Floresta Sexta.

DEpois que pelo diſcurſo da noite paſſada o bom velho Tirreno ſoube de Lereno o que no valle deſconhecido lhe acontecêra, obrigado do amor, que lhe tinha, gaſtou muitas palavras, e ſaõs conſelhos pelo aquietar: temendo-lhe o riſco do cuidado, em que entrava, perſuadia o que ſe naõ entregaſſe de propozito áquella fantazia; que o naõ tinha, antes o tiveſſe por ſonho, como reprezentava, e com quanto a elle o moviaõ muito as palavras do velho, e lhe tinha reſpeito de muitos annos, como a força do amor hé maior que a da propria vontade, naõ obedecia com o coraçaõ ao que com a lingua promettia; por comprazer ao amigo que o aconſelhava. Levantados pela manhã, deſpedio-ſe Lereno do velho, que até chegar ás ribeiras do rio Lena o acompanhou, encommendandolhe o reſguardo de ſeu perigo: mas elle, que tinha a vida em o acômetter, em lugar de tornar á Aldea, e acodir ao deſamparo do ſeu rebanho, tomou de novo o caminho, onde ſe perdera ao longo das praias

do

do rio Lis: entrou pela caladura dos dous penedos, e foi pelas suas proprias pizadas áquelle lugar, onde já vira a cauza primeira de seu cuidado; e alli com mil suspiros a chamava: porém estava tam mudo todo o valle, que nem as arvores com a brandura do vento se moviaõ, nem os passaros com suaves accentos lhe respondiaõ, nem as féras com acostumados passos atravessavaõ a montanha: tirou elle a lyra, e sentado sobre hum cortado tronco cantou o que se segue.

Qual o cervo ferido,
Da setta venenoza atormentado,
Ligeiro corre o monte, e a espessura,
Até que sem sentido
Vem cahir no lugar mais descuidado,
Onde a força provou da frecha dura:
Assim minha ventura,
Depois que vida já me naõ consente,
Permitte justamente
Que, onde tive a ferida,
Venha nas maõs do amor deixar a vida.
Qual simples borboleta,
Que enganada na côr do vivo lume
Acha na ardente flamma o desengano;
E com tudo inquieta,
Até que nelle as azas naõ consume,
Livre senaõ quer ver de tanto dano;
Assim num cego engano
Corro atraz de meu mal com tanta gloria;
Que, perdendo a memoria,
Que podera guardarme,
Na luz que me offendeu venho abrazarme.
Qual o menino nobre,
Que levando na maõ joia de preço,

Por cubiça de alguem lhe foi tirada,
Que com o dèdo deſcobre
Com innocentes moſtras o ſucceſſo
Ao pai, que lhe pergunta, e que lhe brada:
Eu, a quem foi roubada
Aqui a liberdade, e a razaõ,
Ainda que ſaia em vaõ,
Venho com ſentimento
Moſtrar eſte lugar ao penſamento:
Mas ſe por ſorte eſtranha,
Venho onde fui ferido a perecer.
He ida a caçadora livre, e bella;
Que aqui neſta montanha
Eſtranha gloria fora o padecer,
Se antes de perecer tornaſſe a vêla.
A ſetta trago, e nella
Já por hum fio a vida ſe ſuſtenta;
E o que mais me atormenta
He naõ ver a belleza,
De quem ordena amor que eu ſeja a preza.
Se na chamma amoroza,
Que as azas me queimou quando voava,
Venho a deixar a vida por meu goſto,
Que da luz tam formoza,
Que inda por entre as nuvens me cegava
Com o raio, que feria o bello roſto?
Se eſte Sol he já poſto,
Para que madruguei trás minha fim?
Mais que a ſorte aſſim;
Que pois fiz tal emprego
Em me atrever ao Sol, que morra cégo;
Se aqui me deſpojou
Aquella formozura, ſobre humana
Do ſer, e liberdade, que antes tinha,
Que he de quem me roubou?

Se fugio tam ligeira, e deshumana
Como a setta chegou a esta alma minha;
Se se foi tam azinha
Por levar como roubo huma alma albea,
E de furtos se arrea;
Ah naõ ma restitua,
Que eu confessarei logo que era sua.
Aqui dormindo esteve,
Alli tinha aljava, e settas de ouro,
Dalli por entre os matos se escondeu,
Aqui só se deteve
Quando o cajado vio (ditozo agouro)
E o que eu nelle escrevi contente leu.
Mas se isto appareceu
Em vaõ a meu sentido cubiçozo,
Por sonho mentirozo;
Se eu era o que dormia,
E imaginava gloria, que naõ via.
Porém se sonho fora,
Como este prado, e valle inda apparece,
Estas ramas sombrias, este outeiro,
Que mostraõ ainda agora
A verdura das folhas, que escurece
A falta do seu Sol, como primeiro;
Como naõ foi ligeiro,
O monte, o valle, as plantas, e a verdura
Traz sua formozura?
Porque era tudo agreste:
Só o que ella levava era celeste.

Em quanto com estes versos se queixava de seu damno, naõ andava taõ longe a cauza delle, que a espaços o naõ ouvisse: e chegando perto com duas pastoras, que na caça trazia por companheiras, da cantiga que lhe ouvio, e tambem do que já lhe succedêra com o

cajado, conheceu ſer aquelle o paſtor, que lho deixára ſobre o braço: e ou com a cubiça de o cobrar, ou por curioza de ſaber quem era, mais que obrigada das magoas, que lhe ouvira, adiantando-ſe das outras, lhe appareceu, deixando-o tam ſalteado, que por grande eſpaço perdeu a côr, e a voz: mas ella com a ſua (que a tudo reſpondiaõ as moſtras do roſto) o aſſegurou dizendo: Vejo que moſtras eſpanto de minha prezença; e naõ a tenho por tam temeroza, que ponha a alguem em receios: ſe os teus ſaõ das armas que me vês, aſſegura-te, que eſtás livre de damno, porque o naõ fazem mais que ás féras deſte monte. Ouvi cantar, e dezejei ſaber quem era, e agora o caminho que aqui te trouxe, porque o deſte lugar he tam cerrado, que ha muitos tempos que o naõ pizou paſtor eſtrangeiro. Neſte tempo eſtava já Lereno com mais ſentido, porém ainda enleado lhe reſpondeu: O caminho deſte lugar, ſenhora, eu o naõ ſei; ſó o em que eſtou conheço que he perigozo: guiou-me a elle hum cego, que nos mais arriſcados acha menor perigo: o em que me vejo naõ naſceu de eſſas frechas que trazeis para matar féras; mas de outras tanto mais poderozas, que, cerradas em ſua aljava, me grangeáraõ a morte: ſe deſta ſois ſervida, para minha gloria a venho buſcar, e para voſſo goſto: ſe o tendes de minha vida, ordenai della o que vos parecer, porque nunca ſe ſahirá de voſſa vontade. Naõ era eſſa para deſprezar (diſſe a paſtora) ſendo tam bem offerecida, ſe naſcera de alguma razaõ: porém nem tiveſte tempo depois de minha viſta para fingir as palavras deſſe engano, as quaes eu

eu devo estimar menos, por serem sem fundamento, do que lhe devia por serem boas. Se só nessa duvida (tornou elle) estivera o bem de meu mal, facilmente com a certeza de minha verdade ficára elle de melhor condiçaõ. Naõ a tenho tam boa (disse ella rindo) que por todos os meios me naõ desobrigue: e agora descança, que me naõ convém fazer cazo de amores tam leves. Destas razoens alcançava Lereno, ainda que enganado, que lhe naõ lembrava á pastora a aventura do cajado, que elle lhe deixára: e por dar a entender que era elle, tirando do seio a setta, que até entaõ trazia alli escondida, lhe perguntou cuja era a caça, que com aquellas settas estava ferida por aquella montanha, porque elle encontrara huma féra atravessada com aquella mesma entre huns grandes silvados. Muitas (respondeu a pastora) ficaõ por esses matos perdidas, e muitos passadores mal empregados. Na arte, com que ella isto disse, entendeu o pastor que dissimulava; e por naõ ir contra seu desenho, calou outros signaes, que podiaõ ter a mesma escuza; mas naõ foi de modo, que ella o naõ entendesse que mudava o propozito. Entaõ lhe disse se lhe era necessaria alguma coiza antes que se partisse. Rogo-vos senhora (disse elle) que, como á homem perdido neste dezerto, me digais que lugar he o onde estou, e quem o habita, e se vós sois a senhora delle, como pareceis, ou deoza caçadora, a quem esta espessura seja dedicada; porque eu sou hum guardador natural desta ribeira do Lis, que por estranha ventura, de hum sonho, adormecendo na praia delle, sem saber o caminho que tomar,

vim

vim a eſte boſque: e fiquei taõ penhorado do que vi neſte lugar onde me achaſtes, que como quem tinha nelle a vida, ou a morte, me tornou aqui a trazer o fado, e já me contentarei com ſaber muito da cauza della. Com eſſa informaçaõ (diſſe a paſtora) ta darei mais facilmente do que dezejas. Sabe que eſte, em que agora eſtás, chamaõ o boſque deſconhecido; e aſſim o ſaõ todas as coizas delle: quem o habita he hum antigo paſtor deſta ribeira, que guardou para o fim de ſua idade eſte deſcanço, tomando como huma ſecreta ſepultura da ſua velhice tudo o que eſtá ſituado, e encoberto neſta penedia. Eu ſou huma filha ſua, que com eſtes trajos, e neſtes exercicios gaſto os dias com algumas paſtoras, que trago na caça por companheiras: e porque duas dellas me ficaõ eſperando perto daqui, e naõ ſei o que julgaráõ de minha tardança, dize-me ſe queres, que te torne ao caminho, pois neſte andas perdido; ou o que te convém da montanha. O que eu quero (reſpondeu Lereno) he naõ ſahir della em quanto tiver eſperanças de voſſa viſta; pois fóra deſta em qualquer outra parte tenho certo perderme: deixai-me ficar ſobre eſte tronco com liberdade para vos ver quando tornardes. Naõ te conſinto eſſa licença (replicou a paſtora) porque tem mil deſvios; mas em lugar della te fique outra eſperança, que te póde render mais, ſe da minha viſta te contentas; e he que venhas ter a eſte boſque huma madrugada depois de paſſada a feſta dos paſtores do Lis; e deſte lugar tomarás o caminho, onde vires alguns ramos cortados pelo chaõ até ſubir ao cume do monte; e alli te ſentarás en-

tre

tre os ramos encoberto, e do que te succeder julgarás quam grande bem te ganhou o andar perdido: e guarda em tudo segredo, porque importa tua vida. Disse isto, e, voltando a Lereno os olhos brandamente, se despedio, deixando-o tam contente do que passára, que o naõ cria para poder sustentar no coraçaõ o contentamento, que lhe cauzava. Houve-se em fim de partir a seu pezar, porque o dia se acabava: e chegando aos curraes achou já nelles recolhido o seu rebanho, e com o solicito pegureiro se recolheu. Mas pelo espaço da noite, que poupava mais para imaginar em seu cuidado, que para descanço, e saborozo somno, lho atalhava o bom Serrano, lembrando-lhe o que convinha a suas ovelhas, e a mudança que nellas fizera o seu descuido. Ao que elle respondia com outro maior em alguns suspiros mudos, que davaõ signal do que a alma recolhia. O pegureiro, que o conheceu, querendo por alguma via declarar sua suspeita, lhe pedio licença para cantar huma cantiga, com que lhe alliviasse alguma da melancolia que mostrava; O pastor aceitou de boa vontade: e tomando Serrano o seu instrumento, cantou este vilancete.

Quem te fez tam differente,
Pastor? Que sentes? Que viste?
Pois te vejo sempre triste,
E te vi sempre contente.

Andas transido, e mudado:
Tenho magoa, e tenho dó,
De te ver andar taõ só,
E sem ti só ao teu gado:
Cantavas ledo, e contente,

Cho-

Choras agora, andas triste:
Sei que algum demo tu viste,
Que te fez taõ differente.
A alegria, que ficou,
Dos gostos em que te vi,
Atraz ti se foi de ti
Com quem de ti te trocou.
E se ella tambem consiste
No que amor naõ te consente;
Onde te verei contente,
Se te vejo sempre triste?
Sempre te vejo dar ais,
Como que essa dor te esforça,
E donde vem, vem por fórça,
Como naõ cabem lá mais.
Se algum segredo resiste
O meio desse accidente,
Quem sustenta o mal, que sente;
Busca a cauza de ser triste.

Quizera (disse Lereno) respónder ás perguntas da tua cantiga com outra, que já ouvi longe deste valle: mas o tempo, nem o cuidado me daõ licença, nem a memoria se lembra de mais, que do sentimento prezente: contenta-te com saber que este he de amor, e que o padeço por seu gosto, e me convém calar por seu mandado. Muitos dias ha (tornou o pegureiro) que eu estranho a tua mudança, e naõ me faltou adivinhar a cauza. Mal haja quem te tal tornou, que o demo he: se isso naõ foraõ algumas amadias que te embruxáraõ, ou algum olhado, que te quebrantou; guardete hora Deos de o mal ir por diante, que he coiza terrivel: pergunta aos mestres, e serás curado; que já minha tia, pelo que em ti vio,

vio, cada hora mo dizia. Eu te mereço Serrano (respondeu elle) o bom cuidado que mostras de meu remedio, porém naõ está na maõ de quem te a ti parece: o que agora tenho he esta tristeza; deixame com ella, e com a minha sanfonha. E indo para a tirar, achou sobre ella a carta de Lizea: e perguntando a Serrano cuja era, lhe respondeu que a achara mettida pela porta da cabana quando se levantara, e que naõ sabia della mais: nem Lereno o quiz por entaõ inquirir; que o cansaço do dia lhe pedia repouzo: que costume he dos males, para enganarem o soffrimento, darem descanço á vida, que os ha de sustentar, ainda que por outra via o neguem ao coraçaõ.

Floresta Setima.

DEspertáraõ ao pastor suas lembranças junto da madrugada, deu mil voltas ao pensamento, e nelle hora achava facil o caminho a seus dezejos, ora punha a ventura armada contra elles: e entre esta variedade achou lugar para ler a carta de Lizea com hum raio de luz que por huma greta descia da cobertura da cabana. E porque nem da natureza era esquivo, nem já estranhava forças de amor com quanto sua affeiçaõ principal de tudo o mais o descuidava, lhe pareceu bem a carta, e a guardou gabando muito a Serrano os termos della. Levantaraõ-se para tirar o gado, e gastou toda a manhá com os pastores, que havia muito tempo que o dezejavaõ; e na sesta se apartou delles por hum breve espaço, no qual Lizea o naõ perdeu de vista, porque o trazia sempre

no

no ſentido , e eſcondida de longe o vigiava.
Sentou-ſe elle entre humas ſilvas ao pé de huma
faia , que deitava as raizes ſobre as arêas do
rio ; e alli com o roſto ſobre a maõ eſquerda
adormeceu , ſoltando da outra o cajado ſobre
as hervas : e ainda a páſtora o naõ teve por
ſeguro no ſomno , quando ſoube que naõ era
ſó a que o buſcava , porque vio que Enália ,
huma paſtora do valle , de pouca idade , e de
tantas graças , que a nenhuma dellas dava van-
tajem , chegando a elle , e vendo que dormia ,
com muita ſubtileza lhe metteu huma carta na
maõ , de que ſoltára o cajado , e logo com
muita preſſa traſpoz o valle : eſta faltou a Li-
zea em ſe determinar no que fariaõ ; porque
entre o receio , e a ouzadia padeceu mil con-
trarias deliberaçoens : mas no fim executando
a que mais lhe convinha , eſcreveu outra car-
ta tirando do ſurraõ os miniſterios que ſempre
para iſſo nelle trazia : depois ſe foi ao paſtor ,
que ainda eſtava ſepultado em ſomno , entre-
gando-ſe de muitos dias em que o perdera : e
com maior amor , e menos confiança , que a
de Enalia , quazi tremendo lhe tirou o papel
da maõ , e em ſeu lugar pôz o que eſcrevera :
e apartando-ſe para o outeiro abrio a carta de
Enalia que continha eſtas palavras.

„ Deixo a carta na tua maõ , onde tenho
„ a propria vida : para eſſa merecer ventura ,
„ baſte que conheças a cauza com que me atre-
„ vi , e que naõ deſprezes os merecimentos de
„ huma affeiçaõ verdadeira : eſſa poz em teu
„ querer minha liberdade , e eu dei a amor o
„ conſentimento : hoje te dou a poſſe para que
„ te conheças por ſenhor della : ſe a eſta con-

„ ta

,, ta me quizeres dar vida como a coiza tua,
,, nos teus olhos a tenho, e elles te diraõ o
,, nome, que aqui calo, porque nem podem
,, errar em coiza tam certa, nem os meus en-
,, cobrir o muito que te quero.

Guardou Lizea a carta de Enalia: e crendo que a sua estava segura de similhante successo, tornou para as pastoras, que estavaõ juntas ao longo areal debaixo dos salgueiros: e ainda naõ seria entre ellas, quando Lereno acordou, e espreguiçando-se lhe cahio da maõ sobre o peito aquelle papel, e abrindo-o achou que nelle dizia desta maneira.

,, Vejo que outrem procura roubarme o
,, fruto do muito que te quero, e que tu cer-
,, ras os olhos consentindo nesta semrazaõ:
,, lembre-te a que cõmettes contra amor, que
,, nunca perdoou a vingança de hum ingrato;
,, a que eu posso tomar de ti he querer-te mais,
,, e procurar meu damno: naõ queiras que me
,, defenda quem te magoe. Eu te escrevi au-
,, zente, porque te naõ via; e te busco ago-
,, ra, porque ainda em prezença me foges.
,, Naõ ouzo a me nomear, porque temo que
,, entaõ me desconheças. Digo-te o que sinto,
,, para que, se com isso merecer lugar em tua
,, vontade, te aproveites da minha, que só
,, com hum signal de que a recebes ficarà con-
,, tente.

Estranhou o pastor a novidade como quem estava alheio do que passára em quanto elle dormia; mas conheceu ser a letra da que Serrano achára na cabana; guardou ambas: e por se naõ mostrar penhorado dellas, dissimulou o dezejo que tinha de conhecer seu dono. Foi-se

aonde

aonde os outros paſtores, e paſtoras eſtavaõ, e achou cantando Mileno, e Aulizo em louvor dos olhos de Pauliza, a quem Lereno em extremo queria: porque, além de ſer formoza, e amada de todas as paſtoras da ribeira, e da razaõ de ſangue, era em ſeus ſegredos de mais confiança, e melhor conſelho: pelo que, depois que ſoube a materia da cantiga, eſtimou mais acharſe prezente a ella; que era a que ſe ſegue.

Sois ſenhores olhos negros:
E quantos olhos vos vem
Saõ voſſos negros tambem.

De pura cubiça amor
(Sem ter iſto por aggravo)
Em vós eſtá feito eſcravo,
Veſtido da meſma cór:
Elle, que em vós ſe foi pôr,
E quantos olhos vos vem,
Saõ voſſos negros tambem.

De vós mata amor de amores,
Que em voſſos raios tam vivos
Quantos vos vem faz cativos;
E a vós de todos ſenhores:
Quaeſquer olhos de outras côres,
Enjeitando a côr que tem,
Saõ voſſos negros tambem.

Os claros verdes raſgados,
Azues, garços, e pombinhos,
Que ſoem abrir caminhos
Para amorozos cuidados,
Ficaõ cegos eclipſados;
E quando negros vos vem,
Querem ſer negros tambem.

Acabou de cantar Aulizo, que entre os do

valle o fazia com muita graça : e logo Mileno, a quem competia differença, dandolhe a frauta que tangesse, começou traz elle:

Quem vos vê fica ás escuras:
E por isso os que vos vem
Por olhos negros vos tem.

A ninguem consente amor
(Por cubiça, ou por inveja)
Que com outros olhos veja
As graças de vossa côr:
E elle, que o sabe melhor
Que quantos cegos vos vem,
Nunca por negros vos tem.

Se em ser negros sois melhores,
Naõ se alcança desse emprego
Que quem de vervos he cego,
Naõ póde julgar de côres:
Se sois negros, sois senhores
De quantos olhos vos vem,
E dos meus olhos tambem.

Parece contrariedade,
Em que ninguem se assegura,
Nascer de huma coiza escura
Taõ formoza claridade:
Como julgaráõ verdade
Os olhos, que o mais que tem
He cegar quando vos vem?

Posto que entre os pastores, e pastoras se armava contenda de qual dos dois guardadores melhor cantára, o naõ consentio Pauliza; antes dando-lhe iguaes graças procurava mudar a conversaçaõ em outro propozito de menos afronta sua, tendo-a por tal ser louvada em prezença: consentiraõ os mais nesta razaõ; mas Selvagio, que era em extremo afeiçoado a

Ena-

Enalia, procuràva alguma com que trouxesse os outros ao seu intento, e disse: Naõ he justo que, estando prezentes tantas pastoras fórmozas, ouvindo cantar dos olhos de Pauliza, que com muita razaõ foraõ celebrados, fiquem ellas sem a parte do louvor, que se deve aos seus: havendo alguem que comece, o seguirei. Ao que Lereno respondeu, por lhe dar a conhecer, que o entendia: Melhor será, pois tu lembraste huma coiza tam devida, que tenhas a escolha dos sujeitos, que estaõ prezentes; que eu dante maõ escolho os olhos de Enalia, porque em extremo me parecem bem assombrados. E ainda que o elle dizia por furtar a empreza a Selvagio, naõ o cuidou a pastora, antes ficou tam contente, que o mostrava no rosto. Mas igual differença tinha o de Lizéa; que, posto que conhecesse o lanço do seu pastor, como amava de verdade, consentia facilmente entrada a hum receio; e com este quiz atalhar aquella determinaçaõ. Eu como mais desamparada posso requerer minha justiça, dado que seja contra a que estas pastoras tem de serem louvadas: mas como ha de ser em prezença sua, tenho por menor a offensa que lhe faço, que a que cada huma dellas recebera de tal competencia, e quando haja na companhia algumas pastoras, que a queiraõ ter por fazer este gosto a quem servem, outro dia haverá, que seja toque de suas galantarias em que ellas tenhaõ melhor lugar: e digo isto, porque naõ sei o que me ficará dos seus louvores. Posto que todos entendiaõ que esta razaõ era de confiada, lhe obedeceraõ: e pedindo-lhe que escolhesse sujeito para occuparem o dia, lembrou que cantasse Lereno,

no, que havia muito tempo que entre elles o naõ fazia: Ao que elle por rogo de todos obedeceu; e tirando a sanfonha começou.

Passa o bem como sombra, e na memoria
He maior quanto foi mais dezejado:
A pena ensina a conhecer a gloria:
Naõ se conhece o bem senaõ passado;
Em mim o cazo soube desta historia;
E no que mostrou já meu cuidado
Vejo no que naõ vejo, e no que via,
Quaõ pouco tempo dura huma alegria.

Quanto melhor me fora se naõ vira
Hum enganozo, e vaõ contentamento;
Que ainda, que faltarme alli sentira,
Era muito menor o sentimento:
Mas vio minha alma o bem por que suspira;
Foi traz elle seguindo o pensamento,
Que, como era novél, naõ conhecia
Quam pouco tempo dura huma alegria.

Lá numa regiaõ muito escondida
Dizem que gente humana vive, e mora,
Que por ordem dos Ceos, naõ corrompida,
Vê cada dia o Sol huma só hora.
Bem fora venturoza a minha vida,
Se por esta medida o bem lho fora;
Mas tive só hum hora em hum só dia:
Quam pouco tempo dura huma alegria!

Foi hora, e foi taõ breve, que passou
Qual passar sóe o raio transparente;
Hora, que no começo se acabou
Para se conhecer depois de auzente.
O tempo em fim por hora ma contou,
Que sempre esconde, cega, engana, e mente;
Mas verdade era o que elle me dizia:
Quam pouco tempo dura huma alegria!

Porém

Porém vós, fados meus, que permittistes
Que taõ sedo este bem se me acabasse,
E que taõ largas horas, e taõ tristes
Hum taõ breve momento me pagasse,
Naõ me encurteis o bem com que fugistes;
Pois em tempo o naõ vi que me alegrasse;
Vi-o para me ver nesta agonia:
Quam pouco tempo dura huma alegria!

Acabada a cantiga, que a todos moveu a saudozo sentimento, e muito mais aos que por amor o conheciaõ; apartáraõ-se os guardadores pelo valle para com a descida do Sol recolherem seus rebanhos: e ainda naquelle pequeno espaço, que ficava, do dia buscou Lizea para se encontrar com a pastora Enalia, porque sua desconfiança naõ soffria tardarlhe com desenganos: mas vendo que naõ se apartára da companhia, tomou só o caminho do monte junto da noite, cantando o seguinte:

Tudo póde huma affeiçaõ.

He muito fraco poder
O de quem teme a ventura.
Que se ouza a commetter,
Juntamente ha de temer
Como em coiza mal segura.
Mas se a força de hum cuidado,
Que vive da opiniaõ,
Despreza a ventura, e fado,
Em quem vive neste estado
Tudo póde huma affeiçaõ:
Póde a pena fazer gloria,
Fazer facil o impossivel,
O cativeiro victoria,
O mór descuido memoria,
E vizivel o invizivel:

Vencer

Vencer póde a liberdade,
O juizo, e a razaõ,
O desengano, a verdade;
Que quanto pinta a vontade,
Tudo póde huma affeiçaõ.
Estranho effeito de amor,
Que a seu nome honra, e fama,
Digno de maior louvor;
Que he no mundo o mór senhor
Aquelle, que melhor ama,
Vence o tempo leve, e vaõ,
Vence as mudanças da sorte
Só na fé da presumpçaõ:
E inda que naõ falte a morte,
Tudo póde huma affeiçaõ.

FLORESTA OITAVA.

APpareceu o Sol ao outro dia encoberto, como que naõ ouzava sahir do seio das nuvens; de modo que, passada grande parte da manhã, naõ sahiraõ ao pasto com os rebanhos. Com-tudo, porque cuidados naõ deixaõ perder tempo, naõ respeitou Lizea o que os outros receavaõ: sahio com o seu fato por hum caminho mais desviado; e levando as cabras por huma fragua assima entre mui espessas giestas, que com a formozura de suas flores, e o esmalte do cristalino orvalho, saudozamente se moviaõ, e sentada debaixo de hum penedo, esteve vigiando o valle, buscando com os olhos quem trazia nelles. Quando vio atravessar por entre as oliveiras, descendo para o prado hum vaqueiro, que diante levava huma vaca loura, manchada de branco com huma estrella na tes-

ta, e hum novilho da mesma côr; e traz elles hia tangendo huma sanfoninha tam suavemente, que os passaros do ar se tornavaõ aos ramos vizinhos, e delles pendurados o ouviaõ: e naõ muito longe vinha Enalia com as ovelhas ao longo do rio, a qual suspensa no tanger, se deteve encostada ao trunco de hum amieiro, até que o vaqueiro alli chegou; e saudando-o lhe disse: Deos te salve, ó vaqueiro, que tam bem tanges: ditoza a pastora, que te ama, e te merece, se em o mais tem a mesma razaõ de viver contente. E a ti (disse elle) de que o dezejas; que bem será maior ventura a de quem te serve, que a de quem for senhora de minha liberdade. Naõ creio eu pelo que em ti vejo (respondeu a pastora) que te sujeitasses sem grande occaziaõ; e tambem conheço a pouca que tenho de ser querida: mas se em meu parecer achas alguma parte para te pedir por ella, te rogo que cantes alguma coiza dos teus amores. Hora (respondeu o vaqueiro) pois te pareceu bem a minha sanfoninha, póde ser que a voz tenha a mesma ventura: cantarte hei huma cantiga, que já cantei em outra parte a quem a tinha muito maior em meu coraçaõ. Dize por tua vida (tornou Enalia) que nisso ma darás, e eu ta offereço para o que for de teu serviço. Logo o vaqueiro depois de tanger hum grande espaço, começou de cantar estas endechas:

Esquiva serrana,
Formoza, e discreta,
Inveja do valle,
E gloria da serra:
Tu, que contra amor

Mo-

Moves tanta guerra
Cos olhos azues
Das pestanas negras:
Inda que formoza,
Naõ sejas izenta;
Que ser mais esquiva
He ser menos bella:
Naõ fujas ligeira,
Que estarás cançada
Para seguir depois quem te naõ queira.
Ainda que os cabellos
Em louras madexas,
Feitas crespos raios,
Como o Sol te cercaõ:
Inda que se mostre
No Ceo dessa testa
Ser a neve escura
Posta junto a ella:
Inda que os teus olhos
Para mór belleza
Tenhaõ côr do Ceo,
E lume de estrellas:
Naõ fujas ligeira;
Que estarás cançada
Para seguir depois quem te naõ queira.
Ainda que essa boca
Com razaõ pareça
Mina de rubins
Em cristal aberta:
Inda que o signal
Sobre a face bella
De escuro entre as rozas
As do valle seca:
Ainda que amor
Crês que te obedeça

Sobre mal seguros,
Guarte naõ te creias,
Naõ fujas taõ ligeira;
Que estarás cançada
Para seguir depois quem te naõ queira.
Essa liberdade,
Que agora sustentas,
Naõ na guarda amor,
Que vive de invejas:
Ai do meu cuidado,
Que naõ lhe aconteça
Ter nestes desprezos
Vinganças alheas:
Se por ser vaqueiro
Tanto me desprezas,
Mal haja a ventura,
Que me nega ovelhas:
Naõ fujas ligeira;
Que estarás cançada
Para seguir despois quem te naõ queira.

Tal he a minha pastora (disse o vaqueiro) qual a ouviste; e eu tam pouco engraçado nos seus olhos, que nunca mereci ver differença nos disfavores com que me trataõ: julga agora, sendo ella tam formoza, se tem razaõ; e eu, sendo tam mofino, se tenho alguma de esperar galardaõ do que lhe quero. A isto (respondeu a pastora, que com muito gosto o escutára). Em ambos vejo mui grande a razaõ de ser invejoza; nella, além de tantas partes de formozura, achar quem assim saiba amallas, e conhecellas; em ti, além das que tens, ser tam bom amante, que entre taes desconfianças mostras maior fé. Porém nem ella será tam mal aconselhada que naõ estime, nem tu tam desfavore-

vorecido, que sejas enjeitado: mas há huns maus de contentar (ou quazi todos os homens o saõ) que, por se naõ satisfazerem com o que o tempo lhes dá de seus amores, se mostraõ nelles desesperados; e isto se póde crer mais, que o que tu pregôas. Folgo (replicou o vaqueiro) que me tenhas por mau de contentar, e bom cubiçozo; que já, se o for do que vejo, peccarei por minha condiçaõ sem te fazer offensa. Desse peccado (tornou ella) estás seguro; que quem está taõ bem empregado, naõ escolhe tam mal: e se o dizes com engano, tambem sei os que correm, e o que tenho em mim; e assim por ambas as vias perdes o feitio. De perder sei eu (disse elle) porque nunca me aventurei, que ganhasse; mas nem o emprego, que já fiz, me podia tirar este, nem posso fazer engano a quem sabe o muito que se lhe deve: antes póde servir de merecimento, onde os outros faltaõ, dizer que soube amar bem; porque vendo a differença que tens de todas, julgarás a que farei em te querer, se me aceitares por teu vaqueiro. Tanto dirás disso (lhe respondeu Enalia surrindo) que me arrependa de te gabar de bom amante: e naõ me pareces tam mal, que te dezeje fazer este. Pelo que te rogo que mudemos o propozito, e digas aonde levas essa vaca, e novilho, que taõ formozos saõ. Deos tos guarde. Estes (disse elle) levo de prezente a huns noivos, que se haõ de receber o dia da festa que he á manhã: se estes te contentaõ, ou os mais da boiada, como de seu guardador te podes servir. A tua vontade estimo eu muito (respondeu ella) mas a offerta está melhor empregada. E pois te has de achar

á manhã nos folgares, lá me verás. Com isto se apartou. E o vaqueiro continuando com a muzica de sua sanfoninha, foi seguindo o caminho que levava: e Enalia atraz do seu gado foi cantando esta cantiga:

Puz a vida na vontade,
E ambas puz noutro querer:
Temo que se haõ de perder.
Com razaõ vivo em receio
Deste mal, que busco, e quero;
Porque me nasce o que espero
Do que sem tempo me veio.
Fiz o meu querer alheio:
Perdi-o, e devo temer,
Que a vida se ha de perder.
Que esperança será a minha
De ter noutrem liberdade,
Perder a propria vontade,
Quando em meu poder a tinha?
Dei-a a quem lhe naõ convinha,
Porque está noutro poder:
Temo que se ha de perder.
Eu traz ella ando perdida,
E ella perdida atraz quem
Nenhuma lembrança tem
De ver que vai nella a vida.
Ambas leva de vencida
Quem noutrem poem seu querer;
E ambas neste hei de perder.

Ainda tinha pouco andado do valle, quando encontrou Lizea; a qual do penedo donde estava a divizou: e parecendo-lhe tempo para a pôr em odio com Lereno, confiando dos meios que para isso tomava, e da pouca firmeza que a idade de Enalia promettia que faria mudan-

ça

ça em seu intento, com a dissimulaçaõ, que lhe convinha, chegando a ella á saudou, e disse: Melhor me succedeu á vinda do que cuidava; pois na ventura venci o dezejo; que acodindo á muzica do vaqueiro, cheguei a ouvir a tua, que em extremo dezejava; e foi ella tal, que me deixou entre mil invejas. As que tu fazes (disse ella) a quem te vê, daõ a conhecer esses lanços de confiada; mas eu o quero ser do que cantei, com quanto me pezou naõ ouvires o vaqueiro, que por extremo he engraçado. Tinhas arte (respondeu Lizea naõ pouco maliciosa) de lhe estares affeiçoada, segundo o ouvias a teu sabor: valeo-te ter raizes noutro lugar. Raizes naõ (disse a outra) porque as naõ consente minha opiniaõ em signal da liberdade de que me prezo. Que fora (tornou Lizea) se eu naõ soubera quem he senhor della, e em que parte prendem as tuas raizes? Parece-me a mim (replicou Enalia) que nunca dei folhas por onde alguem me achasse: deve ser essa tua suspeita enganada; pois eu, que sei melhor os meus segredos, naõ sei esse: folgarei que te desenganes, ou me digas o que prezumes. Antes (disse a outra muito segura) quero que vejas clara a certeza, que tens por encoberta; e póde ser que da tua letra a conheças. A' isto ficou a pastora sem côr, receando o que podia ser: e tirando Lizea do çurraõ a carta, que tirára da maõ a Lereno, e conhecendo-a Enalia ficou mudada. Naõ me negarás (disse a outra) que da tua maõ déste esta carta na de Lereno. Naõ (respondeu ella) nem merece menos que fazer esta confissaõ quem emprega tam mal sua vontade, que a póem em hum descortez, e ingrato

grato paſtor. Neſſa conta o naõ deves ter (
replicou ella) pois o que te obrigou a fiar delle eſta carta, o forçou a que ma déſſe: antes havias de eſtimar muito a occaziaõ que ao menos te ſervirá de avizo, e deſengano para o que delle eſperavas. Tanto te quer Lereno (diſſe Enalia) e em tam pouca conta me tem a mim, que póem em tuas maõs o que eu ſó da ſua confiei? Naõ quererá o Ceo, ainda que eu tenha o que mereci, que elle naõ pague o que me fez. A ti por agora rogo, que como mulher me guardes o ſegredo que elle me devia, e me tornes eſſa carta, pois he minha, e em maõ alheia corre perigo. Obrigo-te minha fé (reſpondeu ella), que ainda a quem tu queiras que a veja, o naõ ſaiba de mim. A carta te naõ poſſo eu dar ſem licença de quem ma deu: mas te aſſeguro de que outrem a veja até tornar á tua maõ. Com eſtas palavras ſe aquietou a enganada paſtora, e com as lagrimas nos olhos deixou a Lizea contente do ſucceſſo, cuidando que nella eſtava o de ſeus amores: mas conſiderando depois o que lhe faltava para acabar, e as mudanças que a ventura tem, ſe aſſentou ao pé de hum ſalgueiro junto do rio, e ao ſom das aguas, que nelle quebravaõ, cantou o ſeguinte.

Venci por arte hum perigo
Duvidozo:
Mas outro mais perigozo
Buſco, e ſigo,
Para poupar o inimigo,
Que me mata,
Offendo a quem o maltrata.
Quem vio tal?

Que

Que eu busco forças ao mal,
Com que amor me disbarata.
Permitta elle que naõ seja
Esta victoria
Dar a quem vence a gloria
Da peleja,
E que me naõ faça inveja
Conhecida
A que levo de vencida
Neste engano;
E que naõ busque em meu dano
Armas para ser ferido.
Mas, amor, tu me defendes,
E me aprazes,
Porque só do que naõ fazes
Te arrependes:
Se eu offendo, a ti te offendes;
Que este enleio,
Com que meus males grangeo,
He sem temor;
Porque nas obras de amor
Vence a vontade o receio.
E pois guias o começo
Como quero,
Faze que veja o que espero
Do successo:
A vida te dou por preço;
Se ma deres,
E se de meus bens quizeres
Só ser Rei,
Em teu nome gozarei
As mercês que me fizeres.

Atalháraõ ao seu cantar os pegureiros, que andavaõ ao longo do rio colhendo ramos, e canas verdes para ao outro dia enramarem as caba-

cabanas, porque em vesperas de festa os guardadores recolhiaõ mais sedo o gado: levou Lizea o seu aos curraes, naõ perdendo a lembrança de seu cuidado; que onde os de amor tem lugar, sempre occupaõ o melhor: e como este, e o fervor da idade naõ consentiaõ a Enalia deliberaçaõ, foi logo buscar a Lereno; e encontrando-o perto da cabana, lhe falou; e vendo que elle mostrava semblante ledo, disse: Ha no mundo Lereno, que te sabes fingir, para mostrar bom rosto a quem tens taõ má vontade? Ao que elle respondeu muito rizonho: Se tu sabes a verdade da minha, para que a tratas mal? que ainda em zombaria he ingratidaõ: só hum queixume podes ter della, e he naõ mostrar, no rosto o lugar, que te dá no coraçaõ. O que tu me dás como inimigo (respondeu ella) te naõ mereci eu pelo que te quiz; mas fieime de ti; e ainda, se naõ conhecêra as tuas palavras, com essas me enganáras por quam bem me pareciaõ. Agora (disse elle quazi turbado) suspeito que falas de sizo; e se tal he, naõ me tenhas suspenso. Como tu dissimulas (respondeu Enalia) assim me veja eu vingada, pois com hum engano queres restituir o discredito, em que me puzeste. Se a minha carta te aborrecia, naõ bastava conheceres a cauza, donde nasceu, para a naõ entregares em maõs de Lizea? Se mostrar que te amava era erro, naõ bastava por castigo que me desenganasses? Que lei, que fé, que amor consente que grangees á custa de minha honra a vontade alheia? Enalia (disse o pastor bradando) espera: dize-me o com que me condenas, e de que te queixas; que te juro que o naõ sei. Se queres (prose-

guio

guió ella) que te conte a historia para te renovar o gosto della, até isso farei; porque espero ter em tudo vingança; que nunca ingratos perdêraõ castigo.. Dormias; e eu vigiava para te buscar, naõ cuidando que nisso buscava minha morte. Puz huma carta na tua maõ, de que soltaste o cajado; e esta achei agora na maõ de huma inimiga a quem a déste; e sem razaõ lhe chamo este nome, pois tu só o mereces. Que disculpa me dás para que com differentes extremos naõ mostre ao mundo que es hum traidor desconhecido? Naõ póde a razaõ ter valia (disse o pastor) onde a paixaõ está taõ poderoza; mas quero, Enalia, que com ella vejas o pouco fundamento de teus queixumes, e mostrarte essa carta, se he huma que acordando estoutro dia aó longo do rio me cahio sobre o peito, a qual nem eu tenho por tua, nem atégora sahio do meu çurraõ. E dizendo estas palavras, que ella já ouvia mais quieta, tirou a carta: e lendoa a pastora, conheceu a letra de Lizea, e julgou das palavras o que com a sua podia acontecer. Porém neste tempo appareceram por sima do outeiro outros pastores; e Enalia, sem despedirse, tomou o caminho do valle despedindo-se, com os olhos, de Lereno, levando comsigo a carta, sobre que já hia fundando suas vinganças, lendoa muitas vezes, e achando mais clara a innocencia do pastor, e a malicia de quem a trocára, queixando-se de si, por quam mal tratára a quem tanto queria; coiza natural de quem ama. Mas porque o dia era acabado, se recolheu; e Lereno com os mais pastores ficou praticando nas festas da Aldea; que em bens, que chegando passaõ, o melhor saõ as esperanças.

FLO-

FLORESTA NONA.

SAhio a rozada Aurora a descobrir o dia; e traz ella veio o Sol tam formozo, que Thetis dezejava a vinda da noite, para com inveja das estrellas gozar nas aguas sua formozura. Vestiaõ-se os pastores de festa, affinavaõ os instrumentos, coroavaõ-se de flores as pastoras, e com vestidos de varias côres, e divizas começavaõ a celebrar a gloria do dia: estavaõ as cabanas enramadas, e com namoradas tençoens sobre as portas; as ruas cobertas de verdes, e floridas espadanas, onde se ouviaõ já as frautas, e tamboris das danças dos pegureiros, as folias da alvorada; e entre tudo o balar do gado, que os pastores traziam, concertava tal harmonia em os coraçoens prezentes, que ainda os que eraõ a cuidados de amor sujeitos os sentiam menos; e com este meio dissimulou Enalia os seus: assim que tomando delles a licença, se ornou para a obrigaçaõ dos folgares que se faziam em hum espaçozo valle, que, além da formoza verdura com que a natureza o avantajou de todos os daquella ribeira, estava cercado de muitas arvores verdes, que postas em muro por huma parte o rodeavam; e da outra o rio, que com saudoza volta o vai cercando por entre os seus altos arvoredos; e assim de entre elles, como na espessura, que defronte faziam os trasplantados ramos, havia muitas fontes de artificio, e muitas figuras pastoris, que em vulto reprezentavam memorias antigas em honra dos pastores. No meio de todas, sobre hum penedo coberto de verde hera ao pé de hum freixo, de cuja altura cahia huma

ma vide, a que com a verde latada de suas folhas fazia no alto hum graciozo guardapó, estava levantado o satiro Pan, deos dos pastores, como os antigos o pintáraõ, com a sua frauta de canas, coroado de suas folhas, entre as quaes sahiam muitas flores, que em ramalhetes se juntávam sobre os córnos; dos altos ramos cahiam pendurados todos os instrumentos necessarios á pastura dos gados, e á muzica dos pastores; e junto á raiz do penedo sobre dous rafeiros, que muito ao natural reprezentavaõ, havia hum quartel, no qual subtilmente estava entalhado este soneto:

Ninfas, as que fogis de quem vos ama,
E a morte a muitos dias mal merecida,
E tendo por vitoria tal fugida,
Cabis nas maõs do fado, que nos chama;
De huma Ninfa cruel vos lembre a fama,
Que do silvestre Pan foi tam querida,
E, por ingrata, e dura, convertida
Se vio em cana vã, e em verde rama:
Aquelle peito bello, ingrato, e duro,
Já transformado em cana, e frauta amada,
Tem della o vencedor para diviza:
Naõ ha contra o amor poder seguro;
E maior pena a sorte tem guardada
A quem de alheios males naõ se aviza.

Naõ muito longe desta estancia sobre o arco de huma fonte, que com estranho artificio sahia de hum remanço do rio, estavaõ sentadas Ceres, coroada de louras espigas, com huma fouce na maõ direita, e na outra hum arado; Pomona com huma capella de verdes frutas, sacodindo huma arvore, que com o pezo dellas se vinha a terra; e Flora com hum va-

quei-

queiro de primavera, e huma grinalda de flores sobre os cabellos, e na maõ huma poma de cristal lavrada de laçaria de ouro, de que estava soltando cheirozos borrifos, que cahiam sobre a natural verdura do deleitozo prado. Defronte dellas estava sentado sobre hum penedo o pastor Páris, e diante della cobertas de subtil veo as tres deozas, que pertendiaõ a maçã de ouro, que elle tinha na maõ, mais duvidozo na escolha da peita, que na verdade da justiça: e sobre huma faia, a que Venus estava encostada, se via este letreiro:

Foi o juizo de amor:
De belleza a differença
Entre Deozas: e a sentença
Foi dada por hum pastor.

Abaixo desta estancia ao pé de hum loureiro (de cujo tronco sahia hum esguicho de agua, que em hum tanque de espessa murta com estranha ordem se escondia) estava Apollo em traje de pastor coroado de suas folhas, escrevendo no tronco este letreiro:

Do amor, que a Daphne tinha,
Este teve a mór ventura;
Que em si esconde a figura,
Deixando a sombra por minha.

Fronteiro desta estancia á sombra de dous copados salgueiros estava Mercurio vestido de pastor, tangendo diante o vaqueiro Argos a sua frauta, o qual dos seus cem olhos adormecia, descuidando-se, com a suavidade da muzica, da vaca, que guardava; e dizia huma letra, que estava sobre hum salgueiro:

Mal se defendem os olhos
Do que os sentidos engana.

Aqui

Aqui se ajuntáraõ todos os pastores daquella ribeira, e de todos os montes vizinhos, e com grande alegria, e alvoroço occupavaõ o terreiro. Mas naõ tardou muito, que de huma lapa, que ao longo do rio estava encoberta entre humas aveleiras sahio hum satiro coberto de folhas de hera, e na cabeça sobre os cornos huma capella das mesmas folhas, tecidas com muitas flores silvestres: e traz elle sahio huma dança de pastores com capirotes de verde claro, com vivos, e borlas brancas, pellicas crespas, e alvas, debruadas da côr dos capirotes; e em lugar de cajados canas verdes nas maõs; e estas tomando o terreiro, dançáraõ com estranha graça, e galantaria ao som de hum salteiro que o satiro lhes tocava; e fazendo suas ordenadas mudanças, foraõ offerecer ao semicapro Pan as verdes canas em memoria de sua Ninfa nellas convertida. E acabadas as continencias de cada huma, duas ao som de novos instrumentos cantáraõ o soneto, que no quartel estava escrito: e acabado, se sahiram daquelle cêrco, e logo por outra parte delle entráraõ dous vaqueiros anciaõs vestidos de festa, dos quaes hum tangendo huma sanfoninha, e outro hum arrabíl, que com ella concertava, tomáraõ lugar no campo; e depois delles huma dança de pastoras com vaqueiros quarteados, e com grinaldas de flores tam bem tecidas, que mais pareciaõ ter nascido alli naturalmente, que serem obradas pela maõ da arte: mostráraõ ellas tanta em apparecendo, que quazi todos se descuidavaõ das que com tanto sabor tinhaõ visto, e ouvido. Lizea, que as guiava, vestia hum vaqueiro de quartos laranjados, e pombinho com franjas de prata

prata huma grinalda de jasmins, e cravelinas, entermettidas com algumas rozas brancas, que entre verdes folhas de rozeira tinhaõ mais graça, humas alparcas abertas tomadas com alguns botoens de bemmequeres entre fittas laranjadas, com hum arco subtilmente lavrado, em cuja volta ficava a todas hum lugar capaz para comprehender as tençoens de seus amores, que alguns por serem conhecidos, e outros pela galantaria com que encobriaõ o que mostravaõ, eraõ de todas celebradas as divizas; a de Lizea era em campo de ouro hum Pelicano ferindo o peito sobre os tenros filhos, e ao pé dizia esta letra:

A' custa de minha vida
Sustento a de meus cuidados.

A primeira da banda direita, que todas vestiaõ de encarnado, e branco, com as mais guarniçoens que a guia levava, era Timbrea naõ menos namorada, que formoza; tinha no arco pintada huma cadêa cerrada em duas voltas; e no campo, que deixava, em letras esmaltadas de ouro este mote:

Sentirei a occaziaõ
Deste mal, que amor me ordena,
Se com o tormento da pena
Me tirarem da prizaõ.

A segunda era Nize, que izenta das penas de Alceu naõ conhecia nada das de amor, antes desprezava seus poderes, imaginando que o de sua formozura a podia livrar de sujeiçoens alheias; e levavam no arco em campo de prata huma roza mettida entre altos espinhos, e ao pé esta letra muito confiada:

Mais formoza, e mais segura.

De-

Depois desta vinha a namorada Ardelia, menos confiada no emprego de seus cuidados, do que lhe merecia quem na alma os guardava, tendo por mais facil encobrir amor, que descontentalla; e trazia no arco em campo branco hum Fenix fazendo o ninho ao olho do Sol, com esta letra:

Noutro me abrazo, e consumo;
E he justo que o soffra, e tenha,
Pois nos olhos trago a lenha.

Traz ella vinha a linda Floriza, a quem o perigo de hum segredo tirou o bem de huma affeiçaõ; e levava no arco huma setta atravessada com o sangue té ás pennas, e dizia a letra:

Desta, que amor me tirou,
Na alma a sarpa se escondeu;
Mas o mal se conheceu
Pela pena, que ficou.

A ultima das de encarnado, e branco era Pinea, tam livre como bella; e levava no arco em campo de ouro Cupido com as maõs atadas atraz, e o arco quebrado sobre a aljava, e dizia nella esta letra:

Comigo naõ val amor;
E sem mim nam tem valia,

A primeira das da outra parte, que vestiam de azul claro, e amarello tostado, era a formoza, e descontente Oliva; e pelo que esperava de sua affeiçaõ, levava no arco em campo amarello a roda da Fortuna tirada do eixo, e ao pé este mote:

Naõ dará corte a mudança
Neste mal, em que me vejo;
Porque cresceu no dezejo
O que faltou na esperança.

A ſegunda era Rizarda em extremo diſcreta, e engraçada; que, poſto que livre, ſentia bem dos cuidados de amor; e por moſtrar eſta vontade, levava em campo verde hum melro, olhando para o laço que lhe armáraõ, ſem cahir nelle, e dizia a letra:

Nem lhe fujo, nem me enlaço.

A que atraz ella vinha era Learda, a qual, tendo o ſeu paſtor muito tempo auzente, ſe moſtrou ſempre firme, ſujeitando os impoſſiveis com que o tempo lhe impedia guardar a fé de ſeus amores, deſprezando os de Albano, irmaõ de Lizea, que era paſtor mui rico daquella montanha, e além dos bens do ſeu gado, tinha outros muitos da natureza, que naõ baſtavam para a obrigar: levava no arco huma fonte, que, impedida com huma maõ a corrente, lançava a agua por ſima com maior furia, e dizia a letra:

Pelo lugar, donde naſce,
Creſce mais minha affeiçaõ
Contra o poder da razaõ.

A que logo depois della ſe ſeguía, era a linda paſtora Enalia, naõ pouco offendida de quem a guiava; e tinha no arco em campo de Ceo hum Aſſor voando, e dizia a letra:

Tambem o ouzado receia;
E ambos temos por guarida
Suſtentar a propria vida
A' cuſta da morte alheia.

No derradeiro lugar vinha Clarea, que em premio de ſeu amor mal empregado, ſoffria os disfavores de Albano, e trazia no arco em campo branco huma borboleta, que ſe accendia em lume de huma véla, enganada na formozura de ſua viſta, e dizia a letra: Quero

Quero bem a quem me mata.

Foi eſta moſtra tam formoza, que todos julgavaõ que na viſta dos trajes, e divizas ſe gaſtaſſe o dia, que ainda para tantas galantarias era pequeno; mas muito melhor pareceram quando cada huma dançando moſtrou ſua graça, e deſenvoltura, levando ſujeitas traz ſi as vontades dos paſtores, que as olhavam, e com eſtas ſe ſahiram do terreiro, onde logo ſe começou a ordenar a lucta, cujo preço era hum novilho branco, manchado de negro, com o pé, e maõ direita calçado, o topéte louro, e creſpo, donde lhe deſcia huma ſilva branca; os cornos de meia volta, raiz negra, e ponta aguda; eſtava atado a hum alto amieiro com huma capella de muitas folhas. E em quanto os cubiçozos luctadores ſe concertavam para a contenda, entrou huma folía dos guardadores da ribeira com vaqueiros verdes, ſemeados de malmequeres brancos, e amarellos; e os da outra parte de leonado ſemeado de flores de borragem: o tambor trazia hum vaqueiro quarteado de ambas as côres, e guarniçoens; e aſſim elle como os mais traziam capellas de ſilva, e herva cidreira, e entermetidos alguns cravos meſclados: eſtes cantando graciozas chacotas rodeáraõ com muito alvoroço o terreiro, até que ao ſom das trombetas, e ſanfoninhas ſahiraõ ao campo os que nelle haviam de luctar, dos quaes o primeiro foi Clorino, nomeado na montanha por paſtor de muitas forças, e maravilhoza deſtreza (como logo alli moſtrou) á cuſta de Penalio, que, naõ lhe valendo a arte dos pés em que tinha maior ſubtileza, depois de grande eſpaço veio a terra, onde ſe elle qui-

quizera ver soterrado por naõ padecer tal vergonha diante de Olivia, a quem era affeiçoado; e até a sua prezença lhe valeu pouco; e menos a Fajardo, que ainda que era em forças avantajado, e duas vezes levava o contrario de vencida, houve-se elle com tanta arte, que falsando-lhe huma travessa, o revirou por sima do hombro esquerdo, deixando-o extendido no campo, onde ficou por hum espaço sem sentido, até que seus companheiros o leváram, e os de Clorino o cobriam de ramos verdes como a vencedor: e todos os mais pastores, vendo que já nenhum se aprestava para lhe sahir, tinham por sua a victoria da lucta; mas naõ o imaginava Lucelio (hum pastor estrangeiro natural do Leça) que ainda determinava provar a ventura, e de subito pareceu no terreiro com tanto animo, que Clorino com sua vista perdeu parte do que tinha cobrado, mas ainda com mostras delle, remeteu a ganharlhe os braços: porém achou-os taõ duros, que pertendia já igualar com a arte as forças, que a Lucelio avantajavam; mas nesta era elle tam destro, que arcando, ambos vieram a terra trazendo Lucelio o contrario diante de si, com o pezo de suas forças subjugado; e elle se livrou ainda de maneira na pancada, que ficou a quéda duvidoza: e mandando-lhe os juizes contender de novo, ainda que Clorino andava assaz cansado, animozamente se defendia; com tudo enfadado o outro de elle lhe durar tanto, procurou soltallo do ar com muita furia; e o contrario vendo-se em aperto, lhe lançou as maõs ao pescoço; mas falsando-lhas Lucelio com a cabeça, elle cahio em terra com grande desmaio

do

de seus companheiros. Logo alli começáram as festas, e grita dos pastores; tornáram as danças, e as folias; e com as ceremonias costumadas derão ao vencedor Lucelio o preço da lucta: e acabada ella, porque já se lhe fazia tarde, sahiram quatro pastoras mui ricamente vestidas, com seus vaqueiros roxos franjados de branco, e grinaldas de flores sobre os dourados cabellos, e ao som de quatro violas de arco, que tangiam, cantárão a seguinte ode:

Já vai fogindo o dia
Por entre os altos montes,
O Sol se vai nas ondas escondendo:
Já, como antes feria,
Não toca as claras fontes;
Antes em suas aguas se está vendo;
Deixando o verde louro,
Para ir mostrar ao mar seus raios de ouro.

Já o vento emmudece,
Que andava na verdura
Fazendo entre as boninas nova inveja:
Com sombras se entristece
Dos ramos a espessura,
Onde nada se vê, que alegre seja:
Os passarinhos ledos,
Mudos descanção já nos arvoredos.

O Ceo se mostra escuro,
Escurece-se o prado,
Esperando outra côr da luz alheia:
Só se ouve o murmúro
Do Lis, que já cançado
Com as ondas abraça a loura arêa,
E junto á relva verde
A formozura, a côr, a graça perde.

No extremo Occidente,

As nuvens rutilantes,
De roxo escuro já se vaõ fazendo;
E do claro Oriente
Estrellas de diamantes
Por entre as pardas sombras vem rompendo;
E, auzente da luz Febea,
Diana sobre aguas alumea.
Deixemos a floresta,
A' triste Filómena,
Que ao longe já de nós se vai queixando;
Acabe a nossa festa,
Comece a sua pena,
A memoria dos males renovando;
Que para huma alegria
Sempre cortou o Sol horas ao dia.
Viva em nós a memoria
Deste contentamento
Em quanto o prado der pasto aos carneiros;
E cresça sempre a gloria
Do novo vencimento;
Assim nos naturaes, como estrangeiros;
Celebrem os pastores
O devido louvor de seus amores.

Acabando de cantar, e sahindo do terreiro as quatro pastoras (porque a festa era acabada) cada hum guiou para sua cabana, enchendo de muzicos accentos todo o valle, que com o mudo da noite concertava estranha harmonia, té que em breve espaço ficou o prado só, e a noite escura, offerecendo doce repouzo aos trabalhos do dia; que ainda que os de gosto se naõ sentem, depois pelo costume todos cansaõ.

FLO-

Floresta Decima.

O Passatempo das festas, e a alegria dos pastores naõ tiráram a Lereno o sentido de seus cuidados, para quem guardava o melhor do dia: e ainda que no passado naõ pôde fugir ao ajuntamento dos outros pastores, pertendia recuperar esta perda, que tinha por grande, em entregar os outros á tristeza da saudade, e ao receio de lhe faltar a gloria promettida, que era ver a sua pastora ao outro dia no valle desconhecido: e gastando as horas na esperança desta, se foi com as ovelhas descendo hum oiteiro sobre o valle onde pastava; e desviado hum pouco dos rafeiros foi ter a huma fonte, que ficava entre duas sobidas, que naquelle baixo se cruzavaõ: e estava ella tam escondida entre huns penedos cobertos de lingua cervina, que escaçamente se conhecia pela quéda das lagrimas que cahiam do alto estiladas pela verde avenca, que sem se molhar as despedia sobre o claro remanso. Chegando o pastor á vista della se deteve no estreito caminho por naõ estorvar a hum rouxinol, que de hum ramo de aveleira com saudozos assóbios fazia hum sonoro ecco entre os montes; e depois de redobrar com mil queixumes a cantiga, de hum vóo se passou para humas arvores altas, que da outra parte ficavaõ: entaõ foi o pastor adiante, e ficou muito mais confuzo vendo a Lizea, que sentada sobre huma pedra da fonte tinha em o chaõ escritas estas palavras:

Tive enganos por ventura,
Para sentir mais meu damno:
Se he mal viver de hum engano,
Como hum mal tam pouco dura?

Ao

Ao movimento dos ramos, que cerravaõ o estreito caminho, virou Lizea o rosto, e vio a Lereno; e ainda que magoada delle pelo que Enalia lhe contára, naõ pôde o amor, que lhe tinha, négar seus effeitos: mas dissimulando o mais que lhe foi possivel o gosto de o ver, lhe disse: Como vens, Lereno, a buscar o castigo que mereces, se eu fora tal, que soubera tomar vingança de tuas semrazoens, e satisfaçaõ de minha magoa! Porém tanto me sujeitou amor ao que te quiz, que, em lugar de queixarme, te offereço lagrimas, com que me contento, pois nascem da cauza que busquei para ella. E dizendo isto inclinou a cabeça sobre a fonte, e com novas gotas de cristal a revolvia. O pastor, cujo coraçaõ naõ negava a paixoens amorozas piedade, se vio enleado; e conhecendo a cauza, pelo que já Enalia lhe dissera, tomando-a pelo cajado lhe dizia: A essas lagrimas injustas bem he que pague com a vida o ser cauza dellas; mas ainda que por ti seja voluntaria a morte, se executára em hum innocente, que te offendeu sem saber o que fazia: levanta o rosto de sobre a fonte, e com os olhos no meu te assegura que te naõ offendi; nem me falta sentimento de teus queixumes: declara-me os que tens; que se com a vida puder darlhes remedio, a entregarei á tua vontade. A isto se levantou a pastora; e virando os olhos a Lereno, vio os seus, que com a mesma dor se encheraõ de lagrimas; e pezaroza daquella tristeza, que lhe pareceu maior mal (por ser experimentado em quem tanto amava) lhe disse com hum suspiro: Se esses signaes, Lereno, saõ verdadeiros (como eu qui-

quizera crer) porque em outros te acho meu inimigo ? E se as minhas lagrimas te magoáram em fé , que te pezou de meu desgosto , porque de duas cartas minhas partiste pelo meio com Enalia , dando-lhe aquella , cujo segredo mais me importava ? Que pena merece (tornou Lereno) quem dormindo fazia erros contra ti , porque lhos ordenava sua ventura , que , sem força do fado , de crer he que naõ te offendesse nem por sonhos ? Veio Enalia a mim muito queixoza , que te dera huma carta sua , de que eu naõ sabia ; e perguntando-lhe o modo por que viera ter á minha maõ , me contou como nella a deixára estando eu repouzando junto do rio : mostrei-lhe entam huma , que da mesma maneira achára quando acordei , naõ imaginando que era tua , como depois soube ; confessando-me Serrano que era outra , que antes me tinha dado da mesma letra ; e com o pezar deste successo ando tam triste , que , so a culpa fora minha , estava bem vingada. Naõ o quero eu ser tanto á minha custa (tornou ella) antes me dou por satisfeita da tua descarga. E hindo adiante lhe cortou as palavras huma voz , que perto dalli ouviraõ como que vinha endireitando para a fonte ; e escutando de perto o que seria , conheceram que cantava esta glossa :

Todos conhecem meu mal ,
E ninguem a cauza delle ;
Eu sei que morro por elle ,
Contra elle nada me val.

Hum cuidado bem nascido ,
Que amor n'alma me tem posto ,
No peito o trago escondido ;

Mas

Mas elle, de mal ſoffrido,
Logo ſe moſtra no roſto:
Que farei para eſcondello?
Se encobrillo me naõ val,
Que por mais que me deſvello,
Sem ventallo, e ſem dizello,
Todos conhecem meu mal.
O mal nunca faz engano:
Por ſer mais claro que o bem,
Naõ ſe encobre em peito humano:
Logo ſe conhece o damno,
Sem ſe ſaber donde vem:
Ande o meu n'alma encerrado,
Por mais que o roſto o revelle,
Conheçaõ, pois he forçado,
Naſcer de amor meu cuidado,
Mas ninguem a cauza delle.
Numa pena tam comprida
De huma ſó magoa me temo,
Que he, perdendo nella a vida,
Naõ ſer na morte entendida
A cauza de hum tal extremo:
Se inda eſte mal me convém,
Quero ter ſegredo nelle,
E ſer ſôffrega no bem:
Naõ o ſaiba mais ninguem,
Eu ſei que morro por elle.
E ſe em ſegredo me enleio,
He porque quer minha ſorte
Induzirme eſte receio;
Pois que, vindo donde veio,
Me achava a vida na morte;
Mas no tormento, a que vem,
Tudo faz ſó por meu mal;
E elle, por me naõ dar fim,

Tudo

Tudo lhe val contra mim,
Contra elle nada me val.

Naõ acabava ainda o derradeiro verso da sua cantiga Learda, que era a que sobre a fonte vinha descendo, quando vio a Albano, que conhecendo-a ao longe pela voz, a veio seguindo por entre o mato, e ella por lhe fogir, como costumava, saltou sem tino sobre a riba da fonte, onde Lizea estava enlevada nas palavras do seu pastor, em cujos braços cahio com o sobresalto esmorecida, ao tempo que Albano chegou; o quál vendo a irmá encostada no peito de Lereno, ficou sem côr, e abrazado em ciumes, e ira, além da que tinha da fugida da pastora, começou a chamar á irmá de fementida, e desleal. Ella, que ao tom destas palavras acordou, dando lugar a Lereno que se levantasse, lhe contou como elle fora a cauza de hum accidente, que naquelle lugar a inclinára: e o mesmo lhe disse Learda, em cuja vista houve de perder parte da colera com que vinha; e dissimulando a que ficava de sua suspeita, pedio perdam a Lereno, que até entam a rogo das pastoras esteve calado; e voltando depois para a sua formoza inimiga, a quem seguia, disse: Daqui julgarás, Learda, os males que cauza tua ingratidaõ, que naõ só aggravas ao que te quero, mas fazes que offenda a quem sempre dezejei contentar: porém para Lereno baste por disculpa a razaõ com que me enganei; e a Lizea a cauza que me deu para esta suspeita. Comigo (respondeu Lereno) estás bem desculpado; que só de Learda terás queixumes, pois das semrazoens, que comtigo uza, nasceraõ as com que trataste mal a Lizea;

zea; e em pena do mal, que a ambos fez padecer injustamente, pedimos em satisfaçaõ que de hoje em diante prometta galardoar a affeiçaõ que te deve. Com isto naõ quiz consentir a pastora; porém com menos esquivança se desculpou: do que Albano se houve por satisfeito; e todos em companhia se foraõ para o valle cantando o seguinte:

Olhos, em cuja conquista
Se perde a vista, e se alcança,
Quem vos vê vê a esperança,
Que perde perdendo a vista.

Coraçaõ, naõ receeis
Este mal que vou buscando,
Que vós tam mal conheceis;
Que perdendo ganhareis
O que perdeis naõ ganhando:
Meus olhos, que á vista terdes,
Aventurais nesta vista,
Naõ vos pêze de a perderdes,
Que perdendo-a basta verdes,
Olhos, em cuja conquista.

E vós, cauza principal
Desta ouzadia, e receio,
E deste atrevido mal,
Olhos, ante quem o cristal
Fica escuro, e fica feio,
O que em vossa côr se alcança,
E o que eu quero o mesmo he,
Se o naõ trocára a mudança:
Que se vira quem vos vê,
Quem vos vê vê a esperança.

E inda que tudo percais,
Em nada podeis perder,
Pois no que perdeis ganhais;

Que

Que se a vista he para ver,
Vós naõ tendes que ver mais:
Se este bem vos assegura,
Olhos mostrai confiança
Para tanta formozura;
Que onde a vista se aventura,
Se perde a vista, se alcança.
Como costuma acontecer,
Dura tam pouco essa gloria,
Acabando de vos ver,
Que só fica na memoria
A vista para a perder:
Que essa côr formoza, e bella,
A quem nada ha que rezista,
Quem a vê perde-se em vêlla,
Pois vê a esperança nella,
Que perde perdendo a vista.

Depois de cantarem, se apartáram os pastores para seus rebanhos, e ficou Lizea com Learda ao longo do rio (onde os salgueiros, que a turva corrente do inverno arrebatára, deixavam sobre a vêa da agua os verdes ramos) junto de huma espessa silveira, que pelo areal se mettia dentro do rio, sustentada dós antigos troncos que alli ficáram; e dentro nella estáva o pastor Alceu dormindo a sésta, de modo que com a espessura do mato se naõ podia divizar. Alli tomou Lizea pela maõ a pastora Learda, e com palavras de amor, que até nos olhos lhe mostrava, lhe dizia: Folgára naõ ser parte em teus amores, por naõ fazer suspeitoza a verdade do meu conselho; e assim te diria com menos receio o que sinto: e deixando o respeito de Albano, a quem por natureza estou obrigada, naõ consentirei que, sendo tam for-

formoza, sejas ingrata a quem te ama, por naõ ver alguma hora mal empregados os castigos de amor, em os quaes nem vale a desculpa da innocencia, nem o poder de tua formozura: e bem creio eu que, se conheceras quanto custa querer bem, o naõ pagaras mal a Albano, nem houveras por interessada a minha razaõ. Naõ lhe sejas esquiva em paga de te ser affeiçoado; que he fazer contra o muito que mereces. A isto respondeu Learda com os olhos baixos, e a côr alterada: Cada huma de nós, Lizea, julgando pela experiencia, que tem de amor, seguimos nelle extremos mui differentes. Tu pelo que conheces de quem amas, ou pelo que de ti tens alcançado, julgas quanto custa amar: e eu tenho conhecido quaõ pouco vale pela verdade, que experimentei: e se te naõ for pezada, serei breve.

No principio de minha tenra idade,
Quando livre de amor menos sentia
Os enganos, que trata a quem conhece
De sua sujeiçaõ mal entendida;
Quando da liberdade, que gozava,
O preço naõ sabia, desprezando
Bens, que só pela auzencia se conhecem;
Com hum pastor me criei desta ribeira,
Do meu paterno sangue procedido,
Com tam livre querer, que naõ sabia
Mais, que querer-lhe bem singelamente:
Com elle apascentava o manso gado,
Com elle as leves féras perseguia,
Com elle á tarde, á sésta, á madrugada
Recolhia, e tirava o meu rebanho:
Mas como amor espreita sempre o tempo,
E vio que neste estado se criava.

Fóra

Fóra de seu respeito tanto amor,
Foi elle com a idade grangeando
Poder-se descobrir seu senhorio:
Neste crescendo foi nossa affeiçaõ
Até chegar a hum conhecido extremo;
Que mal se esconde o que nos olhos mora;
Eu vivia de vêllo, elle de verme;
Cada qual em seus olhos tinha a vida:
Todo o nosso dezejo,
Toda a nossa esperança
Era ser elle meu, eu sua espoza:
Nisto a fé era igual; e a segurança
Da vontade do Ceo só dependia,
Naõ quiz elle (ai de mim) tanta ventura,
Ou amor a invejou como tyranno.
Aconteceu hum dia
Passar por este valle huma pastora;
Peregrina no trajo, e formozura,
Que nas praias do Tejo se criára,
E dellas se passava para o Douro,
Onde grandes rebanhos, grandes pastos
Herdára de huma tia, ou da fortuna,
Que se quiz melhorar da natureza.
Vio a esta o meu pastor (que nunca a vira;
Ou o Ceo, em a vendo, me acabára)
Taõ bem lhe pareceu, tanto via nella,
Que eu nos seus olhos via o seu cuidado,
Sendo o maior, que tinha, defenderme.
Comecei a sentir
Differenças de amor,
E enganos, que cobriaõ huma offensa
Mal merecida, e bem dissimulada.
Já quando me falava
Mostrava huma frieza,
Hum dezejo, hum receio, outra vontade,

Diffe-

Differente daquella, que antes tinha:
Mau he de sustentar amor fingido
A quem já de verdade teve amores.
Eu, que a cauza dos seus naõ conhecia,
Só com minhas suspeitas me enganava;
Té que os mesmos ciumes descobriraõ
Minha justa razaõ, e a culpa sua.
Sonho mais em meu damno,
Que aquella mesma noite
Com trajos differentes
Havia de ir falar a esta pastora.
Entaõ me deu amor nova ouzadia;
Porque naõ pôde darme paciencia
Que naõ desesperasse em tanto aperto:
Mudo o trajo, tambem mudo o toucado;
A fala, o modo, o termo, o passo, o rizo,
Em tudo natural ao da estrangeira,
Por ver-se com fingidas apparencias
A graça da ventura lhe ganhava.
Mas ai que em vaõ se muda o trato, a vida;
E a sorte por mudavel sempre he firme,
Quando nos males fixa a roda ingrata.
Com o escuro da noite poderoza,
Junto áquella cabana, onde pouzava,
Me sobi no lugar mais alto della,
Esperando o successo naõ cuidado.
Eis quando o meu pastor
Na volta de huns vallados apparece
Guiando para o posto com cautela,
Como quem já de amór vinha ensinado.
E vendo-me defronte,
Cuidando que outrem via,
Com mimozas palavras me obrigava
A crer o que dizia;
E eu, por melhor fingir, via, e calava.

Re-

Reprezentou-me alli sua affeiçaõ,
Obrigou-me a que cresse o seu cuidado,
Sem procurar de amor outro interesse:
Que faria coitada
Quem pelo seu somente alli viera?
Em mil desconfianças
Lhe puz a propria vida;
Dei-lhe mil desenganos
Com aspereza ingrata,
Té vêllo alli estar desesperado;
Mas naõ o consentia de vontade
Este meu coraçaõ; que hia temendo
Pôr em risco huma vida,
Por quem mil vidas déra,
Se tantas possuira,
Ou se quem lha tirou tantas quizera;
Que mal fingir sabia crueldades
Contra quem tanto amava:
Mal me desobrigava das palavras,
Que sempre me venciaõ.
Em fim cortando as suas me apartei,
Por lhe naõ dar mais forças contra mim.
Foi seguindo a pastora o seu caminho;
Partio-se para o Douro descuidada
Do que em sua figura acontecêra;
A auzencia certa, mãi do esquecimento,
Mostrou no meu pastor o mesmo effeito;
Tornou ao mesmo estado
De lhe naõ lembrar mais, que os meus amores;
Mas eu naõ soube ter hum bem tamanho,
Senaõ para perdello.
Huma manhã dourada,
Para mim triste, escura,
(Que nunca amanhecêra)
Desciamos com o gado para o valle,

Ambos em companhia,
Em praticas de amor exercitando
O juizo sujeito a seus poderes.
Naõ sei como assi foi que eu descuidado,
Ou tentada da sorte minha inimiga,
Lhe chamei desleal, e fementido,
Mudavel, e incapaz de meus extremos.
Elle tendo a razaõ por encoberta,
Se houve por offendido,
E com rigor subejo me culpava;
Obrigou-me a contar-lhe a triste historia
Como me acontecera;
Servio-lhe a minha queixa de lembrança,
E a mim minha vingança de castigo.
Apartou-se de mim; e vindo a noite
Se despedio tambem destes outeiros,
Sem dizer mais que a elles tal mudança:
E estes meus tristes olhos, que o perderaõ,
Choraõ de dia, e de noite a culpa minha.
Hora julga, Lizea, do que ouviste
Em quem terei amor firme, e seguro:
Se neste fez o tempo tal mudança,
Em quem poderei ter firme a esperança?

Ouvi à tua historia (disse Lizea) com o pezar, que devia a desgraças de teus amores, de que com razaõ deves sentir o successo; porém naõ te desobriga nelle o engano de hum pastor, para que offendas outro, que de verdade te quer. E que segurança (tornou ella) terei de naõ ser enganado, se onde havia tanto maiores razoens de confiança, faltou a fé? Que hei de crer de quem ainda naõ tive experiencia? Nem eu te aconselho (respondeu Lizea) que, sem fazer prova clara da fé de Albano, te fies delle; antes que o experimentes

mui

mui de vagar em teus amores: e como nelles o achares, assim o trata; que de outra maneira será executar em hum innocente o castigo do culpado. Naõ te cances (disse Learda) que naõ hei de provar de novo o que huma vez me custou tam caro; nem hei de empregar minha affeiçaõ mais, que nos teus olhos, que me parecem formozos, e sem engano: a ti quererei, a ti vellarei o gado, e por teu amor desprezarei a vida; e pois he tua, naõ a procures para quem a destruirá em pouco espaço. E com estas palavras lançou os braços a Lizea, que entre os seus por hum pouco a teve apertada. Nestas palavras estavaõ, quando para ellas vinha huma pastora com hum brial branco semeado pela guarniçaõ de miudas boninas, hum volante deitado ao desdem sobre os cabellos, com hum cajado de aveleira na maõ, guiando hum fato de cabras para o rio, e traz ellas cantava estas endechas:

Pastora, que a amor
Descobre a vontade,
Fia a liberdade
De amigo traidor.
Foge do perigo,
Cahe na silada,
Vai metter a espada
Na maõ do inimigo.
Dá a guardar receios
A quem fé quebranta,
E a quem se levanta
Só com bens alheios.
Toma por leal
Hum ingrato, a quem
Nunca se fez bem,
Que naõ faça mal.
Fia de hum contrato,
Com que o mais avaro
Compra tudo caro
Por vender barato.
Corre hũ mar mudavel,
Sempre perigozo,
Quieto, enganozo,
Revolto, intratavel.
Amor naõ conhece,
Nem guarda respeito,
Por naõ ser sujeito
A quem lhe obedece.
Sem vista, e sem fé
Nos quer conquistar;

Vê para atirar, *Guardai-vos de amor;*
Para o mais naõ vê. *Vivireis melhor*
Minha liberdade, *A' vossa vontade.*

Chegando mais ao perto conheceraõ as pastoras que aquella era Nize, que vinha de proposito mais formoza para obrigar de novo a Alceu; o qual acordando do somno ao tempo que Lizea entrou na sua demanda, calado esteve escutando o effeito que fazia na formoza Learda: e vendo diante seus olhos que sempre com rigorozo desdem delles fogia, estava contente: porém ao tempo que Nize se entregou nos braços das duas pastoras, lhe cahio ao fundo do rio huma cabra cilhada, a mais formoza de entre as suas, porque, enganada de hum mal seguro torrão, deu na corrente da agua: e as pastoras sem lhe poderem valer choravaõ a perda della: mas Alceu, que a vio, se lançou ao rio como estava vestido, de cujo impeto ellas foraõ tam salteadas, que com estranho temor desamparando o gado, fogiraõ para o largo do valle, imaginando que era algum Fauno daquella ribeira; e naõ se houveraõ por seguras até o ver sahir de entre as ondas com a cabra sobre os hombros, e o vestido deitando de si huma nuvem de agua: entaõ chegando todas a elle lhe deraõ graças do trabalho; em especial Nize, de quem a cabra era muito estimada, lhe disse: Nunca me esquecerá, Alceu, o a que te aventuraste por meu respeito, tendo por menor perigo o da tua vida, que a perda da minha rez. Quizera eu (respondeu o pastor) que fora este hum golfo mui perigozo, e que me mostráras da outra parte teu dezejo, a ver se desprezava o poder das ondas,

e

e o bem da vida por te dar gosto; e se (como atégora me mostraste) o tens de meu damno, dize-mo em galardaõ do que te quero, e padecerei por minha vontade: e peço isto neste lugar, porque naõ sei se me dará outro minha ventura. Nize, que ouvia as palavras do pastor, e que nos olhos lhe conhecia a verdade dellas, e o via qual sahira de entre as aguas por seu serviço, naõ lhe pôde negar compaixaõ; e obrigada das companheiras lhe respondeu: Sempre me pezará de teus males: e naõ permitta o Ceo que por minha cauza padeças algum; quem já agora seria ingrata ao que te devo, se naõ procurasse teus bens com muito dezejo? e ao tempo deixo por agora o mais. Com isto ficou Alceu tam satisfeito, que o contentamento lhe tirou o poderlhe responder; mas com os olhos lhe mostrou o que a lingua naõ dizia: e porque era já noite, se foraõ com o gado; e no caminho souberaõ de Alceu o como alli viera para merecer tal ventura: que como esta senaõ guia por razaõ, vai buscar a hum descuidado, que dorme; e foge de hum cuidadozo, que sempre véla.

FLORESTA UNDECIMA.

DEpois destes enleios de mudança, que Lereno passava na esperança de ver a sua senhora, contemporizando com Enalia, e Lizea, que cada huma com enganada confiança o procurava, veio àquelle dia em que tinha havia tantos o dezejo: e porque nenhum descuido lhe encurtasse as horas, se levantou antes de amanhecer, cuidando que hia seguro de ser visto

quem

quem até do Sol ſe encobria: e tomou o caminho junto á ribeira do Lis: mas como quem a amor entrega ſeus cuidados, ſempre vigia, conheceu-o Lizea, que aquella madrugada ſe levantára por ouvir hum roixinol, que ſobre hum loureiro lhe cantava ao pé da cabana: e vendo que Lereno ſahia da ſua áquellas horas, temendo-ſe de alguma novidade, porque ſempre amor vive entre receios, veſtindo-ſe foi ao longe, eſcondida, ſeguindo traz elle ao longo dos matos, até que o vio entrar por aquelle deſvio, ſem divizar mais que huma pequena abertura dos penedos: e alli naõ comprehendendo com a imaginaçaõ a cauza, que o levava, o eſperou. Porém o paſtor alheio diſtó, com o dezejó em que tinha á vida, tomou o caminho em que ſua ſenhora o guiara, e ſubio ao monte por hum carreiro tam eſtreito entre os matos, que, coberto com os viçozos ramos de arvores ſilveſtres, naõ dava lugar a que caminhaſſe ſem ruido: e ſahindo por elle a hum alto, donde eſcondidó deſcobria todo o valle, ouvio que no baixo delle cantavaõ vozes concertadas ao ſom de inſtrumentos differentes, que com ſua harmonia ſe concertavaõ: e entendendo que eraõ Ninfas daquella fonte, porque alli entraõ as ſuas aguas na corrente do rio, com os olhos, e ouvidos para aquella parte as eſcutava. Era o lugar (além do que entaõ o melhorava) mui aprazivel, e deleitozo, porque depois de eſtar entre muitas arvóres de boa ſombra, que tinhaõ ſemeada a relva de flores, que por entre ramos andava ſacodindo o brando vento, entravaõ com muito ruido as aguas da fonte em hum remanſo do claro Lis, que

de-

debaixo dos altos freixos, que o cobriaõ, estavá tremendo; e dalli com saudozo movimento se hiaõ despedindo as aguas daquella rocha, com cujo som faziaõ os muzicos accentos mais saudade, e dizia a cantiga:

Formozo rio Lís, que entre arvoredos
Ides detendo as aguas vagarozas,
Até que humas sobre outras de invejozas
Ficaõ cobrindo o vaõ destes penedos:
Verdes lapas, que ao pé de altos rochedos
Sois moradas das Ninfas mais formozas:
Fontes, arvores, hervas, lirios, rozas,
Em que esconde amor tantos segredos:
Se vós, livres de humano sentimento,
Em quem naõ cabe escolha, nem vontade,
Tambem ás leis de amor guardais respeito;
Como se ha de livrar meu pensamento
De render alma, vida, e liberdade,
Se conhece a razaõ de estar sujeito?

Acabàdo o seu canto, que era a tempo que já o Sol dourava os montes, com a formozura da clara luz, que derramava, vio que sahiaõ de huma espessa mata sete Ninfas cobertas de hum véo roxo franjado de prata, com alparcas semeadas de flores de prata, e sobre a cabeça capella de cipreste, e rozas brancas murchas, e com tranças de azul, e prata tinhaõ em laços os cabellos: e quatro destas trazendo nas maõs hum túmulo coberto de branco, por quatro braços de purpureo coral, pondo-o em hum alto que alli estava feito de diversas flores, o cobriraõ de outras muitas: e dalli a pouco espaço vio huma Ninfa vestida com largas roupas de setim roxo com bordadura de aljofar, e deitada sobre o túmulo; tangendo

as Ninfas sonoros instrumentos, cantaõ o seguinte:

Reliquias saudozas, que em memoria
Ficastes do meu bem taõ mal perdido,
De que hoje converteis em pena a gloria;
Se póde haver nas coizas sem sentido
Pela parte de amor hum sentimento,
Que os poderes da morte tem vencido;
Ouvi de minha voz o triste accento,
Que suspendendo está nesta espessura
O rio vagarozo, o surdo vento:
E vós, alma formoza, bella, e pura,
Que estais gozando agora livremente
Eternos bens de vossa formozura;
Vós, alma bella, e corpo transparente;
Que, para contentar a todo o Ceo,
Deixastes toda a terra descontente:
Vós, em cujos extremos se venceu
A arte, e o saber da natureza,
Que com tantas invejas vos perdeu:
Se lá nesse alto cume de grandeza,
Onde tudo saõ bens de huma alegria,
Podem subir suspiros de tristeza;
Ouvi a rouca voz desta elegia,
Mensageira fiel da saudade
De vossa alegre, e doce companhia.
Ah enganozos bens da leve idade,
Que mal em vós emprega a confiança
Quem cuida achar razaõ, tempo, verdade!
Só he larga vida huma esperança,
Só a pena nos males he comprida,
E o mal sempre he maior quando mais cansa.
Só encurtaõ os fados a huma vida,
Por quem mil de vontade se perderaõ;
Se esta podera ser restituida:

Mas

Mas naõ he ella, naõ, a que offenderaõ;
Pois de entre escuras trevas a tiraraõ,
Entre claras estrellas a puzeraõ.
O mundo escuro offendem, que deixaraõ
Sem a luz dos seus olhos taõ formozos,
Que a morte em vaõ cerrando se abrandaraõ;
Offendem só meus ais tristes queixozos
Conhecendo no mal a differença
D'outros dias, que foraõ venturozos.
Em quanto amor permitte esta licença,
Chorai meus olhos sempre a triste magoa,
E sinta toda a terra a vossa offensa:
Pois perdestes a luz, enchei-vos de agua,
Que saia destillada deste peito,
Que a dor tem convertido em viva fragoa,
Fazei aguas do Lis o vosso effeito,
E com doce murmúro suspirando
Buscai ao mar, pagai-lhe seu direito.
E se tambem por sorte acompanhando
Vos forem minhas lagrimas cansadas;
Com que estou de memorias descansando;
Entre nuvens espessas encerradas
As fazei lá sobir nesse horizonte,
Onde sejaõ da cauza respeitadas.
Vós, arvores sombrias, que defronte
Deste túmulo sacro estais movendo
Os altos ramos sobre o verde monte,
Com o nome de Amarylli ide crescendo,
Para que do mais alto das estrellas
Ella o esteja em vossos ramos vendo.
E vós, lume do Sol, e inveja dellas,
Voltai hum pouco o parecer divino
A quem, se vos naõ vir, póde offendellas:
Logo fareis que o Ceo claro, e benino
Defenda este lugar sereno, e santo,

Que

Que esconde o vosso corpo d'outro dino?
Fareis sobir ao Ceo meu baixo canto,
E ás nuvens penetrar com voz interna;
Que com força da dor chegará a tanto.
Sobre essa jerarquia alta, e superna
Levará esta offerta, que offerece,
Que póde ser no mundo quazi eterna
Por quanto dura a vida que aborrece.

Acabado isto, cobrio de repente huma escura nuvem todo o valle; e como se o Sol se eclypsára, faltou a Lereno a vista por grande espaço, perdendo naquella confuzaõ o sentido, até que diante lhe appareceu a nova luz de seus olhos, e vio a sua pastora vestida em hum vaqueiro de monte encarnado, guarnecido de frocos brancos, e verdes, os cabellos entrançados da mesma côr, feito em huma serpe, a que ficavaõ por olhos dous contrafeitos bemmequeres, e as alparcas cobertas delles, hum arco no braço, e huma aljava de settas; e tomando ao pastor pela maõ lhe disse: Desperta, Lereno; que para cuidados tam altos naõ convém animo enleado; e pois te trouxe aqui a ventura, naõ a desconheças. Ao que o pastor respondeu já menos turbado: Póde desconhecer o bem, que em vossa vista se alcança, quem de todo perder o juizo; mas o que me deixou amor para contemplarvos, nem o vencem receios, nem póde dezejar outro maior bem, que tervos prezente, e com este me hei pelo mais venturozo pastor que nasceu nas montanhas, e prometto em gloria desta fazer lembrada no mundo vossa formozura, e levantar nas azas da fama minha estrella com vosso nome: este vos peço que me digais para saber

nomear o ſenhor da minha vida. O tempo tò deſcobrirá (reſpondeu ella) e agora baſte que te ſuſtentes no que vês ; que nem eu faço confianças ſem experiencia , nem quero que eſta ſeja a primeira : e quando ſahires deſte valle , e te vires nos da tua ribeira , lembra-te que ſegredo , fé , e conhecimento ſatisfazem para com amor a falta de merecimentos humanos : naõ deſconfies dos teus , e encommenda os penſamentos á ventura , que nunca nega favor aós mais ouzados : e com eſtas eſperanças te torna ao teu rebanho , antes que neſte lugar ſejas ſentido. E dizendo iſto , voltava o paſſo para o boſque : mas o paſtor a prendeu do arco com eſtas palavras : Naõ atalheis , ſenhora , tam de preſſa a minha vida , ſe quereis que me fique para eſperar tantas venturas ; que fóra de vos ver , até os animaes deſta montanha ſe levantaráõ contra mim : naõ me façais deſcer de eſtado tam venturozo a outro tam deſeſperado. E dizendo iſto , foraõ ſalteados pelo mato de duas paſtoras de eſtranho parecer , veſtidas com vaqueiros de apavonado , os arcos no braço , e as voltas dos vaqueiros cheias de frutas do boſque : e porque com a ſua chegada Lereno ſe eſcondeu de ſubito entre os ramos , diſſe huma dellas : Naõ ſei , paſtor , que te obrigou a fogir de noſſa viſta , que naõ he cada huma de nós tam deſconfiada do que parece que faça eſpanto. Tanto póde cauzar (tornou elle) a eſtranheza das coizas ſobrenaturaes , como das muito disformes : porém o meu receio foi de outra cauza ; que eu temia ſer viſto , e naõ receava vervos ; pois de outro modo quem fogiſſe de voſſa formozura , moſtrava quaõ pouco

co era para a conhecer. Com essa desculpa (tornou ella) soffreremos melhor nossa desconfiança. E soltando as pontas dos vaqueiros espalhárao as saborozas frutas que traziaõ entre muitas flores sobre a relva, e sentadas comeraõ todos. Porém Lereno mais sôfrego na vista de sua pastora, que na offerta das outras, estava suspenso; e com mil galantarias à cada passo o despertavaõ: e acabando de comer, tirando huma dellas huma dourada rabeca, e a outra pedindo a citara a Lereno, cantáraõ o seguinte.

Descobre novo mundo o pensamento,
Extende as azas, naõ respeita a vida,
E em fantasticos bens sem fundamento
Traz a leve esperança repartida.
O tempo he breve, e corre mais que o vento;
A fortuna mudavel, fementida,
O dezejo ao mór risco se offerece;
Amor com falsas mostras apparece.

Hora huma côr, hora outra côr varia
(Quem vio cego tambem julgar de côres?)
E em cada huma enleva a fantazia
Dos seus, mais que elle cegos, amadores:
Mostra sempre por sonho a alegria,
Quando os olhos de si naõ saõ senhores;
Naquella sombra vã da noite escura,
Tudo possivel faz, tudo assegura.

Contra o fingido bem da gloria humana
Tudo se arma, se esforça, e se conjura;
O tempo á esperança sempre engana.
Póem o dezejo a vida em a ventura:
Amor, que a sua força fez tyranna,
Numa imaginaçaõ, que se affigura,
Faz venturozo o mal que se padece;
Mas logo no melhor desapparece.

Em

Em quanto ellas cantavaõ com vozes soberanas, o pastor com os olhos nos de quem o senhoreava, imaginando em sua formozura, descuidado das palavras da cantiga, escreveu estas em o tronco de hum alamo, que junto a elle estava:

Mudas plantas, quem naõ crê
Que estais vendo minha gloria,
E heis de servir de memoria
Na lembrança desta fé?
Fique em vossa formozura
Este signal naõ pequeno,
Lugar, onde vio Lereno
Posta a seus pés a ventura.

E como os bens naõ podem durar tanto, despediraõ-se logo: e a pastora, que nas lagrimas, que nasciaõ nos olhos a Lereno, conheceu a dor com que se apartava, lhas enxugou com a maõ; e tomando-o pela outra guiou para o valle aonde elle sahio tam triste, como se adivinhára o mal que sua ventura lhe ordenava, e foi aquella pastora Lizea, que em favor de seus males lhe quiz tanto, e o ficou esperando junto ao rio Lis entre os penedos, vendo que passada grande parte do dia, o seu pastor naõ tornava, perdendo com amor o receio, entrou naquella cova, e sahindo ao valle pelas pizadas, que achava, foi ter á fonte, e foi pelo caminho que Lereno seguira até se emboscar no mato; e alli a assombrou tam grande temor vendo hum cervo, que pelos silvados vinha pulando para onde a vira, que gritando em alta voz começou a bradar pelo seu Lereno, que lhe valesse, imaginando que naõ estaria mui desviado: e ouvindo este brado a pasto-

paſtora, que entaõ delle ſe apartára, cuidando que algum grande mal lhe ſuccedia, veiǿ correndo para aquella parte; e achando a Lizea naquelle ſobreſalto, livre já do cervo, que atraveſſára o caminho, lhe perguntou como alli viera, e a razaõ porque bradava, e por quem? Ao que ella reſpondeu: Ainda que o perigo, em que me vi, e o deſviado caminho, em que me vejo, me fizera perder a confiança, e a vida, baſtava tervos por valedora para me haver por contente de maiores males: quem me fez eſte, que já naõ tenho por tal, foi hum paſtor, a quem chamaõ Lereno, naſcido neſta meſma ribeira, e bem conhecido entre os guardadores della; pelo qual bradava que me ſoccorreſſe: e a eſte permittio meu fado amaſſe tanto, que de tudǿ o mais por ſeu reſpeito viveſſe eſquecida. Eſta manhá vim com elle da ſua cabana até ás faldas do rio, onde juntos paſſavamos outras vezes a ſéſta: e deixandome alli, entrou por huns penedos a buſcar huma ovelha, que me tinha dito que naquelle lugar deſapparecera. E aſſim o fez elle, até que eu deſeſperada, tomando o meſmo caminho o vim a buſcar neſte lugar tam eſtranho, onde, mettendo-me entre os matos, fóra de tino, vi hum furiozo cervo, que para mim vinha correndo atraveſſando o caminho: paſſou ao tempo que acodiſte para me valer. Mais eſtimo eu (reſpondeu a paſtora) chegar a tempo, que o meu ſoccorro naõ fazia falta, que livrarvos de grande perigo, ainda que iſto foſſe de maior merecimento; e creio que muitos deve ter eſſe paſtor a quem buſcais, pois a tanto vos obriga; mas já ſerá culpado no damno que vos fez,

dado

dado que naõ quizesse ser a cauza delle. Ao que Lizea lhe respondeu : Quem sabe querer de verdade, ainda que culpe a quem ama, em si executa a pena; e a que me será maior he naõ achar o meu Lereno, para me queixar das horas em que me faltou, e naõ do risco em que poz a vida, que era sua. Muito amor vos deve (tornou ella) pois, quando mais queixoza, vos mostrais tam rendida; e já lhe quereria mal, ou de vós o estranharia, se naõ sabe merecer essa fé. Na sua confio eu tanto (replicou Lizea) que tudo o mais me esquecera, se a falta de sua vista com outra coiza se podera aliviar. Folgo estranhamente (disse a da montanha) de ver o bem de vosso estado; e hei compaixaõ de alguma pastora, que do vosso Lereno pertendera a mesma firmeza, como soe acontecer. Naõ falta (disse Lizea) quem com elle se engane; que poucos dias ha que huma do nosso valle se achou com a mesma confiança, que eu agora tenho; e, havendo sempre da vontade do meu pastor o desengano, tinha a sua porfia por bem galardoada. Gracioza pastora (disse a outra) Deos vos dê ventura em vossos amores, e gozeis os fruto delles livre de receio, e mudança: e pois o Sol a vai fazendo nestes montes, e me he forçado dar ainda huma volta ao fim da montanha, querovos acompanhar até á sahida della; e fóra achareis o vosso pastor, que por estranho cazo aqui veio perdido: a elle dizei como me vistes, e o que me contastes; que lhe encommendo muito quanto vos deve; que se esqueça de tudo o que naõ for servirvos; e assim o faça do que em outra parte podia ter alcançado;

do; que bem he, para quem só com amor pertende merecimento, ser seguro em a fé que promette: por onde lhe convém ter todos os respeitos á vossa; que se guarde de entrar mais neste bosque; e assim o fazei vós, porque de hoje em diante he este passo muito perigozo, e poucos entraõ, que saiam com a vida. Já de agora (respondeu Lizea, que a seguia para o valle) vos deverei sempre a que dais: e pois me naõ fica esperança de poder vervos sedo, o tempo me dará alguma de servirvos: e agora no que me mandais o farei. Chegando aos penedos, ambas com hum abraço se despediraõ; Lizea cuidando no seu perigo passado, alheia de outro que seguia, porque nunca vem sós para tomarem hum coraçaõ sem rezistencia.

Floresta Duodecima.

PEla parte, por onde vem descendo o rio Lis, antes de chegar aos espaçozos valles, que com sua corrente vai regando, toma hum estreito caminho entre altos arvoredos, onde com profundo silencio se detém até chegar á quéda de huma alta penedia; e alli repartidas as aguas, medrozas vaõ fugindo por entre as raizes de amargozas novigueiras, outras offerecendo-se aos penedos com saudozo som estaõ nelles quebrando, e depois ficaõ derramadas em dous ribeiros: o maior, depois de muitas voltas, se vai a encontrar primeiro com as aguas, de que se apartou entre altos ciprestes, e loureiros. O outro ao voltar de hum valle se vai encostando a huma alta rocha por baixo de espessas aveleiras: e esperando as aguas humas pelas

outras descobrem a boca de huma lapa encoberta entre huns ramos, que vai por baixo do chaõ huma legoa; e nesta havia fama que vivia hum sabio de muita idade, que por encantamento a fabricára; o qual naquelle lugar era buscado de muitos pastores naturaes, e estrangeiros, a que dava remedio em muitos males, particularmente nos de amor, de quem elle já fora na mocidade atormentado; e neste tempo corria mais a fama das maravilhas que obrava, quando Lereno sahio do valle desconhecido, triste pela auzencia de sua pastora, que a tam ditoza esperança o levantára; e antes de recolher o gado encontrou a Lizea, a qual incerta de seu damno, naõ imaginando o que contra si fazia, lhe disse o que passara indo traz elle, e o mais que lhe acontecera com a pastora da montanha, cujo recado lhe deu. O pastor quando isto ouvio, como se naquella hora lhe arrancaraõ a alma, ficou sem côr, e sem fala: e, virando as costas á pastora, foi suspirando pelo valle assima; e ella ficou taõ desesperada, cahindo no que fizera, que depois de muitas, e lastimozas palavras, que disse, se quizera deitar no alto do rio, e pagar com a vida seu descuido: mas a isto atalhou Nize, que perto andava com o seu gado; e todo aquelle dia com amorozas razoens a alliviou em o mal, cuja cauza lhe encobria: e depois de muitos, em que o pastor andou entre os matos emboscado, comendo o fruto das arvores sem dono, aborrecendo a conversaçaõ dos naturaes pastores, dizendo ás féras, ás arvores, e penedos seus queixumes, foi por aquelle caminho a buscar o valle, por ver ao menos as reliquias

de ſua paſſada gloria, reprezentada no lugar onde a gozára; mas achou cerrados os penedos da cova, como ſe nunca alli houvera tal caminho: e tendo entaõ por impoſſivel o remedio de ſeu mal, fazendo mil diſcurſos, que na imaginaçaõ vinhaõ a parar em deſatinos, ſe foi huma manhã buſcar ao ſabio Menalcas, que habitava naquella eſtranha morada, que diſſemos, junto do rio: e entrando pela cova, onde com a eſcuridaõ naõ atinava, foi ter onde corria hum ribeiro, cujas aguas vinhaõ tam frias, que tocando a maõ nellas, perdia de improvizo o ſentimento; e chegando alli ouvia dentro grande harmonia de muzica de aves, e entre vozes humanas mover de arvoredos, e murmurar de fontes: e dahi a pouco eſpaço ſe veio para elle o ſabio velho, e lhe perguntou o que buſcava. A ti buſco (reſpondeu elle) para remedio de meu cuidado, ou deſengano delle; que, poſto que conheça naõ ter cura minha deſgraça, o dezejo de me ver livre faz que procure coiza tam duvidoza, ou, para melhor dizer, impoſſivel. O velho o tomou pela maõ, e levando o a huma quadra, que com artificioza luz ſe allumiava, e ſentando-o perto de ſi, lhe mandou com moſtras de brandura que contaſſe a ſua hiſtoria: e Lereno, que com a lembrança renovava a dôr della, com lagrimas, que nos olhos lhe naſciaõ, contou do principio de ſua vida até o eſtado, em que eſtava, que tinha pelo fim della: ao que o ſabio com hum maduro ſocego reſpondeu: Poſto que os males canſaõ ao ſoffrimento, e os teus ſejaõ de qualidade, que te ponhaõ a riſco de o perder, vendo-te ſem culpa; naõ deſeſperes de

de ser curado; que tudo ha no tempo, que em cazos similhantes com a longa experiencia me ensinou: e para que de mim nas obras conheças a vontade com procurar teu remedio, esperame neste lugar, que logo nelle saberás a cauza de teu damno; e em tanto, porque naõ fiques sem companhia, te mandarei quem te entertenha. Dito isto, foi por meio de seus encantos a saber o successo dos amores de Lereno; e elle ficou na quadra, aonde naõ tardou muito que vieraõ duas pastoras por extremo formozas, vestidas de verde claro com samarras de pellica manchada, e violas de arco nas maõs: e chegando a Lereno o saudáraõ; e elle muito contente de sua vista as recebeu: e depois de passadas algumas saborozas praticas, lhe pediraõ que quizesse cantar com ellas pelo modo que costumava fazer na sua aldea. Elle, que naõ sabia negar boa vontade a quem merecia o preço della, aceitou o cargo; e tocando as violas cantava o pastor, e ellas respondiaõ na maneira seguinte:

Quem novas me quizer dar
De huma esperança perdida,
Dar-lhehei por ella a vida.

He paga mui desigual
A que offereces a quem
Te der a sombra de hum bem,
Que he sujeito a tanto mal.
E se a vida menos val
Que huma esperança perdida,
Naõ he menos dar-lhe a vida
Com os dezejos de havella:
Prometes muito em teu dano,

Mas cuido que faço engano
Em dar tam pouco por ella.
Se a vida te importa têlla,
Porque dás por ella a vida?
Porque huma, e outra he perdida;
Onde achaste em cazos tais
Menos a tua esperança?
Perdeu-se em huma mudança;
Nunca della soube mais.
Se deres della os sinais
Te será restituida;
Vai cerrada, e vai fugida.

Despediraõ-se as pastoras acabando a muzica, porque sentiraõ que vinha o velho Menalcas; e elle com ledo rosto assim falou para o pastor, que entre temor, e dezejo o esperava: Posto que o estado de teus cuidados seja perigozo, e te pareça que tens nelle a vida aventurada, naõ desesperes de grandes bens que os fados te prometem; por elles estava ordenado que o primeiro, que descobrisse a historia de Sileno, que em hum penedo foi encantado pelos Faunos desta montanha, padecesse em castigo de tal ouzadia, que todos seus segredos fossem manifestos: e por esta razaõ, se discorreres pelos succesos de tua vida depois que aos pastores do Lis, e Lena a descobriste, acharás que por estranha maneira, sem culpa tua, foraõ descobertos os amores de Lizea, a carta de Enalia, e o que te aconteceu no valle desconhecido. O remedio, que tens para melhorar tua sorte, e vencer a força desta desgraça, he hum desterro, que logo farás, desta montanha em castigo da culpa que tiveste: e depois de larga auzencia, que será atalhada por

per-

permissaõ de tua estrella, te poderás chamar neste valle venturozo pastor. Espantado ficou Lereno de ouvir o que o sabio lhe dizia, e a razaõ de seus males tam encoberta, vendo que nesta verdade naõ podia haver engano, pelo que já lhe acontecêra: e em recompensa do trabalho, se lançou aos pés do velho, que com hum estreito abraço o levantou, e veio com elle até á sahida da cova, reprezentando-lhe sempre o que convinha para sahir dos ameaços de sua ventura: e elle, a quem tudo o mais aborrecia, faltando-lhe o bem que ella lhe negava, determinou partirse ao outro dia sem a ninguem dar conta de seu apartamento, e deixando cabana, e rebanho, levando só comsigo rabil, çurraõ, e cajado, tomou o caminho dos campos do Mondego. Porém antes de se apartar do Lis, e Lena, subido de hum alto penedo, que descobria aquelles saudozos valles, e montes, os espessos, e sombrios arvoredos, as cristalinas correntes, que hiaõ com ordenados rodeios cortando a verdura, tirando o pastoril instrumento com rouca voz começou a celebrar desta maneira a triste despedida:

Formozo rio Lis, que de contente
Estais detendo as aguas vagarozas,
Por naõ passar daqui vossa corrente:
Entre essas ondas claras duvidozas
Levai ao largo mar com turva vêa
Tristes queixumes, lagrimas queixozas.
Em quanto descançais na branca arêa,
Ouvi hum pastor triste, e magoado,
Que vai perder a vida em terra alhêa.
Sua ventura o manda desterrado:
Naõ se póde saber que culpas teve;

Que

Que amor, que foi juiz, era o culpado?
Se a tanta semrazaõ magoa se deve,
Ouvi a voz de Cisne derradeira;
Que ainda que he grande a dor, ha de ser breve.
Vós Ninfas, que morais nesta ribeira,
Nessas lapas cobertas, e escondidas
Do mirtho, faias, freixos, e aveleira:
Se já de amor sentistes as feridas,
E quanto custa hum triste apartamento,
Que para dar mil mortes, dá mil vidas;
Agora, que se cala o surdo vento,
E o rio enternecido com meu pranto
Detém seu vagarozo movimento:
Vinde a gozar da terra o verde manto,
Vereis da natureza o mór thezouro,
E ouvireis as tristezas de meu canto:
Em tanto Apollo com seus raios de ouro
Enxugando estará com nova inveja
Vosso brando cabello crespo, e louro.
Antes que o descontente espirito seja
Apartado da doce companhia,
Consenti, Ninfas bellas, que vos veja.
Naõ vos verei porém como vos via,
Hora seguindo as féras na montanha,
Hora prendendo os peixes na agua fria.
Chorando vos verei, pois dor tamanha
Naõ ha como deixar a propria terra,
Por ir buscar a morte em terra estranha.
Penedos, que pendeis desta alta serra,
De verde herva, e de musgo revestidos,
A que os ventos em vaõ moveraõ guerra;
Vós decliveis outeiros repartidos
Com longes amorozos, ledos pertos,
Só pela saudade conhecidos:
Valles, que de mil arvores cobertos

Abris

Abrís caminhos ás cristalinas fontes,
Que os alvos seixos deixaõ descobertos:
Vós ladeiras incultas, e altos montes,
Que coroados sois de altos pinheiros,
E a côr tomando estais aos horizontes:
Pastos, cabanas, gados, pegureiros,
Pastores deste valle verde, ameno,
Doces amigos, doces companheiros:
Aparta-se de vós triste Lereno,
Forçado dos podêres da ventura,
Contra quem seu poder foi tam pequeno.
A Deos ó monte, ó prado, ó espessura,
A Deos ó rio, e fonte cristalina,
A Deos ás plantas, flores, e á verdura:
Já no valle, na monte, e na campina
Os pastores tanger naõ me ouviráõ
A minha dezejada sanfoninha.
Já nas ardentes séstas de veraõ
As ovelhas á sombra do arvoredo
O pasto, por me ouvir, naõ deixaráõ.
Já debaixo do vaõ deste penedo,
Olhando os cordeirinhos, que pastavaõ,
Naõ cantarei de amor contente, e ledo.
E as pastoras, que a ouvirme se ajuntavaõ,
Já me naõ teceráõ verdes capellas,
Com que por vencedor me coroavaõ.
Já nem na noite á vista das estrellas,
Nem quando o bello Sol claro apparece,
Louvores me ouviráõ das Ninfas bellas:
Já o vento, que ouvindo-me emmudece
Entre os eccos da doce Filomena,
Naõ levará meus ais donde os offreço.
Tornai o curso atraz, aguas do Lena,
A pezar dessa rocha, que ameaça
Vossa clara corrente tam serena;

Que

Que naõ vos tirarà da vossa graça
A sombra desse outeiro tam temido,
Como me tira a vida a sorte escaça.
De vòs, serenas aguas, me despido,
De vòs naõ perderei nunca a lembrança;
Fazendo desmentir nesta mudança
Quien dixo que la ausencia causa olvido.

PRIMAVERA.

Campos do Mondego.

FLORESTA PRIMEIRA.

AINDA a rozada Aurora naõ desenganava de todo as estrellas, que com alheia luz se queriaõ metter em posse do dia, quando Lereno com os olhos em sua dezejada patria, que deixava, tomou o caminho para os campos do Mondego, para onde o hia guiando o seu destino por entre incultas charnecas, que já lhe mostravaõ em sua aspereza a differença dos valles, e montes, em que se criára: e com a saudade, que aquelles outeiros lhe reprezentavaõ ao longe, suspirando a cada passo, voltava os olhos atraz como que o chamava seu cuidado; até que perdeu de vista os altos edificios, que estaõ situados em a suberba penha, que os rios vaõ cercando: e fazendo dalli com os olhos de novo despedida, foi caminhando, e chegou á ribeira do Arunca, pequeno rio (que em graciozas voltas rodea huma comprida varzea, e depois se mistura nas aguas do Mondego) digo de eterna memoria pelos pastores, e pastoras, que naquelle tempo o habitavaõ. Aqui chegou o pastor assaz cansado mais de suas lembranças, que do caminho: e em huma enseada, que o rio faz debaixo de huns verdes salgueiros, que o assombraõ

braõ, se assentou; e depois de descansar, imaginando a cauza de seu desterro (que este he o allivio que os males consentem) tomando a sanfonha cantou o seguinte.

Relva vestida de flores,
Salgueiros verdes copados;
Que sois pastura dos gados,
E descanso dos pastores:
Aguas, que tomais as côres
Da sombra desta verdura:
Se essa vossa formozura,
De contino ver quizerdes
Sustentai seus ramos verdes
Sem olhar minha figura:
Doces passarinhos ledos,
Que fazeis vossos recramos,
Saltando dos verdes ramos
Por sima destes penedos,
Se de amor tratais segredos,
De mim naõ os confieis;
Que he certo no que canteis
(Porque em tudo amor offenda)
Ainda que naõ vos entenda,
Que publique o que dizeis:
Gados, que assim livremente
Sem inveja, ou differença,
Gozais com tanta licença
O prado verde, e contente,
Por naõ verdes differente
O gosto, com que comeis:
Nestas flores, que colheis,
Se a vida quereis achar,
Guardai-vos das que eu tocar;
Porque logo morrereis.

Li-

Livres peixes, que na vêa
Os raios do Sol tomais,
E nestes puros cristais
Estais vendo a luz albêa,
Quando sobre a loura arêa
Buscais doce mantimento:
Olhai naõ bebais sem tento
Esta agua, que me consume;
Que vos fará por costume
Perder o contentamento.

E vós, Ninfas, que pizais
Estas hervas, e estas flores;
Se sabeis sentir de amores,
Como naõ me acompanhais?
Porque hum allivio negais,
Que em vós naõ póde ser erro;
A quem mata a fogo, e ferro
A força da mesma dor?
Mas, ah, sentistes amor;
E naõ sentistes desterro.

Qualquer amante aggravado
Por engano, ou por mudança,
Inda lhe fica esperança
Daquelle primeiro estado.
Ai de hum triste desterrado,
A quem mais naõ se consente;
Que conhecer claramente,
Pelo que em seu mal consiste,
Que ha de viver para triste,
Para naõ morrer contente.

Perdi a gloria, que tinha
Bem guardada, e mal segura;
Perdi por minha ventura,
Que naõ foi por culpa minha:
Era força, que convinha

Para

Para seu fatal intento,
Que eu padeça meu tormento,
Adorando a semrazaõ,
Dando hum falso pregaõ,
Verdadeiro soffrimento.
Vou-me do meu natural,
Por mal estranho a que vim
Bem descontente de mim,
Naõ da cauza de meu mal.
E se ante amor tambem val
O padecer por vontade,
Aguas, que com liberdade
Buscais o fim dezejado,
Testimunhai meu cuidado;
Sois claras, falai verdade.

No fim destes versos, que Lereno dizia com a lembrança em outras horas, que naquella ribeira gastára com mais contentamento, tomava o çurraõ para seguir seu caminho, quando o atalhou Pireu, hum nobre guardador, que naquellas partes apascentava: e depois de lhe offerecer repouzo, e gazalhado em sua cabana, lhe perguntou a cauza de seu apartamento. Mas elle, que com tanto cuidado a encobria, e naõ pôde dissimular queixumes, os lançava todos á ventura, que o perseguia, e a quaõ mal lhe respondia o fruto de seu rebanho nas ribeiras do Lis, havendo por desgraciada sorte a de quem tinha por madrasta a natureza. Pireu o consolava, pondo em o tempo a esperança, e remedio de sua vida, facilitando-lhe a mudança de todas as coizas della. A estas razoens dava Lereno outras de magoado, e com ellas se despedio do pastor, que contra sua vontade lhe deu licença. Elle se recolheu ao lugar; e Lere-

no

no tomou o caminho por fóra delle: e naõ tinha andado muito, quando vio que diante hia cantando hum estrangeiro com o cajado ao hombro, e parecia tam bem a sua voz, que Lereno apressou o passo para ouvir de mais perto a cantiga, que era esta:

Trabalho por esquecer
Hum cuidado, que me mata:
E quando peor me trata,
Entaõ menos póde ser.
Este mal, que assim me cansa
Por quem tanto me desvello,
Sem nunca lhe achar mudança,
Como vive da lembrança,
He o remedio esquecello,
Porque he parte da saude.
O trabalhar pela ter:
Inda que ninguem me ajude
Por ver se isto tem virtude,
Trabalho por esquecer.
Naõ me ajudo da razaõ,
Porque vejo que naõ val,
Que amor tem de condiçaõ
Para males de affeiçaõ
Naõ dar razaõ para o mal.
Depois que me fez cativo,
Nenhum respeito me cata;
Só quer que em tormento esquivo
Morra sustentando vivo
Hum tormento, que me mata.
Este mesmo se defende
Do remedio, que lhe dá
O dezejo, que o pertende;
Porque mal se esquecerá
O que de contino offende,

Effei-

Effeitos tam desiguais
Naõ os soffre a dor que mata;
Que entaõ me atormenta mais,
Quando dá móres sinais,
E quando peor me trata.
Fiz-me já tam differente,
Que nem de mim sou lembrado
Quando me tenho prezente.
Tudo a sorte em mim consente;
Nada contra meu cuidado.
O tempo, nem a ventura
Contra amor naõ tem poder:
Cuidado, que elle assegura,
Quando esquecer se procura,
Entaõ menos póde ser.

Acabando de cantar o que caminhava, voltou os olhos para traz ao pizar dos passos vagarozos que soavaõ; e vio o pastor, que para o ouvir se hia detendo: esperou-o, e depois que se saudáraõ, lhe disse Lereno: Com o gosto da tua cantiga me esqueci do trabalho do caminho; e com a lembrança, que me fazia na alma, me dobrou a dor de huma saudade com que parti esta madrugada. Por tua vida que vás por diante, se naõ he differente teu caminho; que naõ sei eu quem naõ rodee muitos por te ouvir. Certo (respondeu elle) que ou tu deves trazer o juizo affeiçoado a tristezas, ou me queres persuadir algum engano. Saberás que eu canto (e para melhor dizer) choro por costume, e naõ faço dás palavras mais accento; que como os suspiros as levaõ por esse ar desordenadas; o meu caminho he para o Mondego: se para lá he o teu, poderei seguirte; que grande allivio he para os trabalhos

a

a companhia, quando elles naõ saõ taes, que chegaõ a fazer aborrecella, e á propria vida: e posto que eu da minha soû pouco contente; terei por grande interesse ser teu companheiro. Por certo (respondeu Lereno) que mo pareces no cuidado mais, que na jornada; e se tal he, devo á ventura achar o que buscava, naõ lhe tendo nunca outra igual obrigaçaõ: e para a verdade do que suspeito, dize-me quem es; e para onde, ou porque caminhas. Já naõ posso (tornou elle) negar o que me pedes. A mim me chamaõ Menandro, e nasci na ribeira do Tejo, onde me apartei ha poucos dias: por fugir a huma razaõ, que tinha para viver desesperado, vou ao Mondego, e dahi determino passar adiante a buscar hum pastor meu conhecido, que por hum cazo estranho se apartou da nossa ribeira. E pois o tempo, e o caminho dá licença para tudo, e a tua inclinaçaõ naõ parece desaffeiçoada, contarte-hei huma *historia* digna de eterna lembrança.

Nas ribeiras onde nasci, que a nenhuma das do mundo daõ vantajem nas graças com que as outras se engrandecem, havia duas irmás, e bem nascidas pastoras, que tanto no grau da formozura eraõ iguaes, como no do parentesco, e entre ellas fazia maior amizade, além da obrigaçaõ do sangue, a similhança do parecer, e partes sobrenaturaes, que cada huma tinha; e porque era esta affeiçaõ justa, e verdadeira, colhiaõ igualmente o fruto della: mas amor, que a ninguem consente segura liberdade, fez que a menor dellas, que Doriza se chamava, com tam sobeja affeiçaõ amasse a Linceu, que em seus olhos perdesse a lembran-

ça

ça de tudo o mais que naõ era gozallos: e porque o paſtor naõ tinha nella os ſeus por mal empregados, pagavalhe igualmente o ſeu dezejo, e tratava os ſeus amores com Montea, que era outra irmã de mais idade, e comigo, que entaõ a ſervia, e naõ mal galardoado de ſua vontade. Foi o tempo apurando eſtas affeiçoens, e era o amor entre todos perigozo, e o meu, e de Montea mui favorecido, porque com eſte alento toma elle ouzadias: entre ellas, e a eſperança de alcançar fim ao que dezejava, me foi forçado apartarme daquelle lugar por algum tempo; e parte do que durou o meu deſterro (que eu tinha por tal em auzencia de quem ſenhoreava meu cuidado) tratava Linceu de meus amores, dava as minhas cartas a Montea, e a mim mandava as ſuas com a fé, que em taõ igual amor era devida; porém como elle he hum enleio, e ſó delles ſe ſatisfaz, moſtrando em ſemrazoens ſeu poder, e tyrannia, ordenou que eſte Linceu ſe affeiçoaſſe á minha paſtora, eſquecendo o muito que a Doriza queria; e procurando meios, com que lho deſcobriſſe, achou nella mui pouca reziſtencia, que além de ſer natural em mulheres folgarem de ſer queridas, parece que he entre irmãs mais natural huma cubiça de ſe melhorarem cada huma da outra: fóra de tudo eu eſtava auzente, e montavaõ pouco minhas lembranças; ſeguiaõ ſeus amores, e naõ foi com tanto ſegredo, que logo Doriza os naõ entendeſſe: buſcou o remedio em ſuas lagrimas, reprezentou a Linceu o que lhe devia, e á irmã a traiçaõ que contra mim, e contra ella ordenava: valeu-lhe eſte pouco; e havendo-ſe nelle por deſeſperada,

tra-

tratou de buſcar nas hervas o que em ſuas lagrimas lhe faltára, aconſelhou-ſe com Alcina, que era a que mais dellas entendia nas montanhas dalém do Tejo, buſcou algumas para o fazer eſquecer de Montea, e deitou o ſumo dellas em huma fonte, onde coſtumava beber, levando o gado; e o damno que lhe haviaõ de fazer na memoria, foi no juizo: endoudeceu Linceu, andava pelos montes fazendo deſatinos, ſuſpirava pela morte, deſpenhava-ſe dos outeiros, veio em pouco tempo a mudar a figura de ſorte, que pelo que fora o naõ conheciaõ. Doriza vendo o que fizera, com o meſmo amor com que o poſſuio, ou maior, porque com os ciumes da irmã ſe accreſcentára, veio tambem de paixaõ a endoudecer. Montea, que já ſabia a cauza deſte eſtranho ſucceſſo, e vio a paga que ambos tinhaõ de ſua cubiça, veſtida em habito de paſtor deſappareceu; huns dizem que com temor de que minha prezença accuzaſſe ante todos ſua maldade, outros que para buſcar remedio ao perfido Linceu. Eu triſte, que de tudo vivia auzente, e deſcuidado, vinha para lograr o fruto de minhas eſperanças aſſaz contente; achei eſtas novas, voume atraz meu deſtino, ou a buſcar Montea, ou viver deſeſperado mais perto da morte, enjeitando a vida ſem goſto, e com tantos deſenganos.

Eſta hiſtoria acabou Menandro com muitos ſuſpiros, e algumas lagrimas, que deſcuidadas lhe cahiaõ pelo roſto, e o companheiro ficou mudo, vendo a differença dos males, que a ſorte ordena: e naõ lhe parecendo já os ſeus tam rigorozos, começou a conſolar com algu-

mas razoens o paſtor eſtrangeiro: e porque niſto ſe gaſtou a maior parte do dia, e ſe lhe cerrou a noite entre huns cazaes, a paſsáraõ nelles; e em amanhecendo, vieraõ alcançar o Sol a hum formozo lugar o mais celebrado em freſcura, e graças da natureza, que todos os que eſtaõ ao longo do Mondego: e ſentando-ſe entre mui eſpeſſas rozeiras, que eſtavaõ tecidas ao pé de altiſſimas faias, e alamos brancos, defronte donde hum copiozo ribeiro, cahindo de huma rocha abaixo, com hum ſaudozo eſtrondo vem encreſpando em eſpuma as criſtalinas águas, de que o ar eſtá eſpalhando perpetuamente hum miudo borrifo, que como nuvem, na maior força do Sol eſtá orvalhando as flores de todo o valle, alli depois de deſcançarem tirou Menandro huma temperada lyra, a cujo ſom cantou Lereno o ſeguinte:

Aguas, que penduradas deſta altura
Cahis ſobre os penedos deſcuidadas,
Aonde, em branca eſpuma levantadas,
Offendidas moſtrais mais formozura:
Se achais eſſa dureza tam ſegura,
Para que porfiais, aguas canſadas,
Ha tantos annos já deſenganadas,
E eſta rocha mais aſpera, e mais dura?
Voltai atraz por entre os arvoredos,
Aonde os caminhareis com liberdade,
Até chegar ao fim tam dezejado.
Mas ai, que ſaõ de amor eſtes ſegredos;
Que vos naõ valerá propria vontade,
Como a mim naõ valeu no meu cuidado.

Muito bem pareceu a Menandro o ſoneto, cujos accentos com o ſom das aguas, que alli quebravaõ, faziaõ huma ſaudade cubiçoza a animos

mimos affeiçoados ; e querendo-lhe dar as graças de quaõ bem o cantára, elle as naõ consentio, antes se alevantou para seguirem seu caminho ; o qual fizeraõ por entre graciozos pomares, e verdes larangeiras, onde entre as novas folhas alevantavaõ seus tenros frutos a natureza, semeando o chaõ de varias flores, que dos mais altos ramos se despediaõ, fazendo com isto mais formozo o deleitozo tempo da primavera : e porque a verdura daquellas arvores, o cheiro das flores, o murmúro das fontes de cristal, que em cada ribeira brotavaõ de entre as hervas, e alvas pedras, a harmonia dos passarinhos, que dos ramos se penduravaõ ; hiaõ detendo os olhos a cada passo, foraõ perto dalli passar a força da calma ao pé de huma pequena ermida, levantada sobre dous penedos, em cuja roda para a parte do campo nascem tres fontes de agua formozissima, e ajuntando-se em hum graciozo ribeiro, vaõ pelo pé de muitos freixos, e salgueiros em companhia, até entrar no rio em hum quieto remanso, onde parece que as espera. Assentaraõ-se os dous pastores à vista da primeira fonte, que desce da raiz de huma figueira brava, que faz cahir as aguas em espelho, cobrindo no alto, por onde passa, huma concavidade do penedo, cheia de verde avenca, e douradinha, que com aquellas vidraças do liquido cristal fazem sua verdura tam formoza, que nunca ricas esmeraldas, e preciozos diamantes tiveraõ para os olhos tanto preço ; accrescentando a este lugar a graça, com que as aguas cahindo do alto se espraiavaõ em hum largo seio de branca arêa ; onde as aldeans dos montes vizinhos costumaõ la-

 var

var as talhas; e encrespar os toucados: e naõ passou muito; que viraõ quatro serranas; que vinhaõ para a fonte com as beatilhas dobradas sobre os cabellos; como naquelles montes he costume; e nellas os cantarinhos pedrados; e cantavaõ ao seu modo estas cantigas:

Mancebo do prado,
Naõ tragais espada,
Porque, onde ha taes olhos,
Para que saõ armas?

Mancebinho louro,
Andai descoberto,
Tomareis mil almas
No vosso cabello.

Tornaime os meus olhos,
Mancebo do verde,
Que andaõ traz de vós,
E naõ sabeis delles.

Tornaime meus olhos,
Mancebo do rocho,
Que vaõ da minha alma
Para o vosso rosto.

Naõ quero ser dama
Do dos olhos brancos,
Que tem mil amores,
E nenhum cuidado.

Naõ quero ser dama
Do dos olhos negros,
Que tem mil amores,
E nenhum segredo.

Vindevos, meus olhos,
Vindevos da serra,
Naõ vos queime o Sol,
Que vos tem inveja.

Poi

Bois fiquei na serra,
Vinde-vos do campo:
Que quem ama muito
Naõ espera tanto.
Fora-se o meu damo
A lavrar no monte;
Quero-me ir com elle,
Naõ venha de noite.
Fora-se o meu damo
A gradar no valle,
Quero-me ir traz elle,
Que outrem naõ lhe agrade.
Lume dos meus olhos,
Se fores á villa,
Levaime nos vossos,
Vireis mais azinha.
Pois ides á villa,
Ninguem vos contente,
Que os rostos toucados
Muitas vezes mentem.

Era tam alegre o cantar das serranas, e pareciaõ tam bem com aquelle rustico traje, afrontadas do Sol, e descalças pela agua do ribeiro, que, posto que os dous caminhantes gastavaõ os sentidos em outra lembrança, naõ poderaõ negar naquella vista contentamento: e huma dellas na cór preta, nos olhos engraçada, e nas palavras mais livre, disse para elles quando os vio defronte: Por amor de mim, pastores, que deixeis o lugar, porque he de quem nelle me parece melhor que vós. Ao que Lereno respondeu: Naõ podeis vós logo dar esse a outra, que melhor pareça; e se eu deixar este por vosso gosto, será por outro donde mais ao meu vos veja; que sem isto obe-

decer-

decervos fora aggravarvos. Bofé paftor, que erraste na efcolha (diffe huma das outras) que em qualquer de nós a tinheis melhor ; porque esta ferrana fez já a sua onde está bem empregada : vejo-vos para os amores boas palavras, e ruim partido. Por essa razaõ o tenho eu melhor (disse Menandro) que ainda naõ escolhi ; e porque naõ aconteça o que a elle, desenganaime qual de vós está sem affeiçaõ. Eu, que nunca a tive a quem me quiz bem (respondeu a primeira) falai comigo que sou para tudo, e vós pelos signaes meu namorado. Naõ sejais tam sôfrega (disse elle) que roubeis o alheio ; contentaivos com meu companheiro, que o naõ podemos ser nos amores : mas se a pastora do branco vive sem elles, e quizer os meus, ficarei nesta terra por soldada á sua conta, ainda que vejo que faz pouca desta vontade. Nenhuma tenho (respondeu ella) de aceitar amores tam apressados, porque nunca pago serviços d'antemaõ ; e pois esta pastora me ganhou por ella, e vos quer por servidor, naõ sejais ingrato. Bem podereis (disse elle) enjeitarme sem me aconselhar ; que vos naõ queria para terceira : porém o pouco espaço, que aqui me detenho, fará que aceite o conselho. O meu he (disse a outra) que em quanto lavamos as talhas canteis alguma cantiga, pois ao parecer sois do Tejo, onde saõ as melhores. Eu, disse Lereno, nada farei sem interesse ; e posto que naõ sei cantar, me offereço, se me ajudar meu companheiro. E porque elle se naõ negou, cantáraõ ambos :

Mal pelos meus olhos,
No que amor ordena ;
Que elles tem a pena.

Meu

Meu dezejo vaõ
Tenha toda a culpa,
E quem nelle culpa
A meu coraçaõ;
Que só pagaráõ
Meus olhos a pena
Do que amor ordena.

Deste meu querer
Amor foi sem fim,
Que, sem verme a mim,
Vos quizeraõ ver;
Se he contra o poder
Do que amor ordena,
Elles tem a pena.

Já me arrependo (disse a Serrana do branco) de me mostrar esquiva á tua boa vontade; quiçais, se ma offereceras cantando, que obrigáras a minha com maior força, pois a teve agora a tua cantiga para te olhar com mais brandura, que he coiza assás alheia de minha condiçaõ. Naõ no parece ella logo do teu rosto (tornou Menandro) porém já que te soube contentar, ainda estás em tempo de me restituir. O pouco, que te has de gozar deste engano (disse ella) me fará mais liberal. Naõ consinto (atalhou a primeira) que entreis tanto pela terra dentro nos favores, e obrigaçoens. Pastores, desenganai-vos que nenhuma de nós sabe querer bem, senaõ a si: vivemos de dar em que entender a todos, e de naõ entender a nenhum. Levamos boa vida de a dar má a quem nos serve. Nada nos contenta senaõ o que nos naõ custa. Ha mais enganados nesta serra com nossas palavras, do que ha galardoados de nossa affeiçaõ. Eu sou hum pouco de melhor natureza que minhas companheiras: naõ quero que desta graça se vos pegue alguma imaginaçaõ, com que a deixeis do sizo; que conheço muitos, que com menos cauza o perderaõ. Ajudai-nos a levantar os cantaros, já que aqui vos achastes; que sempre á conta deste favor direis hum par de torcidos. Hora (disse

Lere-

Lereno) nunca encontrei com gente que tanta podesse levar apoz si ; digo-vos que falais taõ bem como pareceis, e que o que, sobre desenganado vos naõ servir, desacerta em tudo. Naõ nos deixeis tam de pressa por vossa vida. E vós (respondeu ella) naõ vos affeiçoeis tam de vagar, que desacreditais o nosso costume, que no primeiro encontro ferimos, matamos, e roubamos como salteadores ; e naõ ha liberdade, que pare ante nossos olhos, que com elles temos feito a Amor hum esfola caras ; e vós a cabo de tempo, e com muita freuma cahistes na razaõ : por vos naõ esperar outras, ficai embora. E tomando o cantaro fizeraõ as outras o mesmo, e com grande rizada foraõ pelo valle assima, deixando-os na borda da fonte ; dalli foraõ continuando seu caminho pela subida de hum valle assaz pedregozo até chegarem ao cume de hum monte, donde começaraõ com os olhos a descobrir a vagaroza corrente do Mondego, que em curiozas voltas se detinha por naõ chegar ao mar, onde perde o nome, e o sabor de suas doces aguas : e porque se detiveraõ em contemplar os sumptuozos edificios, e altos templos da famoza cidade de Coimbra honra, e gloria da Luzitania, e aos aprazíveis lugares, e quintas de que está rodeada, e era já tarde, disse Menandro para o companheiro com muito sentimento : Nem o bem de tua conversaçaõ me consente a ventura ; porque aqui se aparta o nosso caminho, que o meu he por fóra do lugar, e hei de passar hoje da outra parte do rio. Vai embora, pastor, tua viagem, guie-te boa estrella ; que a minha he tal, que até esse bem me tira : e se alguma hora tiver des-

descanço, que já naõ espero, e te vir com elle, faremos lembrança destas horas magoadas. Dê-te o Ceo (disse Lereno) o que dezejas, e nos torne a encontrar menos queixozos; se alguma hora ouvires nomear a Lereno natural do Lis, sabe que tens nelle esta vontade: e nisto com hum abraço se despediraõ cada hum para sua via, e seu cuidado, iguaes na pena, e desigual a cauza della.

Floresta Segunda.

POr entre huns altos amieiros, que entaõ com mais escura sombra se retratavaõ no Mondego, caminhava Lereno ao longo delle pouco espaço de huma aldea, onde o dia dantes se lhe acabára: e porque era tam sujeito ás lembranças, e tristeza de seus cuidados, que naõ perdia tempo, e lugar, que lhe renovasse nellas o sentimento, assentou-se ao pé de hum antigo tronco junto da riba, onde os passaros, que madrugáraõ mais por esperar o Sol, com sua melodia acordavaõ pensamentos de saudade, e onde á vista das aguas, que passavaõ, a formozura do Ceo, que a manhã variava de mil côres, e o movimento dos ramos, que o cobria, estavaõ reprezentando ao sentido hum saudozo queixume; tomou elle para os seus o instrumanto, e, em quanto os passaros para ouvillo se caláraõ, assim dizia:

Sabe o Sol dezejado,
Dá aos campos a côr, o ser ao dia,
O pasto ao manso gado:
Correndo vem traz elle a noite fria,
Onde já sua luz naõ resplandece;

E

E alli quando amanhece
Nòs deixa conhecer
Que para apparecer desapparece.
Hum dia vai fugindo ;
E o que corre traz elle nos alcança ;
E todos se vaõ rindo
De meu engano vaõ , minha esperança :
Que , por mais que a ventura me desvia ,
Vivo nesta porfia ,
Seguindo meus enganos ,
Esperando em mil annos hum só dia.
Com taõ cego dezejo ,
Que melhor lhe chamára desatino ,
No Lis , Mondego , e Tejo ,
Hora vaqueiro , e hora peregrino ,
Espero huma mudança da ventura :
Mas está taõ segura
No mal , em que a busquei ,
Que já por meu mal sei que elle só dura.
Por fugir o perigo.
Busco , deixando a minha , a terra estranha :
Mas como vou comigo ,
E ainda este perigo me acompanha ,
Tanto mais cresce o mal , que me desterra :
Naõ val mudar a terra ;
Que a tal estado vim ,
Que eu a mim , donde vou , me faço guerra.
Formoza minha inimiga ,
Em cujas maõs ventura a tantos poz ,
Bem he que eu me persiga ,
E seja contra mim , por ser por vós ;
Mas naõ tenhais taõ dura opiniaõ ;
Que se este coraçaõ
Ambos tam mal tratamos ,
Ambos com elle uzamos semrazaõ.

Que

Que culpa teve mór,
Que amar, sem conhecer o que fazia?
A culpa teve amor,
Que me naõ deixou ver mais que o que via;
Assim foi temerario meu emprego,
Que em tal desasocego
Naõ via meus defeitos;
Que amor para respeitos se fez cego.
E se isto me condemna,
E para amar-vos erra quem se atreve,
Basta já tanta pena
Para huma culpa, pois que foi tam leve,
Tomai, senhora, o mal que me ficou,
Vereis no que vos dou
Que ainda me estais devendo;
Naõ fique padecendo quem pagou.
Mas ah que este desenho
He chamar mal ao mal que me cauzais;
Quando, pelo que tenho,
Vos fico inda devendo muito mais.
Já me rendi ao pouco que mereço:
E assim, pastora, peço,
Por me entregar no mal,
Que sejais liberal no que padeço.
Já vos dezejo dura,
Esquiva, ingrata, varia, fementida,
E a mim mais sem ventura,
Sem esperança, liberdade, e vida;
Mas naõ sejais ingrata, e enganoza,
Nem inconstante, iroza:
Naõ o digo por mim;
Mas naõ podeis assim ser tam formoza.
Se a força de meu fado,
Vós dessa natureza tam alheia,
Por mal do meu cuidado,

Teme

Temo que ingratidaõ vos torne fea;
E se isto me tirára o pertendervos,
E perdêra o querervos:
Ah nunca seja tal,
Que o meio de meu mal seja offendervos.
Se me sois homicida
De minha vida, e minha liberdade,
Que quero eu mais da vida,
Que perdella por vós com saudade?
Que quero mais, que as lagrimas que choro,
Ou no valle aonde moro,
Ou por este em que ando,
Aonde a amor vou pagando o mesmo foro.
Se lá, aonde ficastes,
A semrazaõ vos vier á memoria,
Com que me desterrastes,
Naõ quero nesta guerra outra victoria:
De tudo o meu dezejo desapossо;
E do que esperar posso
Hei por melhor partido
Este de andar perdido por ser vosso.

Acabou o pastor auzente este seu canto, a que as aves magoadas parece que respondiaõ, quando já o Sol apparecia no cume dos altos montes, virando o rosto por entre os ramos, vio vir para elle huma formoza pastora guiando as ovelhas, cujo rosto, e trajo reprezentavaõ a tristeza, que na alma tinha: e com palavras, em que a mostrava, depois de a saudar lhe disse: Naõ julgues mal, pastor, esta licença; que teve tanta força o sentimento de teu canto, que me fez perder o respeito a meu estado para te buscar. Ouvi a tua cantiga, e pareceu-me a voz estranha, mas os versos tam naturaes ao que na alma sinto, que suspeitei

que

que havia em ti amor; o que de homens ha muito que naõ creio. E se agora comtigo me enganos, ainda sabes melhor fingir do que eu sei duvidar: porém se teu cuidado he verdadeiro, hei por bem empregado este atrevimento. Formoza pastora, respondeu Lereno (ainda que te convinha mais outro nome) naõ te póde dar culpas quem com tua prezença se livra de tanta pena: e naõ em balde quero bem a meu mal, pois de seus effeitos me nasceu esta gloria: delle podes crer que he verdadeiro, e de meu canto, que naõ he fingido quando te descontentasse: de ti quizera eu perguntar muito; mas nem o lugar he de ambos, nem estou seguro em tua vontade. Essa (disse a pastora) he tal, que nem quero que a suspeita do lugar me tire de ouvir: e para que essa razaõ te naõ escuze, saiamos ao prado, que o público nos dará mais liberdade. Logo Lereno tomando o çurraõ, que nos ramos tinha pendurado, se sahio de entre elles; e pondo-o sobre hum penedo, que no valle estava, encostado a elle, e a pastora ao seu cajado, lhe pedio ella que lhe dissesse o seu nome, a terra donde era, e o que naquella buscava. Ao que o estrangeiro com estas palavras respondeu: Ha tam pouco que saber em mim, que a tudo respondo com o que vês: porque o nome, se elle declara o ser de quem o tem, a tristeza mo deu; terra naõ a tenho, porque nenhuma me consente; o que busco nesta, he o que mais dezejo perder; e sommado isto, sou hum triste, e peregrino, que busca a vida, que aborrece: porém se esta verdade só te naõ satisfaz, o meu nome he Lereno; nasci entre as frescas ribeiras

do

do Lis, e Lena, terra favorecida do Ceo, celebrada de paſtores, rica de formozas paſtoras: e porque era tal a minha patria, naõ quiz a ſorte que com as poucas ovelhas, que me deu, nella viveſſe, nem que ſó aos males, que a meu eſtado conformes tinha, baſtaſſe o ſoffrimento: buſco os campos do Mondego para guardar outras cabras, ter outra vida, naõ outro cuidado, mas viver auzente da cauza deſte, até que o tempo deſengane minha eſperança. Iſto ſó me perguntaſte. E o mais, que eu podéra dizer (pois ſaõ males) naõ quero ſer ſobejo; e nenhum delles conſentirei que tenha lugar antes de ſaber de ti, porque niſto tenho eu por acerto ſer importuno, peço que me digas o nome, e alguns ſignaes de teu cuidado, que bem conheço no roſto digno de dar muitos, que naõ devem faltar no coraçaõ. O meu nome (diſſe a paſtora) he Althéa; o que me pedes de meu cuidado, o maior, que tenho, he encobrillo; que, pois do remedio tenho pouca eſperança, quero para mim ſó o tormento delle: com tudo folgarei de ſaber a cauza que te obriga a pergunta llò. A companhia no mal (tornou Lereno) muitas vezes he remedio, e quem padece folga de ver que naõ he ſó; e hum enfermo dezeja de alcançar os remedios, que o outro uza, para mitigar a meſma dor que ſente: e fóra eſta razaõ, me obriga a mim ſaber ſe no damno de teus males ſou tambem culpado; porque he de crer, ſe algum paſtor te offende, que a todos os outros deixou com culpa. Tanto podem eſſas razoens (diſſe Althéa) contra meu ſegredo, como o teu canto para me trazer a eſte lugar: porém temo

que,

que, em me vendo leve em communicar meus damnos, perca a boa opiniaõ em que me tinhas. De mim a terei eu boa (replicou elle) se merecer a confiança de teu cuidado, para o qual offereço hum coraçaõ leal, e huma fé muito verdadeira: porém se isto naõ he tua vontade, e receias perigo em a que te mostro, antes quero offender a meu dezejo, que a teu gosto. A estas palavras naõ respondeu Althéa; antes obrigada dellas, e suspensa no que queria dizer, mudou mil vezes a côr, fazendo-se com cada huma dellas mais formoza: e depois de pouco espaço, atraz de hum sentido ai, que de dentro da alma vinha, nestas palavras começou o seguinte:

Pois se melhora o mal communicado,
Pois dá allivio o sentimento alheio,
E hum tormento de amor mal empregado,
Só á lingua deixou tam triste meio:
Ouve a cauza, pastor, de meu cuidado,
Que contar já naõ posso sem receio;
Porque, se em ti de amor vejo sinais,
Naõ tinha menos quem me levou mais.

Mas esses olhos teus, que antes choravaõ,
Quando com mil suspiros me chamaste,
Naõ saõ huns, que com mostras me enganavaõ,
Differentes tambem das que mostraste:
E se com razaõ justa se queixavaõ
Aquelles brandos versos, que cantaste,
Em ti espero achar consolaçaõ,
Porque buscar remedio será vaõ.

Livre fui no principio de meus annos,
A's leis de amor izenta, e fugitiva;
Mil vezes me offereceu doces enganos,
Quando me vio para elles mais esquiva:

Mas

Mas como izentáraõ peitos humanos
Huma vontade só de amor cativa,
Tanto este em fim venceu minha porfia;
Que, vim a amar a quem me naõ queria.
Era no tempo, quando a nossa Aldea
De luzidos pastores florecia,
Quando era campo, valle, e serra chea
De muzicas, de festas, de alegria:
Vivia Eliza, Filis, Galathéa,
Silvia, Learda; e eu tambem vivia;
Que agora, neste estado tam cativo,
Melhor posso dizer que já naõ vivo.
Pastava neste valle (ah sorte dura,
Quam pouco dura hum bem, que custa tanto!)
Hum pastor natural de Extremadura,
Que em tudo extremo foi, em tudo espanto,
No juizo, no rosto, na figura,
Na graça, no lugar, no doce canto;
E porque diga tudo mais barato,
Tudo tinha, mas teve ser ingrato.
A inimiga sorte, o cego Amor,
Por se vingar de minha tenra idade,
Trouxe ao nosso valle este pastor,
A quem dei pela vista a liberdade:
Logo que o vi, de mim se fez senhor;
E inda este naõ quiz sello por vontade,
Ouvi-o, e vi-o, e nelle tanto vi,
Que inda agora acho pouco o que perdi.
Em quanto encobrir pude a chamma ardente
(Pouco se dissimula esta doença)
Julgara quem me vira facilmente,
Sem conhecer a cauza, a differença:
Buscava-o entre as féras, e entre a gente,
(Que este dezejo a tudo dá licença)
Entre o gado, entre as féras, entre abrolhos;

Sem-

Sempre era mais formozo nos meus olhos.
Hum dia, assim vencida do dezejo,
Determinei mostrarlhe meu tormento:
Eis a vergonha em vaõ, eis o despejo,
Cada qual já vencia o soffrimento:
E em quanto entre contrarios taes pelejo,
Sem se determinar meu pensamento,
Huma manhã (que em tantas esperava)
O fui buscar ao valle onde pastava.
Era no mez quando esse pastor louro,
Que já guardou de Adméto o manso gado,
E abraçou convertida em verde louro
A cauza principal de seu cuidado;
Buscava os cornos já do branco Touro,
Que de Pasiphae foi gram tempo amado,
O Tempo, o Prado, o Valle, o meu Pastor,
Tudo mostrava estar cheio de amor.
Estava elle lançado na verdura,
(Ah que inda meu chamar lhe naõ podia)
E dalli dava graça, e formozura
A tudo, o que do valle descobria,
Lavando o rosto em huma fonte pura,
Que entre as verdes hervas se escondia,
Deixando com seu curso desigual
Borrifadas as folhas de cristal.
Ouvia alli da linda Filomena
Por entre o arvoredo o doce canto,
Que assim contar sabia o mal da pena,
Que enlevava os sentidos no seu canto
A purpurea Roza, e Açucena
Esmaltavaõ da terra o verde manto,
E Zephyro encrespava brandamente
As cristalinas aguas da corrente.
Cheguei com o rosto pallido, e sem côr,
Que o coraçaõ do sangue se ajudava;

Mas o que me tirava eſte temor,
A vergonha dobrado'me tornava:
Diſſe-lhe o que por mim lhe diſſe amor;
Que eu naõ creio de mim que entaõ falava,
Porque, quando falarlhe pertendia,
Lagrimas por palavras lhe dizia.
Elle movido á dôr, e a ſentimento,
Que tudo começou logo em meu damno,
Facilitou tam grande atrevimento,
Moſtrando a tudo o roſto mais humano;
De receios livrou meu penſamento,
Ou foſſe por amor, ou por engano,
Moſtrando que eu lhe fora offerecer
O que elle naõ ouzava a pertender.
Iſto dizia, e começava quando
Para o valle deſcia hum guardador,
Que atraz do ſeu rebanho vem bradando,
Negras ovelhas traz da propria côr.
Fui-me eu, por me naõ ver, longe apartando;
Foi-ſe para outra parte o meu paſtor:
Ah quem entaõ olhára eſte ſignal,
Para ſer profetiza de ſeu mal!
Mil effeitos de amor, delle ordenados,
Alli vi nos ſeus olhos enganozos,
Do peito mil ſuſpiros namorados,
Da lingua mil queixumes amorozos,
Iguaes moſtrava amor noſſos cuidados;
Mas ſó foraõ os meus os perigozos,
Igualou-me nas moſtras como amante,
Venceu-me por meu mal em ſer conſtante.
Paſſou tam brevemente eſta alegria,
Que a tinha o coraçaõ por falſidade:
Deſte ſonho porém, que o parecia,
Paſſei a larga noite em ſaudade.
E ainda bem a manhã naõ trouxe o dia,

Por-

Porque madrugou mais minha vontade,
Quando no valle, onde nos apartámos,
Ambos a hum mesmo tempo nos achámos.

Veio, que ainda a mim me pareceu
Que temer que o buscava mo detinha;
E em hum amorozo abraço recebeu
Por entre os braços seus esta alma minha,
(Ah quem alli rompera o mortal véo
Para a alma ficar com quem a tinha)
E porque neste só me fora escaço,
Tornei de novo a darlhe hum novo abraço.

Passei dias, e mezes neste engano
(Triste, quem nunca delle fora izenta!)
Passou hum anno assim, passou outro anno,
E esta minha affeiçaõ mais se accrescenta:
Naõ temi nas bonanças este damno,
Nem em tam doce tempo tal tormenta;
Quem julga o que ha de ser pelo comesso,
Bem merece que tenha tal successo.

Quantas vezes ao valle, onde pastava,
O seu gado levava por falarme,
Aonde mil brandos versos me cantava
Ao som do seu rabil por contentarme!
As arvores, e as aves ensinava
Com amorozo accento a nomearme;
E agora tal estou no que padeço,
Que pelo nome a mim me desconheço!

Quantas vezes dos Faunos estorvados,
Fogindo ao mais espesso da floresta,
Ao longo deste rio recostados,
Tinha-mos o rigor da ardente sésta
Debaixo destes freixos levantados,
Que faziaõ a estancia mais honesta;
E alli a relva, e folhas, que cahiaõ,
De saborozo leito nos serviaõ?

Quantas vezes, correndo a secca praia,
O seu nome escrevi na branca arêa?
Quantas vezes no pé desta alta faia,
Que com troféos taes ainda se arrêa,
O coraçaõ, e a vista se desmaia?
Que quando a saudade diz que o lêa,
Com elle sobe ao Ceo contente a planta,
E fogindo os meus olhos o levanta.
Mas porque vou fazendo larga historia
Do bem que hum breve espaço se deteve,
Para que conto da passada gloria
O que ao mal prezente só se deve?
Fica o bem para males na memoria;
E por ficar melhor sempre he mais breve:
Amei, gozei, vivi leda, e contente;
Amo, padeço, e morro, triste, auzente.
Naõ sei que estrella foi contraria minha,
Que este transe cruel me destinou,
Que, quando meu pastor mais firme tinha,
Entaõ diante meus olhos o apartou.
Força de estrella foi, que assim convinha:
Eu a senti tambem, elle a mostrou
Quando me disse: Ah naõ me ponhas culpa;
Que o fado, que me obriga, me disculpa.
A razaõ nunca soube da partida,
E pertendi sabella delle em vaõ:
Mil vezes lha pedi; e arrependida
De importuno accuzava o coraçaõ;
Té que me disse já na despedida:
Naõ me aparta de ti nova razaõ;
A semrazaõ me apparta de meu fado;
Mas naõ me apartará de meu cuidado:
Que se a mesma fortuna, que me guia,
A quem meu poder fraco naõ reziste,
Ao cabo levar sua porfia,

Sem

Sem levar juntamente a vida triste;
Eu tornarei a ver-te onde te via,
Pois em te ver meu bem todo consiste.
Naõ queiras saber mais de meu segredo,
Que ou sedo morrerei, ou virei sedo.

E nisto com hum abraço mais estreito
Amor os nossos rostos ajuntava,
Tirando a cada hum do ardente peito
Lagrimas, que nos olhos misturava.
Os que apartou a ventura a seu direito
Tam juntos tinha amor, tanto apertava,
Que nem o ar da tarde fresca, e fria
As palavras, e os rosto dividia.

Foi-se, naõ sei quando se apartou;
Que os meus olhos com lagrimas naõ viaõ:
A voz cançada á lingua se apegou;
Mas os suspiros tudo lhe diziaõ.
Elle de longe o rosto me voltou;
E em o vendo estes olhos, que o seguiaõ;
Sobre as hervas cahi triste de bruços,
Em lagrimas, suspiros, e soluços.

Fiquei sem vida alli por grande espaço,
Signal que quem a tinha era partido:
Acordei revolvendo o corpo lasso
Sobre a miuda relva amortecido;
Depois com saudozo, e lento passo,
Enganando de novo meu sentido,
Para a triste cabana fui cuidando
Se o meu pastor viria, donde, e quando.

Hum anno ha que sustento esta esperança,
Que elle em lugar da vida me deixou:
Esperava da sorte huma mudança;
Ah que para meu mal já se mudou.
Já troquei nesta vida a confiança,
Já o cuidado o meu pastor trocou;

Já tenho certo o mal que duvidava;
Já achei na ventura o que buscava.

Hum guardador de cabras lá do Minho,
Que foi do Tejo a ver a praia rica,
Hum mez ha que encontrei neste caminho,
Que á maõ esquerda atraz do monte fica;
E como o vi passar de mim vizinho,
E quem cuidados tem tudo lhe applica,
Detive-o: pergunteilhe donde vinha;
Que amor para o seu fim logo encaminha.

Acazo (e naõ vi cazo mais estranho)
No meu pastor falei (que naõ falára)
Quando suspenso o vi, e hum ai tamanho
Lhe ouvi, que hum duro monte traspassára.
Eu suspensa fiquei, e o meu rebanho
O saborozo pasto desampara;
Os olhos nelle, o gado, eu os meus viro,
Por ver em que parava o seu suspiro.

Elle por naõ determe em mais perigo,
Assim quazi chorando me dizia:
Althéa, quem achára aqui contigo
Quem tam longe te traz na fantazia;
A ti espozo, a mim hum caro amigo
A sorte de invejoza nos desvia,
Naõ já guardando gado noutra serra,
Mas buscando perigos noutra guerra.

Eu o vi, e de ti nunca esquecido,
Mas da força dos fados obrigado,
Mas de amorozas pelles bem vestido,
Mas de pezadas armas carregado,
Com o duro arcabuz ao hombro erguido,
Em lugar do nodozo, e bom cajado,
Seguindo huma bandeira mal segura,
Pois era dos soldados da ventura.

Para remotas partes caminhava

Além

Além das largas aguas do Oceâno;
Fui vêllo, ah triste, quando se embarcava,
Que até alli nunca crera o desengano:
Estreito alli comigo se abraçava,
E chorando me disse: Meu Silvano,
Fica com Deos; e se te naõ vir mais,
Já da alma, sem que vou, te dei signais.
Tinha-me já contado o que passára
Nesta verde ribeira entre estas flores,
E quanto ante teus olhos alcançára
Com inveja de tantos taes pastores,
Contou-me o que partindo te ficára,
Contou-me em fim de todos seus amores;
E guardando a fé sempre a teu respeito,
Eu só fui secretario do seu peito.
Pouco antes de partirse começava
Huma carta a escrever para mandar-te;
Mas logo o tambor bellico o chamava
Com o rigor que pede o féro Marte:
Disse-me em fim que a alma te mandava,
De que melhor podesses informarte;
Que o que ante ti ficou quando se fora,
Te mandava affirmar de novo agora.
Naõ pôde dizer mais o aventureiro,
Que o vento, e o tambor nos despedia:
Foi se, e perdi de vista hum companheiro,
De que nunca terei tal companhia:
Té aqui tambem ouvia o estrangeiro,
E como o peito já tanto encobria,
Aos pés delle cahi com hum accidente;
O de mais julgue quem de amor mais sente.
Com lagrimas Silvano me acordou;
E depois nos seus olhos as deteve:
Por consolarme alli me assegurou
Da tornada do meu pastor ser breve:

Delle

Delle mil coizas outras me contou
Tres dias sós que neste valle esteve:
Foi-se, deixoume em lagrimas, e dores:
E este he, Lereno, o fim de meus amores.

Aqui acabou Althéa o discurso de seus cuidados; e atraz das ultimas palavras começáraõ a cahir-lhe muitas lágrimas, que tinha nos formozos olhos reprezadas; e naõ faltára a Lereno acompanhalla nestes effeitos amorozos, que como entrado do mesmo mal conhecia a pena delles; mas, por naõ esforçar o sentimento da pastora, com alegres mostras lhe dizia estas palavras: Formoza Althéa, conheço teu mal, e tenho delle experiencia; e pois pelos signaes, que em mim viste, me contaste teus amores, pagarte-hei com hum conselho do que eu experimentei. Naõ nego que á cauza de teu sentimento deves essas lagrimas, nem que he justa a dor que mostraõ; mas reprovo os extremos que fazes, porque saõ desconfianças semrazaõ. Que saudades te cancem, amor o pede; que a auzencia te ponha em receios, o tempo o aconselha: mas, naõ sabendo outra mudança do teu pastor, condenallo sem culpa he fiar pouco de sua fé. Os fados traçaõ nossa vida; e a quem elles obrigaõ pouca necessidade tem de outra disculpa, e tu pouca razaõ de desconfiar neste estado de teus amores; que ainda o tempo naõ venceu a fé do teu pastor, posto que a combatesse: espera, espera, e naõ desconfies; vive segura em o que mereces, e verás sedo fim ao que dezejas. A isto voltou a pastora os olhos magoados mostrando nelles hum animo agradecido á dor de quem a consolava: e porque já os pastores com os gados atravessavaõ o valle

valle para terem a sésta junto do rio, ambos se despediraõ; porque cuidados tristes naõ soffrem lugar acompanhado, posto que os males para remedio busquem companhia.

FLORESTA TERCEIRA.

PAssou Lereno o rio, onde elle assombrado dos altos montes corre com maior furia, deixando as altas arvores tremendo os ramos da arrebatada corrente, com que passa na falda da montanha, onde se fazia huma verde espessura de faias, freixos, alamos, e salgueiros, fóra muitas arvores de espinho tam cerradas, que achavaõ os raios do Sol rezistencia em seus agudos ramos, que com o pezo do dourado fruto se vinhaõ a terra regadas de saudozas fontes, que do pé da ladeira por entre toscas pedras vem caminhando, e todas se recolhiaõ em hum graciozo ribeiro. O pastor, por naõ perder a occaziaõ de tam aprazivel lugar, sentado ao pé de huma faia tirou o humilde mantimento, ordinario entre pastores, e começou a comer com muito gosto; e para maior mimo da natureza, naõ bem tinha acabado, quando do meio de hum alto canaveal, que até á areâ da praia se extendia, ouvio que ao ruido, que movidas do vento as verdes canas faziaõ, duas estranhas vozes cantavaõ o seguinte:

Quem fia da occaziaõ,
Com razaõ perde o que tem;
E se tarda quando vem,
Vem arrependerse em vaõ.
Para ficar mais segura
A que do tempo se alcança,

Nin-

Ninguem tenha confiança
No tempo, nem na ventura;
Alcance da occaziaõ
Hum só penhor, que ella tem:
Lance maõ; que, se a detém,
Verseha sem nada na maõ.
Nunca espere da ventura
Quem por sua culpa a perde;
Nem guarde esperança verde
Para colhella em madura.
Faça por ganhar de maõ
Quem tam mal, e tarde vem,
Como a idade do bem,
E o tempo da occaziaõ.
Quem se descuida em seu damno,
Toma o que o tempo lhe deixa,
Arrependimento, e queixa,
Saudade, e desengano.
Cauza de nossa affeiçaõ,
Naõ creais quem vos detem:
Vinde; que quem tarda, e vem;
Vem arrependerse em vaõ.

Enlevado estava Lereno no doce canto, e naõ menos satisfeito dos versos delle, cubiçozo de ver o donde nasciaõ aquellas vozes, que dellas julgavaõ ser coiza divina; e sedo lhe pareceu que naõ se enganára: porque ainda os sonoros accentos no ar se suspendiaõ em saudozo ecco, quando vio ir correndo por entre as trémulas canas duas Ninfas com louros cabellos soltos sobre os hombros. Estas de hum ligeiro salto se lançáraõ ao rio ao tempo que dous pescadores, que vinhaõ no alcance, apparecêraõ na praia, e se foraõ desatar a barca, que estava entre huns penedos, deixando a Lereno taõ

ma-

magoado do que lhe estorváraõ, como contente do que víra: e atravessando o canaveal, vio para huma parte delle a cova, onde antes cantavaõ as offendidas semidéas, semeada de rozas, e boninas, entre as quaes estavaõ enlaçados alguns fios de ouro, que as flores de inveja tinhaõ roubado. Levou o pastor no çurraõ destes despojos por estranheza: e começando a subir a ladeira assima, vio perto de si hum tiro de pedra hum pastor vestido em hum vaqueiro de pardo escuro, e ao lado esquerdo hum manchado çurraõ da pelle de hum abortivo novilho, e sobre os cabellos mais louros, que os raios do *Sol*, que em anneis lhe cobriaõ as fontes, e as orelhas, huma monteira de pelle do lobo. Este encostado a hum grosso cajado de enzinha escrevia em o tronco de hum alamo com muita subtileza. E porque Lereno pelo caminho havia de passar por junto a elle, duvidou se o faria: porém vendo que naõ era segredo o que de huma carta taõ aberta se fiava, hindo por junto a elle, o saudou; e o do pardo o deteve para saber de que terra caminhava; que bem conhecia no mais ser estrangeiro. Ao que elle tornou que era do Lis, e que havia tres dias que partira de suas ribeiras para aquellas do Mondego. Folgo (tornou elle) de te encontrar; que te acompanharei até o fim da ladeira, porque sou muito affeiçoado aos pastores do teu lugar pela fama que tem nesta nossa campina: e neste tempo lançou Lereno os olhos ao tronco, e vio que deixava nelle estas palavras:

Cuidados sem esperança,
Justo he que tenhais assento,

N'alma

N'alma para ſentimento,
Neſte alamo por lembrança.
Lêam todos os paſtores
Que em meu damno ſe conſente
Haver fé para hum auzente
Por faltar em meus amores.
Saibaõ que, por perſeguirme,
Houve contra meu cuidado
Homem auzente, e lembrado;
E mulher auzente, e firme.

Começando a caminhar lhe perguntou o do pardo, que lhe parecia da verdura, e graça dos campos, que dalli ſe deſcobriaõ, e as ſocegadas aguas do Mondego, que em ſaudozas voltas ſe deſpedia do pé daquella montanha? Tudo (diſſe Lereno) moſtra na terra hum paraizo, e ſó vivirá nelle em pena quem tiver a alma deſcontente; que os olhos ſem o coraçaõ mal podem ter alegria. Digo iſto, porque eſſa formozura, que aos naturaes he gloria, me dá minha ventura por deſterro; e, como eſte he forçado, nunca contenta. Grande bem he a liberdade (tornou o outro) e grande mal viver ſem ella; peça he, que todos perdem por ſua vontade; e perda, que ſe mais ſente: mas ſe a tua ficou bem empregada, naõ te queixes. Que val (tornou elle) eſtar bem empregada, ſe he mal agradecida? e ſe os males, que homem buſca, cuſtaõ mais a ſentir, porque nunca ſe chora a culpa, ſenaõ a dor? porém, deixando eſta, que agora naõ tem lugar, te confeſſo que naõ vi outro tam formozo de aguas, e arvoredos como eſte he. Sempre foraõ celebrados os campos do Mondego, e muito mais os ſeus paſtores; e bem ſe moſtra no que em

ti

ti apparece. Naõ quizera (disse elle) desacreditar a tantos comigo : mas se hoje ficas nesta Aldea, farei que vejas em muitos o que em mim falta. Nestas razoens tinhaõ já atravessado o monte, e descendo contra o penedo das saudades, já os guardadores com as roucas buzinas, e diligentes rafeiros ajuntavaõ o gado : e conhecendo a Floricio (que este era o nome do pastor, a quem Lereno acompanhava) se vieraõ a elle, dizendo que naõ era bem que passassem o valle das oliveiras sem alguma cantiga, que sem elle naõ prestava : e depois de descançar, aceitou o encargo, dizendo a Lereno que a seu respeito o fazia, e cantou o seguinte :

Naõ sei para que vos quero,
Pois de olhos me naõ servis,
Olhos, a que eu tanto quiz ?

Noutro tempo, mal peccado,
Quando eu vi o que buscava,
Era tam acautellado,
Que, sendo pastor de gado,
Té do gado vos guardava:
Mas essa antiga alegria
Nem a tenho, nem a espero;
E pois naõ vejo o que via,
Se naõ for por companhia,
Naõ sei para que vos quero?
Eu vos quiz para chorar
(Mas quem há que á dor rezista ?)
Que se eu podera aturar
Em tanto perder de vista
Vos houvereis de cegar:
Poupei-vos como inimigo,
Pois para o pranto vos quiz,

Ten-

Tendo-o por menor perigo:
Mas servirme heis de castigo,
Pois de olhos me naõ servís.
Muitas vezes ainda agora,
Quando á lembrança me entrego,
Dezejo, por meu socêgo,
De arrancar os olhos fóra,
E ficar de todo cego.
Mas torno a cuidar, em quanto
Me lembro o mal que vos fiz,
E que agora vos levanto,
Como posso offender tanto
Olhos, a quem eu tanto quiz.

Acabou Floricio: e naõ só aos pastores, que juntos o ouviaõ, deixou contentes, e a Lereno mais seu affeiçoado, mas as pastoras que do valle vinhaõ sobindo com seus rebanhos, encostadas aos cajados se detinhaõ. Logo pediraõ todos a Menalio, que cantasse; e elle sem muitos rogos, tomando a Floricio a sanfonha, começou.

Mandais-me que vos naõ veja:
Dos olhos que hei de fazer,
Pois lhes naõ fica que ver?

Tal a vista me ficou
Quando vi vossa figura,
Que para o mais me cegou,
Como quem ao Sol olhou,
E entrou numa caza escura.
Vi quanto a vida dezeja,
E fiz della alegre emprego
A pezar da mesma inveja.
Vós, porque me eu veja cego,
Mandais-me que vos naõ veja.
Hum remedio me convinha,

Con-

Contra a ſemrazaõ que uzais,
Que era vervos n'alma minha;
Mas eſſa alma, onde vos tinha,
Da alma, e de ſeu póder,
Dos ſentidos, e da vida
Ordenou voſſo querer:
E pois ſó naõ ſois ſervida
Dos olhos, que hei de fazer?
E pois tudo o melhor levaſtes,
E deixais os olhos ſós,
Taõ cegos como os deixaſtes,
Pois levallos lhe negaſtes,
Deixai-os ir traz de vós.
Pois me ſouberaõ ganhar,
Quando me ſoube perder
Com o goſto de vos olhar,
Naõ lhes deixeis que chorar,
Pois lhes naõ fica que ver.

Bem moſtrava Menalio na graça do ſeu cantar, e na differença do que coſtumava, que queria contentar aos companheiros, e competir com Floricio: e poſto que muitos, que o entendiaõ, ſe calaſſem, naõ o pôde diſſimular Theonio, que ſurrindo diſſe: Tam bem a Floricio devemos a tua cantiga, como a ſua; que bem ſe moſtrou nellas que era competencia. Antes te digo (reſpondeu Menalio) que mais canto por obedecer a quem mo mandou, que por me parecer que podia fazello diante de Floricio, e de ti, que ſempre me venceſtes. Se tu comigo o has de zombaria (lhe replicou Theonio) ſou tam confiado, que, ſe tomo o arrabil, ambos me haveis de rogar que vos queira por vencidos. Como eu já o eſtou (diſſe Menalio) eſcuzas contenda; lá te havem com Floricio

ricio ſobre cuja ſerá a victoria. Mas elle cruzando os braços diſſe que ſe naõ atrevia a procuralla. Naõ cuideis (tornou entaõ Theonio) que com eſſa humildade me fareis deſcer deſta opiniaõ , nem que a eſſa conta naõ queira a victoria mais pelo juizo de todos , que por voſſa vontade. E tomando o arrabil com muito alvoroço , e rizo dos paſtores , começou com huma voz muito engraçada a cantar o ſeguinte.

Fartaivos de ver , meus olhos ,
Os olhos de Guiomar :
Naõ nos podemos fartar.

Andais de dia apoz ella
Pelo monte , e pelo prado :
Se entra a mondar ao ſerrado ,
Sempre lhe eſtais á cancella :
Se á noite tornais a vella ,
Nunca vos fartais de olhar ,
Naõ nos podemos fartar.

'Inda bem ſe naõ enfeita
Com a fraldilha louçã
Ao Domingo de manhã ;
Quando a vós tendes d'eſpreita ;
E nada diſto aproveita
Para vos fartar de olhar ?
Naõ nos podemos fartar.

Tem o ſeu roſto tal ſer ,
E os ſeus olhos taes extremos ,
Que quanto nelles mais vemos ,
Tanto mais temos que ver :
Quem os ſabe conhecer ,
Nunca ſe farta de olhar ,
Naõ nos podemos fartar.

Naõ ha força , que reziſta
Ao que com ſeus olhos trata ;

Que

Que estando vendo nos mata
De fome com sua vista;
Ou se vista, ou se naõ vista;
Ou no monte, ou no lugar,
Naõ nos podemos fartar.

Cantou Theonio taõ confiado, e com tanta graça, que a todos persuadia a razaõ de sua arrogancia; e naõ passava guardador, que naõ parasse com os olhos nelle; mas juntamente o dia, e o caminho com a cantiga se acabáraõ: e dando-lhe os pastores o louvor costumado, começáraõ a apartar os rebanhos, e Lereno se apartou com Egerio amigo seu, que já das ribeiras do Lena o conhecia, o qual com muito alvoroço o recebeu, e levou á sua cabana, onde cada hum relatando os successos de sua vida, e dezenhos della, passáraõ a noite; que este he o fruto da verdadeira amizade, o alivio dos males, e a gloria dos bens, communicarem-se sem inveja, e com affeiçaõ.

FLORESTA QUARTA.

ERa Floricio hum pastor natural do Tejo; em quem os daquella ribeira tinhaõ muita confiança, por ter elle muitas graças, que ainda repartidas se achaõ difficultozamente entre os pastores: com a sanfonha na maõ naõ havia naquelles campos quem o igualasse, nem na lucta quem lhe levasse a fogaça, nem no baile quem com mais ar sahisse ao terreiro: finalmente com hum cajado na maõ naõ havia pastora, que de graça lhe naõ devesse a liberdade: e sobre ter esta melhoria de muitos outros, era taõ affeiçoado á tristeza de hum suspiro, e ao

apartamento de hum lugar ſaudozo; que lhe naõ parecia bem coiza que o naõ foſſe, nem paſtor que naõ ſentiſſe paixoens amorozas ſimilhantes ás que na alma trazia, taõ ſujeitas ao ſegredo de ſua fé, que nem Lereno lhe entendera o penſamento, ſe o proprio mal o naõ tivera taõ enſinado a conhecer ſeus effeitos. E como de inclinaçoens taõ ſimilhantes ſe faz a boa amizade, a cada hum deſtes dous paſtores ficou ſecreto o dezejo de ſe tratarem, e communicarem por amigos, em eſpecial Lereno, que muito em particular ſoube de ſeu amigo Egerio quem era, e como viera ter áquella ribeira. Paſſados porém alguns dias, que Lereno vivia em à converſaçaõ dos paſtores daquelle lugar, onde tomou ſua cabana, hum dia antes que amanheceſſe, acordando de hum doce ſònho, em que a imaginaçaõ o tinha enlevado, ouvio huma ſuave voz, que cantava do pé de hum caſtanheiro, que com ſua rama cobria a porta da cabana de Egerio; e por naõ perturbar a gloria que na alma lhe cauzava aquella ſaudade, até o fôlego reprimia por naõ ſuſpirar, e ouvir a cantiga, que eraõ eſtas endechas.

Quem dorme deſcança,
Quem ama naõ ouza,
Porque naõ repouza
Mais q̃ na lembrança.
Acordai cuidados,
Que me deſpertaſtes,
Pois naõ madrugaſtes
Para deſcuidados.
Lembrai-vos de quem
Só de vós ſe eſquece,
Deſque o Sol parece
Té que a noite vem;
Que eu tomei porfiá
De cuidar ſó nella,
De noite de vella,
Por vêlla de dia.
Meus olhos diraõ
Eſtes deſconcertos,
Que de andar abertos
Já naõ vem, nem vaõ.
Quando vou com o gado
Pelas ſementeiras,

Sem-

Sempre trago olheiras
Como trasnoitado.
E como em dezerto
Sem saber onde ando,
Nelle ando sonhando,
Dormindo, e desperto.
Que com grande aballo
Depois me envergonho,
Porque, como eu sonho,
Mil verdades falo.
Temo neste emprego,
Vencido da dor,
Que de puro amor
Me hei de tornar cego.
Mil vezes ditozo
Quem sem tal cuidado
Dorme descançado
Somno saborozo.
E pela ventura
Naõ sente hum só dia,
Nem a manhã fria,
Nem a noite escura.
Durma quem descansa
Em tam bom remanso,
Que eu cá naõ descãso,
Busco a quẽ me cansa.

Com o silencio da madrugada, e o vagarozo movimento das ramas fazia a voz tam saudozos accentos pelo vam daquelles outeiros, que Lereno, que o ouvia, naõ pôde deter alguns suspiros da saudade, que mil lembranças lhe despertáram: e, por saber quem seria o da cantiga, se vestio de pressa; e tomando o cajado, sahio fóra da cabana, e dalli vio a Floricio, que hia descendo pelo valle abaixo para as faldas do rio; e dobrando traz elle huma traspolta, bradando-lhe de sima, o fez voltar o rosto, que conhecendo a Lereno mostrou cheio de alegria; e depois que chegou a elle, e o saudou, lhe disse: Naõ cuidei que tomáras ao roixinol mais que a saudade, e as horas de seu queixume; que ainda no voar o parecias, pois naõ me valeraõ os pés, se com os brados te nâõ alcançara. Quem cuidaria (disse Floricio) que tinha eu forças para te trazer a poz mim, deixando-te dormindo na tua cabana? Mais me espanto (respondeu Lereno) naõ se virem atraz ti as arvores, e os rios (como

contaõ do muzico de Thracia) porém a razaõ he, que só coizas sem entendimento te naõ sigaõ: mas porque venho muito suado da pressa com que desci a ladeira, te rogo que nos sentemos hum pouco em quanto naõ saõ horas de tirar o gado. Sentemo-nos (tornou elle) que ainda que fossem horas, mais quero ao teu descanço, que ao meu rebanho, quanto mais a tal companhia. E eu (disse o outro) pela tua soffrerei perder tudo o mais, como naõ seja ouvirte cantar; que te affirmo que o fazes com tanta vantajem dos que tenho ouvido, que o melhor do mundo te póde ter inveja. Tudo consentirei (respondeu Floricio) como me naõ envergonhes com os louvores, que naõ mereço. Antes me calarei por naõ te saber dar os que devo (tornou elle) e pondo-os, já que assim queres, de parte, te affirmo que tens já tanta no meu coraçaõ, que me naõ ficaraõ palavras para te offerecer. Menos as terei eu (disse Floricio) para responder. Mas pois a teu entendimento nada se esconde, bem deves ter sabido de meus olhos, que te trago nelles do primeiro dia que me encontraste; e naõ peço mais á ventura depois dos males, que me tem feito, senaõ que me faça companheiro na tua peregrinaçaõ, ou a ti morador neste lugar, para que te naõ perca algum tempo do em que te trago. Mas por naõ se uzarem entre nós palavras, que a outros servem de comprimento, te rogo quẽ naõ vamos a diante. E porque o Sol vinha já enxugando sobre as flores o miudo orvalho, que a Aurora nellas derramára, e eraõ horas de tirar as ovelhas ao pasto, se foraõ os dous pastores até os curraes, e dalli levá-

levàraõ o gado para além do rio, que era o lugar, onde Floricio apascentava; e assentaraõ-se em huma verde riba ao pé de dous salgueiros, que estaõ vendo os ramos em hum quieto remanso do Mondego, cujas raizes tecidas pela maõ da natureza hiaõ fazer sobre a agua huma debuxada sombra. Dalli vendo Lereno as ovelhas, que com huma liberdade taõ contente hiaõ tozando a miuda relva, disse: Guarde Deos ao teu rebanho, amigo Floricio, e o livre de maus lobos, e de mau olhado; como anda contente por esta relva, seguro no teu cajado, engordando na tua vista! ditozo elle, que tem tal pastor! e tu venturozo, que com elle gozas vida tam descançada! Ah Lereno (disse elle) Deos te guarde de males, que trazem comsigo obrigaçaõ de segredo, que fazem sustentar á vida mil hypocrizias; que, se soubesses os descontos com que possuo este, a que chamaste descanso, houveras por muito melhor o teu desasocego: e naõ deves pouco á ventura por te negar experiencia tam trabalhoza. Naõ te respondo (tornou Lereno) porque naõ sei o mal de que te queixas, nem pergunto qual he, por quanto ás vezes custa lembrallo, e muito mais descobrillo a quem o sustenta com tanta fé. Melhor será (replicou o companheiro) gastar o tempo em allivio de males, que em despertar o sentimento delles. Por tua vida, que cantes huma cantiga das tuas; porque, sendo ellas em toda a parte tam gabadas, ainda te naõ ouvi. Grande semrazaõ seria (disse elle) negar coiza taõ facil a quem com outras de tanto preço me obrigou; só te digo que ando tam costumado a chorar, que me naõ lembra o como

mo cantava; e onde perdi o gosto de meu canto, deixei por despedida o arrabil: porém, porque esta razaõ me naõ tem por escuzo, tempera esse teu, e verás que te enganava, ou se engana quem me gabou. Com muito dezejo temperava Floricio o instrumento, quando para elles viraõ vir dous pastores em companhia de duas pastoras, naõ mal parecidas, coroadas de formozas flores da campina; e todos vendo a Floricio, e ao companheiro (que ainda naõ conheciaõ) se alegráraõ, e com amorozas palavras mostravaõ o gosto de o achar; e contaraõ-lhe logo a razaõ, porque o queriaõ para juiz de huma contenda, a qual naõ havia na montanha quem com melhor saber, e menos suspeita a podesse julgar: e assim lhe pediraõ Cisneo, e Rozardo, que eram os competidores, que quizessem elle, e o estrangeiro assistir a huma muzica em louvor dos olhos de Feliza, e Marilia, que eraõ as pastoras; e em premio da victoria ficava por preço, ao que melhor cantasse, duas bem tecidas capellas, que os pastores traziaõ tam subtilmente enlaçadas, que por muito espaço deraõ que olhar aos juizes, e a muitos outros pastores, e pastoras, que no mesmo lugar se ajuntáraõ a ouvir a contenda; e Floricio aceitou o encargo com Lereno, que, por obedecer, se naõ escuzou. E logo Cisneo tirando a sanfonha começou, e traz elle Rozardo, ambos com os olhos nos das pastoras, que os escutavaõ.

Cisn. *Pois, Feliza, os teus olhos tem diante*
Quem te ama, mal será que em seus louvores
Quem de outros olhos cantasse adiante,
Pois elles saõ de todos vencedores:

A mim me manda amor que delles cante,
E vença os leves Faunos, e os pastores,
Que para esta ditoza confiança
Sempre os vejo vestidos de esperança.

Roz. *Se os teus, Marilia, ver podera,*
Quem já na vista de outros ficou cego,
Nunca a cantar comigo se atrevéra,
Senaõ para fazer o mesmo emprego:
E ainda a pastora entam todos vencera
Quantos pastaõ no Tejo, e no Mondego,
Tendo prezente a luz destes dous lumes,
Vestido da côr bella dos ciumes.

Cisn. *Mal julgará da côr do Sol dourado*
Quem de outra menor luz fica offendido:
Sempre se iguala a cauza do cuidado
Por aquelle sujeito do sentido:
Cante de seu amor mal empregado
Quem o naõ mereceu ter mais subido;
Que eu forçado de amor, e do dezejo,
Canto de huns olhos, cuja côr naõ vejo.

Roz. *Se os olhos côr tiveraõ, que a naõ tem,*
Que bella côr a dos teus olhos fora!
Nem tal fora da Roza, ou da Cecêm,
Nem tal do Sol, nem tal da bella Aurora:
Tomaõ a côr os olhos do que vem;
Que em sua clara luz mais se melhora:
Aos teus dei logo a côr, que lhes convinha,
Nascida de huma dor, que na alma tinha.

Cisn. *Que dor, que mal, que pena se consente*
Em vendo de Feliza os olhos bellos,
Se outra nenhuma coiza he mais prezente,
Que a gloria de gozallos, e de vellos?
Vi-os, e dei-lhes a vida tam contente,
Que nem vida já tenho para tellos.
Mas deixa-me, pastora bella, olhar-te,

Que

Que eu buscarei mil vidas para dar-te.
Roz. *Se essa gloria, Marilia, que eu mereço;*
Com hum sincero amor, e huma fé pura
Teus olhos haõ de dar por outro preço,
Ou que seja da vida, ou da ventura,
Que naõ a mereci tambem confesso,
Mas dar por preço a alma me assegura,
E esta de ti naõ póde ser negada,
Que inda a trazes nos olhos pendurada.
Cisn. *Fiquem sempre, Felicia, vencedores*
Teus olhos cá na terra como estrellas,
Vença (cantando delles) aos pastores,
Até que os faça iguaes ao curso dellas;
E pois no campo delles nascem flores,
Destas, cantando, alcance mil capellas,
Que com temor, e inveja as Ninfas teçaõ;
E sobre os teus cabellos se emmurcheçaõ.
Roz. *Corrido se me mostra o pensamento*
Quando cuido, Marilia, que offereço
A teus olhos tam baixo vencimento;
Pois que em móres contendas tenho o preço:
Mas resalvando o teu merecimento,
Nem os versos, nem flores lhe offereço;
Sejaõ dos teus cabellos as capellas,
Pois os olhos as tem muito mais bellas.

Acabáraõ de cantar os dous ovelheiros: e como o lugar da muzica era no meio do valle, os mais pastores, e pastoras, que alli traziaõ o gado, se ajuntáraõ aos ouvir, e entre todos ficou a victoria tam duvidoza, que naõ se atreviaõ a julgar entre elles differença. Porém Lereno, em quem Floricio deixou a sentença, lhes disse: Cantastes tam bem, gentís pastores, que suspendestes o entendimento de quem vos ouvia para naõ poder julgar vantajem, e fazer diffe-

differença em extremos tam iguaes: quando esta razaõ naõ bastasse para vos igualar, a inveja de tam bons versos, e de cuidados tam bem empregados fizera qualquer outra sentença suspeitoza: pelo que a minha he que tenha cada huma destas pastoras a sua capella, havendo que para quem pode envergonhar tantas flores poucas subejam: e fiquem os seus olhos conhecendo, que ha no mundo quem, por os saber dignamente louvar, os pode merecer, sendo cada huma destas coizas assaz difficultoza. E se este juizo vos naõ contenta, pedi o de Floricio como melhor, que nem eu creio haver outro, que de vos ter ouvido naõ fique suspeito. Todos os prezentes confirmáraõ a sentença de Lereno, e a alguns contentáram tanto as palavras della, que aos outros perguntáram donde era aquelle estrangeiro, accrescentando a isto alguns louvores, naõ tam secretos, que a elle naõ rendessem muita vergonha, particularmente quando entre as pastoras, que alli se ajuntaram, vio a namorada Althéa, que naõ tirava os olhos dos seus, fogindo aos de Floricio, que com antiga affeiçaõ a olhava, naõ podendo acautelarse tanto, que o amigo o naõ achasse com o furto nas maõs: porém Rizeu, que livre destes cuidados ouvia o canto dos ovelheiros, e lhe naõ parecera mal a contenda das côres, por dar outra differente do que tinha por opiniaõ, moveu de novo a questaõ entre todos com tam engraçadas razoens, e subtil entendimento como tinha á custa da inveja de muitos do valle: porém atalhando-o todos que só cantando lhe consentiriaõ o parecer, ao som de huma temperada lyra cantou o seguinte Soneto.

For-

Formozos olhos, quem vervos pertende,
A vista déra em preço, se vos vira;
Que, inda que por perdervos a sentira,
A perda de naõ vervos naõ se entende.
A graça dessa luz naõ na comprende
Quem qual ao Sol a vós seus olhos vira;
Que o cego amor, que cego delles tira,
Com vossos proprios raios a defende.
Naõ póde a vista humana conhecer
Qual seja a vossa côr; que a luz forçoza
Naõ consente mostrar tanta belleza.
Se eu, que em vendo-a, ceguei, púde ainda ver,
Huma côr vi, porém côr tam formoza,
Que me naõ pareceu da natureza.

Quando os pastores em louvor da cantiga de Rizeu se empregavaõ, ouviraõ de improvizo muitos brados de pastores, e grande ladrar de rafeiros ao pé do monte: e conhecendo pelo costume que era lobo, todos desampararaõ aquelle lugar, e as pastoras de longe os foraõ seguindo; e no alcance de huns, e outros se consomio a maior parte do dia, ficando espalhadas por aquelles outeiros: das quaes Tirzea, porque levava mais o sentido nos amores de Floricio, que em perseguir o roubador do seu rebanho, se apartou tanto do caminho, que se lhe acabou o dia entre huns espessos matos, onde com a noite escura, e com a carregada sombra dos arvoredos estava todo o valle medonho; e no silencio daquella escuridaõ naõ se ouvia mais que o ruido, que ao longe o rio hia fazendo por entre as pedras; e alguns brados dos boieiros, que dalém do valle hiaõ fazer ecco naquellas concavas penedias, que entre a muzica dos grilos, que das caladuras da

terra

terra estavaõ cantando, cauzavaõ hum frio temor em o brando coraçaõ da namorada Tirzea; a qual cahindo no descuido, com que áquelle lugar viera a taes horas, ficou sem sangue: e començando a caminhar sem saber aonde, o tom das passadas, que hia dando, lhe reprezentava que alguem a seguia; e detendose a cada passo, nem falar, nem suspirar ouzava, parecendo-lhe que nisto salvava seu perigo. Assim andou hum grande espaço até chegar ao pé de hum pequeno outeiro, em o cume do qual havia humas ruinas de cazas, que noutro tempo o foraõ, e a quem a antiguidade, ajudada dos ventos, derribára, cujas paredes estavaõ cercadas de mato espesso, e cobertas de antiga hera, que sostinha aquellas ultimas pedras: chegando alli, julgando pelo vulto que seria algum cazal, ouvio que seriaõ lume; e com as faiscas delle descobrindo o lugar, ficou tam temeroza, que tornou atraz o passo; e encostada ao cajado, escutava de quando em quando huma voz, que se lhe reprezentava nos ouvidos: e depois que o temor lhe deu determinaçaõ, foi sobindo o outeiro até conhecer que eraõ pastores, que andavaõ na caça, e se recolheraõ ao amparo daquellas paredes para passarem a noite: e porque alli corria maior risco o seu receio, ficou por algum espaço imaginando o que faria, até que de improvizo se lhe offereçeu remedio bem perigozo: e foi, que hum daquelles pastores se sahio da companhia, e tomando o caminho por onde estava Tirzea, ficando-se ella no escuro da noite, cobrio com o capirote o branco toucado; e contrafazendo a voz o mais que lhe

foi

foi possivel, o saudou, e lhe perguntou o caminho, com que fosse ter a algum cazal, onde passasse aquella noite. Ao que o pastor respondeu com palavras de boa cortezia: Bofé, pastor, que he tam grande o escuro, que te naõ saberei mostrar o caminho, nem atinar este por onde vou, posto que o costumo cada dia: com tudo se por elle quizeres que te acompanhe, aqui adiante detraz desta portella fica hum cazal, aonde eu vou buscar humas redes, que meus companheiros ficaõ esperando em quanto tarda a Lua; e fio eu da gente, que nelle mora, que te dem de boa vontade gazalhado. He tam grande bem esse (respondeu Tirzea) que naõ sei como te dê as graças delle: e pois assim he, anda diante; que eu hirei seguindo. E caminhando traz elle com muito trabalho, porque o caminho era fragozo, chegáraõ á passada de hum ribeiro, onde o pastor lhe offereceu a maõ, para que désse o salto mais seguro; o que ella enjeitou, dizendo que saltava bem sobre o cajado; mas entaõ o naõ fez com tanta ligeireza, que naõ cahisse da outra parte sobre humas silvas, e alli de necessidade aceitou ajuda do pastor; o qual tocando a maõ, ficou com assaz suspeita do que poderia ser; e naõ ouzando de descobrilla por ser tam leve o fundamento, com dezejo de achar outro, foi pelo caminho adiante, perguntando-lhe donde era, e como viera ter áquelle desvio a taes horas: ao que com muita cautella respondeu que era hum moço estrangeiro, que passava para os campos do Douro, e que tomára errado hum atalho, que atraz lhe ensináraõ, para que com Sol pudesse chegar á Al-

dea;

dea ; e que, por naõ paſſar deſcoberto ao frio da noite, fora ventura de achallo em aquelle lugar. Por certo (lhe diſſe o paſtor) que tomára eu ver-te em outro, onde te conhecêra com menos eſcuro, porque ſó de te ouvir te tenho já boa vontade. Naõ ſei eu outro (tornou ella) onde mais me aproveitaſſe teu favor ; que já póde ſer, ſe me viras, que me guáras com menos vontade (tal he o meu parecer) e entaõ naõ merecera por conhecido o que alcancei por deſencaminhado. Neſtas palavras, e outras chegáraõ ao cazal, onde era forçado que o paſtor ſoubeſſe a companhia, que até alli trouxera ; e abrindo a porta, com a luz da candea vio a Tirzea, que com o trabalho do caminho afrontada, e com o lume que lhe fazia no roſto formozas ſombras, o ficou tanto, que podia vencer as que em o valle mais prezumiaõ de gentileza. O paſtor, que a conheceu, ficou tam alheio de ſi, que nem falar pôde, antes, como deſatinado do que ſentia, tomou as redes que de antes buſcava, e ſahindo fóra dando mil deſeſperados ſuſpiros, ſe metteu por entre os matos, tomando differente caminho do que o alli guiára : de cuja novidade ficou bem alterado, e ſuſpenſo o dono do cazal, que era hum paſtor de muita idade, que com ſua amada conſorte vivia na ſolidaõ daquelle monte, cujos filhos eraõ os que ficavaõ eſperando as redes. Entaõ lhe contou Tirzea a ventura, por onde viera ter ao ſeu cazal, e como ſe encobrira com o nome de paſtor, por ſalvar ſua honeſtidade. Elle com muito amor, e moſtras de honrada bondade a recolheu, e a encommendou á velha, que naõ menos que elle era

bem

bem acondicionada: e délles foube como aquelle paftor era Montano, o mais conhecido paftor daquella ferra, e rico de ovelhas, o qual naõ fem cauza fez tam eftranha mudança, porque havia muito tempo que tinha à Tirzea fecreta affeiçaõ, de hum dia, que entre muitas a vira na campina em huma feftá de Pales deoza dos paftores. E era ella digna de obrigar a taes extremos; porque, além de fer muito formoza, tinha igual difcriçaõ, e honeftidade: mas nem com eftas partes, e outras muitas obrigava Floricio a querer-lhe bem; que efte he o maior mal, que tem quem faz emprego em coraçaõ affeiçoado, que naõ fómente lhe he neceffario conquiftar huma vontade, mas defapoffalla da affeiçaõ, que ás vezes tem na alma poderozas raizes.

FLORESTA QUINTA.

PAffada a noite, deixou Tirzea o cazal, e ficáraõ os velhos tam obrigados de fuas partes, e cortezia, que affim fentiraõ a defpedida, como fe fora de mais tempo o conhecimento: e vindo ella acodir ao feu rebanho, que eraõ horas de tirar dos curraes, quiz faber o que acontecera a Floricio a tarde paffada, porque dos feus bons fucceffos dependia o viver contente: e dobrando o valle, o vio eftar com Lereno, de quem elle fe apartára na montaria, e naquella hora tratavaõ do lobo, que os difpartira: e como a paftora naõ fe atrevia mais que a vêllo por entre humas arvores, fe defviou, mas naõ tam longe, que deixaffe de ouvir cantar a Lereno, o qual fe naõ

pôde desobrigar dos rogos de Floricio; e temperando huma lyra, sentado ao pé de hum salgueiro cantou este soneto:

Foge-me a luz do Sol quando amanhece,
Vejo estrellas no Ceo ao meio dia;
E entaõ sinto do inverno a mór porfia,
Quando o veraõ mais arde, e mais florece.
Quanto aos outros alegra, me entristece;
Porque tenho o pezar por alegria:
Que milagres saõ estes, fantazia,
Porque os naõ saberá quem os padece?
Suspeito que em meu damno conjurado,
Como mudou a sorte a condiçaõ,
Vai trocando o costume a natureza:
E assim naõ vejo a luz tam dezejada;
E em lugar da alegria, e do veraõ,
Naõ tenho mais que inverno de tristeza.

Despois que Lereno cantou, suspirava Floricio, mostrando com este novo encarecimento a quanto o obrigára o sentimento do que ouvira; e perguntando-lhe o amigo a cauza delle, respondeo: Foi a tua cantiga taõ cortada para minha pena, e a tua voz taõ natural para a publicar, que faz em mim estes effeitos, fóra outros de inveja, que esconde o coraçaõ: e este lugar quizera eu agora para te descobrir muitas coizas delle, em que conheceras esta similhança; mas vejo vir ao longe do rio Menalio, Rizeu, e Theonio com outros pastores, e suspeito que ao ecco da tua voz acodiraõ, e vem direitos para nós: mas se a minha ventura naõ he a que costuma, algum dia terei em que á nossa vontade praticquemos; e agora ouvirás a Rizeu, que he gabado de todas as pastoras da montanha pelas muitas graças,

ças, e partes de ſeu entendimento. A eſte tempo chegáraõ a elles os paſtores; e Rizeu em nome dos outros pedio a Lereno que tornaſſe a temperar o inſtrumento, que tinha deixado, e quizeſſe proſeguir ſeu canto, pois elle os guiara até alli, e que naõ era razaõ que Floricio tiveſſe tudo o mais, e elles ſó a inveja. E como o paſtor conhecia que a coizas ſimilhantes a facilidade lhes dobra o preço, e as muito rogadas cuſtaõ ás vezes mais do que valem, tomando huma ſanfonha de Floricio, lhes diſſe: Naõ quero livrarme com as eſcuzas, que tenho, do que me mandais, nem acautelarme do pouco que ſei; ſó quero obedecervos com tal condiçaõ, que, por facil, me naõ tenhais por confiado, que o ſou, porque naõ reſpeito a mais, que a vontade de vos ſervir. A eſtas palavras ſe deraõ todos por muito obrigados, e diſſeraõ que eſtavaõ por eſtas condiçoens, com tal, que lhe naõ dilataſſe mais a muzica; a qual elle começou deſta maneira:

Atrevido penſamento,
Naõ me ponhais em perigo;
Que, para ſer venturozo,
Naõ baſta ſer atrevido.
Se ſobís por levantarme,
Vede quanto atraz vos fico;
Que para quem naõ deſcança
He muito largo caminho.
Levais traz vós o dezejo,
E eu ambos buſco, e ſigo
Para tornar a cahir
Como a pedra de Siſipho.
Vós tendes culpa de ouzado;
E eu de todas o caſtigo;

Que

Que nasci só para penas,
Que das vossas azas tiro.
Porfias com a esperança,
E eu com a razaõ porfio,
Té que, vencida de todo,
Fiquemos ambos vencidos.
Se ante as aras da Fortuna
Quereis ir ao sacrificio,
E acabar taõ mal logrados,
Como fostes bem nascidos:
Pouco aventura a perder
Quem se tem já taõ perdido:
Sómente temo em meu damno
Que me haveis de deixar vivo.
Encolhei hum pouco as azas,
E estai a conta comigo;
Que, de muito exprimentado,
Já nos males adivinho.
Fiai-vos do desengano,
Vereis se he melhor partido
De hum covarde acautelado,
Que de ouzado arrependido.
Vede no triste successo
Do que deu o nome ao rio,
Quaõ pouco contra ventura
Podem valer artificios.
Saõ vossas azas albêas,
E correis o mesmo risco;
Deixai-as aos venturozos,
Pois que por mim sois mofinas.
Bastava ao filho do Sol
Conhecer que era seu filho,
Sem querer ter hum seguro
Sujeito a tantos perigos.
Contentai-vos, pensamento,

Ser de huma parte divino;
Conhecei minha esperança,
Deixareis de ser altivo.
Mas em vossa semrazaõ
Saõ meus conselhos baldios,
Que pouco valem contr'ella
Conselhos, rogos, nem gritos.

Esperavaõ os pastores o mais atrevido, que désse a Lereno as graças do que cantára; mas Theonio, cuja confiança escuzava padrinhos, rompeu este silencio, e disse: Tenho tanta inveja ao teu canto, que, se naõ temera o parecer de tantos, houvera-o de desgabar, porque tambem isso fora mais facil, que dar-lhe devidos louvores: mas, já que me hei de calar com minha magoa, te rogo, que me contes donde houveste taõ boa, e estranha cantiga; que já neste valle ouvimos a hum pastor estrangeiro versos do mesmo teôr, mas tinhaõ os nossos guardadores por muito difficultozo fazeremse em a lingua Portugueza, porque a tem por menos engraçada para os romances (que assim creio que se chamaõ) e vemos em ti isto tanto ao contrario, quaõ grande he a vantajem, com que em tudo o excedeste a elle. E a esta pergunta de Theonio todos mostráraõ muito dezejo da resposta de Lereno: e porque elle desejava satisfazellos, em especial a Rizeu que o obrigava, começou:

Em hum valle, onde mais contente da ventura apascentei, que he deste algumas legoas apartado, havia hum pastor meu grande amigo, que todos por suas muitas partes estimavaõ, e queriaõ: este em sua tenra idade, desejozo de ver muitas maravilhas, que ouvia con-

tar das terras estranhas, deixou a patria, e o rebanho de seu pai, que era o mais rico, e nobre pastor daquella Aldea: e peregrinando muitas partes do Mundo, vio em Arcadia as celebradas ribeiras do Erimanto, onde o famozo pastor Accio Sincero apascentava: cantou nas ricas praias do Pado, e do Tibre, cujas penedias, e arvoredos estaõ repetindo ainda agora o nome da formoza Laura: gozou as sombras dos bosques do claro Mincio, onde o antigo Tityro celebrava o nome de Amaryllis: vio a origem do sagrado Tejo, e as ricas arêas do Guadalquibir, onde o celebrado Lasso entre as ovelhas mostrou aos pastores seu illustre ingenho, e onde o namorado Syreno deu á lingua, e aos valles estrangeiros o que devia ao Mondego, onde nasceu. Este pastor vindo depois ao nosso lugar, tinhamos amizade cada hora mais estreita, e entre muitas coizas, que dizia das que vira por aquellas partes, contou que estando em huma Aldea junto ao Tejo, onde se faziaõ humas festas de pastores ao benzer do gado, depois de muitos jogos, e folgares, resoavaõ todos os montes vizinhos com instrumentos, e muzicas dos pastores, entre os quaes elle (que naõ devia ter o menor lugar) deu honrada mostra do que merecem os ingenhos da nossa Luzitania; e veio tam affeiçoado a muitas cantigas, que entre elles ouvio, que ambos em o nosso lugar naõ cantavamos mais, que á imitaçaõ das que lá ouvira; e eu, como mais affeiçoado á nossa lingua Portugueza, fui o primeiro que nella cantei Romances. Ainda Lereno queria ir com a pratica a diante, quando viraõ vir muitas pastoras com gran-

de grita fogindo para onde todos estavaõ sentados; e com isto o ladrar dos rafeiros, e bradar dos guardadores atroavaõ todo o valle: e levantando-se, viraõ hum pastor furiozo coroado de hera, e de louro com hum pezado salgueiro ao hombro, o qual em ligeiros saltos andava atravessando as relvas, naõ deixando lugar ás quietas ovelhas, para pastarem a miuda herva, que perderaõ o tino amedrentadas, humas entravaõ pelos vedados trigos, outras balando com os alheios gados se misturavaõ. Levantados os pastores, correraõ traz elle para o prender; mas Tirzea esmorecida com medo, se abraçou a Floricio, que entaõ lhe naõ podia negar aquelle amparo; e obrigado de seus piedozos rogos, a levou até á cabana do honrado velho Salicio, de quem era unica filha, e pelo caminho lhe contou como aquelle pastor doudo era Montano, e a estranha aventura, que com elle lhe acontecera a noite passada: do que Floricio naõ ficou pouco espantado no principio; mas considerando a força que amor tem em peitos humanos, e a formozura de Tirzea, que alli ao perto se lhe reprezentava sem suspeita, naõ teve o acontecimento por estranho, julgando juntamente o que devia á pastora, que por seu respeito tudo desprezava, tendo da sua parte tam grandes merecimentos: e com este conhecimento a tratou entaõ com tanta differença do costumado, que ella teve por ventura o mau successo daquelle dia: e chegando á cabana, onde se houve por segura do receio passado, nam despedia os olhos de Floricio, que nos seus lhe levava a alma: tornou elle aos pastores, que com muito trabalho tinhaõ

prezo á Montano, cuja historia de muitos foi sabida; e quazi todos pelo conhecimento que tinhaõ, e Lereno por affeiçoado ao mal de que endoudecera, o levaraõ ao seu cazal, posto que desviado estava: porém Althéa, apartada das outras pastoras, se foi assentar ao longo do rio entre algumas arvores, que crescem com as raizes nelle, para ouvir os rouxinoes, que naquella hora começaõ alli seu saudozo canto: e porque no alto dos ramos de hum loureiro vio entalhado hum nome, que com a mesma planta fora sobindo, e se podia ler mal por ficar tam alto, curioza de saber cujo seria, leu *Althéa*, e a par outro nome, que com a mudança do tronco, e sombra dos ramos se naõ lia com o que o seu pastor auzente o escrevera: e fazendo-lhe esta lembrança na alma saudade, tirando della alguns suspiros, e do çurraõ huma dourada sanfonha cantou o seguinte.

Nome, que amor nas azas levantou,
E depois abateu tanto a ventura,
Como naõ cahis já de tanta altura,
Se quem vos sustentava se trocou?
Pois já com o largo tempo se apartou,
Fazei nesta cortiça a sepultura,
Naõ renoveis agora na memoria
Tristes lembranças da passada gloria.

Quando contente aqui vos escrevia,
Quem n'alma fielmente vos guardava
Nas pedras, e nas arvores pintava
Por mais firmeza o bem, que me queria:
Pois me falta esta fé, de que eu vivia,
E vós dais vida ao mal, que tanto aggrava;
Leve em despojo amor desta victoria
Tristes lembranças da passada gloria.

De

De que servia a Amor taõ grande engano,
Esperança taõ grande, e taõ fingida,
E alevantar a hum bem para a cahida,
Vir a tamanha pena, e tanto damno?
Oh sem tempo chegado desengano
Na lembrança passada já perdida,
No fim de taõ alegre, e doce historia,
Tristes lembranças da passada gloria!
E vós, ó testimunha verdadeira,
De huma devida fé tam mal guardada,
Escritura de amor falsificada,
Fiança de vontade taõ ligeira:
Naõ valeis já por fé, pois que a primeira
Tambem de vosso dono foi quebrada;
Pois naõ valem, naõ fiquem por memoria
Tristes lembranças da passada gloria.

Naõ sómente a muzica de Althéa, mas a dos rouxinoes, que ao som da sua sanfonha com amoroza porfia a ajudavaõ, fazia huma formoza saudade nas faldas do rio, que com hum concertado ruido parece que cantava, calou ella para ouvir os passarinhos a tempo que os pastores, que leváraõ a Montano, desciaõ do monte cantando; ella por os ouvir deixou o lugar, e atraz elles escutou a cantiga, que era esta:

Quẽ vive em descuido,
Saiba deste avizo
Que amor, q̃ he de fizo,
Naõ deixa fizudo.
Quem faz nelle emprego
Vencido da dor,
Se olha por amor,
Tambem fica cego.
Quem ama fizudo
Tenha disto avizo,
Que assi rouba o fizo
Como rouba tudo.
Quem se lhe offerece
Tudo nisto iguala;
Que se de amor fala,
De amor emmudece.
Quem no mesmo estudo
Emprega o juizo,
Amando de fizo,
Perde o ser fizudo.

FLO-

FLORESTA SEXTA.

ENtre todos os pastores da montanha, e da campina se falava na doudice de Montano, servindo de motivo, e galantaria em os amores de muitos, que com aquelle exemplo os encareciaõ: porém de sizo o temia Floricio, receando hum castigo similhante á semrazaõ com que tratava a Tirzea; e só a vista, e conversaçaõ de Lereno o aliviava nestes cuidados; porém naõ tanto, que de todo os encobrisse. Hum dia, que com a sobeja quentura do Sol naõ podiaõ os gados esperar o campo, apartando-se ambos de entre os outros, foraõ a passar a sésta da outra parte do rio naquelle lugar, onde Lereno vira as Nimfas, que os pescadores saltearaõ: e alli no mais secreto do arvoredo sentado sobre hum barranco, que as aguas do Inverno alli cortáraõ, em o qual havia muitas pedras toscas cobertas de verde musgo, e de entre ellas pelo meio de agudas espadanas sahiaõ muitos lirios roxos, e amarellos, que estavaõ mais viçozos com a vizinhança de hum ribeiro, que por entre as pedras vinha descendo á sombra de altas ceregeiras, e castanheiros, que os passaros escolhiaõ naquella hora para se defender do ardor do Sol, e cantavaõ de seus floridos ramos, como no romper da alva a madrugada; em quanto as cabras de Floricio humas no alto da ladeira se penduravaõ daquelles rochedos para alcançar os floridos espinhos, outras ao longo do rio, para chegar aos verdes ramos dos salgueiros sobre os pés se levantavaõ, outras buscando as claras fontes, deixáraõ de gostar as hervas saborozas por verem

rem nas aguas sua figura; vendo Lereno ao companheiro pensativo, e mais triste do que em sua prezença o parecia, lhe disse: Pois eu, Floricio, naõ mereci atégora saber de teus cuidados, naõ estranhes esta pergunta, a que me move a differença que em ti vejo ha poucos dias. Succedeu-te de novo algum desgosto? Perderaõ-se algumas rezes do teu rebanho? Que he o porque andas triste? Ou ha coiza, que muda em teus olhos as côres com que me viaõ; ou me naõ vês com o amor que me mostravas. Naõ ha coiza (respondeu elle) que em mim faça menor o gosto de tua vista: e se o rosto por força do sentimento de meus males nega a alegria com que te vejo, esta mostrará a si só o coraçaõ, que naõ tem maior alivio, que descobrir a pena, que sente a tal amigo. E pois que a saudade deste lugar, e a tua discreta companhia he tam natural a hum queixozo, quero-te dar conta de minha vida, para que julgues a razaõ com que ha tanto que dezejo a morte. E temperando huma cornamuza, que trazia, em quanto Lereno inclinado sobre o braço o escutava, assim dizia:

Deidades da espessura,
Ninfas, que n'agua viveis,
Chegai juntas, e ouvireis
Desconcertos da ventura.
Fontes, e arvores vizinhas,
Flores varias, hervas verdes,
Se vossos bens ver quizerdes,
Ouvi desventuras minhas.
Cabras, que a vosso sabor
Vos pendurais dos rochedos,
Ouvi d'entre esses penedos

Quei-

Queixar ao vosso pastor.
Sabereis de meu tormento
Vosso bem mal conhecido;
Vereis, que naõ ter sentido,
Escuza ter sentimento.
Ouve-me, amigo Lereno,
Com que sei, que naõ me engano,
Póde ser vendo meu damno,
Que aches teu mal mais pequeno.
Verás os males, que vem
De huma sorte desigual,
E quam mal conhece o mal
Quem naõ teve nunca bem.
Nasci para esta fadiga,
E para a que inda me espera
No Tejo, e naõ sei se diga:
Que oxalá que naõ nascera.
Num lugar, que agora invejo,
Fresco de valles, e montes,
Que tem de hum cabo mil fontes,
E d'outro as aguas do Tejo:
Alli vivi descuidado
Da vida, que me esperava
Aonde nunca me lembrava
Nem de amores, nem do gado.
Nada entam mais tinha em graça
Veraõ, Inverno, e Estio,
Que andar co' as nassas no rio,
Ou c'os pudengos na caça.
Em trabalhos tam suaves
Gastei doces Primaveras,
Hora cativando as feras,
Hora perseguindo as aves.
Em tudo andava diante
Aos moços do meu lugar,

Ou no baile, ou no cantar,
Ou no vestir mais galante.
Andava á chuva, e ao Sol
Com capote pospontado,
De alvas carneiras forrado,
Com vivos de catasol.
Fui perdendo a liberdade,
Que o bem nunca foi de dura;
Foi-me faltando em ventura
O que crescia na idade.
Seguio-me a desdita minha,
Desterroume dos meus valles,
Começo a sentir nos males
A falta dos bens que tinha.
Vim viver a esta montanha,
O porque bofé naõ sei;
Acho nella o que busquei,
Que era ver-me em terra estranha.
Mas como para môr mal
Se guardava este primeiro,
As condiçoens de estrangeiro
Me tornáraõ natural.
Guardei aqui gado alheio
Muito tempo por soldada,
Naõ me guardava de nada,
Naõ temia o que me veio.
Servi, juntei meus jornaes,
Vim a ter cabras de meu;
Dou graças a quem mas deu,
Naõ pastaõ no monte taes.
Fizme assim nesta bonança,
Sem cubiça, nem cuidado,
Farto, rico, e descançado,
Sem curar d'outra esperança.
Quando a este estado vim,

Que

Que nunca tal suspeitei,
Em tanto outra me tornei,
Que ando já fóra de mim.
Era hum dia de Juneiro,
(Se eu na conta naõ me engano;
Que assim como o foi do anno,
Foi de meu mal o primeiro.)
Como era de festa o dia,
Madruguei mais do costume;
Que do que homem naõ prezume
Poucas vezes se desvia.
Descia para a ribeira
Louçaõ, contente, e briozo,
Com meu capote arenozo,
Meu cajado de aveleira.
Encontrei junto á levada
Outros cantando em disputa;
Hiam tambem ver a luta;
Fomos todos de manada.
Chegando perto do rio,
Ouvimos delle cantar
Huma voz, que de a escutar
Qualquer de nós ficou frio.
Eu como mais atrevido,
Sem saber o que intentava,
Cheguei, por ver quem cantava
Dentre os ramos escondido.
Vi (e logo alli ceguei;
Que oxalá que d'antes fora)
Huma tam bella pastora,
Que entam por Anjo a julguei.
Brial tinha leonado,
Capirote azul pombinho,
Curram de pelles de arminho,
E de sanguinho o cajado.

Tinha

Tinha fóra do çurraõ
Muitas flores no regaço;
A cabeça sobre o braço,
E os claros olhos no chaõ.
Dalli mil suspiros dava,
Como a compassos cantando,
E entre elles de quando em quando
Formozas perlas chorava.
Do tormento, que sentia,
Mil queixumes publicou;
E este só pé me ficou
Da cantiga, que dizia:
Olhos, que vos naõ vem,
Pagaràõ sempre este foro,
Descontando em triste choro
Aquella sombra do bem;
Que este allivio só convém
A quem tal ventura alcança:
Mas d'outra nova mudança
Estará meu peito alheio,
Por mais que possa o receio
Destruir minha esperança.
Eu alli como enleado
Do que via, e no que ouvia;
Nem apartarme sabia,
Nem a falar-lhe era ouzado.
Tanto o temor me venceu,
Que, quando aos outros me viro,
Soltei sem tento hum suspiro,
Que ella ouvindo estremeceu.
Ergueu-se assim temeroza;
Vio-nos, naõ fez disso estima;
Foi sobindo o valle assima,
Da mudança mais formoza.
Os outros, que a conhecerão,

Muito

Muito menos se espantárão;
E quanto mais a louvarão,
Menos della me disserão.
O nome só me ficou,
E aonde morava na Aldea;
Soube que o nome era Althéa
(Triste! e quanto me custou!)
Chegámos nós ao lugar;
Vimos as festas do dia;
Qual cantava, e qual tangia,
Qual se despia a lutar.
Muitos, que me conhecião,
(Que era nisto gabado)
A' conta do meu cuidado
Quantas coizas prezumião?
Acabarão-se os folgares
E a luta já noite escura;
Soavão pela espessura
Os arrabís, e os cantares.
Eu, que por nada attentei,
Como o meu cuidado primeiro,
Com elle por companheiro,
A' cabana me tornei.
E passando pela porta
A' minha bella inimiga,
Fui dizendo esta cantiga;
Que inda o lembralla me corta.

Cantiga.

Minha antiga liberdade,
Que a pezar de amor poupei,
Já por huma vista a dei.

Volta.

Em quanto não conhecia
Este bem, que me esperava;
Do mesmo amor a guardava:

Mas

Mas para quem naõ sabia
Negava-mo a fantazia;
Mas já dos meus olhos sei
Que para vós a guardei.
Assomou ella a hum postigo,
Que sobre o valle ficava;
Eu, que vi que se tornava,
Estas palavras lhe digo:
Naõ me tire esse receio
O bem, que me offrece amor;
Que he, quem ouves, hum pastor,
Cuja alma atraz ti se veio.
E assim mal póde offenderte
Quem te entregou seu poder,
Que nada podes temer
Com razaõ, se naõ for ver-te.
Ah (disse ella, e suspirou)
Naõ fora coiza mui feia
Servirse de huma alheia
Quem a propria cativou.
Porém vive em teu socego:
Pago com desenganar-te;
Faze emprego noutra parte,
Porque eu noutra fiz emprego.
Deixou-me traz isto assim,
E tal me deixou sem vêlla,
Que, com o sentido em perdêlla,
O das palavras perdi.
Fui-me até á cabana entam
Cubiçozo de meus damnos,
Sem curàr de desenganos
Mais, que de minha affeiçaõ.
Mudei o pasto a meu gado
Para onde ella o seu trazia;
Alli mais vezes a via,

E ouvia ella meu cuidado,
E nunca outro fruto deu
Isto em seus olhos serenos,
Mais que ouvir-me, ver-me menos,
E eu ficar sempre mais seu.
Veio ella a suspeitar,
Ou soube de outros pastores,
Que já nestes meus amores
Se falava no lugar.
Hum dia andava eu tornando
As cabras de hum semeado;
Pegou-me alli do cajado,
Disse-me quazi chorando:
Floricio, que amor pertendes
De quem tem noutro as raizes?
E se me amas como dizes,
Porque nesse amor me offendes?
Que esperança, ou que signal
Queres, pastor, que te dê,
Se a outrem devo esta fé,
De que já prezumem mal?
Pois já minha liberdade,
Senhorio, e jugo tem,
Naõ dês cauza a que ninguem
Fale em minha honestidade.
Outra pastora acharás
Mais discreta, mais formoza,
Com amor mais venturoza,
Do que a triste, com que estás.
Aceita por preço agora
Dessas mostras de affeiçaõ,
Que te dera o coraçaõ,
Se de outro pastor naõ fora.
Ella julgará melhor
Que me vio qual eu fiquei;

E

E assim dalli me tornei
Sem voz, sem vida, e sem côr.
Ficou sem pastor meu gado;
E oxalá a sorte ordenára
Que sem vida alli ficára
Quem ficou desesperado.
Neste tempo huma pastora,
Entre muitas principal,
Por quem Montano anda tal,
Qual tu vês andar agora,
No meu pasto apascentava;
Nelle tratava, e vivia;
E o que della naõ queria
Me offerecia, e mostrava.
Vio-me andar (que escaçamente
No cajado me detinha)
Das forças, da côr, que tinha;
De tudo em fim differente.
Pelo que nella imprimira
A força da mesma dor,
Mas naõ sabendo que amor
Nem se aparta; nem se tira.
Descia eu daquelle monte,
Quando o Sol ardia em fragoa;
Fui á fonte beber agua,
E quazi seccava a fonte.
Topou me, e disse: Essa sede,
Floricio, naõ vem da calma.
Naõ (disse eu) que nasceu d'alma;
Que agua dos olhos me pede.
Tornou ella: E justamente
Essa pena te convém,
Pois, procurando outro bem,
Enjeita o que tens prezente.
Deixa males taõ sem cura,

Que

Que o tempo os naõ remedea;
Que naõ he Tirzea tam feia
Como a encontra a ventura.
Disse isto; e como corrida
Se tornou para o seu gado:
E eu estive indignado
Por lhe chamar de atrevida.
E fiz-me em fim taõ ingrato
Despois disto acontecer,
Que, taõ só pela naõ ver,
Trago as cabras neste mato.
E agora vendo a mudança,
E os enleios da ventura,
E que he taõ pouco segura
Como a vida a esperança;
Vendo Althéa firme só,
Tirzea em meu damno firme
Em buscarme, outra em fugirme;
D' huma hei queixa, d' outra dô.
E de minha triste sorte
Já naõ tenho outra guarida
Mais, que sustentar a vida
Nas esperanças da morte.

Tal ficou o namorado Floricio no fim da historia, que com muitas lagrimas acabou, que o sentimento de o ver emmudeceu a Lereno de maneira, que nem para o consolar se lhe offereciaõ palavras: e porque tinha entendido a firmeza de Althéa, e naõ se atrevia a remetter ás mudanças do tempo o remedio de seu mal, entre esperança, e desengano buscou este meio de aliviar sua pena. Ha tantos dias que tenho entendido teu coraçaõ pela experiencia do que padeço, que me naõ move a novidade do que agora te ouvi; antes julgo que tens melhor es-

tado do que suspeitava. Deixas Tirzeá, pastóra formoza, discreta, e rica, a quem todos pertendem; e amas Althéa, que ainda outrem naõ possue, posto que ella te desengane, e de quem naõ tens conhecido que te aborrece. E pois, amigo Floricio, ninguem he taõ senhor da ventura, que a sujeite á sua vontade, vive contente da vantajem, que tens a muitos, e naõ te trates como o mais triste da Aldea. Esse conselho Lereno (tornou elle) he de verdadeiro amigo: mas este meu mal naõ soffre consolaçaõ. Que importa querer-me quem a todo o mundo despreza, se ordenou a sorte que eu amasse a quem por outrem me deixa? E que me val que a esta ninguem possua, se póde tanto com ella a firmeza em auzencia de outrem, como em mim a prezença de sua vista? E que maiores mostras póde dar de que me aborrece quem foge de me ouvir, e de me ver, e busca todos os meios de desenganar-me? E pois, como tu dizes, ninguem tem a fortuna tanto a seu mandado, que lhe faltem queixumes della, quero antes estas, que o mais que Tirzéa me offerece. Deixa-me ser triste; que para isto nasci. Fazes tuas contas tanto contra ti (respondeu Lereno) que, tendo o remedio de teu mal por impossivel, o naõ procuraras da fortuna; e ás vezes a esta conta por sem muitas esperanças mal logradas. Tentei já tantas vezes os meios de minha cura (replicou Floricio) que a naõ espero do tempo, que a tantos a promette: e pois o he já de recolhermos o gado, deixemos meus males para outro dia; que como saõ largos para o padecer, tambem ao contar seraõ compridos. E com isto

dei-

deixárão o valle á ſaudade da noite ; e forão buſcar o deſcanſo de ſuas cabanas , ſe neſtas o acha quem em nenhum lugar eſquéce á ventura.

FLORESTA SETIMA.

DEpois que a noite ſe deſpedio das eſtrellas , e a formoza Aurora em ſeu rozado carro começou a campear os horizontes, levantados os paſtores de ſeu repouzo , ſe repartírão da Aldea nos coſtumados exercicios de ſeu gado. Rizeu , Lereno , e Floricio ſe ajuntárão perto do rio á viſta dos rebanhos , onde , para que gaſtaſſem a manhã em ſaboroza pratica , diſſe aos companheiros : Ainda que os pènſamentos , que de noite repreſenta a fantazia , não coſtumem parecer ao outro dia ; merece ter ante vós hoje lugar huma duvida , que eſta madrugada ſe me repreſentou no entendimento , que me deixou hum grande dezejo de ſaber della a verdade , e he : Qual terá maior pena , e razão para viver ſem eſperança , quem ama huma paſtora , que nunca ſoube de amor , nem delle ſe obrigou , ou quem ama a outra , que de ſua vontade tem feito emprego em hum paſtor , de quem vive auzente ? Duvidoza he (diſſe Rizeu) a queſtão , e cada hum deſſes eſtados perigozos ; porém nenhum delles me obrigará a deſeſperar. Com tudo antes me atrevera a obrigar a quem já das paixoens de amor tem conhecimento , que a conquiſtar de novo huma vontade rebelde a ſeu ſenhorio ; porque a primeira empreza he induzir huma vontade affeiçoada aos meſmos effeitos de que já ſe obrigou ; e a ſegunda he obra do poder,

e força de amor, a quem os antigos attribuiraõ este senhorio. Boa era essa razaõ (respondeu Floricio) se essa vontade affeiçoada, de que fallamos, naõ tivera feito emprego com quem auzente occupa o mesmo lugar no coraçaõ; e assim menos força se faz, induzindo amor em hum peito humano, coiza tam natural nelle, que destruir o que já na alma tem feito assento. Em verdade (tornou Rizeu) que muito confias da firmeza das mulheres, pois nellas fazes differença entre auzente, e esquecido: e eu ouzarei a affirmar, que, ainda prezente, naõ ha nenhuma em quem o amor esteja seguro; que saõ tam inclinadas a novidades, e mudanças, que desconhecem affeiçaõ, e merecimento. Se tu as conheces a todas (tornou elle) por tam inclinadas a novidades, porque se naõ obrigará tanto dellas a que tem amor como a que nunca o teve? Porque (replicou Rizeu) a que tem affeiçaõ naõ tem firmeza; e a que vive izenta, vive de pertinácia para que sua natureza siga sempre extremos: e se huma mulher se naõ obriga de sua vontade, ou appetite, he impossivel conquistalla ninguem com serviços; que, por ficarem sempre senhoras de sua liberdade, e da alheia, só de si aceitaõ a sujeiçaõ. Naõ cuidei (disse Floricio, que com muita attençaõ os escutava) que eras tam inimigo das pastoras, que com sua infamia abonasses tua opiniaõ; que essas razoens servem mais de as offender, que de confirmarem o teu parecer: antes te conhecia por homem affeiçoado, e que sentia bem de cuidados amorozos. Naõ te enganas (disse elle) porque mais tempo gastei já em as servir, do que agora em di-

dizer esta verdade : e dirás que como quiz já bem a quem conhecia com tanto mal, pois naõ sómente a affeiçaõ, mas tambem o appetite nasce das coizas que melhor nos parecem. Porém maior desculpa disto he a falsidade de suas palavras, e o fingimento de seus effeitos, do que a culpa do meu engano. Este (disse Lereno) he o maior; e mais pareceu vingança de aggravo, que praga de homem desaffeiçoado : e se assim he, eu por sua parte appello ; e te rogo que deixemos a questaõ para outro tempo ; que agora melhor será, para escutar o arrependimento que depois te póde custar muito, que cantes alguma cantiga de seus louvores ; e ficando com ellas reconciliado, darás allivio á melancolia do nosso Floricio. Se o seu mal com outro se apaga (tornou elle) quero-te obedecer, e cantarei louvores das pastoras de quem cantando tam mal fico vingado : e tomando a lyra cantou o seguinte.

Quem, formozas pastoras, vos offende
Erra, endoudece, cega, e desatina.
Quem a vossos poderes naõ se inclina,
Naõ dezeja, naõ vive, naõ se entende.
Quem mais vosso amor busca, e pertende,
Em seu damno se esforça, e determina.
Quem mais, q em vos servir sempre imagina,
Nem vos sabe querer, nem vos comprende.
Vós dais o ser, e a graça á formozura,
A' vida gosto, a Amor o senhorio,
A's almas sujeiçaõ, força á vontade.
Sem vós que presta Amor? que val ventura?
O juizo, o querer, a liberdade
He engano, doudice, e desvario.

Offensas, que rendem tam boa satisfaçaõ

(disse

(disse Lereno) naõ sómente consentiremos nellas, mas ainda viremos a dezejallas : logo me pareceu que quem dizia os males tam bem, os bens diria melhor. A ti devem ellas a cantiga (disse Rizeu) e a mim outra tençaõ : e pois em seus louvores se gastou tam mal o tempo, passemos da outra parte do rio a ver a festa, que hoje fazem as Ninfas, e pastoras, dedicadas a Diana, que he lá toda a Aldea, e naõ se podem perder os folgares deste dia. E pegando pelo cajado a Floricio, o fez levantar, e a Lereno traz elle, e todos tres guiáraõ para o lugar da festa, que era junto ao templo de Diana no mais fundo do valle entre os arvoredos que cercaõ o rio, e por onde hum graciozo ribeiro lhe entrega as cristalinas aguas, que traz do pé da montanha : e porque toda a relva, que á sombra das boliçozas ramas florecia, estava cheia de pastores, paráraõ os companheiros ao pé de huns salgueiros, onde ouviraõ cantar duas pastoras, vestidas de verde em companhia de Menalio, que naõ estava pouco louçaõ entre ellas; e em graça dos ouvintes foraõ adiante com mais confiança, e a cantiga era esta:

Dezejo o que naõ mereço,
E o que naõ posso esperar;
Mas naõ sei naõ dezejar.

De quanto pede a vontade
Nada a sorte me assegura;
Mas, nem faltando a ventura,
Se lhe nega a liberdade.
Ponho em dezejos o preço
Do que naõ posso alcançar:
Em mim proprio me conheço,
Mas naõ sei naõ dezejar.

Do

Do que dezejo em meu damno
Só nascem males que vejo;
Que logo atraz do dezejo
Se me encontra o desengano.
Em fim dezejo, e naõ peço
O que amor naõ me ha de dar:
Bem vejo que o naõ mereço;
Mas naõ sei naõ dezejar.
Muito póde a confiança
Na fé do muito que quero,
Mas naõ vivo do que espero,
Porque acabou a esperança.
Cansó-me em desesperar
Bens, que sei que naõ mereço;
Porém cada hóra começo
A querer, e a dezejar.

Bem cantavaõ as pastoras, e merecìaõ a sua confiança; e outros começavaõ a louvallas, quando se lhe ajuntáraõ muitos dos pastores, que estavaõ derramados pelo valle, pela fama que delles tinhaõ, com a esperança de os ouvirem cantar: porém naõ o esperava hum porcariço montanhez que alli veio, e se offereceu logo para cantar em porfia, pondo por preço a quem o vencesse huma frauta de corniolo, no som, e no feitio tam estranha, que, tocando-a o montanhez, ficáraõ todos espantados, e muito cubiçozos; e nella estáva lavrada com muita subtileza a historia de Argos, e Mercurio com a vacca: e posto que o preço fez inveja, naõ houve quem lhe sahisse, mas todos lhe pediraõ que cantasse; o que elle fez mui facilmente com os olhos em huma das pastoras, que alli trouxera.

Pasto-

Pastora do verde,
Das duas mais bella,
Tem ditoza estrella
Que por vós se perde.
Vossa formozura,
Taõ mal conhecida,
Como me deu vida,
Me dará ventura.
Ditozo partido
Para meu dezejo,
Ganhar no que vejo
O ficar perdido.
Porque conheceu
Bem vossos primores,
Perca-se de amores
Quem nada perdeu.
Lince, vos offreço
Este coraçaõ;
E os olhos diraõ
Que querem por preço.
Naõ no desprezeis
Por quem vo-lo dá;
Porque nelle está
O que mereceis.
Vereis num porqueiro
Fé muito maior,
Porque o fez Amor
Firme, e verdadeiro.
Baixa natureza
Por vosso a mudei;
Que, se Amor he Rei,
Póde dar nobreza.
Naõ perca a coroa
Só por meu respeito,
Pois que amor perfeito
Naõ guarda a pessoa.
A' affeiçaõ ditoza,
Que de amor vos trata;
Naõ sejais ingrata;
Sereis mais formoza.

Cantou o da montanha com huma voz tam rouca, e desentoada, que entre todos ficou em graça a sua confiança, posto que a letra naõ pareceu mal, e Menalio se naõ pôde ter, que com muito rizo naõ dissesse aos outros: Bofé que está tam mal empregada aquella frauta, que já me arrependo de naõ sahir ao desafio; porém se elle agora o quizer aceitar, falohei eu de boa vontade pela pouca que ella terá de estar em seu poder. A isto respondeu o Montanhez (que ouvia) Engana-te a tua cubiça; que isso he o que ella costuma: mas se puzeres outro premio que iguale ao meu, naõ torno atraz com a palavra que disse; que bem sei que os cabreiros deste monte naõ tem mais que inveja do

do bem alheio, quando o menos merecem alcançar: e porque naõ cuides que receio a contenda, te desafio de novo a cantar, e me atrevo á vencer, se essa pastora, a quem offereci a primeira cantiga, houver esta por sua. Qualquer que tu disseres (respondeu ella) folgarei muito de te ouvir, que naõ cantas taõ mal, que me naõ pareças bem. Naõ durou muito tempo este engano ao porcariço, porque viraõ correr todos os pastores para a porta do templo, e foraõ os da companhia até ver o que era: no frizo do portal appareceu huma taboa dourada, que entre muitos debuxos tinha entalhadas estas perguntas, e sobre ella os premios deputados para quem melhor lhes respondesse.

Perg. 1.

Quem ama sem esperança,
Se ama mais perfeitamente?

Perg. 2.

Se póde haver puro amor,
Aonde falta a razaõ?

Perg. 3.

Que parentesco chegado
Tem o amor, e o ciume?

Perg. 4.

Se dará perfeita gloria
Bem gozado com receio?

Perg. 5.

Se se póde achar belleza
Onde falta entendimento?

Foi tam grande o alvoroço dos pastores com as questoens, e era tam geral o dezejo de logo ouvirem as differentes opinioens que havia no ajuntamento, e alguns de darem os pareceres a que se inclinavaõ, que, sem verem as folias,

lias, e danças, que rodeavaõ o valle, todos occorriaõ as razoens com os que lhe ficavaõ de mais perto. Mas subitamente emmudeceu esta borborinha, e tumulto quando, correndo-se huma cortina, dentre o côro das Ninfas de Diana, começou a cantar Silvia, suspendendo de improvizo os animos de todos, naõ só com os accentos de sua voz, mas com o estranho parecer de sua formozura, á vista da qual pagou Rizeu as culpas da izençaõ passada, ficando tam obrigado de sua gentileza, como arrependido do tempo em que naõ servira às perfeiçoens que nella contemplava em quanto a ouvia; e com ella a discreta Midalia menos confiada no parecer do rosto, que na subtileza, e graça de seu entendimento: diziam desta maneira:

Sil. *Ninfas deste alto rio,*
Driades, Faunos, Satiros, Silvanos,
Que aqui neste desvio
Gozais da longa idade eternos annos,
Ouvi todos meu canto,
Digno de tanta inveja como espanto.

Mid. *Vós feras da montanha,*
Vós lascivas manadas deste prado,
E qualquer ave estranha,
Que fere o ar com vôo levantado
No fundo deste valle,
Ouvindo a minha voz de espanto cale.

Sil. *Os cavallos lustrozos*
Detenha o louro Sol nos horizontes,
E os ventos furiozos
Dem comprido silencio nestes montes;
As ondas se detenhaõ,
E as aguas, por me ouvir, seu curso tenhaõ.

Mid.

Mid. *As mimozas abelhas*
Deixem brando suzurro, e tenras flores;
E a guarda das ovelhas
Os rudos pegureiros, e os pastores;
E por me ouvir attentos
Suspendaõ sua força os elementos.

Sil. *Aonde for ouvida*
A minha voz d'entre estes arvoredos
Daquella rocha erguida
Meu nome se ouvirá dentre os penedos,
E com sonoro accento
Silvia *delles dirá falando o vento.*

Mid. *Os lédos passarinhos*
Mudos sobre estas arvores sombrias,
Dos pendentes raminhos
Retratando-se estaõ nas aguas frias;
E o meu verso acabando,
Midalia *com saudade estaõ chamando.*

Sil. *De Amor livre, e izenta,*
Vivo seguindo as feras na espessura;
Nada mais me contenta,
Que naõ pagar direitos á ventura,
Servindo por senhora
A'quella casta bella caçadora.

Mid. *Os peixes deste pégo*
Prendendo astutamente em seu remanço,
Zombando de Amor cego,
Sómente em meu querer vivo, e descanço;
De amor o senhorio
Tenho por graça, engano, e desvario.

Sil. *Fogi de amor tyranno,*
Pastoras deste valle ameno, e verde:
Fogi seu cego engano;
Que o que nelle mais ganha, mais se perde,
Porque só no estado
He ditozo, contente, e invejado. Mid.

Mid. *Os bens, que amor na terra*
Promette em sombras vãs ao pensamento,
Na conquista saõ guerra,
No fim saõ todos sombra, e todos vento;
Sò nossa vida amada
He ditoza, segura, e bem fundada.

Acabada a muzica, que a todos deixou suspensos, houve huma travada luta, no fim da qual, como naõ durava o socego nos pastores para verem o successo das celebradas perguntas, e era maior o roboliço, com que furiozo Montano, que andava fazendo desatinos, e vendo a taboa, accrescentou esta ás mais perguntas, que naõ deu á festa menor graça, que as finco primeiras:

Se quem perdeu a ventura,
Que Amor poz em seu poder,
Tem razaõ de endoudecer?

E logo em hum lugar alto appareceu huma Ninfa coberta de hum véo rôxo, e na cabeça huma grinalda de flores; e esta recebendo de todos os pareceres, os leu despois em alta voz com muito gosto, e applauzo dos pastores, que em quieto silencio estiveraõ ouvindo o seguinte.

Reposta de Ardenio á pergunta primeira:

,, Quem ama sem esperança,
,, Se ama mais perfeitamente?

Ninguem ama sem querer,
Ninguem quer sem esperar;
O que ama, espera, e quer,
Poderá nunca alcançar,
Mas sempre ha de pertender.
Se á hera lhe falta a planta,
Em cujo tronco se arrime,

Nem

Nem cresce, nem se alevanta;
Que em fim naõ tem força tanta,
Que se levante, e sublime.
E se amor lhe faltára
Esperança, que o sustente,
Na raiz propria se cura,
E inda naõ sei se brotára,
Ou se afogára a semente.
De sorte que em qualquer peito,
Sem esperança, ou favor
De seu dezejado objeito,
Naõ só falta Amor perfeito;
Mas falta de todo Amor.

Reposta da pastora Dinarea á mesma pergunta.

Amor, que a proprio respeito
Todo o dezejo offerece
Só por seu gosto ou proveito,
Naõ se chame amor perfeito,
Antes perfeito interesse.
Amor he somente amar,
Este he seu meio, e seu fim;
E o que pertende alcançar,
Nem se ha de lembrar do fim,
Nem do que póde esperar.
O que he verdadeiro amante
Naõ se funda na esperança;
Só seu querer poem diante:
E se por ventura alcança,
Sem ventura he mais constante.
Quando n'alma huma belleza
Mostra seu raio invencivel,
E amor seu preço, e grandeza;
Naõ faz differente empreza
Entre facil, e impossivel.
E he já coiza averiguada

Que sómente este rigor
Merece ante a coiza amada;
E o que quizer mais de amor,
Nem quer, nem mereceu nada.

Reposta de Rizeu á segunda pergunta;
„ Se póde haver puro Amor,
„ Aonde faltar a razaõ?

Porque Cupido he senhor,
A quem nada ha que rezista,
Como forte, e vencedor
N'alma, que á força conquista,
Tudo converte em Amor.
Naquella, que se lhe entrega,
Fica igual a sujeiçaõ;
Nada a seu braço se nega,
E cega logo a razaõ;
Que, onde amor he grande, cega.
Daqui podem conhecer
Que delle está bem seguro
Quem a razaõ naõ perder;
Que amor verdadeiro, e puro;
Puro, e sem ella ha de ser.

Reposta de Floricio á mesma pergunta.

Afronte-se o pensamento,
Que duvida em tal clareza;
Pois naõ póde haver pureza
Aonde falta entendimento.
Amor, dezejo, e affeiçaõ
Na razaõ tem seu limite:
Vontade, gosto, appetite
Naõ se regem por razaõ.
A razaõ obriga a amar,
A razaõ sustenta amor;
E aquelle, que amar melhor,
Por razaõ se ha de guiar.

Por

Por isso viva seguro
O que em razaõ s'emprega;
Que, em quanto a razaõ for cega,
Nunca amor póde ser puro.

Reposta de Rizeu á terceira pergunta;

„ Que parentesco chegado
„ Tem amor com o ciume?

Amor, como se prezume,
Houve por certa affeiçaõ
Hum filho da occaziaõ,
A que chamáraõ ciume.
He igual ao pai, e mór
Que a mãi com muita grandeza;
Palreiro por natureza;
Que em fim he filho de amor.
Vê muito; aonde quer que vai,
Naõ vôa, antes he pezado.
E em qualquer parte tocado,
Tem o topéte da mãi.
Vive de enganos que faz,
E anda nelles de contino;
E como Amor he menino,
Tambem o filho he rapaz.
Dâ ao pai sempre má vida:
E assim naõ me maravilho
Que desconheçaõ por filho,
Porque amor mesmo duvida.

Reposta de Egerio á mesma pergunta.

Estes irmaõs desiguais
Ambos de Venus nasceraõ,
E tyrannos se fizeraõ
Do Imperio de seus pais.
Nasceu de Vulcano cego
O ciume; e logo entaõ
Tomou a cargo este irmaõ,
A quem nunca deu socego.

E parecia acertado
Que hum filho, que tal parece,
Da formozura nasceſſe,
E de hum pai deſconfiado.
Ambos naſcem juntamente,
E vivem fazendo dano;
Hum com redes de Vulcano,
Outro com ſeu fogo ardente.
Seguem differente fim,
E vivem ſempre em perigo,
Cada hum do outro inimigo;
E acompanhaõ ſempre aſſim.
Moſtre por prova melhor
Quem o contrario prezume,
Se vio Amor ſem ciume,
Ou ciume ſem amor?

Repoſta de Lereno á meſma pergunta.

Neſtes dous naõ ha liança,
Nem póde haver amizade;
Que hum he filho da vontade,
Outro da deſconfiança.
Hum he nobre, inda que agora
Degenere do em que eſtava:
Ciume he filho de eſcrava,
E amor filho de ſenhora.
E claramente ſe apura
Ser o outro eſcravo ſeu,
Porque em dote ſe lhe deu,
Cazando co' a formozura.
Servio de guia, e da fé
Mil vezes falſa, e errada:
E porque Amor naõ vê nada,
Lhe moſtra mais do que vê.
Da ſenhora, e do ſenhor
Quem já conhece o coſtume,

Sir-

Sirva-se bem do ciume,
Porque he escravo de Amor.

Reposta de hum pastor, que calou o nome, á quarta pergunta:

,, Se dará perfeita gloria
,, Bem gozado com receio?

Bem em descanço alcançado
Já se naõ tem por alheio;
Mas bem, gozado em receio,
Dá gloria, e gosto dobrado.
No bem, e gosto, que alcanço,
O receio o faz maior;
E naõ ha glorias de amor
Sem receio, e com descanço.
O que á vontade se tem
Goza-se, e naõ se conhece;
O que na gloria esmorece
Goza o verdadeiro bem.
Naõ ha gosto sem contenda,
Nem ha bem sem custar muito;
Nem gloria, que dê mais fruito,
Que a que melhor se defenda.

Reposta de Tirzea á mesma pergunta.

Naõ podem chamar ventura
A que he sujeita á mudança;
Nem ao bem quando se alcança
Em gloria pouco segura.
E como contrarios saõ
O receio, e mais o gosto,
Hum ao outro contraposto
Pelejaõ no coraçaõ.
Vivem sempre neste enleio,
E nenhum leva a victoria;
E se ás vezes vence a gloria,
Mil vezes vence o receio.

Reposta de Menalio á quinta pergunta, e ultima.

„ Se se póde chamar belleza
„ Onde falta entendimento?

O que á vista reprezenta
Huma viva imagem bella,
Obriga, move, e contenta
A qualquer vontade izenta,
Que está contemplando nella.
Só ao que aos olhos se offrece
He o bem que amor pertende,
E a belleza que conhece;
Pois he bello o que parece,
Sem respeitar o que entende.

Reposta de huma pastora sem nome, á mesma pergunta.

Naõ he muda a natureza
Nas graças, que communica;
E em huma estranha belleza
Por linguas mudas publica
Perfeiçoens de gentileza.
O olhar por movimento,
O rizo, o passo, a cautella
Faz que creia o pensamento
Que, aonde falta entendimento,
Naõ póde haver coiza bella.
A belleza principal
No juizo se assegura;
Noutro modo está tam mal
Como a formoza figura
Tirada em baixo metal.
Este falso sobrescrito,
Só de nescios estimado,
He retrato bem pintado;
Que, como lhe falta escrito,
Naõ póde ser conversado.

Na

Na graça consiste a palma,
E o ser da coiza formoza;
O parecer fica em calma:
Saiba quem só a elle goza,
Que goza hum corpo sem alma.

No fim destes pareceres o teve o dia: apartaraõ-se os pastores, ficando para o outro o juizo de quem melhor respondera; e eu o remetto ao do discreto, e curiozo leitor, porque para perguntas amorozas bastaõ rusticos pastores: porém o responder a ellas, com a verdadeira satisfaçaõ, só a avizadas damas, e amantes cortezaõs he concedido.

FLORESTA OITAVA.

Minha alma, quam receoza
Das forças do soffrimento,
Prometteis fé tam custoza!
Ah não sejais animoza,
Que he muito grande tormento;
E se seguis vosso engano,
Vede quanto vos importa
Atrever-vos a este damno,
Mostrando no desengano
Fé viva, esperança morta.

Bem sei que guardar a fé
Dá fé do muito que amais:
Mas temo que vos percais;
Que amor respeita hum porque,
Que vós já naõ respeitais.
Se a sorte corta a esperança,
A amor juntamente corta
Pela estreita vizinhança,
Mui poucas vezes se alcança
Fé viva, esperança morta.

Porém naõ façais mudança,
Por mais que o tempo aperſiga;
Que amor por pacto me obriga
A viver ſem eſperança,
E a têlla por inimiga.
Eſta eſperança perdida
Com magoa a alma me corta;
Que me deu graõ tempo a vida
De enganos, mas quem duvida?
Fé viva; eſperança morta.
Mas companheira taõ bella
Do que naõ pude alcançar,
Pois o pede minha eſtrella,
Ainda que morta hei de têlla
Para ter com quem chorar:
Olhos, que, por occaziaõ,
Para meu mal foſtes porta,
Suſtentai voſſa paixaõ,
E ſuſtente o coraçaõ
Fé viva, eſperança morta.

Iſto hia cantando o paſtor Lereno por entre muitas arvores, que enlaçadas de verdes parreiras, faziaõ ao longo do rio hum graciozo labyrintho, quando pela borda do campo vio vir hum paſtor, que encaminhava para a Aldea, e a eſpaços de quando em quando cantava: e pondo a cazo os olhos em Lereno, que o eſcutou, chegando a elle, deſpois que ſe ſalváraõ, lhe diſſe: Hum eſtrangeiro tem diſculpa para perguntar; e porque eu o ſou neſtas ribeiras, e venho a ſaber de hum paſtor que nellas habita, do qual naõ ſei mais que o nome, como tambem da terra; te peço que me encaminhes. Falo-hei, diſſe o outro, de taõ boa vontade, como a com que te eſtava ouvindo:

vindo: aſſenta-te neſte eſtrado que a natureza fez tam formozo, e pergunta o que te aprover. Sentado o outro, lhe diſſe: O meu nome he Filenio; ſou natural de junto ao Tejo; e de pouco tempo a eſta parte apaſcento em os freſcos valles dos Lis, e Lena; donde, por fazer a vontade a quem me nega a ſua, venho a eſta Aldea a buſcar hum paſtor, que daquellas ribeiras ſe apartou, a que chamaõ Lereno, que neſtas dizem que he aſſaz celebrado no ſeu canto; e porque o dezejo conhecer primeiro, que elle ſaiba que eu o buſco, te peço que me digas onde o encontrarei, e em que lugar deſta campina traz o ſeu gado. Naõ tardará muito eſpaço (reſpondeu elle) que para aqui naõ atraveſſe o ſeu rebanho, e daqui o poderás ver a elle, e falar-lhe a teu goſto: e naõ o tivera eu pequeno de ſaber o para que o querias; porque, depois que entre nós habita, naõ ſabemos mais que do ſeu canto, que todos julgaõ por extremado, ainda que a minha opiniaõ niſto he mais fraca. Tudo te eu contarei facilmente (diſſe o outro) ſe me prometteres o ſegredo, que a meu intento convém, de modo que de ti, nem por outrem o ſaiba Lereno. Prometto-te (tornou elle) que, ſe de ti o naõ ſouber primeiro, nem por mim, nem por outro deſcubra o que me diſſeres. Com eſte ſeguro de Lereno, que dezejava ver o fim que o paſtor pertendia, começou elle a contar-lhe deſta maneira:

Nas ribeiras do Lis, onde, para viver ſem liberdade, me trouxe do Tejo minha ventura, entre muitas formozas, e engraçadas paſtoras, que habitaõ áquelles graciozos valles, e verdes

ou-

outeiros, guarda hum fato de brancas, e manchadas cabras a formoza Lizea, que a meus olhos he a mais difcreta, e formoza paftora daquellas montanhas, e das que no Tejo apafcentaõ: a efta me inclinou Amor, ou minha eftrella, e fez-me a fuas perfeiçoens tam fujeito, que, fem ouzar defcobrir-lhe effe penfamento, naõ tratava de mais, de que com ferviços grangear-lhe a vontade: veio-me ella a moftrar a que tinha a efte Lereno, a quem ama tam de verdade, como eu a fua gentileza, o qual por feu refpeito fe apartára para eftes campos do Mondego, moftrando hum animo affaz ingrato a feu amor: mas como efte naõ attenta á femrazaõ de quem o defpreza, e naõ confente focego em quem ama, veio-me a pedir com lagrimas a defconfiada paftora, fiando de mim o que eu fó temia, que quizeffe paffar a eftas Aldeas, e dar huma carta ao feu Lereno. Eu, a quem amor fizera feu fujeito, menos cubiçozo de lhe obedecer, que de alguma occaziaõ para melhorar minha efperança, venho a bufcallo, dezejando levar em repofta a fua mefma carta com algum engano, em que nos amores de Lereno a torne defconfiada, fingindo com aftutas apparencias meu intento; que pofto que nifto commetta fazer engano a quem amo tanto, he o melhor remedio que poffo dar a feu amor mal agradecido, e o ultimo que tem minhas efperanças: para efte dezejo andar alguns dias encoberto nefta ribeira, para ver as paftoras com que trata, os amigos que acompanha, e o gado que traz. E pois te defcobri efta determinaçaõ, razaõ ferá que me naõ negues os meios com que lhe poffo alcançar o fim.

fim. Naõ me parece bem (respondeu elle) esse que tu commettes, porque será sómente pôr essa pastora em ciumes; e como estes daõ forças ao amor, esse a trará facilmente a viver na nossa Aldea: porém se signaes verdadeiros lhe puderem tirar de todo as esperanças, e se eu naõ me engano, Pastora ha nella, a quem elle já deu cartas, ou de essa, ou de outra pastora, que no Lis o favorecia; e se lhe eu conhecera a letra, bem me atrevera a furtalla sem grande perigo. Pois sabe (tornou o pastor) que tenho a ventura na tua maõ, e a Lereno homiziado com Lizea; e se por ti alcança fim a minha empreza, ficar-te-hei obrigado com a vida. E quanto á carta, pelo sobrescrito desta conhecerás: e por naõ consentir naquelle engano feito a Lizea, tratava o seu com muita dissimulaçaõ. Se tu dezejas (disse elle) que isto se naõ saiba, convém que a ninguem mais descubras o que pertendes, nem ainda nomêes a Lereno; porque tem muitos amigos no lugar, e podes encontrar com quem dezeje mais dar-lhe essas novas, que a ti remedio: aparta-te o mais que puderes do trato dos pegureiros; e ámanhá mais sedo, que a esta hora, ao tirar do gado me acharás neste lugar. O pastor o levou nos braços bem alheio de imaginar que tinha nelles a Lereno; o qual despedido delle, se escondeu entre huns penedos; e, abrindo a carta com muita subtileza, vio que dizia:

A ti, Lereno auzente, em cuja vida
Está a de Lizea, que te escreve
Com semrazoens tam mal agradecida,
Roga esta triste a vista, que naõ deve;
Pois o termo, que pede meu cuidado,

Hé

He num comprido mal vida mais breve.
Tu por vontade auzente, e desterrado,
Eu preza, e condenada a meu tormento;
Padecendo innocente, e tu culpado.
Vence, pastor cruel, teu duro intento;
E baste, se esta esperas por vingança;
Nenhuma culpa, e tanto sentimento.
Tyranna condiçaõ, tyranna uzança,
Que castigues de amor hum leve engano
Com tam pezado mal, tanta esquivança!
Se eu tive culpa, foi de amor tyranno,
Que me levou traz ti por força sua;
E de novo receio o mesmo damno.
E ainda naõ foi de amor, foi culpa tua,
Que me levaste alma que eu seguia,
E naõ quero que amor ma restitua.
Buscava tua ingrata companhia;
E como me guiava o amor cego,
Fez-me errar o caminho que fazia.
Mas se he castigo, em fim já me naõ nego:
Lizea está a teus pés, naõ te reziste;
Torna, pastor, ao Lis, deixa o Mondego.
Depois que desta Aldea te partiste,
Tambem della fogi como culpada:
Mas ah cruel tu só de mim fogiste.
Estou entre as pastoras enleada,
E de ouvir meus suspiros, e meus ais
Cada qual foge já de importunada.
As arvores, as aves, e animais
Ouvindo meus queixumes, e tristeza,
Com naõ terem razaõ, se abrandaõ mais.
Perdem estes penedos a dureza:
Tu mais brando, que as aguas desta fonte,
Só contra mim mudaste a natureza.
Nem viraõ mais meus olhos verde o monte,

Nem

Nem claro o Sól, depois que te naõ vejo,
Nem as estrellas vi neste horizonte.
Nem do mugido leite o brando queijo
Fiz, nem a nata doce, e saboroza:
Teu he só meu cuidado, e meu dezejo.
Nem cà hi mais no valle a fresca roza,
Nem a roxa viola, e o jacintho
Nem a branca cessem pura, e formoza.
Em nenhum gosto, nem bem meu consinto
Depois que me deixou minha ventura
Naquelle estranho, e cego labyrintho.
Só busco no lugar, e na espessura
A ti, Lereno, em brados: e responde
Ecco no vaõ temor da noite escura.
Nomea-te outra vez, logo se esconde:
E se me vou traz ella por buscarte,
E lhe pergunto aonde, diz-me: Aonde.
Se de novo outra vez torno a chamar-te,
E pergunta em que parte? enternecida
De longe me responde tambem: Parte.
Partirei triste em fim: mas quem duvida
Que ache outra fera, e outra caçadora,
Que queira cada qual tirarme a vida?
Tornar-me-hei peregrina de pastora,
Pois o naõ sou depois que te naõ vi,
Que em meu gado se mostra cada hora.
As cabrás sem pascer chamaõ por mim,
Como perdidas já nestes outeiros;
Mas percaõ-se tambem, pois te eu perdi.
Os tenros cabritinhos chocalheiros
Naõ parecem saltando sobre as flores,
Nem as maõs se penduraõ dos salgueiros.
Tem compaixaõ de vêllos os pastores,
Que os viraõ já (quiçais com muita inveja).
Tu só nenhuma tens de meus amores.

Torna,

Torna, ingrato Lereno, onde te veja,
E onde, para te ouvir cantar mais ledo,
O valle, o rio, o monte te dezeja.
Sentado aqui ao pé deste penedo
A lyra tocarás tam docemente,
Que emmudeças as aves do arvoredo;
Farás deter do Lis claro a corrente,
Tornar atraz o vento furiozo,
E florecer o valle de contente.
E depois de cansado, ou de mimozo,
Inclinando a cabeça no meu braço,
Passarás doce o sono saborozo.
E a este altivo myrtho pouco escaço
As dezejadas flores cobriraõ
O teu rosto, pastor, e o meu regaço.
Mas para que te chamo triste em vaõ,
Se só para naõ veres a Lizea
Deixaste natureza, e condiçaõ?
Se esta minha affeiçaõ he que te enlea,
Veja-te eu, seja tua esta vontade;
E a minha seja tua, ou seja alheia:
Se outrem possue a tua liberdade,
Tambem será senhora do que eu tinha;
Seja ao menos amor para amizade.
Eu sou tua, Lereno, e naõ sou minha:
Guardarei como escrava o teu rebanho;
Que o grande amor a tudo me encaminha.
Servirei quem te amar; pois que mór ganho
He de quem por humilde te mereça,
Que esperar menor paga a bem tamanho.
Mas só naõ servirei quem te aborreça;
Que isto naõ no consente o que te quero,
Nem o fado permitta que aconteça.
Vem, esquivo pastor, ingrato, e fero,
Alcançe este querer devido fruito:

Olha com quanta fé, e amor te espero,
E o que custa querer, e esperar muito.

Tinham as palavras de Lizea tanta força pela affeiçaõ que as formára, que naõ pôde o pastor negar-lhe sentimento; e com alguns suspiros magoados, se queixava da ventura, attribuindo a ella o desconcerto de seus amores. Ah triste (dizia elle) quam grande culpa commetto contra amor em negar affeiçaõ a quem com tanta fé me offerece a sua! E quanta maior força tem, e formozura, quem tira a valia a esta razaõ! Faça amor o que quizer de minha vida; e pois elle sujeitou a vontade, tire de seus poderes a disculpa de meu erro. Se sou ingrato, e desconhecido a quem me ama, naõ fora elle tyranno, e cego para uzar mal de quem o levantou por senhor da liberdade. Que pena merece quem alheio de si commette a culpa? E eu só padeço sem ella o desterro de minha auzencia, e as saudozas lagrimas de Lizea. A verdade he que amor vive de seu querer, e naõ de obrigaçaõ alheia; e com o dezejo tyranniza a razaõ: e porque em males, que a naõ tem, se confunde o juizo a cada passo, vinde cá, minha rustica sanfonha, cantaremos de meu mal; darei louvores ao soffrimento, que o sustenta, pois he verdade que naõ mereço a pena delle.

Que labyrintho he este de cuidados
Tam desiguaes na vida, e na ventura?
Que maranha de enganos sempre escura?
Que caminhos de hum fim tam desviados?
Se com damnos, e bens tam encontrados,
Cuida amor que me vence, entaõ me apura;
Que está minha firmeza tam segura,
Como meus pensamentos levantados. Ma-

Males já d'ante maõ bem merecidos,
Naõ cuideis que acabais o ſoffrimento;
Que nem elle, nem eu naõ vos eſtranho:
Esforcem-ſe na cauza os meus ſentidos;
Que tudo caberá num ſentimento,
Aonde teve lugar hum bem tamanho.

Acabando de cantar, ajuntou o rebanho, que andava eſpalhado pelo valle, e com a vinda da noite o recolheu, fogindo dos paſtores, e buſcando a triſteza ſó por companheira; que eſta he a de quem ſe fiaõ os cuidados da alma, e a inimiga que mais contenta a quem ſabe contentalla.

FLORESTA NONA.

EM quanto a noite occupava a terra, e aos animaes o ſomno, e os paſtores repouzavaõ para os trabalhos do dia, imaginava Lereno em a obrigaçaõ que tinha aos cuidados de Lizea; e buſcando maneira de reſponder á ſua carta de ſorte, que quem a levaſſe ficaſſe ſeguro, a tornou a ler de novo; e cortando della a capa do ſobreſcrito, poz em lugar do que tirára o papel em que reſpondeu; e cerrando-a com tanta cautela, que ſe naõ podeſſe entender aquelle engano, junto com a outra carta de Lizea, que ainda tinha, ſe foi em amanhecendo ao lugar onde já o paſtor eſperava: e depois de o ſaudar lhe diſſe: Bem merece o teu cuidado, e diligencia o galardaõ, que pertendes deſte ſerviço: e poſto que me deves a principal parte delle além do goſto, que terei de te ver contente, tambem Lizea me fica obrigada, por lhe evitar hum mal que tanto cuſta, como empregar affeiçaõ em quem tem a ſua penhora-

da em outra parte. Vês aqui a carta que me déste, e outra que te prometti; tenhas com ellas tanta ventura como Lizea tem de merecimentos: a ella podes dizer que achaste esta carta na maõ de huma pastora formoza, e digna de muito grandes extremos, e podes affirmar, que a tinha em tam pouco, porque lha déra Lereno, como a elle estimava, pois que lha deu: os meios, por onde a alcançaste, fingirás a teu sabor; e naõ te digo quaõ custozos foraõ os com que a houve á maõ, e o risco em que fico de ser achado com o furto nellas, porque he maior o que eu faço, que o engano que tu tratas. Se alguma hora tornares a esta ribeira, e quizeres de mim alguma coiza de teu gosto, pergunta por Lereno, e dizelhe, que te léve á cabana de Floricio, que este he o meu nome, e assim conhecerás a elle, e verás a mim. Agora te guie boa estrella; que eu vou acodir ás obrigaçoens da minha. Devo tanto á tua vontade (disse o outro) e a esta obra, que era bem que, deixando o fim della, fique toda a vida por teu cativo nesta ribeira: esta terás nas do Lis em quanto eu nellas tiver vida; e se nesta, que agora me déste, na pessoa, ou no rebanho quizeres pôr hum signal de como tudo he teu, nisto o darás de homem agradecido: e lançando-lhe os braços ao pescoço, Lereno o levou nos seus com a mesma cortezia, e o foi acompanhando até passar o valle. Seguio dalli o outro o seu caminho assaz contente, e Lereno se veio assentar perto do rio, onde bem naõ tinha socegado, quando conheceu Althéa, que vinha pelos salgueiros cantando o seguinte.

Soffrei,

Soffrei, coraçaõ,
Vosso sentimento;
Vingai-vos dos olhos;
Que a culpa tiveraõ.
Quanto melhor fora
Enganar ao tempo,
Que buscar ventura
Em gostos alheios!
Para que saõ bens,
Que acabaõ taõ presto?
Para que buscallos
Quem sabe perdellos?
Cuidados de longe
Matam de mui perto;
Que acorda a lẽbrança
Contino o dezejo.
Amor tam constante,
Tam mal satisfeito,
Fé tam mal pagada,
Já agora quebremos.
Secca a esperança
Cança o soffrimento:
Fiz força atégora,
Mas já naõ me atrevo.
Qualquer sombra vã
Engana o dezejo;
E tudo saõ sombras,
Porque Amor he cego.
Ah quem nunca vira,
Por naõ ver taõ sedo
Quantos desenganos
Vem sobre hum receio!
Ai triste que canso,
E naõ me arrependo;
Nem deixo meu mal
Com quãto o praguejo!
Gosto, alegrias,
Glorias, passatempos,
Se vos naõ possuo,
Tambem vos enjeito.
Mais quero meu mal
Pelo bem que quero,
Que a vossos enganos,
Porque vos conheço.
Quero de meus bens
O mal, que me veio;
Deixai-me sentillo,
Pois tambẽ vos deixo.

Naõ esperou o pastor, que Althéa chegasse junto a elle; antes a foi encontrar perto do rio, porque era taõ affeiçoado ás partes, e parecer que nella via, que nenhuma daquelles campos parecia tam bem nos seus olhos; e pondo-os nella, lhe disse: Quando, Althéa, em hum coraçaõ sem descanço fazem os teus olhos tanta differença, e a tua vista, e voz tanta affeiçaõ, que fariaõ em quem merecesse á ventura viver contente, e ter obrigada a tua vontade? Tens a minha tam segura da tua parte (respondeu

deu a paſtora) que bem me devias fazer o engano verdadeiro. Ah Lereno, quero bem, e devo a fé a quem me fogio com o que me devia; canto os males de ſua auzencia, e naõ choro os que de novo me naſcem quando te vejo: fez o Ceo tam conforme o teu proceder com a minha affeiçaõ, que, ſe a que tenho obrigada a outrem naõ perdera o merecimento com a mudança, nas tuas maõs a fizera a trôco deſte dezejo: naõ me negues hum bem que podem ter meus males, que he veres-me, e ouvir-te muitas vezes, que para cuidar em ti ha outra coiza de que me lembro, mas para ouvir de tudo me eſqueço. Nunca hum coraçaõ leal engana a ſeu dono (diſſe o paſtor) ſempre o meu me dizia, depois que te vi, quam bem me empregava no que te quero: faze conta da pureza deſte amor ſem offenſa do que outrem poſſue: deves querer bem á minha vontade; que eu nem mereço ſer querido, nem eſperára alcançallo encontrando a affeiçaõ de Floricio, de quem eu diſſera quanto te merece, e quaõ grande obrigaçaõ tens a ſeus cuidados, ſe naõ ſoubera os teus do primeiro dia que entrei neſta ribeira: porém te peço que o naõ deſeſperes na ſatisfaçaõ de ſeu amor, ainda que a tenhas por impoſſivel, porque ha no tempo tantas mudanças, e em amor tam differentes fins de ſeu começo, que já pode ſer que lhe pagues com hum engano, ou que aches na ſua fé merecimento. Quam pouco me eſtimas (replicou Althéa) que ainda agora me entreguei por tua, e já me dás a outrem! Que eſcravo ha tam enjeitado, que naõ dure huma hora em poder de ſeu ſenhor? Naõ viras primeiro em meus

ſer-

ſerviços ſe te contentavaõ, e em minha fé ſe te mereciam? logo ma enjeitas? negas-me hum engano, e queres que ſuſtente com elles a Floricio? tiras-me a vida, e queres que lha dê por teu reſpeito? Ah Lereno, Lereno, a cada qual deſvia o ſeu cuidado: da-me eſſa maõ, e promette que em quanto naõ faltaram enganos, e eſperanças a Floricio, tenha Althéa parte em teus penſamentos; e verás a quanto me obriga o que te quero. Lereno, mudada a côr, moſtrando, que com receios o conſentia, lhe deu a maõ, e apertando a ſua com hum ſuſpiro lhe dizia:

Neſtas maõs juro, Althéa, de querer-te;
Sem offenſa porém de meu cuidado;
Porque de hum coraçaõ, que tenho dado,
Naõ ficaõ mais que os olhos para ver-te.

Amor, que ſempre eſpreita o tempo para fazer damno, e com o ciume, que o acompanha, anda correndo as téllas, que deixou armádas, trouxe para aquella parte a Floricio, que deſcia do monte; e conhecendo a Lereno no tom da voz antes que o divizaſſe, veio manſo pela parte do mato para ver com quem falava, e ouvio as palavras com que elle jurava nas maõs de Althéa aquella condiçaõ, que amor naõ conſente: e naõ ſabendo da cauza mais que o que via, julgando por infiel ao caro amigo, como deſeſperado atraveſſou por diante delles, e virando com ira os olhos a Lereno, lhe diſſe ao paſſar: De hum fementido baſte o conhecimento por vingança. E por mais que o amigo bradou traz elle: Eſpera, eſpera Floricio: naõ voltou o roſto. E vendo iſto Lereno, ſe apartou de Althéa, e foi a buſcallo: porém cada hum

hum seguio differente caminho: Floricio tomou para a montanha suspirando; e mettido entre huns castanheiros, depois que cançou de suspirar, adormeceu, em quanto Tirzea com o pensamento nelle vinha pela falda do rio cantando esta glossa:

Cuidados assim vos quero,
Que sejais desesperados,
Quero-vos para cuidados.

Quando mór força mostrais,
Mór dureza, e mór rigor,
Na dor com que me tratais,
Entam vos estimo mais,
E me pareceis melhor,
Só vós podeis verme a mim
Pelo triste fim, que espero
Numa tristeza sem fim:
Mas se me quereis assim,
Cuidados, assim vos quero.
Em qualquer menor tormento
Naõ tirára de vós fruito,
Que o que custa ao soffrimento,
Menos, que o meu sentimento,
Nunca póde valer muito.
De sorte que na affeiçaõ,
Em que vos tenho empregados,
Para serdes estimados,
He de força, e de razaõ
Que sejais desesperados.
Quando eu de vós pertendera
Hum bem, que a muitos engana,
D'outra sorte vos tivera;
Amára a quem me quizera,
E naõ quem me desengana.

Quando vos vejo arriscados
A mais males, móres damnos,
Entam vos quero dobrados:
Naõ vos quero para enganos,
Quero-vos para cuidados.

Passando a diante, encontrou no meio do valle a Althéa suspensa, e triste pelo que aos dous pastores acontecera, e tornando a cuidar: que lhe podia succeder algum damno em quanto a razaõ estava tam escura, disse a Tirzéa que lhe pedia que fosse pelo valle assima, pois o ella naõ podia fazer por hum respeito; e que ouviria cantar a Floricio, que em extremo cantára bem ao tempo que ella descia para o rio. A outra, que só nisto tinha o dezejo, lho agradeceu muito; e encaminhada de hum pegureiro, que andava no mato, foi ter aonde o seu pastor dormia.; e sentando-se junto a elle, naõ quiz quebrar-lhe o repouzo do somno, antes com a vista curioza, no pensamento o estava adormentando. Mas como o pastor adormecera sem descanço, acordou logo, e com hum grande ai extendeu os braços, e, cahindo hum nos da namorada Tirzéa, ella o recolheu entre os seus, dizendo para elle (que naõ ficoú pouco espantado de a ver alli). Já Floricio, que os descuidos do teu somno me pagaõ meus cuidados, deixame este braço para inteirar esta alma do que lhe deves. Ah Tirzea (respondeu elle) bem se vinga amor da vontade que te devo, como da traiçaõ que outrem uza comigo: naõ te quero dar o braço, pois te naõ satisfaço com o coraçaõ: outro dia te descobrirei este segredo: e agora, se desces

para

para o gado, acompanhar-tehei. Disto ficou a pastora mais contente, e naõ quiz pedir-lhe que naõ dilatasse para outro tempo o que lhe descobria naquelles signaes; mas pelos que vio da sua tristeza, dissimulou; e desceram ambos para o rio. Mas Lereno depois que correu toda a montanha sem achar quem buscava, encontrou ao pé de hum carvalho o doudo Montano, que estava affeiçoando hum cajado; e chegando a elle, o saudou, perguntando se vira a Floricio. Logo to mostrarei (respondeu elle) que mui perto está de nós: e levando-o a hum penedo, que cahia sobre huns silvados, que estam no desvio do caminho, o fez sobir nelle, e mostrando-lhe o vulto de hum tronco mettido entre ramos, o lançou dalli abaixo, onde ficou bem espinhado das silvas, e magoado da quéda, dizendo-lhe: Isto te fique em castigo de perguntares por outrem a quem naõ sabe de si. E com grande rizo se foi dalli apupando pela montanha. Lereno se tornou ao pé do penedo, onde entre si fazia estas contas com a voz baixa, como que entam a naõ fiava mais, que do sentimento:

Que amor sigo? que busco? que dezejo?
Que enleio he este vaõ da fantazia?
Que tive, que perdi, quem me queria?
Quem me faz guerra? contra quem pelejo?
Foi por encantamento o meu dezejo,
E por sombra passou minha alegria,
Mostrou-me Amor dormindo o que naõ via,
E eu eeguei do que vi, pois já naõ vejo.
Fez á sua medida o pensamento,
Aquella estranha, e nova formozura,
E aquelle parecer quazi divino.

Ou imaginaçaõ, ſombra, ou figura,
He certo, e verdadeiro meu tormento:
Eu morro do que vi, do que imagino.

Dalli ſe foi Lereno ao gado, e o recolheu buſcando a triſteza da noite para mais largo queixume de ſua eſtrella, que naõ lhe dava hum mal ſem companhia, nem lhe ſoffria ter outra, que fizeſſe menor o ſentimento delles.

Floresta Decima.

SEntia tanto Floricio a falſidade, que imaginava do amigo, como elle a ſemrazaõ de ſeu engano: cada hum ſe queixava de males naõ merecidos; hum entre ſi reprezentava quebrada a fé da amizade que tinham, e offendido o reſpeito do amor com que ſe tratavaõ; outro via deſagradecido ſeu dezejo, deſacreditada ſua verdade, e ſobre tudo perdido tam bom amigo. Lereno buſcava meios de deſcobrir ſeu intento; e Floricio modos de ſe eſconder á ſua diſculpa; e fez iſto com tanta porfia, que paſſaraõ muitos dias, em que o amigo ſeguindo-o com os paſſos, e com a voz o naõ alcançava, até, que deſconfiado de lhe poder dar a conhecer a fidelidade de ſeu coraçaõ, determinou partirſe dos campos do Mondego, e buſcar outro lugar a ſeu deſterro. Mas como lhe naõ conſentia o coraçaõ deixar a Floricio magoado, tornou a buſcar Althéa, que havendo-o já por deſcuidado da promeſſa, que lhe fizera, negava tambem os ouvidos a ſuas razoens: porém como já fora teſtimunha de tam perto da deſconfiança de Floricio, naõ pôde durar muito eſta eſquivança. Alli lhe diſſe o paſtor

tor com muito sentimento a determinaçaõ de sua partida, renovando a memoria da desgraça, que o trazia desterrado; e lhe pedio quizesse em sua auzencia descobrir ao amigo enganado o que a seu respeito entre elles passara; e que, depois que tivesse verdadeiro conhecimento de sua fé, tornaria a habitar os campos do Mondego, pois por entaõ os deixava com muita saudade. Ella, que já sentia este apartamento, e muito mais ser por sua cauza, lhe pedia que se naõ determinasse taõ de pressa; e com estas, e outras palavras o aconselhava: Pois eu, Lereno, fui o principio deste mal, naõ he muito que elle seja a cauza de minha morte, e eu só culpada nella: mas se tu a podes escuzar sem perder muito, lembra-te que me deves a vida pelo que te quero. Se Floricio foge de te ouvir razaõ, naõ fujas da que eu tenho para te obrigar. Deixa-me pôr em o meio do perigo, salvarei a tua fé, e a sua desconfiança á custa de minha vergonha: se elle he teu amigo, conhecerá facilmente que o tratas sem enganos; se pelo contrario, pouco perdes em sua amizade, e eu muito em tua partida: considera de vagar, escolhe o menor perigo, arriscame a todos, como naõ seja deixares-me. Tudo fizera (respondeu elle) por teu querer, se o meu naõ fora tam mal afortunado até para obedecerte: quero-me apartar desta ribeira, que com o lugar muitas vezes se muda a ventura, ainda que eu em nenhum a tenho, e o tempo desenganará em auzencia a falsa prezumpçaõ de Floricio, e a de meus males, se esses imaginaõ que poderáõ alguma hora vencer o soffrimento: porém se primeiro o queres desima-

imaginar; aqui me tens, com tanto, que naõ dilates o remedio. Como quem (tornou nella) tem nelle o dezejo de sua vida, fica-te embora, que eu vou buscar a hum pastor, de quem fujo há tantos dias, para deter o outro que me foge dos olhos, levando nos seus, penhores muĩ custozos de minha affeiçaõ. Com isto deixou Lereno dando mil suspiros, ao tempo que Rizeu vinha para elle; e ouvindo-o, e vendo-o taõ triste lhe perguntou: Que ais saõ esses, Lereno? a quem buscaõ, e que pertendem? A morte (respondeu elle) para fim de muitos damnos. Queixume he de muitos (replicou o outro) e dezejo de nenhum. Deixa agora a paixaõ, se alguma te obriga; e vamos cantando aos loureiros daquella fonte, que está para fazer inveja a qualquer sentimento com a melodia dos passarinhos, que a esta hora suspendem os ares com muzicos accentos, e parece que a natureza lhes está modulando as vozes, concertando a baixa do saudozo melro, com o tiple do muzico roixinol, e sobrelevando em miudos accentos o pintasilgo, servindo de instrumento sonorozo o continuo zunido das abelhas, que andaõ tirando o mel das tenras flores, e o som das aguas, que por entre alvos seixos, e ruiva arêa vaõ murmurando. A isto se naõ quiz negar Lereno, por naõ descobrir maiores signaes de sua paixaõ, e foi cantando com o amigo esta cantiga:

Com dar de contino ais
Dou á vista algum descanço:
Mas c'os ais, que d'alma lanço,
Descanço por cançar mais.

A fé, e a razaõ me obriga

Nesta

Nesta pena, que padeço,
Por mais que a dor me persiga,
Que nunca o que sinto diga,
Porque nisso o desmereço.
Eu, que nunca perco o tino
Em males tam desiguaes,
Desabafo por signais
Com dar suspiro contino,
Com dar de contino ais.

Tenho os ares perseguidos,
E a voz rouca suspirando;
E sentindo os meus gemidos,
Os penedos sem ouvidos
Ficaõ comigo bradando.
De huma dor tam bem sentida
Este he o fruto, que alcanço;
Mas pois num mal sem medida
Fim naõ posso dar á vida,
Dou á vista algum descanço.

Renovo o meu sentimento;
Pois para a morte naõ val:
E em gloria deste tormento
Vou cevando o soffrimento,
Porque dure sempre o mal:
Saiaõ suspiros do peito,
Dem ao coraçaõ descanço;
Que eu já vivo satisfeito,
Naõ c'os prazeres que enjeito,
Mas c'os ais que d'alma lanço.

Prazeres, que me negastes
Quanto por vós trabalhei,
Tanto a correr me ensinastes,
Como em mim naõ descançastes
Que nunca mais descancei:
Vou correndo, sem parar,

Para

Para o fim que me negais;
E neste vaõ trabalhar
Naõ canço por descànçar,
Descanço por cançar mais.

Pouco espaço depois se assentáraõ ao pé da fonte, por beberem da agua saboroza, que della manava, ouvindo a precioza muzica dos passarinhos: viraõ pendurada em hum gancho de hum loureiro huma sanfonha, que nas costas tinha este letreiro:

Instrumento contente, que algum dia
Fostes alivio de meu sentimento,
A cujo som suave, e melodia
Ouvio a cauza delle o meu tormento,
Ficai prezo nesta arvore sombria,
Aonde vos toque agora o surdo vento;
Que eu, que parto chorando desta aldea,
Mal poderei cantar na terra alheia.

Logo os dous pastores conheceraõ ser aquelle o instrumento de Floricio, e Lereno, a quem elle na alma tocava: deu hum grande suspiro; com outros muitos pedio a Rizeu que o fosse buscar por huma parte da montanha, que elle pela outra faria o mesmo, porque algum grande mal lhe fazia perder a ambos tal amigo. Rizeu o fez assim, e junto da noite achou a Althéa, que tambem andava nos alcanços de Floricio. Deixemos o que entre elles passou; e o que succedeu a Floricio. E tornemos a Lereno, que naõ esperou mais conselho para sua desgraça, pois contra ella lhe naõ valia entendimento: e logo em se apartando de Rizeu tomou o caminho para a serra, rio assima; e de hum outeiro, que descobre todo o valle, que com a entrada da noite estava mais

sau-

saudozo , assim cantava a sua magoada despedida :

A Deos aguas cristalinas,
A Deos formozos outeiros,
Faias, choupos, e salgueiros,
Lirios, flores, e boninas.
A Deos formoza lembrança,
Com que em meus males vivia;
A Deos valles de alegria,
A Deos montes de esperança.
A Deos formozo penedo,
De quem com tantas verdades
Fiei minhas saudades,
Que me pagastes tam sedo.
A Deos prado, a Deos pastores,
Vassallos deste amor cego;
A Deos aguas do Mondego,
A Deos fonte dos amores.
Aparto-me desta Aldea,
Vou-me fogindo á ventura;
Que nem a minha he segura,
Nem esta parece alhea.
Póde ser que cance a sorte
De andar em tanta mudança;
E se a sorte nunca cança,
Quiçais que descance a morte.
Vou-me como a rez perdida
Nos matos da terra estranha,
Té que os lobos da montanha
Venhaõ a tirarme a vida.
Mas he já tam desigual
O mal de meu coraçaõ,
Que os animaes semrazaõ
Sabem fogir de meu mal,
E bem deve ser assim,

Pois

Pois em mim se considera
Que, se delle naõ vivera,
Andára a fogir de mim.
Faça-se o que amor ordena,
Com direito, ou sem direito,
Té que as brazas deste peito
Faça em cinza a minha pena.
Vamos, meus olhos, que he certo
Naõ estranhares mudança,
Pois sem a vossa esperança
Tudo parece hum dezerto.
Paguemos culpas de hum erro,
De que a amor as culpas punha;
Que huma falsa testimunha
Nos condenou ao desterro.
Pois mostrar a differença
Já agora nada aproveita,
E valeu, sendo suspeita;
Vamos cumprir a sentença.
Vós chorareis de contino,
E eu com suspiros em vaõ
Irei lançando o pregaõ
De hum castigo taõ indino.
Direi chorando sem fim:
Justiça, que manda o fado
Fazer hum triste culpado,
Que deu armas contra sim.
De que serve outro socego,
Se falta o do meu dezejo?
Vamos, meus olhos, ao Tejo,
Fareis como no Mondego.
Fica, a Deos, fica-te embora,
Floricio; tenhas ventura,
E aches fé tam firme, e pura,
Como a que perdes agora.

Li-

Livre-te o Ceo de perigo,
Pois que fizeste em teu dano
De hum amigo sem engano,
Por hum engano inimigo.
A Deos, Althéa; que auzencia
Desengana teu cuidado:
Naõ queiras de hum desterrado
Fazer nova experiencia.
Eu vou aonde perca a vida;
Logra a tua a teu saber,
E nunca sejas de amor
Com falsidade offendida.
Pastores, que já me ouvistes;
Dêvos a sorte alegria,
Pois que a minha companhia
Naõ he mais, que para tristes:
Aguas, em que já me olhei,
Que com olhos inturvava,
Quando cantando chorava
Hum mal, que tanto estimei:
Sempre corrais com descanço
A' sombra de arvores bellas;
E vejais claras estrellas
De noite em vosso remanço.
Ficai, a Deos, arvoredos,
Fontes, e arvores sombrias,
Que em tempos de tantos dias
Naõ vistes meus olhos ledos.
Lagrimas, que aqui ficais
Derramadas com razaõ,
A Deos, que outras nascerãõ
No lugar donde brotais.

PRI-

PRIMAVERA.

Praias do Tejo.

FLORESTA PRIMEIRA.

QUEIXOZO da ventura, que o desterrava, cansado de caminhar por terra estranha, desconfiado das esperanças, em que sustentava a vida, buscava o pastor Lereno lugar, onde acaballa, parecendo-lhe que cada hora se alargava com as saudades do Lis, onde nascera, e da liberdade que nellas lhe ficára, e com grande magoa das desconfianças de Floricio, que o apartavaõ do Mondego. Chegou a huma montanha das praias do Tejo em huma tarde gracioza, quando o Sol dos horizontes se despedia, deixando as rozadas nuvens envoltas com seus raios: e em quanto dos altos montes naõ cahia a sombra escura, assentado em hum penedo, de cujas entranhas Ecco os saudozos encantos repetia, ao som do vagarozo Tejo, que passava, cantou o seguinte:

O' tarde saudoza,
Que ides apozentando a noite fria
Neste nosso horizonte,
Manda-me amor que conte,
Agora em voz choroza
Magoás, que naõ fiei do claro dia.
Ouçaõ minha porfia

Essas

Essas nuvens escuras,
Que o Ceo mostrava ha pouco prateadas;
Que naõ estaõ seguras,
Por estarem da terra levantadas,
De padecer mudança;
Que mais alta tive eu minha esperança.
Ouvi-me, ó arvoredos,
Que, vestidos de triste verde escuro,
Assombrais este rio,
Em quanto o vento frio
Aos passarinhos ledos
Nos ramos lhes naõ dá lugar seguro;
E se o inverno duro
Com fronte turva, e féra
Vos despojou de estado tam contente
Da doce Primavera,
Ouvi agora a voz de hum triste auzente;
Que em espaço tam breve
Lhe descontou fortuna hum bem que teve;
E vós, aguas cansadas
Desse largo caminho, que trazeis
Por serras, por arêa,
Detende a pura vêa;
E aqui mais socegadas
Póde ser que em meus males descanceis;
Em meus olhos vereis
A vossa saudade;
Que se para tornar onde nascestes
Dezejais liberdade,
E rompeis os penedos que temestes,
Em mim vereis a pena
De naõ poder seguir a quem a ordena.
E vós, formoza ingrata,
Em cujo rosto, e olhos escondida
Ficou minha ventura,

Por

Por quem amor procura
No mal, em que me mata,
Fazer que inda mereça a minha vida;
Nesse bosque escondida
Ouvi meus versos tristes,
Que descobrem desta alma a saudade;
E pelo que já vistes,
Nos meus olhos vereis que he de verdade
Este meu sentimento,
Com tanta pena, e sem merecimento.
Desterro tam comprido,
E do hum para outro mal tanta mudança;
Onde a fé se melhora,
Se ha de ter alguma hora
Num mal tam bem soffrido,
Pelo menos enganos da esperança?
Esta, que assim me cança,
Fora doce, e suave:
Como he aspero, esquivo, e insoffrivel,
E a pena dura, e grave
Mas parece este bem quazi impossivel;
E esta duvida solta
Ver que a ventura em males naõ faz volta.
Vou chorando meu dano
(Naõ perder o socego, e vida cara,
Porque isto he coiza justa)
Que ainda que tanto custa
Me parecer a humano
O mal, se em vossa vista me matára;
Mas quer a sorte avara
Que o meu tormento seja
Viver a meu pezar auzente, e firme
Aonde vos naõ veja,
Nem deixe amor cruel de perseguirme;
Faça-se o seu mandado,
Auzente, firme, só, desesperado, Es-

Estava o lugar com a saudade da noite, e com os accentos da cantiga de Lereno taõ triste, que só lhe faltava, para o igualar, o sentimento: e como só este bem lhe parecia, esqueceu-se da jornada que lhe faltava, e de tudo o mais que naõ eraõ seus suspiros: mas como, este repouzo naõ pôde dar descanço, nem sua sorte lho consentia, levantou-se, tomou o çurraõ, e foi por hum valle abaixo bem acompanhado de arvores, que o faziaõ mais escuro, até chegar á quéda de huma ribeira, onde entre muitos alamos, e freixos appareciaõ cabanas de pastores: dalli sahiraõ os rafeiros a lhe ladrar; e quando elle com o cajado os desviava, sahio hum pastor da porta, e perguntou: Sois esse, que tantas horas ha que vos espero? Naõ devo ser eu (respondeu Lereno) quem esperais, porque naõ sou desta ribeira; antes pela naõ saber errei o caminho que levava: peço-vos que me encaminheis para a Aldea. Se tu naõ sabes o atalho (tornou o outro) naõ tens horas para passar daqui, onde, se quizeres gazalhado, to daraõ de boa vontade. Esta vos pague Deos (tornou elle) e a mim por agora he forçado aproveitar-me della. O do cazal o fez entrar para a cabana, onde logo tirou o çurraõ; e assentado lhe perguntou donde era, e para onde hia. Bofé (disse elle) que te naõ saberei dizer donde sou, nem ainda cujo; porém nasci perto destas serras de Riba-Tejo, e vou para aquella famoza Aldea, onde elle se acaba, para viver alli por soldada entre os guardadores, onde me naõ faltará amo, porque sei da pastura dos gados, da cura delles, do monjer, e queijar do leite, e

do

do mais que cá se estima dos pegureiros. Por certo (tornou o velho) que buscas forte trabalho; que he taõ má vida têlla sujeita á vontade doutrem, e sobre tudo viver no labyrintho, e confuzaõ dessa Aldea, que naõ te aconselhára tal engano; e naõ tratando de mim, a quem a idade ensinou a fogir della, todos os cazeiros desta montanha, que costumaõ levar lá de venda os cabritos, e o fruto do seu gado, outra coiza naõ contaõ senaõ as maranhas, e enleios que lhe trataõ os abegoens; porém ás vezes he força o que naõ he gosto dos homens; quiçais que te será necessario. Assim he (disse Lereno) que ninguem já agora vive a seu sabor: e este meio, que eu busco, he mais para interter a vida, que para remedialla com esperanças de algum descanço. Nesta pratica estavaõ os pastores quando dous, que o velho esperava, assomaraõ á porta; dos quaes logo Lereno conheceu seu amigo Rizeu, a quem a ventura alli trouxera havia poucos dias: foi o alvoroço estranho entre os dous pastores, e o contentamento do velho de empregar tam bem o gazalhado: e despois que descançáraõ em saboroza conversaçaõ, entre as saudades do Mondego, e o velho lhes offereceu os saborozos manjares da natureza, e comeraõ com a vontade, que lhes offerecia o cansaço do caminho, e o gosto da companhia, por sobremeza pedio Rizeu ao amigo, que ao som da sua sanfonha lhe cantasse o que passara despois de se apartaram dos campos do Mondego: Lereno, por lhe obedecer, tomou logo o instrumento, e foi seguindo sua historia desta maneira:

Por

Por onde entre penedos, e asperezas
Passa o Mondego claro, e saudozo,
Rompendo os montes seus, que a natureza
Fez por muro da terra poderozo:
Aonde estreitando as praias, e a grandeza
Corre por entre as serras furiozo:
Perto donde o rio Alva se derrama,
E, entregando-lhe as aguas, perde a fama:
Onde as Alpestres serras penduradas,
Que ameaçaõ as aguas cristalinas,
Naõ saõ da loura Ceres cultivadas,
Nem guarda Flora, e Zephyro as boninas,
Nem arvores formozas, e copadas
Daõ fruitas saborozas peregrinas,
Tudo he esteril, secco, inhabitado,
Sem flores, hervas, arvores, nem gado:
Se alevanta huma penha gracioza,
Rodeada de flores, e verdura,
Tam verde, tam florida, e tam formoza,
Como a mais serra secca, aspera, e dura;
Na descida entre as arvores fragoza,
Com alegres penedos de mistura,
Huma profunda cova se descobre,
Que faz com o nome, e graça o sitio nobre.
Alli entre a pacifica oliveira,
Nos declives outeiros transplantada,
As matas se veraõ de herva cidreira,
A' formoza Diana dedicada,
O junquilho, a viola, e a rozeira,
Tem a relva de flores marchetada;
E as boninas, que a Lua fez mais bellas,
Azues, brancas, vermelhas, e amarellas.
Alli acha no mato o caminhante
A artimiza em flores graciozas,
E o malvaisco alegre, que diante

Do Sol abre as boninas cubiçozas,
A madre silva, e o jacintho amante,
Que inda sustenta as letras amorozas,
Como que se esmerára a natureza
Em fazer tal jardim numa aspereza.
Naõ faltaõ fontes, e arvores crescidas,
Loureiros, freixos, choupos, e aveleiras,
Castanheiros em matas mui compridas,
Compridas, e copadas cereijeiras,
Por onde em doce vôo entermettidas
As aves se veraõ de mil maneiras,
Que dos ramos contino estaõ cantando,
E as aguas dentre as pedras murmurando.
Aqui, despois que os Fados ordenáraõ
Que o nosso Lis corresse em turva veia,
Despois que em sombra escura se trocáraõ
As ondas de cristal na branca arêa,
As Ninfas dos seus valles se juntáraõ,
Seguindo a sua cara Semidea,
A quem em sorte coube esta montanha,
Que o Mondego rodea, illustra, e banha:
Deu a esta Ninfa o Ceo tam grande parte
Dos soberanos doẽs, que estima, e preza,
Que nas graças, que agora em fim reparte,
Já parece que vence a natureza,
Cança o estilo, atrevimento, e arte,
Que comette louvar sua grandeza,
Assim que em taes louvores imagino
Igual a obrigaçaõ, e o desatino.
Alli como Diana a caçadora
Com outras da montanha, que a serviaõ,
Que com o avizo, e graça da senhora,
Tambem de amor senhoras pareciaõ,
Na caça exercitavaõ cada hora
As armas, com que o mesmo Amor venciaõ,

As

As feras sujeitando, e os pastores
Vencidos do valor de seus amores.
Cada qual no juizo, e na figura
Naõ tem parte, que a Amor naõ satisfaça;
A graça faz inveja á formozura,
Que os poderes tomou da mesma graça;
Se á alguma foi escaça já a ventura,
Naõ foi a natureza em nada escaça,
Nem avarento Amor, que em tal desvio
Lhe deu de toda a terra o senhorio.
Guardava alli Marilia manso gado,
Dionyza, e Cimea juntamente;
Auliza faz mais bello o verde prado,
Beliza livre, leda, e assaz contente;
Qualquer das outras segue o seu cuidado;
Ama, dezeja, alcança, espera, e sente,
Que sem Amor, sem sua companhia,
Naõ ha belleza, graça, e cortezia.
Tinha Cimea a côr, que a natureza
Deu á branca Cecem, pura, e formoza,
Olhos cheios de graça, e de lindeza,
Boca rasgada em alto gracioza;
Modesta, grave; e por empreza
Traz a fé contra Amor sempre queixoza;
E havendo que o seu foi mal empregado,
A qualquer sujeiçaõ nega o cuidado.
Beliza livre, e sem conhecimento
Dos effeitos de Amor, a quem se nega
Com seu honesto, e brando movimento,
A liberdade só á vida entrega,
Mas naõ merece em fim merecimento,
Quem tambem neste golfo naõ navega,
Tirando o preço ás partes naturais,
Que hamde vir por Amor a valer mais.
Auliza seu querer goza em receio,

Do que póde cortar nelle a ventura;
Que nenhum grande bem tam certo veio,
Que fizesse a vontade estar segura:
Mas goza neste bem, e neste enleio
Estranhos bens de sua formozura,
De que viver podera assaz contente;
Se o Amor de Narcizo se consente.
Dionyza, em cujos olhos graciozos
Amor faz ao dezejo nova inveja,
Tam lindos, tam senhores, tam formozos,
Que a alma por seus olhos os dezeja,
Tambem vive em suspiros saudozos
De algum bem, que passou; e este qual seja,
Seus olhos o diraõ com saudade,
Se aquelles olhos taes falaõ verdade.
Marilia, que o cabello crespo, e louro
Mostra qual o Sol claro na alvorada,
Vencendo nos cabellos a côr do ouro,
E no rosto de neve a côr rozada,
Faça de seus cuidados vam thezouro;
Se por Amor se póde esconder nada,
Neste lugar esconda os seus amores,
Que naõ he mais humilde nos louvores.
Muitas outras pastoras na montanha
Passavaõ vida alli doce, e contente;
Cada qual seus cuidados acompanha,
Cada qual segue hum gosto differente;
Juntas em fim naquella terra estranha,
Que esconden a ventura a tanta gente,
Estaõ as gentis graças, que perderaõ,
As ribeiras do Lis, onde nasceraõ.
Levou-me a sorte a terra tam ditoza;
Porém naõ era assim quem me levava,
Aonde em companhia tam formoza,
Meu cuidado tambem me acompanhava:

De quanto a luz do Sol, e a vista goza,
Com os olhos, mas naõ livres, eu gozava;
Porém ventura tal, vista tam bella,
Naõ se alcança senaõ para perdella.
Alli nos frescos matos escondido
Toquei a doce frauta aos pastores,
Onde tambem cantára o velho Alcido
A brandura sem fim de seus amores:
Da senhora das outras era ouvido,
Cujos olhos de tudo eraõ senhores,
Porém a cantar delles naõ me atrevo,
Sem que lhe roube o mais do que lhe devo.
Durou, como costuma, esta alegria
Em quanto o permittio ventura ingrata,
Porque já áquelle tempo parecia
Devida á sem razaõ, com que me trata:
Deixei a bella, e illustre companhia,
Cuja lembrança á pena me dilata,
Reprezentando o gesto na memoria:
Mas pede a cauza mais comprida historia.

Com o fim destas oitavas o deu Lereno á muzica da sua sanfonha, e os pastores á conversaçaõ da noite, porque naõ eraõ taõ compridas, que soffressem durar muito o seraõ entre pastores, que aproveitaõ a madrugada: e despois de louvarem a sua cantiga com muito espanto do velho, que lá em mocidade fora celebrado naquellas aldeas; repartidos cada hum a seu repouzo, Rizeu o escolheu com o companheiro, que gastou a maior parte da noite, que ficava, em lhe perguntar novas do Mondego. Bem sabes, amigo Rizeu (dizia elle) quanto a meu pezar, pelo que me faziaõ os enganos de Floricio, me apartei delle, desprezando a minha quietaçaõ, por dezejar a sua, pro-

procurando menos o credito à minha verdade, que o fim á sua desconfiança: e para que haja este meu mal por bem empregado, dize-me como elle se houve em seus amores, e Althéa em suas esperanças? como estam os pastores, e pastoras, que guardavaõ no valle? se respondem as novidades dos gados, e das terras á esperança de que ficáraõ vestidas quando me parti? Floricio (disse o outro) vive sem ti, e sem contentamento, porque te perdeu por engano, e naõ por culpa. Althéa por esta cauza o aborrece, e suspira por tua companhia; todos os mais te dezejaõ; e eu, que entre elles naõ tinha o menor lugar, e razaõ, como tu conheces, mal cuidava acertar acazo esta ventura da que por esta ribeira me trouxe: e dos mais te darei largas novas; que agora he tempo que repouzes. Com isto deixáraõ a pratica, que de todo os descuidava do somno; e Rizeu determinou ao outro dia partir-se com Lereno; porque a verdadeira amizade de todos os respeitos affeiçoa a seu fim, e só a companhia de hum amigo faz esquecer a saudade de hum lugar quieto.

FLORESTA SEGUNDA.

AO outro dia, em que amanheceu mais formozo o Sol sobre a verdura, que do puro orvalho da Aurora estava borrifada, levantados os pastores, tratou Rizeu com o do cazal partir aquella manhã para a aldea, pois, além do interesse da companhia de Lereno, lhe era forçado naõ dilatar o caminho: e posto que o bom velho sentia muito seu apartamento, como

mo já o paſtor o tinha de longe determinado, cuſtou-lhe menos a licença que pedia com as razoens do amigo, que o ajudava: feita a deſpedida dos do cazal, dadas as graças do gazalhado, tomáraõ os çurroens, e o caminho ao longo das praias do Tejo; e indo á viſta delle por entre altas enzinhas, e louceiros, lhe diſſe Rizeu: Fiquei hontem taõ affeiçoado ás graças daquelle lugar de que cantaſte, fóra o principal que já lhe tinha ouvido das paſtoras que nelle habitam, que por extremo dezejo que vás por diante, ſe com iſſo o caminho te naõ for pezado. Fica tanto para dizer (replicou elle) que nem o dia, nem a jornada dará lugar a tudo; porém da menor parte te direi alguma do que aconteceu hum dia deſpois que cheguei áquella montanha; no qual com eſtas lindas paſtoras, de que ouviſte, fazia a ſenhora dellas huma peſcaria no Mondego, onde com elle ſe encontra o rio Alva; e para iſto em duas barcas toldadas de gracioza verdura, e floridos ramos, ſe embarcou em huma a formoza companhia daquella Semidea, e na outra o ſeu paſtor com muitos dos que o ſerviaõ, que para tam ſaboroza recreaçaõ foraõ eſcolhidos: foraõ deſte modo navegando encoſtados á terra, á viſta dos ſombrios boſques, e formozos valles cheios de arvores, que com deſigual altura, e differentes ramas recolhiaõ os pintados paſſarinhos, que de huma, e outra parte do rio hiaõ cantando ao ſom de muitos inſtrumentos, que nas barcas ſe tocavaõ. E porque eſta doce melodia com a viſta, e mover dos ramos, e o murmurío de alguns ribeiros que alli entravaõ no Mondego, e os ſobreſaltos das Naiades que

habi-

habitavaõ as fontes daquella ribeira, occupavaõ a todos os sentidos, passaraõ assim até entrar na aspereza das altas, e fragozas penedias, que assombraõ o rio, onde por ordem daquella soberana pastora, começáraõ as outras a cantar a espaços, como a cada huma acontecia, a tençaõ de seus cuidados, das quaes a primeira começou em quanto as outras descançavaõ.

Cuidados desesperados,
Naõ nos tenha mais ninguem;
Que he só meu tamanho bem.

Despois que sei quanto val
Hum mal, de que me temia,
Por sua parte estou tal,
Que naõ soffro companhia,
Nem mudança neste mal.
Os bens, e os gostos buscados
De quem os tem por seu fim,
De-lhos ventura dobrados,
E só fiquem para mim
Cuidados desesperados.

Quem seus prazeres procura,
Alcance-os para perdellos;
Que eu tenho por mór ventura
Naõ nos ter, e merecellos,
Que ter o que ella assegura.
Se alguma cuidados tem,
E nelles desesperou,
Saiba que a mim só convém:
Torne-mos quem mos roubou,
Naõ nos tenha mais ninguem.

Que he tam sofrego meu peito
Deste mal, que amor me deu;
Vencido por meu direito,
Que inda me parece meu

Qual-

Qualquer mal de outro respeito :
Mas os signaes , que os meus tem ,
Saõ glorias , que nascem delles ,
Saõ gostos , que naõ se vem ,
Nem amor tem parte nelles ;
Que he só meu tamanho bem.

Atraz esta cantiga , que de todos foi , como merecia , celebrada , em competencia desta tençaõ della cantou Dionyza.

Tanto estimo meus cuidados ,
Como quero á cauza delles.

Enthezourei no meu peito
Cuidados , que amor me deu ;
Guardo-os com tanto respeito ,
Que perco tudo o que he meu ,
Por lhe guardar seu direito :
E por quem me foraõ dados ,
Tenho por tam grande affronta
Ter outros mal empregados ,
Que nem de mim faço conta :
Tanto estimo meus cuidados !

O gosto , o dezejo , a vida
Darei por nunca offendellos ;
E he razaõ justa , e devida
Que antes eu fique perdida
Por elles , que com perdellos :
Que se a vida me ficára
Para me matar sem elles ,
Eu por elles me matára ;
Porque nisto os estimára ,
Como quero a cauza delles.

A esta cantiga responderaõ os pastores da sua barca , e ajudado dos bem tocados instrumentos cantou Franco.

De inveja de meu cuidado
Me encontra nelle a ventura.

Minha alma, que conhecia
De meus males o interesse,
O grande preço, e valia,
Naõ quiz que o corpo tivesse
Glorias, que ella merecia:
Mas o corpo magoado
Na vingança se desvélla,
E com o que tinha lançado
Anda por se apartar della,
De inveja de meu cuidado.

Nas invejas deste bem,
Que nenhum delles alcança,
Contino se desavêm;
E esta batalha, que tem,
Naõ tem nenhuma esperança:
Outrem contra elles peleja,
Que em mim victoria procura;
Que he coiza certa, e segura,
Que tambem de pura inveja
Me encontra nelle a ventura.

Logo da outra barca cantou Cimea, que ao rogo das pastoras se naõ pôde escuzar.

Que esperança póde ter
Quem de tudo desespera?

De ter já muito esperado,
Canço, porque esperar cança,
E naõ tendo, meu cuidado,
Outro bem mais que este estado;
Nada quero da esperança;
Destes descóncertos vem
A vida a me aborrecer,
Porque quem nella naõ quer
Huma esperança, que tem,
Que esperança póde ter?

Naõ

Naõ posso negar que a tinha,
E nella o maior perigo;
Mas de sorte uzou comigo,
Que naõ mostrou que era minha;
Senaõ que era meu castigo:
Se outra agora me viera,
Com receio deste damno,
Com mais vontade a perdêra,
Porque estima o desengano
Quem de tudo desespera.

Da outra barca cantou Almeno, que com a graça, e ar de sua gentileza a dava dobrada á cantiga, que todos gabáraõ por extremo.

Ando perdido entre a gente;
Nem morro, nem tenho vida.

Despois que ando transformado
Num cuidado, que me obriga
A viver sempre enleado,
Naõ posso achar quem me diga
Se sou perdido, ou ganhado.
Nem por fé se me consente
Que saiba parte de mim;
Quem me tem nega, e naõ mente,
Que, despois que me perdi,
Ando perdido entre a gente.
A alma, que buscou lugar,
Que amor por seu fim lhe ordena,
Bem se queria empregar;
Mas ficou preza no ar,
Aonde anima, e onde pena;
Nem ganhada, nem perdida,
Posso della saber nada,
Nem de mim, se alguem duvida
Quem me dá vida emprestada,
Nem morro, nem tenho vida.

Di

Da outra parte cantou Alviza, posto que se valia de escuzas para o naõ fazer, por estarem perto do fim do caminho; e antes que elle se acabasse, disse o seguinte.

Temo que a sorte desvie
O fim, que a fé me promette.

Fora meu cuidado izento
Dos males, que lhe procura
Amor tam sem fundamento,
Se com elle, e com ventura
Valera merecimento:
E inda que razaõ condemna
Quem me diz que desconfie,
Quanto amor por ella ordena
Em favor de minha pena,
Temo, que a sorte desvie.

Sigo a lei mais rigoroza
De huma fé firme, e constante,
Tam firme, quam perigoza;
Mas o ser melhor amante,
Nunca fez mais venturoza:
Tudo se arma contra mim,
Em tudo a sorte se mette,
E tudo leva a seu fim,
Só por estorvar-me a mim
O fim, que a fé me promette.

Nesta amoroza porfia sobiraõ o rio, que por entre as serras se apressava, ou com medo dos ameaços de sua altura, ou por cubiça de espraiar-se em crespas ondas nos largos areaes, que adiante via. E chegando ao Alva estavaõ já os rusticos pescadores com as redes atravessadas no rio, armando filadas aos peixes innocentes, para com a chegada das pastoras as levantarem com a pressa, as quaes saltáraõ na praia tam

formozas, que bem era necessario, amigo Rizeu, para quem as visse, trazer os olhos mais contentes, e menos affeiçoados a chorar. Que te direi do trajo, e policia de suas roupas? do ar, desdem, e galantaria de seus toucados, da graça, e movimento dos passos que davaõ pela arêa, se só em a figura, e perfeiçaõ dos rostos havia tanto em que empregar os sentidos, que se podiaõ perder os de todos, em os olhos de cada huma? Começou-se em fim a pescaria: mas os rusticos, que a faziaõ, assim se descuidáraõ de tudo por naõ tirarem os olhos dellas, que perderaõ o cui[illegible]s peixes, e afrouxando-lhe as redes os [illegible] e com tudo isto se enlaçáraõ mais, [illegible]toras trouxeraõ os olhos nas redes; qu[illegible] esta era a prizaõ, que elles de sua vontade procuravaõ, e por esta razaõ buscavaõ o fundo das barcas, e naõ a guarida de suas colheitas. Os que vieraõ prezos á praia, posto que perderaõ a vida, tiveraõ a morte bem festejada, saltando da arêa nas roupas das Ninfas, que ainda que contra ella lhe naõ valiaõ, e era lugar, onde ficava vida por vontade. Logo se começáraõ muitos jogos, e cantigas, que duráraõ até que a tarde se acabou: e tornáraõ pelo rio abaixo com dobrada alegria. Alli cantei eu o que entre os nossos pastores costumava, e naõ o que a tantos merecimentos se devia: fui gabado; mas muito mais razaõ tinha para o merecer que para o ser; pois a cauza era taõ desigual ao meu ingenho, e elle tinha tantos louvores em que escolhesse. Com isto, e com a noite se recolheraõ pelo valle assima com ramos verdes nas maõs, e formozas flores envergonhadas entre os

ca-

cabellos. Porém faz-me tam grande ſaudade eſta lembrança, e tanto maior a magoa de perder a ventura que alli tinha, que me naõ atrevo já a ir adiante. Por certo (diſſe o companheiro) que ſó com a reprezentaçaõ do que hias dizendo, ſentia na alma huma alegria tam contente, que ſe via a vontade nella como enleada; e bem folgára eu de ouvir o que tu alli cantaſte, mas ainda terei outro tempo em que te naõ valha eſcuza. Neſta pratica chegáraõ a huns penedos, onde batiam as ondas do Tejo; e deſcendo junto ao rio para a ſombra de muitas arvor[illegible], que aſſombravaõ o lugar da penedia[illegible] que arrebentava nella huma fonte m[illegible]ioza de agua, que manſamente, e ſem ruido tomava o caminho por entre a arêa; e em hum ſeio, que nella fazia á ſombra de huma faia eſtava hum paſtor, ruſtico ao parecer, no trajo, e na figura; e com os olhos na agua eſtava imaginando, ſem ſe lhe ouvir coiza que diſſeſſe, mas tanto o enlevavaõ as em que tinha o penſamento, que naõ via os paſtores que já eſtavaõ com elle; os quaes tomando-o pelo cajado, ſobre que eſtava inclinado, lhe diſſeraõ: Tam empregado eſtás no que imaginas, que me parece que te fazemos bem em te deſpertar de algum ſonho, que te deve reprezentar a fantazia. Em verdade paſtores, (diſſe o da fonte) bem ſonho he o que eu imagino, pois paſſou como ſe o fora: porém ſe naõ quereis alguma coiza de mim, deixai-me nelle; que ainda neſtas aguas buſco quem noutras ſe eſcondeu com minha liberdade. Os companheiros ouvindo iſto o quizeraõ deixar na ſua porfia; mas Rizeu lhe tornou: Liberdade

de debaixo da agua só os peixes a tem; e alcansalla com os olhos naõ he má pescaria. Enganas-te (disse o outro) que tambem com os olhos me leváraõ: e se esta minha teima te parece desvario, maior o será aconselhar a quem naõ conheces: vai-te embora, e naõ me tires esta, que naõ quero nella companhia: Fazes bem, replicou Rizeu; que nem a tua he muito para cubiçar, ao menos na cura deste mal, que logo meu companheiro conheceu. Olha-te de vagar nesta fonte; que ainda que o rosto naõ he para Narcizo, o que elle fez cubiçozo de sua figura, farás tu por desesperado. As razoens que eu tenho para o ser (respondeu elle) me ensinárаõ o que farei. Em tanto foraõ andando por diante; e sentados onde com os penedos se encobriaõ, ouviraõ dalli a pouco espaço ao pastor, que cantava este soneto, ajudando o ruido da fonte com o som do cajado que nas pedras tocava.

Importunos queixumes, se algum dia
Cançará de me ouvir esta aspereza,
Se a morte acabará minha tristeza,
Ou terá fim na vida esta porfia.
Mas se a morte naõ vence a fantazia,
Desesperado vivo nesta empreza,
Porque nem o mal muda a natureza,
Nem póde haver nos males alegria.
Ah quem vira este fim, que nunca alcança!
Quem perdera esta vida, que aborrece,
Só para haver na morte arrependida:
Porém izento estou desta esperança;
Que naõ póde doer perder a vida,
A quem quanto mais vive, mais padece.

Cantou o pastor com tanta suavidade, e senti-

ſentimento, que entriſteceu aos dous companheiros; e magoados de quam mal o tratáraõ, eſtavaõ em tornar atraz a remediar ſua culpa. Mas a eſte tempo viraõ duas paſtoras, que a ſeus accentos acodiaõ; e achando-o deſacordado ſobre a relva, com agua da fonte o deſpertáraõ; e deſpois de tornar em ſeu acordo, levantando-o pelos braços, lhe diſſe huma dellas, que bem podia com os olhos dar novo eſpirito a quem o tivera para conhecer ſua formozura: He em ti tam mal empregado qualquer mal, que aceitara grande parte deſſe, ſó por te ver ſem elle: a troco deſta vontade, que, por ſer minha naõ dará fruito, te rogo que venhas em noſſa companhia para a Aldea, onde deſcançarás; que nem o tempo nem o teu cuidado he para eſte lugar. Ah formoza paſtora (diſſe elle) quem podera pagar eſſa cortezia com a liberdade, que me ficou nas maõs de huma ingrata! Mas porque o eu naõ pareça a olhos tam formozos, guiai-me para onde quizerdes, que perca a vida, e naõ ma deixeis para maiores tormentos; que ſerá crueldade que nem de voſſo parecer ſe eſpera, nem em mim achará já ſoffrimento. E ſe aqui vos manda a ventura para que detenhais o cutello que minha deſeſperaçaõ me poz na garganta, naõ ſejais miniſtrà de quem tam mal paga ſerviços, contra quem dezeja a vida para vos fazer muitos, ſe poder ſuſtentalla naõ fora impoſſivel. Naõ faças tam poderoza a tua triſteza, (reſpondeu ella) com as forças que lhe dás tirando a ti as eſperanças de viver ſem ella, e a mim de me ver paga deſte dezejo: vem comigo, e com eſta paſtora; e deſpois ordenarás a

teu

teu parecer. Houve em fim o pastor de obedecer-lhes, e com ellas atravessou para o monte assaz quebrantado. Os dous caminhantes com muito sentimento do que viraõ foraõ pela borda do valle caminhando, e junto da noite se recolheraõ em hum lugar para passar; que muitas vezes offerece repouzo, quando o dia nega o descanço; com a condiçaõ com que os males costumaõ dar alivio ao soffrimento.

Floresta Terceira.

Metteu-me Amor em seu trato,
Poz-me os seus gostos na praça,
Quanto quiz me déu de graça,
Mas he caro o seu baráto.

Amor, que quiz que tivesse
Os males por seu querer,
Deu-me nos bens, que escolhesse,
Para que, quando os perdesse,
Tivesse mais que perder.
Depois que em minha esperança
Me vio contra o tempo ingrato,
Viver livre de mudança,
Por tam grande confiança,
Metteu-me amor em seu trato.
Vi eu logo que convinha
Dar melhor conta do seu,
Do que dei da vida minha:
Deixei perder quanto tinha,
Por guardar o que me deu;
O dezejo, e o temor,
A fé, a vontade, a graça,
Tudo puz nas maõs de Amor:

Elle, que he mais mercador,
Poz-me seus gostos na praça.
Entendeu que naõ sabia
A valia do interesse,
Que eu delle entaõ pertendia:
Perguntou-me o que queria,
Antes que nada me désse.
Eu, que naõ soube o que fiz,
Quiz hum desprezo, e negaça,
Quiz huns desdens senhoris;
E, por ser graça o que quiz,
Quanto quiz me deu de graça.
Triste do que entaõ cuidava,
Que era tudo o que ganhou,
O mal com que se enganava;
E vendo a vontade escrava,
Conhece o que lhe custou:
Amor vende como avaro,
E faz seguro contrato
Com cautellas sem reparo,
Vende o barato, e o caro,
Mas he caro o seu barato.

Isto hiaõ cantando os dous companheiros ao outro dia antes de amanhecer ao longo das praias do Tejo, e cada hum mostrava na sua voz tanta graça com a saudade da madrugada, que até as arêas surdas, e as arvores sem sentido, faziaõ movimento com as mudanças da sua cantiga. Ah (disse Rizeu, acabada ella) como entristecem as alegrias a hum coraçaõ auzente, e como he certo que amor senhorea todos os passatempos da vida. Que maior o podera eu ter agora, que a tua companhia? ouvir-te cantar tam suavemente? ver como obrigaõ teus versos as coizas sem sentido? se os meus naõ andáraõ pre-

prezos ao pensamento, que me torna ao Mondego, donde em penhor da alma, que deixei só esta saudade veio comigo. Tudo (respondeu o outro) está na maõ de Amor; naõ ha vida sem elle, posto que a que dá seja trabalhoza: nem ha bem, que delle maõ nasça; nem mal, que, com ser passado á sua conta, naõ fique leve o padecer: e pois te queixas dos teus, e ha tanto que me escondes a cauza delles, e queres que alcance com a suspeita o que te merecia por confiança, e amizade, queixar-me-hei de ti. Tenho eu nella tanta fé (respondeu Rizeu) que, ainda que este segredo fora de maior perigo, to descobrira; mas o naõ ser arriscado em o publicar naõ tira sello em o sentimento. Saberás, amigo Lereno, que aquelle dia das festas de Diana, quando comtigo me achei no valle dos amores, foi primeiro em que Amor tomou vingança de minhas liberdades, vendo a formoza Silvia, a quem o Ceo fez em tudo tam acabada, que, se lhe deu o parecer divino, naõ quiz que a voz parecesse humana, nem o entendimento sujeito a nosso juizo: e porque comecei a provar o senhorio desta affeiçaõ, quando ella da cauza tomava maiores forças, busquei logo meios para mostrar com a lingua o coraçaõ; e como ambos temiaõ igualmente o seu merecimento, e o seu juizo, vencia sempre o receio a ouzadia, até que ella ma deu em huma tarde, em que eu contava a Beliza queixumes de huma affeiçaõ secreta; e entre alguns suspiros, em que me queixava de meu cuidado, como naõ tivera a diante a cauza delle, dizia muitas palavras magoadas de minha pena, culpando a quem me matava, naõ querer conhecer em

os meus olhos o mal que me fazia, esperando que, além de o sustentar, o descobrisse. Ou fosse que o quiz entam a ventura, ou que eu a tinha sem saber della que disse Silvia que em extremo dezejava conhecer meus pensamentos; e perguntou-me lhe dissesse a quem queria bem, naõ crendo os meus olhos, que o mostravaõ; e como os tinha nella, e em huma coroa de boninas do monte, que a fazia mais formoza, ensinado de Amor, lhe perguntei o nome de humas boninas brancas, que melhor entre as outras pareciaõ. E respondendo ella que eraõ bem me queres, lhe disse: *Se tu, Silvia, conheces essa verdade, e entendes a minha affeiçaõ, para que esperas que com testimunhas suspeitas a publique? e se as que saõ mudas confessaõ diante teus olhos o que te quero, naõ sejas ingrata.* A isto me respondeu ella, e naõ tam izenta que me tirasse as esperanças, com que comecei a me declarar seus amores alcançando por fruto delles o com que podera viver satisfeito de minha estrella: mas esta com força da auzencia atalhou a gloria que possuia de minha affeiçaõ: vivirei no Tejo com as saudades, receios, e desconfianças de hum auzente, até que o tempo acabe este desterro. Festejo muito, disse o amigo (já que em fim havias de ser sujeito ao senhorio de Amor) teres nelle ventura tam invejada: e pelo que importa conservar estado tam ditozo, faze que Amor te naõ ache descuidado nas ribeiras do Tejo. Naõ me consentirá descanço (tornou elle) a saudade da minha pastora, ainda que a sua firmeza me possa fazer seguro de mudanças. Nestas palavras chegáraõ á vista de huma Aldea, que está

per-

perto do Tejo: e pouco desviados do caminho viraõ que sobre huns penedos à sombra de humas altas amendoeiras cantavaõ duas pastoras de arrazoado parecer ao som de huma frauta, que hum velho tangia, o qual a tocava com muita graça; e dous pastores com as maõs na face encostados sobre a do penedo as ouviaõ. Pareceu aos companheiros que era o canto digno de lhes impedir o caminho: e sentados defronte lhe ouviraõ esta cantiga.

Quiz bem quando naõ sabia:
E agora, que sei querer,
Mal quero a quem me bem quer.

Tive singella affeiçaõ,
Leal, e firme amizade:
Depois que a puz na vontade,
Nunca vi mais a razaõ:
Tudo me parece vaõ,
E só firme meu querer:
Mal quero a quem bem me quer.

Quem outros cuidados tem,
Póde imaginar que seja
Querer mal de pura inveja
A quem sabe querer bem:
Naõ me tenha amor ninguem
Para obrigar meu querer,
Que aborreço a quem me quer.

Mulher naõ sabe respeito
Mais, que amar aonde se inclina:
Quem lhe poem lei desatina;
Que a ninguem guarda direito:
Depois que entrou no meu peito;
Depois que soube querer,
Mal quero a quem bem me quer.

Depois que os pastores do penedo ouviraõ a can-

cantiga, que ellas cantáraõ melhor do que uzavaõ com quem as fervia, pediraõ ao velho, que fosse com a muzica da frauta por diante; e elles começáraõ a cantar naõ menos concertados.

Coraçaõ, olha o que queres;
Que mulheres saõ mulheres.
Tam tyranna, e desigual
Sustentaõ sempre a vontade,
Que a quem lhes quer de verdade
Confessaõ que querem mal:
Se amor para ellas naõ val,
Coraçaõ, olha o que queres;
Que mulheres saõ mulheres.
Se alguma tem affeiçaõ,
Ha de ser a quem lha nega;
Porque nenhuma se entrega
Fóra desta condiçaõ:
Naõ lhe queiras, coraçaõ;
E se naõ, olha o que queres;
Que mulheres saõ mulheres.
Saõ taes, que he melhor partido:
Para obrigallas, e tellas,
Ir sempre fogindo dellas,
Que andar por ellas perdido,
E pois o tens conhecido,
Coraçaõ, que mais lhe queres?
Que em fim todas saõ mulheres.

Os dous companheiros, a quem naõ pareceu mal a muzica nem a contenda, vendo-a de ambas as partes tam travada, chegáraõ a elles. Por certo lindas pastoras, disse Rizeu, que errais em desacreditar o vosso parecer com huma tam injusta semrazaõ, fazendo com ella que estes pastores caiaõ no mesmo engano. Meu com-

companheiro, e eu estivemos ouvindo a vossa porfia, e naõ podemos dissimular este queixume: por vida vossa que nos livreis delle; e confesseis que naõ provais agora o que cantastes. Bofé (disse huma dellas, que parecia de menos idade) que vos deve ir pouco em a nossa determinaçaõ; e foi erro desviarvos do vosso caminho para nos metter no de Amor: se sois dos seus vencidos, nenhum delles soube já mais dar conselho a outro: e assim por todas as razoens he o vosso escuzado. A minha tençaõ formoza, e desagradecida pastora (disse Rizeu) naõ era aconselharvos em favor destes pastores, nem abrandarvos para que me fizesseis algum; era só compaixaõ do enganozo estado, em que sustentais a vida: porém arrependo-me, e digo que a passeis á vossa vontade; que naõ faltará quem vingue della a esses pastores, se os tratais mal; que nunca alli vimos se naõ estas esquivanças quebrarem em Amor, quando naõ ha quem lance maõ delle. Entam falou o velho, que até alli os ouvia; e pedio aos dous amigos que se assentassem; o que elles fizeraõ pelo ouvir. Nenhuma coiza ha mais certa na mocidade (disse o velho) que enganos; assim como tambem na velhice he o maior ganho a experiencia delles. Estas pastoras, porque a naõ tem, fiadas na gentileza de seu parecer, e no desasocego de quem as ama, tudo enjeitaõ. Os pastores da mesma idade, levados de seu dezejo affeiçoado, naõ soffrem esperanças, nem obedecem ao tempo; e qualquer que tarda a seu appetite despedem em o dar a conhecer a todo o mundo: ellas por altivas vem a fazerse ingratas; elles por desasocegados importunos;

nos: assim que de nenhuma parte se póde atalhar o damno. A idade quanto mais sóbe, descobre mais. Namorado fui eu nesta ribeira, e eraõ tam bem cantados os meus amores, e tal fim houve nelles, qual era o saber com que os grangeava. Vim a perder a minha Aldea, e a quietaçaõ da vida: e por fim de tudo perdi a quem queria; e ella buscou outro pastor, que em pouco tempo lhe encontrou a vida, que me tinha tirada.. Vi depois tanto, de que aprender, que podera amar de novo só por vingança. Esta pastora, que vos respondeu, chama-se Daricia; e melhor lhe está o nome, que a formozura: he assaz discreta, mas nunca foi avizada dos cazos de amor: teve-lho nesta ribeira muito grande hum pastor, a que chamavaõ Mendino, montanhez no trajo, e no parecer, mas no entendimento nenhum dos da villa lhe fazia vantajem; e naõ lhe faltava gado com que vivesse, como lhe faltou ventura para obrigar: em pouco tempo poz ella em estado suas esperanças, que quazi sem juizo se partio deste lugar, naõ sabemos para onde, despedindo-se della em huma fonte, onde inda agora entre as suas lagrimas estaõ escritas estas palavras:

Ingrata, e tam cruel quanto formoza,
Fica-te embora, e guar-te da ventura;
Que huma alma tam cruel, tam rigoroza,
Da terra, nem do Ceo vive segura.
Eu vou morrer por ti: tu vive, e goza
De tua condiçaõ perversa, e dura,
Até que vença amor tua esquivança,
E eu tendo meu mal noutra vingança.

Taõ contente ficou deste successo, como quem

quem tinha por gloria fazer males, accrescentando cada hora mais em sua dureza: e pelo que sei de amor, e quero a ella, que a criei, peza-me de ver a sua liberdade tam izenta. Vós, pastores estrangeiros, naõ estranheis a aspereza da reposta, conhecendo o uzo de sua condiçaõ. Essa (disse Lereno) a ella fará o maior damno, que a nós já foi proveitoza, pois della nasceu experimentarmos a tua cortezia, bem digna da auctoridade dessas cans: e porque pelos signaes daquelle pastor imagino que o encontramos neste caminho, te peço que mos dês da figura do rosto. O velho lhos disse, e conhecendo, que sem duvida era aquelle, lhe contou o que a Rizeu acontecera com elle quando se estava vendo sobre a fonte, de que Daricia nenhum pezar mostrou, antes festejava a sua doudice: porém a outra, que Minarda se chamava, naõ pôde dissimular o sentimento daquella nova, mostrando com algumas lagrimas que tinha parte na desgraça de Mendino, a quem amava de verdade. Com isto se despediraõ os dous caminhantes: mas o velho com os da sua companhia lhes pediraõ que passassem alli a sésta, e depois hiriaõ juntos até o lugar: e pedindo-lhes as pastoras que cantassem, Lereno ao som da lyra de Rizeu o fez desta maneira:

De sima deste penedo,
Aonde combatendo as ondas
Mostraõ sempre mais segura
A firmeza desta rocha:
Com os olhos traz de hum barco,
Que o vento leva por força,

Ven-

Vendo que tem força o vento:
Para atalhar muitas obras:
Me reprezenta a ventura
Quam pouco contra ella monta
Firmeza, vontade, e fé,
Dezejo, esperança, e forças:
Por hum mar tam sem caminho,
Morada tam perigoza,
Para as mudanças do tempo
Dando sempre a véla toda:
O leme na maõ de hum cego,
Que quando vai vento á popa;
Dá sempre em baixos de arêa,
Aonde em vivas pedras toca.
Que farei para valer-me?
Pois a terra venturoza,
Aonde aspira meu dezejo,
He cabo, que naõ se dobra.
Se quero voltar ao porto,
Naõ ha vento para a volta;
Em fim, que o fim da jornada
He dar no fundo, ou na costa.
Pensamentos, e esperanças,
Julgai quanto melhor fora
Naõ vos ter para perdervos,
Que sustentarvos agora.
Pois naõ custa tanto a pena,
Como doe perder a gloria,
E he mais sustentar cuidados,
Do que he conquistar victorias.
Só males saõ verdadeiros,
Porque os bens todos saõ sombras
Representadas na terra,
Que abraçadas naõ se tomaõ.

Mar

Mar empeçado, e revolto,
Navegaçaõ perigoza,
Porto, que nunca se alcança,
Agua, que sempre soçobra:
Estreitos naõ navegados,
Baixos, ilhas, syrtes, rocas,
Sereias, que em meus ouvidos
Sempre achastes livres portas:
A Deos, que aqui lanço ferro;
E por mais que o vento corra,
Para saber da ventura,
Naõ quero fazer mais prova.

Tam bem pareceu aos da companhia a que Lereno cantara, que a Duricia lhe pezou de responder tam izenta ao companheiro: e, para remediar o aggravo passado, lhes disse a elles: Agora me pareceu melhor que nunca a liberdade em que vivo, porque he acerto poupar a vontade, e o juizo para o tempo em que se dezeja livre. Quem haverá, que naõ estime ouvir cantar a este estrangeiro, sem que outra sujeiçaõ desvie este bem? e quem naõ quererá mal a amor, e á ventura de quem elle se queixa? E porque este seu companheiro naõ deve ter menor merecimento, dezejo que queira de meu erro alguma justa satisfaçaõ. Nunca (disse Rizeu) deixei de estimar aggravos de pastoras tam formozas; que, como nasci para as servir, tenho suas offensas por vangloria. Da razaõ destes pastores nasce a minha; e se nesta póde haver satisfaçaõ eu me dou por contente com vos lembrardes de quem se esqueceu de si por vossos amores, porque em outros naõ conheçais á vossa custa o mal, que he soffrer hum desamor mal merecido. Póde ser (respondeu ella)

ella) que o mal proprio me fará ter compaixaõ dos alheios. Atraz isto se levantáraõ todos para a Aldea ; e os dous pastores passáraõ a diante deixando na despedida magoados os da companhia ; que nenhuma coiza faz maior o dezejo da outra , que a brevidade do tempo que dura.

Floresta Quarta.

CHegáraõ os dous companheiros a hum porto do Tejo, onde já envolto com as aguas do Oceano , combate com furiozas ondas as arêas , e penedias, que de ambas as partes o vaõ cercando. Assentados na praia contemplavaõ a differença de seu nascimento, vendo que a todas as coizas o maior poder fazia mais temerozas, como aquelle rio, que com as aguas de tantos se enriquecera. E naõ tardou muito que viraõ em huma pequena barca hum pescador lavando as redes , que entre o furiozo som das ondas vinha cantando : fizeraõ-lhe elles signal da borda da agua pedindo-lhe que portasse nella ; o que elle fez dahi a pouco espaço : e saudando-o lhe disse Lereno : Assim o Ceo te dê ventura sobre as aguas , e nellas os ventos, e os peixes te favoreçaõ, se vás para o fim do Tejo, nos queiras levar em tua companhia. Isso farei eu de boa vontade (disse o pescador) se a vós naõ tendes de ir com muita pressa ; porque a minha barca he pequena, a véla rota, e eu só , e vencido já do trabalho dos remos, e naõ poderei chegar tam brevemente como as outras que continuaõ esta viagem ; e sobre tudo vou pescando. Esse encar-

cargo (tornou elle) he de mais gosto ; e pelo de' tua companhia (que deve ser qual a vontade com que a offereces) se podiaõ aceitar outras condiçoens mais pezadas. A estas palavras chegou o pescador á borda da arêa : e entrando os pastores, os agazalhou com o rosto cheio de alegria na sua barca, em que os já cativos peixes andavaõ saltando : e com a véla ao vento foraõ o rio abaixo , até o dobrar de hum cabo , onde as aguas andavaõ mais empoladas e revoltas : e temendo os pastores pelo descostume da navegaçaõ , aquelle passo , imaginando nelle hum grande perigo , perguntáraõ ao pescador a razaõ , porque alli andava o mar tam differente ? Ao que elle respondeu : Neste lugar , que em outro tempo foi o que as Ninfas do Tejo escolhiaõ para sua morada , os Faunos para seus roubos , e os pescadores para descanço de sua navegaçaõ , quando com as faiscas do ouro das altas serras se esmaltava esta praia , quando só nella os ventos enfreavaõ sua furia , e os pastores cantavaõ docemente destes penedos ; morava nesta ribeira o pescador Palemo , que do interesse de huma barca pobre se sustentava : mas como nem este estado he seguro da ventura , nem amor a respeita , huma Ninfa , que Dinopea se chamava , que do alto sangue de Neptuno descendia , veio a empregar nelle sua affeiçaõ de maneira , que huma hora lhe naõ dava descanço seu cuidado , sem que fosse nos seus olhos. Aqui o buscava , e servia , com elle levantava as redes , e passava a sésta entre estes penedos. Como tam grande bem naõ pôde durar muito sem invejas , Izo filho de Eolo senhor dos ventos , que a namo-

namorava, desenganado já da vontade da Ninfa, veio a desconfianças tam desesperadas com a gloria do pescador, que ajudado das forças de seu pai com a sua barca o afogou entre as ondas, sem que a formoza Ninfa lhe podesse valer: a qual vendo a desastrada sorte de Palemo, depois de grande sentimento de lagrimas em sua morte, alcançou dos fados que fosse neste cabo convertido, onde Eolo perpetuamente o combatesse, sem vencer em nenhum tempo sua firmeza: e porque entre os pescadores deste rio he a sua historia muito sabida, e celebrada, e cantaõ muitas vezes o triste successo do sem ventura Palemo; para que sintais menos o caminho, quero ir cantando huns versos de seus amores. E porque já a este tempo tinhaõ passado o perigo do cabo, e deixavaõ atraz as crespas ondas branquejando, inclinados sobre o bordo, e o pescador regendo o leme, começou a cantar desta maneira.

Colhendo ruivas conchas d'entre a arêa,
Aonde o Sol mostra estrellas prateadas,
Andava a bella Ninfa Dinopea.
E as ondas de seus olhos namoradas,
Para tocarlhe os pés sobem de pressa,
Por sima dos penedos encrespadas.
De inveja o brando vento se atravessa;
E as finas tranças de ouro derramando,
Lhe vai roubando os laços da cabeça.
O Sol, que de mais alto fica olhando,
Do caminho, que faz, tambem se esquece,
E as conchinhas azues lhe está mostrando.
O Mar, o Sol, o vento se adormece,
Em quanto move a voz ao doce canto,
Que mais, que encantamento, lhe parece.

Pa-

Palemo diz: Para que tardas tanto,
Se, só para te achar neste penedo,
Do cristal destas ondas me alevanto?
Para me ver o Sol se ergueo mais sedo,
E, por mover Favonio os meus cabellos,
Deixou as verdes ramas do arvoredo.
Os Delfins namorados para vellos
Andaõ saltando a praia alegremente,
E vaõ de inveja os Faunos por prendellos;
Tu te mostras, Palemo, differente;
Tu desprezas o amor, que te offereço,
De quem o mesmo amor fora contente.
Como só nos teus olhos naõ pareço
Digna de sujeitar hum coraçaõ,
Indigno de outro meu, que te offereço?
Ingrato pescador, que chamo em vaõ,
Obrigada das forças da ventura
A huma cega injusta sujeiçaõ.
Olha a desigualdade deste emprego:
Tu pobre pescador, vil, desprezado;
Tu senhor de huma barca, eu deste pégo,
Eu filha de Tritaõ no mar sagrado,
Feita escrava por ti de meu dezejo;
Tu tyranno senhor de meu cuidado.
Tu queimado do Sol, que doura o Tejo,
Dos ventos, das arêas offendido:
Que engano he este meu, com que te vejo?
O cabello empeçado, negro, erguido,
As maõs das redes, e aguas encrespadas
De burel grosso o corpo mal vestido.
Eu inveja das Ninfas mais gabadas,
Naõ sei o que te achei nessa figura,
Que inda dou de vontade estas passadas:
Porém naõ nasce amor da formozura;
Nasce de hum parecer, que naõ se entende,
Que

Que foi engano em mim, e em ti ventura.
Quem te detem, Palemo? Quem me offende?
Vem a deitar as redes nesta praia,
Que já o Sol seus raios nella estende.
Antes que a sua luz com força caia,
Nesta enseada está formozo lanço,
Onde a agua de quieta naõ se espraia.
Os peixes chamarei deste remanso,
Tirarás logo as redes carregadas,
Repouzarás a sésta com descanso.
As lapas, que no fundo estaõ guardadas,
Ouvindo a minha voz ficaráõ logo
Dos moradores seus desamparadas.
Tu desprezas, Palemo só meu rogo;
Os peixes lhe obedecem; tu mais frio,
E eu nas aguas por ti me abrazo em fogo.
Se naõ vens por amor, por senhorio
Vem a ver esta Ninfa, que desprezas;
Serás senhor dos peixes deste rio.
Por mim trarás, Palemo, as ondas prezas;
Por mim sujeitarás o vento esquivo,
E mais livre serás do que te prezas.
Ah deshumano, ingrato, fugitivo,
Onde estás, que naõ vens, que naõ respondes?
Alguma sujeiçaõ te tem cativo,
Traz de alguem corres, pois de mim te escondes.

Parecia tam bem a voz do pescador, ainda que rouca, com o som das ondas, que quebravaõ na barca, e o zunido do vento movendo a véla; e fazia isto tam formozo a vista dos jardins, fontes, e edificios, que de ambas as partes cercavaõ o rio, que os dous pastores naõ sabiaõ em qual dos sentidos se empregassem com mais affeiçaõ. Mas depois que o pescador acabou a elegia, e elles de lhe dar os lou-

louvores devidos; chegáraõ a huma enseada já perto da Aldea; para a qual descia hum caminho do monte, que ao longe se mostrava cheio de arvoredos, e verdura; em que a arte com as graças da natureza se esmerara: alli pediraõ ao da barça os companheiros que os pozesse em terra, offerecendo-lhes, além da satisfaçaõ do trabalho, huma boa amizade para se algum dia em outro lugar se encontrassem. Elle o fez com muita saudade de sua companhia; e seguindo o seu caminho, tomáraõ por junto de huma cerca entre huns alamos enlaçados de verdes parreiras até chegarem a huma fonte, que sahia das ventas de hum cavallo de marmore; e dividindo-se em dous ribeiros hia regando hum artificiozo jardim de varias flores, e hervas cheirozas, onde estava hum pastor ao pé de hum freixo, coroado de folhas de herá, e louro, tangendo huma lyra, com huma meada de cabellos diante dos olhos, como que nelles tinha a letra, que cantava, e dizia desta maneira:

Lembrança saudoza,
Caro penhor de minha liberdade,
Que com tanta razaõ ficou cativa;
Lembraivos da dourada nossa idade
Tam breve, e tam ditoza,
Se dezejais que nesta idade viva:
Porque se o mal se aviva
Na memoria dos bens, que já passáraõ,
Em vós se salva a pena, que sustenta,
Que se nesta dureza,
Que os males me ordenaraõ,
Tambem me ha de vencer o sentimento:
Sem nunca alcançar fim minha tristeza,

He mercê bem pequena
Mostrarme o bem para deixarme a pena.
Mostrai a meu cuidado
Passadas alegrias, que algum tempo
Me deu de amor huma enganoza estrella,
Dai-me a perda dos bens por passatempo,
Se no que he já passado
Naõ vence a gloria a magoa de perdella.
Ah Natareja mais bella,
Do que cruel, inda que o foste tanto,
Tudo como esquecida desprezaste
Por quem de ti se esquece;
E naõ te lembra quanto
Neste lugar comigo já passaste;
Como de hum cazo alheio, que acontece,
Triste, quam pouco dura
Firmeza de mulher, sombra, e ventura!
Naõ temes que te accuze
Este bosque, este freixo, que inda agora
Sustenta as verdes ramas, que entaõ teve?
Quem haverá, falsissima pastora,
No mundo, que te escuze
De huma mudança tam injusta, e leve?
Cuidas que naõ se deve
Credito algum ás insensiveis plantas,
Que tu por testimunhas escolheste?
Já quando me enganavas,
Se nisso te alevantas,
Lembrarte deve ao menos que me déste
Posse das armas, com que me matavas.
Digaõ-no estes cabellos,
Que, inda que te perdi, naõ sei perdellos;
Junto deste ribeiro,
Reclinada a cabeça no teu braço,
Huma tarde me lembra que mos déste,

Naõ

Naõ me era amor entaõ de bens escaço,
Que c'os braços primeiro,
Que com ella, este collo me prendeste:
Este engano teceste;
E sé pudera ser viver contente
Delle, por teu querer me contentara:
E fora satisfeito:
Mas a sorte consente,
Que para meu querer foi sempre avara;
Que até nelles perdesse este direito,
Com quanto manda amor
Que fique pela divida o penhor.
Cabellos de ouro fino
Tecidos pela maõ, que vos cortou,
E enriqueceu de bens esta alma minha,
Esquecei-vos de quem cá vos deixou
Seguindo hum desatino
Com quem noutrem buscou quanto em vós tinha,
E se eu por vós sostinha
Tégora neste mal huma esperança,
Que em vossas seguranças me prendeu,
Secou sua verdura
N'uma leve mudança,
Com que quem vos cortou vos esqueceu;
Que em fim naõ póde haver coiza segura:
E fez tal tyrannia,
Por naõ pagarme a fé que me devia.
Cançaõ, vaite á ventura,
E dize a occaziaõ destes cabellos,
Que a quem os corta, naõ lhe dá perdellos.

Conheceraõ logo os pastores a este que era Pavanio, amigo de ambos, e celebrado de todos naquellas ribeiras pelas partes de seu entendimento, gentileza, e condiçaõ, que a pastora Natareja senhoreara dous annos; e no fim

(esquecida do que nestes lhe merecia) veio a trocallo por Melineo , que primeiro a servia, porque a principal affeiçaõ sua era mudança : e antes que os dous pastores chegassem a elle, muitos outros , que pelo valle andavaõ , se ajuntáraõ naquelle lugar : mas Pavanio vendo os estrangeiros os levou nos braços ; e sentados entre os outros , dando-lhe todos as graças de quaõ bem cantára, disse: Posto que eu naõ queria tantas testimunhas para meus queixumes , naõ estranho convidarem-se muitos a elles, e a favorecellos, pois o que naõ devem á graça do meu cantar , merece a verdade da minha cantiga , que toca a tantos , e pois em cantando comecei a falar em mudanças , bem será que alguem siga esta empreza com melhores palavras ; que nas razoens a ninguem quiz Natereja que eu désse a vantajem : e se Lereno me naõ parecera que vem cansado , ouzara a rogar-lhe que á minha conta tomasse este encargo. Por certo (disse Lereno) que o naõ fizera eu com boa vontade , ainda que a tenho de te obedecer em tudo ; porque mal saberá falar em mudanças quem em si as naõ experimentou , nem tem maior queixume , que naõ fazer alguma sua ventura. Espanto-me (tornou Pavanio) de haver ventura constante ; por mudavel a ouvi semper nomear , e dizer que por isso teve o nome de mulher ; salvo se, por sustentar huma semrazaõ , muda a natureza , como ellas o fazem muitas vezes. Naõ me parece mal (disse Corintho) pois entramos em falar de mudanças , buscar-lhe o principio , como em todas as coizas de que se trata, he costume ; e pergunto : Donde nasce a mudança nas mulheres ?

res? Donde naõ sei eu (respondeu Pavanio) mas que he a primeira coiza, que nasce com ellas, e para que ellas nascem, isso sim. O meu parecer he (disse Umbrano) que nasce de o seu querer naõ ter socego, donde cada hora approvaõ, e condenaõ huma mesma affeiçaõ; e nenhuma coiza nellas he mais certa, que esta variedade: pela qual razaõ devia hum homem estimar dellas tanto os favores, como as esquivanças. Eu dante maõ (disse Rizeu) me dou por suspeito, porque hei de falar em favor de huma mudança, que em o meu se fez ha pouco tempo: e parece-me que nasce em as pastoras de naõ acharem em nenhum pastor seguro o emprego de sua affeiçaõ: e variando (para na escolha melhorarem a sorte) tanto ás vezes se mudaõ, que encontraõ quem merece servillas. A fé (disse Pavanio) que foi desgraça naõ te ouvir alguma, quiçais te valera esta razaõ; mas ella me descobrio outra, que deve ser a verdadeira; que como a firmeza he huma virtude varonil, e hum bem fundado no entendimento, naõ podem mulheres sustentallo, como incapazes de perfeiçaõ: e tanto he assim, que quanto mais merece quem as serve, tanto menos alcança de sua fé, que como lobas escolhem sempre o peior, e por esta razaõ achaõ ás vezes o que merecem. Falas (disseraõ elles) como te ensina a paixaõ. Antes te digo que como ellas me ensináraõ (tornou elle) porém, pois nisto sou suspeito por huma parte, e Rizeu por outra, mudemos o propozito. Naõ me pezará (disse Lereno) ver o fim a este: mas pergunto, a que tempo tem hum homem disculpa de se mudar em os amo-

res

res de huma mulher? e porque cauza? Eu digo (respondeu Pavanio) que a todo o tempo, e a cauza he saber que o naõ haõ de escolher para se mudarem, mais que como as guiar o appetite. Se a firmeza como tu disseстes (replicou Umbrano) he virtude de varaõ, em nenhum tempo deve hum homem fazer mudança, senaõ quando sentir huma mulher affeiçoada a outrem; que entaõ, por naõ ir contra a lei da natureza, que he buscar Amor forçado em vontade alheia, poderá mudarse. Ainda assim (disse Rizeu) o naõ desobriga a razaõ, e só a terá para se mudar quando, despois de huma mulher o amar muito tempo, o deixa por outrem, a quem ella antes tinha deixado, por naõ conquistar de novo com poucas esperanças o que outro tempo possuia sem receio, e trocar o estado com quem lhe teve já inveja. Por essa razaõ (respondeu Corintho) e he de Pavanio, se hum pastor naõ espera mais que ser querido, o certo he nunca fazer mudança; que ellas faraõ tantas até que venhaõ a seu requerer. Mas atalhemos estas razoens, que vem para nos Mirtea, e Floriza, as quaes naõ merecem esta culpa, antes muitos louvores; e será bem que os cantemos, para que Floriza, alivie o sentimento da pouca ventura que tem suas esperanças. A este tempo chegáraõ as pastoras: e porque Floriza trazia os olhos aggravados em signal que chorara, e elles eraõ verdes, e tam formozos, que se lhes fazia o aggravo maior, logo entre os pastores se murmurou a cauza; e por atalharem o tratar nella, tomou Lereno a sanfonha, e pedindo a ellas licença, cantou huma glossa que todos ouviraõ com muita attençaõ.

Cla-

Claros olhos, que mostrais
Offensas, que a Amor fazeis,
Naõ he justo que as pagueis,
Por isso vos aggravais?

Dessa luz formoza, e pura
Amor vencido cegou;
E a razaõ ficou escura:
E até a mesma ventura
Fugio quando vos olhou:
Com inveja, e com temor
Naõ parecem onde estais,
Com temor, porque cegais
Com inveja dessa côr,
Claros olhos, que mostrais.

A ventura, que naõ cança
De nos mostrar quanto possa,
Mostra em quanto vos alcança,
Que só a vossa esperança
Era bem que fosse a vossa.
Se de outra vos aggravastes,
Bellos olhos, naõ choreis;
Que as lagrimas, que verteis,
Saõ (se por elle as chorastes)
Offensas, que a amor fazeis.

Vos mostrais luz poderoza,
E a vista nossa fraqueza,
Que he com razaõ venturoza,
Quando se perde, se goza
A gloria dessa belleza:
As que deste engano cheias
Vaõ provar quanto podeis,
Sendo taes, naõ nas culpeis;
Mas tambem culpas alheias
Naõ he justo que as pagueis.

Quem vervos busca, e pertende
Sem respeitar mais, porque
He signal que vos entende,
Mais erra, e mais vos offende:
Aquelle, que vos naõ vê,
E se podem conhecer
Os meus dos vossos signais,
Bem entendidos estais,
Porque vos naõ sabem ver,
Por isso vos aggravais?

Por extremo gabaraõ todos a cantiga, e bem quizeraõ que se naõ acabara taõ de pressa: porém o merecimento de Mirtea naõ dava lugar de dilatarse o que a seus louvores se devia. E porque já os seus olhos, que eraõ da côr do Ceo, e desta os mais formozos tinhaõ razaõ de estar aggravados, disse Umbrano ao pastor, que cantara, que, pois a sanfonha parecia tam bem na sua maõ, que nenhum da companhia se attrevia a tomalla, lhe pedia pelos livrar a todos desta afronta, que louvasse os olhos de Floriza. Ao que elle respondeu: Anda que eu tenho por grande afronta a que faço a taes olhos, em os louvar, e muito maior a vossas partes em ter esta confiança, he o interesse tanto mais poderozo, que me naõ sei negar. E tornando a tocar o instrumento disse o seguinte.

Olhos, com que amor venceu
Coraçoens em justa guerra,
Quem vos vê morre na terra
Por subir ao vosso ceo.

Quem haverá tam perdido,
Estrellas nunca entendidas,
Que queira melhor partido,
Que ser dessa luz vencido,

E dar apreço mil vidas?
Quando amor me combateu;
Vós só podereis tirar-mas,
Nem sei quem se defendeu,
Sabendo que ereis as armas,
Olhos, com que amor venceu.
Vós sois a fórça, e castello,
Donde amor ao mundo offende;
Vós só fazeis conhecello,
Vós só podereis vencello,
A vós se humilha, e se rende,
Em vós seu poder se encerra,
E de vossos raios faz
As settas, com que naõ erra
Almas em tyranna paz,
Coraçoens em justa guerra.
A côr, que do Ceo tomais,
Aonde escuro o Sol se poz,
Tam formoza lha mostrais,
Que se aclara, e move mais,
Quando se ha de ver em vós,
Se sabis a fazer guerra,
Quando o raio poderozo
Por maõ de amor se abre, e cerra
Vendo hum Ceo, que he tam formozo
Quem vos vê morre na terra.
Mas que morte desigual,
Ou que vida tam ditoza
Ha, que apreço de outro mal
Possa gozar gloria tal,
Qual em vossos olhos goza,
Se este bem se concedeu
A humano merecimento,
Qual ha, que naõ pertendeu
Ter na terra esse tormento
Por subir ao vosso ceo?

Naõ

Naõ deu o dia lugar a que a muzica fosse adiante com os louvores de Lereno : levantaraõ-se os pastores a recolher o gado, e elle se apartou de Rizeu até o outro dia ; e foi com Pavanio até á sua cabana, onde ficou por hospede, tam contente da companhia de tal amigo, que o ficara de sua ventura, se Amor lhe naõ tivera em outra parte a liberdade, que sem esta naõ póde algum bem da vida dar contentamento.

Floresta Quinta.

PAssava Lereno os dias em a conversaçaõ dos pastores, bem recebido entre elles, e estimado das serranas da montanha, mimozo de Pavanio, porém nunca esquecido de seus cuidados ; dava a estes muitas horas de lembrança, gastava as outras enganando o sentimento por naõ parecer pezado a seus amigos, que hora lhe mostravaõ as grandezas notaveis daquella ribeira, hora as pastoras afamadas em formozura, que nella havia, ora hiaõ espreitar as Ninfas, que naquellas praias habitavaõ, gastando o tempo em muzicas, e saborozos exercicios namorados. Huma noite, em que elle velava seus pensamentos, descuidado de outra coiza que podesse trazer alegria, tam cheio de lagrimas, e suspiros, que do peito á boca mil vezes se encontravaõ, em quanto Pavanio dormia, cantava ao som de sua lyra este Soneto :

Que estado he este meu tam differente,
Aonde a força dos males mais insiste,
Que, porque fui contente de ser triste,
Nem de ser triste pude ser contente?

As

As lagrimas, que choro docemente,
Porque este triste bem nellas consiste;
A força do silencio lhe resiste,
Porque o gosto do mal naõ se accrescente;
Vivo de hum impossivel soffrimento,
E guarda o pensamento contra a morte
O coraçaõ, e os olhos nesta magoa:
Sustenta a cada hum seu elemento;
Ao pensamento o ar, a terra a sorte,
O fogo ao coraçaõ, aos olhos agua.

Como o lugar era só, a noite escura, e passada grande parte della, a voz quebrada dos suspiros, imaginava o pastor que fazia, seguro de ser ouvido, este queixume: porém outrem, que aguardava aquelle mesmo tempo, para os fazer á ventura, o escuitava, que era huma pastora, á qual pareceu tambem a tristeza do Soneto, e o sentimento do pastor, que, por conhecer quem seria, se sahio da cabana, e dentre huns loureiros, que estavaõ ao pé da de Pavanio, lhe falou desta maneira: Obriga a tanto o roubo de huma coiza que muito se estima, que me naõ pareceu desatino este, que faço por te pedir essa tristeza que me roubaste; porque Soneto tam descontente, só he para meu cuidado, e eu para sentillo: se me naõ promettes que nem a lembrança delle te fique na memoria, accuzar-tehei de hum furto tam conhecido. Esse que tu querias fazer, discreta pastora (respondeu elle) consentira eu por vontade, se naõ fora dar hum mal grande a quem nenhum merece, e tirallo a hum descontente, que nasceu para padecer todos por seu gosto; se de outra coiza o achares em minha vida, nenhuma te saberei negar. Chamas

mal

mal á triſteza (tornou ella) e he coiza conhecida que te naõ eſtá bem : a vontade, com que me negas eſte, te agradeço ; mas o teu bom intento naõ tira ſer obra mui differente : outra aſſaz leve quero de ti, que me digas quem, e donde es ? Eu (diſſe elle) ſou hum paſtor do rio Lis, a que chamaõ Lereno, que tu eſtás bem alheia de conhecer ; ha muito que vivo deſterrado do meu natural ; e dos campos do Mondego vim eſta Primavera aos do Tejo, por ver as graças, e gentileza dos ſeus paſtores, que ſaõ por todas as partes celebrados, e com razaõ, pelo que já tenho alcançado dos que vi. Só em hum (diſſe a paſtora) podias ver neſta ribeira quanto a fama podia acreditar, e dar a natureza, e, quantos o Tejo tem ſem eſte, naõ merecem nome. E porque a paſtora dizendo iſto deu hum ſuſpiro, que Lereno entendeu, lhe diſſe : Nem a natureza pinta as coizas com mais perfeiçaõ que o amor ; e aſſim ſerá melhor ouvirte que vello : pelo que te peço me digas o ſeu nome, e o que mais delle ſe póde ſaber fóra de teu ſegredo. Eſſe (tornou ella) ſó em meus cuidados o tenho ; que em ſuas perfeiçoens he impoſſivel ; o ſeu nome he Aulizo. As partes ainda com a viſta ſe naõ ſabem contar, porque eſtaõ nelle juntas todas as que o Ceo pelos outros repartio ; o parecer do roſto tam formozo, que ſe acaba nelle a viſta ; a graça repartida nos olhos, e na boca tam igualmente, que elles falaõ, e ella vê ; o corpo tam airozo, e proporcionado cada membro com a figura, que parece que o formou a natureza para exemplo do que ſabia ; ſobre tudo no juizo, brandura, e condiçaõ a to-

todos excede; è eu a todas as pastoras do Tejo em querer-lhe. Mas quanto tenho de Amor me faltou de ventura, que nem elle me desfavorece, nem me enjeita, se outrem me naõ possuira a quem vivo sujeita por força, como ao meu Aulizo obrigada por Amor: e pois este tudo faz parecer mais bello a quem ama, rogo-te que o vejas, e saberás quanto cortei do que merece; e se acazo chegares diante os seus olhos, onde está pendurada a minha vida, conta-lhe que a passo tam triste, que ainda te vinha pedir para ella o sentimento de teus males, havendo que todos, os que naõ soffro, por sua cauza, fico devendo ao que merece. E no mais pelo que me vai guarda segredo; que agora te quero pagar a tua cantiga: e tocando huma frauta que trazia, cantou a espaços o seguinte.

Vida, que he contra a vontade,
Bem fora melhor perdida;
Ai quem trocara esta vida
Só por huma liberdade!
Ai enganado querer,
Engano bem empregado!
Quem dera o que tem tomado,
Pelo que naõ póde ser!
Quanto melhor fora a morte,
Que este tormento maior
A vida nas maõs de amor,
E o gosto nas maõs da sorte.
Vivendo sempre em receios,
Quando triste os olhos viro,
Soltando da alma o suspiro
Por entre braços alheios.
Outrem goza o doce fruto,
Eu só padeço o cuidado,

Po-

Porém gosto tam forçado
Nunca póde durár muito.
Acabe esta vida em fim,
De-me a morte algum descanço;
Que bem sei que naõ a alcanço,
Porque já foge de mim.
Coraçaõ, mostra teu mal,
Costeme a vida dizello;
E se este mal póde sello,
Morra, que muito me val.
Descubra-se minha pena;
Que maior tormento custa
Encobrir pena tam justa,
Que a em que o mundo condena.
Morte he menos prejuizo,
E melhor satisfaçaõ,
Se for dizendo o pregaõ:
Morre Eliza por Aulizo.

A este canto da pastora, cuja voz podia enfrear a furia das ondas, e mover os montes com sua brandura, acordou Pavanio; e achando menos ao companheiro, se veio para onde elle estava tam esquecido de si com a suavidade da muzica, que lhe faltáraõ palavras para louvar a pastora; a qual conhecendo o outro que chegára, se traspoz por entre as arvores, do que ambos ficáraõ bem magoados, e Pavanio pezarozo de ser a cauza; a quem Lereno naõ descobrio mais que o modo com que alli viera aquella pastora. E porque já o dia vinha rompendo por entre as pardas nuvens, e as estrellas se despediaõ das aguas do Tejo, disse Lereno ao amigo que determinava ir á praia adiante até á cabana de Rizeu para com elle ver alguns pastores que do Mondego conhecia,

e que á tarde 'o tornaria a buscar no posto conhecido; o que elle consentio com pouca vontade, obrigando-o a que tornasse sedo, e partisse depois de tirarem o gado; o que ambos fizeraõ com á vinda do Sól. Porém Lereno, que levava o dezejo em saber do pastor Aulizo, pelo que com Eliza lhe acontecera, foi andando ao longo do rio, e á sombra de hum penedo que na praia estava, onde nascia huma fonte de entre a arêa, vio huma companhia de pastores, dos quaes conheceu Umbrano; e indo-se a elles o receberaõ com muita alegria, que já tinhaõ conhecimento delle; e fazendo-o assentar, foraõ com o seu passatempo adiante, e tangendo o velho Alcido huma frauta, outro hum salterio, e descantando Ergasto com arrabil, cantavaõ a tres vozes estas endechas.

Esperança minha,
Nascida á vontade,
Como herva danoza,
Que entre os trigos nasce:
Crescestes de pressa,
De pressa seccastes,
Mas em pouco tempo
Déstes novidades.
Seguei-vos sem tempo,
E atei-vos mui tarde,
E ao tirar do graõ,
Graõ de mal deixastes:
I-vos, e deixai-me.
Lagrimas colhi,
Que a terra, onde cahem,
Tambem fica ardendo,
Como os olhos ardem.

Colhi

Colbi pensamentos,
Colhidos de balde;
Que, como saõ vento,
Fazem tempestades.
Colbi prezumpçoens;
Que, inda que levantem
Huma alma da terra,
Sobre a terra cabem:
I-vos, e deixai-me.
Naõ vos quero, naõ;
Que as vossas verdades
Quazi sempre mentem,
E nunca se sabem.
Este meu Amor,
Se cresceu com males,
Para outros enganos
He já muito grande.
Bastem-lhe mil annos;
E se naõ bastarem,
Naõ ha soffrimento,
Que para elle baste:
I-vos, e deixai-me.
Se entre os meus dezejos,
E em mim vos criastes,
E, á custa da minha,
Vos dei liberdade:
He quazi impossivel
Que de vós me aparte,
Sem que a minha vida
Primeiro se acabe.
Qual vibora ingrata
Fostes em meu sangue;
Que a quem lhe dá vida,
He força que mate:
I-vos, e deixai-me.

Em quanto elles cantáraõ, que o faziaõ com muito concerto, chegando-se Umbrano ao estrangeiro, a quem tinha mui inclinada a vontade, que elle com igual affeiçaõ de longe merecia, lhe disse ao ouvido: Parece-me tam bem tuas coizas, que tenho em grande opiniaõ quem sabe buscallas; e ainda que lhes tenha inveja, naõ quero encobrirte dezejos alheios. Sabe que, estando ha poucos dias em huma companhia de pastoras as mais formozas desta ribeira, a quem deraõ Amor, e natureza todos os seus poderes, tratando-se de questoens, motes, e galantarias namoradas, empreza digna de teu entendimento, houve quem naõ quiz roubarte este lugar, e suspirou com o teu nome, que todas sabiaõ; da qual lembrança nasceu em ellas hum dezejo de te terem prezente: e porque este naõ podia ter effeito naquella hora, escreveraõ essa carta que te eu désse; e prometti haver logo a reposta, que te peço que naõ dilates muito. Naõ devo eu estimar menos (respondeu Lereno, tomando a carta muito encoberta) este bem pela valia de quem me dá o lugar que eu naõ mereço, como por ser fruto da tua affeiçaõ, que nellas fez nascer estes enganos, aos quaes eu obedecerei como devo, á minha custa. E porque a este tempo se acabava o canto dos pastores, e muitas pastoras, e pegureiros do valle se ajuntáraõ, cessáraõ com a pratica por ver Aulizo que alli veio ter, e em sua vista achou Lereno tudo o que a namorada Eliza lhe dissera: sentados em roda pediraõ a Lereno que cantasse ao concerto dos instrumentos, que os tres pastores tocavaõ; o que elle fez com igual receio, e dezejo por contentar com a voz, e

com a cantiga a quem com o parecer de sua gentileza a todos contentava ; e com os olhos nelle começou esta glossa.

Se sois horas da mesma natureza
Do tempo vaõ, que passa, e naõ se sente,
Como só no meu mal tendes firmeza,
E tomais natureza differente?
Como assim naõ fogis desta tristeza,
E desta vida em tudo descontente,
Se mais leves fogis, que o leve vento,
Horas breves de meu contentamento?

Quanto pára sabervos me faltava,
Naquelle breve espaço, que vos vi,
Como do tempo entaõ me descuidava,
Cuidei que tudo fosse sempre assi,
Quanto fogia o bem, e o mal durava,
Pareceu-me depois que vos perdi,
Porque amor a meu mal tudo encaminha,
Nunca me pareceu quando vos tinha.

Ai duros, rigorozos desenganos,
A que tempo cortais minha esperança,
Sabei que em tanta pena, em tantos danos
O mal só dura, o bem nunca descança.
Horas, que para o mal durais mil annos,
E em meu gosto fazeis logo mudança,
Quaõ mal imaginára esta alma minha
Que vos visse mudada tam azinha!

Tudo em vós se trocou, tudo he mudado,
A vida, o gosto, e o dezejo della,
O rosto, o parecer, o trajo, o gado,
E tambem se mudou a minha estrella:
Mudarse tudo emfim me era forçado;
Que juizo naõ val, força, ou cautella
Para sustentar sempre hum soffrimento
Em tam compridos annos de tormento.

Ain-

Ainda o pastor queria seguir a cantiga, quando ao longo da praia hum pouco atraz ouviraõ huma grande grita, e reboliço em hum ajuntamento de pastores: e inquietos por saber o que seria, se alevantáraõ todos para aquella parte; e Lereno ficando atraz com Aulizo, os foi seguindo: e chegando á vista, souberaõ que era huma luta de dous vaqueiros, que sobre o preço de huma frauta se desafiáraõ; e os dous pastores, pouco cubiçozos da contenda, se foraõ o caminho do valle, deixando a praia: e alli disse Aulizo para o estrangeiro, a quem já conhecia, e estimava muito: Por certo que bem melhoráraõ estas pastoras a sorte em deixarem de te ouvir, por ver a luta dos vaqueiros; porém a disculpa, que lhes val, he que a tua muzica enlevava como de Serea, e os gritos daquelles rusticos acordáraõ como de somno. Elles (respondeu Lereno) perderaõ em me naõ ouvir; e eu alcancei o que dezejava em te acompanhar: e sabe, Aulizo, que he tam conhecida a vantajem que tens a todos os pastores desta ribeira, e tam grande o senhorio sobre as Ninfas, e pastoras della, que já em toda a parte pela fama se conhecem as de tua gentileza; mas vence ella a fama com a vista de tal maneira, que sentira muito a perda de te naõ ver, se esta antes de ver-te se conhecera: e pois em pago de huma coiza, que tanto dezejava, naõ posso dar o que devia, pagar-te hei com o alheio, ou, para melhor dizer, com o que he teu, e nascido das perfeiçoens com que cativas a todo o mundo. Esta madrugada, que eu poupava das occupaçoens do dia para dar a pensamentos tristes, imagi-

nando que aquella hora me naõ negava a ventura, atalhou a meus suspiros huma pastora, a quem ella a tinha dada, em a qual tudo, o que parecia, era como o cuidado, que alli a trazia: esta, conhecendo de mim pelo que me ouvira, que era capaz de confianças de amor, me descobrio o que te tinha. E traz isto lhe relatou Lereno tudo o que a pastora lhe dissera. Ao que elle suspirando respondeu: Se essa divida he para me penhorar de novo ao que mereces, eu confesso que ha muito tempo que te sou devedor, e dezejo servirte: e entende, Lereno, que nenhuma coiza ha mais certa de todas as que vemos, do que he naõ *haver* ventura, de que alguem viva contente: as razoens saberá outrem melhor, mas eu de mim te digo que tive muito da sorte, e natureza, e mereci a affeiçaõ de muitas pastoras, que a negáraõ aos principaes pastores do Tejo: porem com hum só encontro destruio amor a minha liberdade, e senhorio; que nunca empreguei affeiçaõ, em que outrem já naõ gozasse o fruto; e huma, que o Ceo me deu sem este queixume, as estrellas com inveja ma roubáraõ para gloria sua. E se alcançar fim a pensamentos, he alcançar hum homem de amor o que dezeja, que importa que muitas me procurem, se a que eu amo tem cativo o querer a hum forçozo senhorio? Naõ he tam firme o tempo (respondeu elle) que naõ dê muitos a quem tem obrigada a vontade de quem ama: e porque eu dezejo ver, como já tenho ouvido, a quem te serve, te peço que me dês signaes para conhecella. Hum te mostrarei (tornou elle) que trago neste peito, pois ella te descobrio os

que

que tinha nalma. E tirando hum retrato do seio, cuja porta cerrava hum subtil cadeado de prata, o abrio ajuntando humas letras, que diziaõ *Eliza*, como que este nome era a chave do segredo, que alli guardava: e era a figura tam formoza, que se lhe reprezentou a Lereno na pintura ouvir a voz, que naquella madrugada ouvira da sua cabana. E depois de louvar com grande encarecimento sua formozura, lhe pedio licença para cantar seus louvores; aos quaes atalháraõ alguns dos pastores, que estavaõ na luta. E porque éra tarde, Lereno se apartou delle com promessa de o buscar muitas vezes naquelle lugar: e dalli se foi aonde Pavanio apascentava, ao qual, em quanto os pegureiros recolhiaõ o gado, contou o que lhe succedera com Umbrano; e mostrou a carta das pastoras, que guardavaõ da outra parte do Tejo, e aberta continha estas palavras:

,, Do dezejo, que temos de te ouvir, só
,, com obedecer ao nosso rogo te desobrigas:
,, se naõ for tam grande trabalho fazello, co-
,, mo o gosto, que nos darás com tua prezen-
,, ça, naõ tardes. E porque nem da tua corte-
,, zia se espera menos, nem nós dezejamos mais
,, que colher fruto de teu entendimento, del-
,, le pedimos a reposta com a destas regras.

§ Contente com padecer,
§ Mais merece quem se fia. F.
§ Vivas memorias, mortas esperanças. A.

Com isto chegáraõ á cabana, communicando o gosto desta aventura; que assim como os males saõ maiores sem companhia, saõ os bens de maior valia communicados.

FLO-

FLORESTA SEXTA.

GAstárão os dous amigos a maior parte da noite com a carta, hora gabando o termo, e concerto della, hora inquirindo a tenção das letras, que vinhaõ ao pé dos versos; das quaes naõ poderaõ conhecer o nome das que as escreviaõ; que este era o segredo, que tinhaõ: porém em fé do que Umbrano lhe dissera, respondeu Lereno desta maneira:

„ Obedecer a pastoras tam formozas, *ainda*
„ que seja em perigos conhecidos, naõpóde dar
„ trabalho a quem nasceu para servillas: o ma-
„ ior que eu acharei na reposta destas regras,
„ he que, para ellas serem boas, basta que vós
„ pergunteis; e para meus versos parecerem
„ mal, o receio com que chegaráõ diante de
„ olhos tam formozos, onde a nenhum entendi-
„ mento fica liberdade. A tudo isto nego dis-
„ culpa, e a vós offereço a vida, e a vontade.

Contente de viver triste. Lereno.

Reposta á primeira.

Contente com padecer.

Na vida, nem na esperança
Se muda minha ventura;
E acha em mim tal confiança,
Que, quando naõ faz mudança,
Sabe que entaõ me assegura:
Naõ fia de seu poder
Que ainda espere algum prazer
Nestes males, que me vem;
Mas conhece que me tem
Contente com padecer.
Sabe que o gosto do mal
Todos os gostos despreza,

Quan-

Quando hum coraçaõ leal
Sabe entender quanto val
O sentimento, a tristeza:
Estes bens, que outrem naõ quer,
Anda por mos defender
Amor só de pura inveja,
Só a fim que eu me naõ veja
Contente com padecer.
Mais merece quem se fia.
O temor por natureza
De mulheres em mudanças
He de cautella, e fraqueza,
Pôr em sorte as esperanças,
E em discredito a firmeza:
Quem poem tudo em condiçaõ
De ou seria, ou naõ seria,
Tira á fé preço, e valia;
Pois em credito, e razaõ
Mais merece quem se fia.
Outro sentido.
Fiei do tempo, e passou;
Fiei da sorte, e faltou-me;
Fiei de Amor, enganou-me;
Fiei de quem me enganou,
Com desenganos matou-me:
Robaraõ-me em tal porfia
Os sentidos principaes,
E ao esprito, que os regia;
Porém de tres ladroens taes
Mais merece quem se fia.
Vivas memorias, mortas esperanças.
O tempo, que já tive de alegria,
Quando brotava em flores meu cuidado,
Huma viva esperança me encobria
A memoria já morta no passado:

Agora

Agora neste mal, que eu naõ temia,
Se tem contra mim mortos levantado,
Depois que Amor trocou nestas mudanças
Vivas memorias, mortas esperanças.

Em quanto os pastores gastavaõ o tempo nesta occupaçaõ, hia passando a noite dissimulada, e elles sem repouzo, veio a manhá; tiráraõ o gado, apartou-se Lerèno do companheiro, e foi a buscar Umbrano á sua cabana; mas antes de chegar a ella o encontrou no valle: deu-lhe a carta, pedio-lhe por interesse da obediencia, e cuidado que tivera da reposta, que confiasse delle os nomes das pastoras; porém o pastor os calou por entaõ, dizendo que o fazia por mandado de seus donos; mas que muito sedo saberia em sua prezença que era bem differente informaçaõ a dos seus olhos, que as palavras com que lhe podia dizer que naõ eraõ. E porque Umbrano em servir naõ queria mostrar descuido, nem desmerecer pela tardança; apartando-se de Lereno se foi esperallas junto ao lugar, onde apascentavaõ: deu-lhe a reposta, que ellas festejáraõ muito por quanto a dezejavaõ. Lereno, depois que de Umbrano se apartou, cubiçozo de caminhar sem companhia, e entregar seus cuidados ao pensamento, que já lhe estranhava *horas* de descanço, desviando-se dos pastores, e da aldea, por hum caminho pouco uzado ao longo da praia foi parar onde huma ribeira entrava no rio ao pé de dous alamos brancos, que da arêa se alevantavaõ tam altos, que encobriaõ as pontas no seio das nuvens, e a hum delles estava atada huma barca, que ao quebrar das ondas se embalançava, fazendo hum

triste ruido, e saudozo; aqui se assentou o pastor encostado ao tronco, e começou a praticar comsigo, cantando desta maneira:

Mentirozas esperanças,
Ministros de amor tyranno,
Fiadores de hum engano,
Que deu tantas confianças,
Percaõ-se vossas lembranças;
Que he bem que já vos despida,
Porque he falta conhecida,
Em quem conhece o seu erro,
Morrer auzente em desterro,
Tendo em vossas maõs a vida.

Gostos alheios, que em fim
Nunca em vós tive direito,
Se naõ cabeis em meu peito,
Para que chegais a mim?
E se imaginais que assim
Vencereis meu soffrimento,
Tomais fraco fundamento,
Que he passado o mór perigo,
Porque á vista do inimigo
Se apercebe o sentimento.

Lembrança do bem perdido,
A vós só quero, a vós amo,
Por vós suspiro, a vós chamo,
Sempre sou de vós ouvido:
Vamos ao valle escondido,
Onde Amor tem encantado
O fim daquelle cuidado,
Que esta triste alma dezeja,
Que Amor só de pura inveja
Para mim deixou fechado.

E vós, dezejo, que auzente
Quereis viver contra a sorte,

Dan-

Dando poderes á morte;
Que contra mim se sustente,
Pois tal vida naõ consente,
Esse vosso vaõ despejo;
Vede o mal em que me vejo,
Quiçais que fareis mudança,
Porque, morta a esperança,
Para que he vivo o dezejo?

Ainda Lereno começava o primeiro pé da cantiga, quando hum pescador, que em o leito da barca estava dormindo, acordou; e levantando a cabeça, foi visto do pastor, que tinha os olhos no rio, porém naõ cessou com a cantiga, nem elle de o escutar com muita attençaõ: acabada ella, disse o da barca: Deos te salve, que bem pagaste hum somno de que me tirou o teu cantar; a bofé que era elle tal, que estou para lançar as redes neste baixo de arêa, que até os peixes se ajuntáraõ nella para te ouvir; e porque se me assemelhou no que cantastes que vivias triste, dize-me, rogo-te, de que mal te queixas? que a quem tantos bens deu a natureza houvera de viver alegre. E mal está o contentamento (disse o pastor) que amor basta para destruir o senhorio da natureza, e da fortuna. Deos te sustente contra elle izenta a liberdade, que nem as aguas valem contra o seu fogo. Certo que te creio (responpondeu elle) ainda que em mim o naõ experimentasse; mas para mal va quem tantos faz, que já elle em coizas minhas fez forte estrago. Huma irmã tive tam formoza, que podera fazer inveja ás Ninfas deste rio; guardava gado no monte, e tinha na villa tal nomeada, e nas aldeas, que naõ havia pegureiro, que naõ se vestisse

vestisse louçaõ por amor della; as frautas, sanfoninhas, e arrabis do nosso lugar todas eraõ na nossa porta; em anoitecendo alli se faziaõ os bailes de seraõ, e as folias de madrugada em sahindo para o serviço, a nossa porta sempre era enramada de boninas do mato, de frutas dos pomares, ramos dos soutos, e de mariscos, e conchas desta praia, tudo por festejarem a Florella, que era o seu nome; e ella tam senhora de si, que tudo tinha em desprezo, até que Amor se vingou della; veio a tomar amores com hum estrangeiro que aqui viera de bem longe, tratoulhe elle de enganos, e com elles a levou desta ribeira, onde já mais tivemos novas della. Hum irmaõ, que eu tinha, que chamavaõ Filenio, que tambem escolheu a vida de pastor, e tinha cabras, e ovelhas em abundancia, e tanta graça, e vantajens entre os guardadores, que todos o buscavaõ, e queriaõ, tanto que isto aconteceu foi pelas inculças, e correu muita da terra estranha sem os achar; e por viver nesta descontente, ficou nas ribeiras do Lis, onde apascentava, e alli lhe aconteceu outra tal com os amores de huma Lizea, que tinha os seus em outro pastor auzente; e a tal estado chegáram suas esquivanças, que andava como transido, e a ella a auzencia do outro a quem queria, que desappareceu de ante os olhos de Filenio huma manhã, que á sombra de huns ulmeiros a esperava; e imaginando ser convertida em hum penedo, que lhe ficou diante, perdeu com isto o sentido, e os parentes da pastora as esperanças de cobralla. Em fim que Filenio vive agora nesta ribeira como alienado, esperando saber

ber o que he feito da sua pastora, ou para melhor dizer do seu juizo: e daqui verás a razaõ que tenho de querer mal a Amor, pois me tirou os bens que tinha para a vida. Como Lereno ouvio falar em Lizea, e Filenio, que era o pastor, que lhe levara a carta aos campos do Mondego, a quem elle a trocara, deu hum suspiro desacordado, e logo lhe veio á lembrança que Lizea podia estar no valle desconhecido; e por encobrir sua paixaõ, consolava a dó pescador, que bem triste acabara a historia; e despedindo-se delle com amorozas palavras, se veio afástando da praia até se assentar entre humas paredes cobertas de mato, onde nascia huma fonte que com escuro som em nascendo se escondia debaixo da terra; e alli quazi esmorecido adormeceu por grande espaço de hum somno mui profundo, em o qual se lhe reprezentou que vira a sua pastora junto a elle: como desatinado acordou, e vendo o engano com que a fantazia o castigara, tirando a sanfonha, cantou esta glossa.

Olhos, que abertos naõ vedes
O bem, que cerrados vistes,
Dizei porque vos abristes?

Aquelles gostos escaços,
Enleios da fantazia,
Que no tempo, que dormia,
Me fogiraõ d'entre os braços,
Porque naõ nos merecia:
A graça, e a formozura,
Que entre estas toscas paredes
Da noite se me afigura,
Saõ thezouros da ventura,
Olhos, que abertos naõ vedes:

Saõ

Saõ as glorias, que Amor tem
A seus bemaventurados,
E saõ thezouros guardados,
Que nenhuns olhos os vem,
Senaõ depois de cerrados.
De que servia acordar,
Para ver magoas tam tristes,
Já que depois de sonhar,
Abertos se ha de cerrar
O bem, que cerrados vistes?
Quem tal sonho naõ perdera,
Ou nelle a vida acabára!
Ah quem sonhando vivera!
E se na morte acordára,
Do que sonhou se esquecera:
Dizei, olhos enganados,
Se este tempo, que dormistes,
Tantos bens vos foraõ dados:
E se os gozaveis fechados,
Dizei porque vos abristes?

Quando Umbrano deixou em maõs das pastoras a reposta de Lereno, e tornou ao costumado pasto de seu rebanho, vieraõ ellas cantando ao longe do rio, com os cajados de sanguinho, e grinaldas de flores sobre os cabellos, e vestidos vaqueiros de differentes côres, e assim chegáraõ áquelle lugar onde o estrangeiro adormecera, a tempo que o viraõ despertar do sonho, e ouviraõ a sua cantiga, a qual acabando elle se levantou com hum suspiro, dizendo: Ah nunca houvera no mundo desenganos: Ao que huma das pastoras respondeu, que vestia de branco: Faltára a melhor coiza que há nelle, porque naõ sei eu maior mal que viver enganado: Quando o pastor vio quem lhe falava,

falava, e as companheiras, ficou enleado assim de seus trajos, e formozura, como de imaginar que diria entre sonhos alguma coiza que o descobrisse, e porque nem elle, nem ellas se conheciaõ, depois de as saudar lhe tornou: Póde ser, formoza pastora, que o pouco, que sabeis de males, fará que vo-lo *naõ* pareçaõ experimentados em outrem; porém eu, que á minha custa o sei, digo que mal haja o desengano, que sem elles nenhuns males fizera amor. Porque (perguntou huma, que vestia de verde? Porque amor respondeu elle) affeiçoa, e obriga, o engano sustenta, *contenta*, e satisfaz, o desengano destroe amor, *aparta vontades*, e muitas vezes mata. Que mal póde sentir quem vive enganado, se tem na opiniaõ tudo o que dezeja? ditozo o estado de quem vive de enganos, e ditoza a vida, que *com* elles se sustenta, pois naõ sente semrazoens, crueldades, ingratidoens, ciumes, e esquivanças. E julgai se huma pastora póde viver descontente, a quem amor engana até com seu proprio parecer. O meu he differente (disse a primeira) porque nenhuma coiza ha mais segura, que a verdade, nenhum bem mais perigozo, que o que contra ella se sustenta; porque, como em fim sempre he conhecida, todos os enganos poem por terra; e a queda de quem nelles vivia se sente mais, do que viver desenganado, como te agora aconteceu com o sonho; que todos os enganos o saõ. Nisso vereis (respondeu Lereno) que naõ tem elles mal nenhum, senaõ o que lhes faz o desengano, que he acaballos; porém em quanto duraõ, e esse tyranno os naõ persegue, daõ contentamento;

e por isso me queixo do que agora me tirou: que se naõ acordára em suas maõs, dormindo achára na ventura o que naõ alcancei quando me desvelava. E porque neste tempo ouviraõ huma voz, que por detraz da fonte vinha cantando, suspenderaõ a pratica, por verem cuja era, e ouvirem a cantiga, que dizia:

Se de meu mal vos doeis,
Meu bem, porque mo negais,
Meus olhos naõ mos quebreis.

Puz de sorte a liberdade,
Pastora, em vosso querer,
Que nada a vontade quer,
Senaõ for vossa vontade:
O bem, que vós naõ quereis,
Me he damno mui desigual;
E no mal, que me fazeis,
Naõ ha mór bem que meu mal,
Se de meu mal vos doeis.

Minha alma tende-la já
Na prizaõ de vosso rosto;
Meu bem, esse he vosso gosto;
Minha vida em vós está:
Meu coraçaõ naõ queirais
Que viva do que padeço;
Dai-me a gloria que roubais:
E se este bem vos mereço,
Meu bem, porque mo negais?

Confessai-me o que vos quero,
E na mesma obrigaçaõ
Mostrará claro a razaõ
Que me deveis o que espero:
E ainda que injustamente,
Se com o gosto me offendeis,
Todo o mal bem se consente;

Dei-

Deixai-me os olhos sómente,
Meus olhos naõ mos quebreis.

Mais servio a cantiga de occupar os ouvidos, que de os deleitar com a brandura do que cantava; que logo atraz ella appareceu, e era hum ovelheiro, cuja vos parecia desengraçado no parecer, e no vestido, com o çurraõ da pelle de huma cabra manchada, cingido com huma corrêa de porco montez, e por cajado hum bastaõ de hera torcido em duas voltas, e a espaços vinha tocando huma gaita de tres canas; e chegando aonde as pastoras estavaõ, as saudou muito confiado; e Lereno disse para ellas: Por certo que canta o *ovelheiro como* podia esperar delle quem o vira. Se tu (respondeu elle) te atreveres em porfia a competir comigo, o que sei que naõ farás, naõ quero mais seguros juizos que estas pastoras, nem maior preço que vencer-te diante dellas, fazendo-te confessar que a minha Capralia he mais formoza que todas tres, e eu digno de servir á mais formoza, que nasceu no Tejo. Essa derradeira te confessarei eu sem cantar (respondeu elle) á primeira responderám estas pastoras, porque me parece que lhes faço aggravo conhecido em acreditar comtigo sua formozura. Só pelo naõ tornarmos a ouvir (disse a do verde) confessaremos tudo o que quizer; e se for necessario dizer que he airozo, e gentil-homem, a mim mo parece. Naõ tenho eu isso por novidade (replicou elle) que já a outra mais louçá o pareci: é se aqui vira coiza, que me enchesse os olhos, houvera de desafiar a hum baile vilaõ a este pegureiro. Naõ faltaõ figas (tornou ella) mas quem te queira ver dar voltas

tas (que naõ feraõ para ver fenaõ com os olhos tapados) em outro lugar, que tu mereces. Pois fois taõ parvoas (disse elle) ficai neste como vós mereceis; que eu vou buscar quem tem outro parecer. E com isto tomou o caminho para o rio, tangendo a sua gaita; e as pastoras naõ podiaõ sustentar o rizo de o ver taõ confiado, e contente de si. Naõ he muito (disse Lereno) pois aquelle vive enganado que seja alegre. Antes (tornou a do branco) quizera todos os males do desenganado, que o estado daquelle, pois só lhe serve para a sua opiniaõ. Todos (replicou Lereno) vivem da sua, e para si; e porque eu naõ sigo esta regra, vos naõ quero cançar em porfias, porque de mim a verdade he que vivo desenganado, e contente de viver triste. Esse nome (disse a do branco) ha pouco tempo que eu tinha por alheio, salvo se tu es o pastor Lereno, de cuja maõ o eu vi assignado. Estimo (tornou elle) que me conhecesses pela tristeza: e pois vos naõ nego que sou Lereno, consenti que saiba tambem o vosso nome. As pastoras, que o conhecêraõ, lhe fizeraõ muita festa, e lhe mostráraõ a carta que Umbrano lhes dera: e com muitas palavras, em que lhe mostravaõ a affeiçaõ que tinhaõ a seu nome, e outras de muita cortezia, deixáraõ a fonte, e foraõ até ás cabanas das pastoras; e ao pé de huma faia, que estava junto a ellas, lhe pediraõ que cantasse alguma coiza do desengano á conta dos males que lhe alevantára: e elle por lhes obedecer, tirando a sanfonha cantou este Soneto.

Desenganado está meu pensamento
Do que esperar podia da ventura;

A vida já no mal vive segura,
Nem desconhece a pena o soffrimento.
Dos bens, que dezejei sem fundamento,
O coraçaõ remedio naõ procura;
Porque quem para os males tanto atura
Converte em natureza o mór tormento.
Ah bemaventurado desengano!
Ah se de huma esperança me livrára,
Em que agora meu mal todo consiste!
Se na força maior de tanto engano
Esta vida tambem desenganára,
Que a morte foge della, porque he triste.

Posto que Lereno antes de se apartar quizera obrigallas a que cantassem do engano, era já tarde; e deixáraõ seus louvores para outro dia, que para os gostos sempre o tempo falta, e para os males até a vida cresce.

Floresta Setima.

NAõ perdia Lereno a lembrança do que lhe contára o pescador, e cada hora imaginava o que podia ser de Lizea, se tornaria ao valle desconhecido, para onde já sabia o caminho: porém tornava a cuidar que ficára cerrado, e ella avizada que por alli naõ tornasse, pondo-lhe em condiçaõ perder a vida; em quanto estes cuidados o combatiaõ negando-lhe de noite repouzo, e de dia o socego, se chegava o em que o sabio Astreo havia de dar suas repostas aos pastores, e estando Lereno com seu amigo Pavanio á vista do rebanho, que pascia á sombra de huns alamos desviados da praia, lhe perguntou elle quem era o sabio, e aonde vivia; que dezejava por extremo saber a sua

morada, assim para se aproveitar de seu saber, como pa a ver coiza taõ estranha. Em as serras dalém do Tejo (disse o pastor) entre aquellas confuzas penedias, que assombraõ o rio que com porfiozos combates da furia das ondas vai desfazendo sua dureza, no fundo de hum valle escondido no seio da terra, fresco de fontes, e ribeiros graciozos, povoado de muitas arvores differentes nos ramos, e na altura, está a cova do sabio Astreo, em todas as ribeiras de Luzitania conhecido pelo muito que alcançou das estrellas, do movimento, e ordem dos Ceos, da virtude das hervas, da natureza das pedras, da propriedade dos animaes, dos segredos das aves. E porque por razaõ de seu continuo estudo, e pela importunaçaõ dos pastores vizinhos se communica a elles mui poucas vezes, todos os annos em hum dia, já conhecido dos pastores, responde aos de que he consultado naquella estranha morada; e porque está mui perto este dezejado tempo, verás nesta ribeira muitos pastores de differentes lugares, do Tejo, Douro, Minho, e do Mondego, que esperaõ delle reposta a suas perguntas. Por certo, disse Lereno, que me contas coiza estranha, e que para mim naõ podia ser outra de maior espanto, nem que mais dezejasse ouvir, porque já me naõ tirará nenhuma coiza ver esta estranheza: porém como he possivel que hum homem humano tenha dos outros tanta differença, e saiba ás vezes mais dos pastores que elle de si? Porque (disse o outro) o saber levanta hum homem naõ só sobre elles, mas sobre as estrellas. Sempre ouvi que era grande thezouro (tornou elle) e tambem o

velho Menalcas na nossa ribeira naõ ha mal de olhado, ronha de ovelhas, e doença do armentio, a que naõ dê remedio; nem pastor tam desconfiado de seu mal, a que naõ atine com a cura melhor, que os mestres da villa; e na minha doença, a ouzadas se atinou elle a verdade. Nesta pratica estavaõ os dous pastores, quando viraõ que do monte descia Aulizo, Umbrano, Rizeu, e outros pastores, e pastoras, e ao som de muitos, e differentes instrumentos cantavaõ estas endechas:

Pelo valle abaixo
Vaõ huns olhos negros,
Que quantos encontraõ,
Todos levaõ prezos.

Vamos ver, pastores,
Coiza taõ estranha,
Que vem da montanha
A matar de amores:
Vem tam matadores
Com poder de Amor,
Que naõ ha pastor,
Que se atreva a vellos;
Que quãtos encontraõ,
Todos levaõ prezos.
Trazem mór alçada
Mera jurdiçaõ;
Nenhum coraçaõ
Lhes defende entrada;
Que com maõ armada
Tudo poem por terra;
Nem ha nesta guerra
Muros, nem castellos,
Que quãtos encontraõ,
Todos levaõ prezos.
O que está ferido
Tem mais a peleja,
Porque naõ dezeja
Ter outro partido:
E se algum perdido
Foge á falsa fé,
He porque naõ vê
Taes olhos abertos,
Que quãtos encontraõ,
Todos levaõ prezos.

A cada volta desta cantiga bailavaõ entre todas de terreiro, tangendo Olinda hum pandeiro, Umbrano huma rabeca, e o vaqueiro Amintas huma frauta, e tamboril, e com esta festa, e alegria chegáraõ aonde os dous companhei-

panheiros estavaõ esperando já levantados : e depois que cada hum deu sua volta no terreiro, como melhor sabia, assentados todos sobre a relva da fonte, disse Rizeu : Já que havemos de cantar, e nenhum quererá perder o lugar que lhe cabe, para que a cantiga de hum naõ tire o preço ás outras, o meu voto era, que cada hum por sorte cantasse em louvor da parte que mais lhe contenta, da pastora a quem ama; e póde ser que façamos entre todos huma tam bella, que leve daqui algum affeiçoado, e praza a Deos que me caia a sorte a mim. Naõ pareceu mal aos pastores a ordem de Rizeu : e como todos a approváraõ, deitando sortes, cahio a primeira a Pavanio, que cantou o seguinte.

Pav. *O desdem de huns cabellos desatados,*
Sobre hum monte de neve, e côr de rozas,
Hora negras ao Sol, hora dourados,
Hora de outras mil côres mais formozas,
Hora em douradas ondas levantados,
Hora em laçadas doces, e enganozas,
Estes, cuja prizaõ contemplo, e vejo,
Tiraõ a padecer meu vaõ dezejo.

Umb. *Dous rubis engastados sabiamente*
Num transparente, e puro cristalino,
Por onde hum ar respira differente,
Movendo o doce esprito peregrino,
Que d'entre ricas perlas do Oriente
Está ferindo as almas de contino,
Estes saõ minha vida, e meu thezouro
Com safiras azuis, e tranças de ouro.

Riz. *Hum rizo doce, alegre, e repartido*
Em olhos, boca, faces, sobrancelhas,

Que

Que em covas de Merlim anda escondido,
E entre brancos jasmins, rozas vermelhas,
Daquelles bellos arcos defendido,
Que tu, falso Cupido, naõ aparelhas,
Este he o bem, a que contino aspiro,
A quem a vida dei, por quem suspiro.

Aul. *Dous olhos negros, cuja luz formoza*
Abate a vista, e enleva a fantazia,
Que na noite mais triste, e tenebroza,
Me mostravaõ mil vezes claro dia,
Onde Amor vive, reina, manda, e goza,
Onde mora, onde nasce, onde se cria,
Criaraõ meus cuidados, e tem posto
Nelles amor, o fim, a vida, o gosto.

Ler. *Huma composiçaõ de partes bellas,*
Huma graça gentil, que naõ se entende,
O lume de clarissimas estrellas,
Que num Ceo de cristal, qual Sol se accende,
Hum movimento estranho nasce nellas;
Que as almas por amor cativa, e rende,
Que me venceu o ser, e a liberdade,
O juizo, o socego, e a vontade.

Depois que os pastores cantáraõ, naõ sem inveja dos outros que os ouviraõ (posto que a todos sobejava confiança) Corinto, que naquelle tempo chegara á companhia, os fez levantar com muita pressa, e tomar cajados, e çurroens, dizendo-lhes que os levava a ver coiza mais estranha, que nunca apparecera entre pastores: e guiando ao longo da praia deraõ em huma penedia, que o mar creára, tanto pelo centro da sua aspereza, que caminhando por dentro della hum grande espaço ficavaõ os pastores perdendo de vista o lugar por onde entráraõ; e perto de humas ruinozas cavernas, por cujos ris-

riscos se ouvia o estrondo de hum furiozo rio, que por baixo parecia que passava, viraõ estar sobre hum penedo, suspenso no ar de todas as partes, assentada huma Ninfa com azas nos hombros, sobre que cahiaõ em ondas os dourados cabellos; e aos seus pés dous Faunos coroados de conchas, e mariscos da praia, e tocando dous torcidos búzios de madreperola, onde a luz do Sol fazia varios lumes, e o ar saudozos os accentos, cantava a Ninfa estes versos.

Pastores deste ameno, e verde prado,
Vós Ninfas, que habitais nestes penedos,
E vós, Incolas nús do mar sagrado:
Sylvanos, que guardais os arvoredos,
Faunos incultos, satyros ligeiros,
De que amor tambem fia os seus segredos:
Rudos montanos, simples pegureiros,
Que entre as mansas ovelhas sustentais
Os cuidados de amor por companheiros:
Vinde atraz mim, que eu sou quem vós buscais
Nos enganos da vida, e da ventura,
E entre tantos cuidados desiguaes.
Eu sou aquella estranha formozura,
Que Amor fez poderoza sobre a terra,
E em quem seu fogo, e settas assegura:
Por mim sustenta em paz, e vence em guerra;
Por mim sujeita os Reis nunca vencidos,
E quanto o largo mar, e o mundo encerra.
A mim saõ tributarios os sentidos,
Por mim se ama, e venera a gentileza
E a mim só seus louvores saõ devidos.
Por mim conserva a sabia natureza
Tudo, o que afformozea, e ennobrece
Com valor, e com graça a rodondeza.

Mi-

Minha graça, e poder naõ desconhece
O ar nas aves, e no campo as flores,
E quanto a terra aos olhos offerece.
Vinde, Ninfas, traz mim; vinde, pastores;
Que eu sou a prizaõ doce, e saboroza,
Labyrintho sem fim dos amadores.
Eu sou a gloria, que de amor se goza,
Que se busca, se ama, e se deseja,
Tam incerta, tam leve, e tam formoza.
De mim nasceu a bellicoza inveja,
O ciume sagaz, e diligente,
Tam guerreiro, e contino na peleja.
Vinde; que minha uzança naõ consente
Que num lugar quieto tempo aguarde;
E quem naõ me alcançar ligeiramente,
Saiba que corro muito, e volto tarde.

Espantados daquella estranheza os pastores criados na montanha, vendo huma formozura tam excellente, e huma voz, que mais merecia cahir do Ceo, que sobir das entranhas da terra, naõ se determinavaõ no que fariaõ, porque tinhaõ os animos suspensos para falar, os membros frios para moverem o passo, e os olhos empregados no que viaõ: mas em pouco espaço desappareceu aquella formozura; e elles ficáraõ como ás escuras entre aquelles penedos mais confuzos á sahida, que hum labyrintho, donde antes que sahissem, appareceu outra luz mais formoza sobre huma columna de marmore tosco levantada sobre o mesmo penedo, que era a imagem do desengano, com hum letreiro, que tinha o seu nome; e ao pé delle escrito em huma taboa de metal este soneto, e ao pé em letras breves o nome de quem o escre-

creveu. que pela confuzaõ dellas se naõ entendia.

Gloria de Amor, traz quem sem fundamento
Tantas horas corri nesta ribeira,
Tendo até esta em vaõ, como a primeira;
Cego o dezejo, e firme o soffrimento:
Mais leves, que o ligeiro pensamento,
E muito mais formoza, que ligeira;
Mas he somente a pena verdadeira
De tua saudade, e sentimento.
Tua belleza enleva, vence, espanta;
A voz he de Serea, e tam suave,
Que descuida almas cegas de seus danos:
O rosto he falso, mente, a voz encanta;
Tu es encanto vaõ, cheio de enganos,
Que fez Amor, e tem Fortuna a chave.

Leraõ os companheiros com grande veneraçaõ aquelle testimunho verdadeiro dos successos de Amor, a quem serviaõ enganados com a promessa de sua duvidoza gloria: e sahindo ao seu caminho conhecido, cada hum quazi mudo de espanto, e de tristeza, guiou para sua cabana; que nenhuma coiza enleia com mais espanto o entendimento, que achar vaõ o em que toda a vida empregou o cuidado, e as esperanças.

FLORESTA ULTIMA.

DEpois daquelle dia, em que o velho Corino mostrou aos pastores do Tejo a imagem do desengano, e a leve mudança dos passatempos de Amor, passáraõ muitos em que cada hum imaginava em o fruto, que colhera de seus cuidados, fazendo differentes propozi-

tos

tos de os deixar, ou ſeguir com as cautellas que a fantazia lhes enſinava. Chegou aquella dezejada noite, em que as arvores, as hervas, e as boninas, os paſtores, as aves, e animaes ſe apercebiaõ para celebrar o naſcimento do que, antes delle, conhecera ſeu Creador. Corriaõ as fontes com hum murmúro mais ſuave, offerecendo o criſtalino ſeio em que as formozas Ninfas ſe banhaſſem. Brotavaõ a flores as invejas, florecia o caſto manjericaõ junto da namorada Beliana, derramava o encantado féto ſuas flores ſobre a terra, os eſpinhozos alcachofres do branco cardo ſe abriaõ em rouxas flores para ſerem colhidas das paſtoras namoradas; queimava-ſe pelo valle, e pela montanha o graciozo roſmaninho, ouregaõ, marcella, e o ſagrado louro; floreciaõ as plantas, enchia-ſe a terra, e os coraçoens de alegria, ſoando frautas, ſalteiros, lyras, ſanfonhas, tamboris, rabecas, pandeiros, e buzinas nos paſtores; dentre os quaes, os que ao tyranno Amor tinhaõ ſujeita a liberdade, encaminhavaõ para a banda dalém do Tejo; a ſerra aonde o ſabio tinha ſua morada: Pavanio, e Lereno, porque neſte ſegredo naõ ſoffriaõ outra companhia, tomando ſós aquelle caminho, chegáraõ ao ſahir a Lua a hum eſpaçozo valle, onde viraõ muitos paſtóres, e paſtoras; e encoſtados aos pés das arvores em differentes ajuntamentos, como que eſperavaõ para entrarem na morada do ſabio, a qual era huma cova aberta entre as ſerras, que fazia para o centro da terra huma eſcada de muitos degraus de marmore, que levavaõ a hum largo campo cheio de differentes flores, hervas, e boninas de maravilhoza vir-

virtude, a huma parte do qual entre hum confuzo arvoredo se escondiaõ humas cazas altas estranhamente obradas, onde o sabio vivia; e do alto dellas cahia huma copioza, e cristalina fonte, que ao pé formava hum rio, que logo se repartia em dous caminhos, rodeando o campo murado da parte de dentro de arvores muito juntas tam iguaes, que parece que sobre preceito foraõ crescendo, e faziaõ em iguaes espaços de huma, e outra parte quatro portas, que guardavaõ outros tantos silvanos, com aljavas, arcos, e passadores; e no frizo de cada huma dellas estava escrito o nome de huma Ninfa, que guardava o bosque de dentro: convém a saber, nas duas da maõ direita estava Pauribia, e Lyris, e da outra parte Amathia, e Dione. Todos, os que estavaõ no valle, em rompendo a manhá desceraõ com grande reboliço, querendo cada hum ser o primeiro na entrada, e na pergunta. Dentro se ouvia hum geral contentamento, que até os brutos penedos parecia que se alegravaõ; os instrutos de muzica soavaõ fazendo ecco por todo o valle; os passaros suavemente suspendiaõ os ouvidos; os gados sahiaõ bailando ao prado com capellas entre os cornos de cheirozas flores; os touros de verdes ramos andavaõ coroados campeando por entre os arvoredos; todos os pastores, e pastoras que entoavaõ, remettiaõ a coroar-se qual do ditozo orjavaõ, qual do puro jasmim, e qual de differentes hervas entertecidas com cheirozas boninas. Em o meio desta alegria, ao som de muzicas frautas, e canoras bozinas, se abrio huma porta que guardavaõ dous salvagens cobertos de folhas de hera,

hera, com pezadas maças aos hombros, e em meio delles huma Ninfa, a quem todos os que alli vieraõ, foraõ offerecer suas perguntas com muito alvoroço; e recolhidas com o nome do que perguntava, se tornou a cerrar a porta: entaõ começáraõ as muzicas, jogos, e festas dos coroados pastores, e pastoras do Tejo; tudo se ouviaõ frautas, rabecas, e sanfonhas; a toda a parte se viaõ ajuntamentos, e desafios de lutas, bailes, e folgares. Para a banda, onde Pavanio, e Lereno estavaõ, houve huma competencia de quatro vaqueiros, que bailaraõ hum çapateado com tanta graça, que a muitos fizeraõ inveja; e traz elles hum de *mais idade*, e vestido mais louçaõ que os quatro, que lhes tangia huma frauta, e tamboril, dando-a hum que junto a elle estava, sahio ao terreiro, e dando nelle voltas mui estranhas, e çapatetas no ar com muita destreza, ajuntou grande multidaõ de pastores para aquella parte: da outra se acharaõ Rizeu, e Umbrano, onde o velho Corino rodeado de pastoras, e guardadores ao som da sua celebrada sanfonha, e ajudado do seu pegureiro Agrario, cuja voz fazia descer as nuvens, e emmudecer os ventos, cantava estas endechas.

Venturozo dia,
Que do Ceo veio,
De mil graças cheio,
Cheio de alegria.
A Aurora rozada
Nasce em ti mais bella,
E o Sol vem traz ella,
Fazendo-a dourada.

O Ceo nunca avaro,
De estrellas se arrea;
A Lua alumea
Sobre o Tejo claro.
Aves, e animaes,
Sem conhecimento,
De contentamento
Mostraõ mil signaes.

Os

Os passaros lêdos,
Vestidos de côres,
Cantaõ teus louvores
Pelos arvoredos.
Qualquer féra perde
Sua féra uzança,
E anda féra, e mança
Pelo prado verde.
Os lobos guerreiros
Nenhum ha q́ offenda,
Que andaõ sem contẽda
Por entre os cordeiros.
Tudo he mais formozo,
Por rudo que seja;
E tudo festeja
Teu nome ditozo.
As plantas, os montes,
O campo, as boninas,
Aguas cristalinas,
Cristalinas fontes.

O valle povoaõ
Mil pastoras bellas;
Fazendo capellas,
Com que se coroaõ.
E das semidéas
Bellas desta praia
Naõ ha qual naõ saia
Em lêdas coréas.
Os pastores cantaõ,
Os satyros saltaõ,
As flores esmaltaõ,
As hervas encantaõ.
Tudo te conheça,
Tudo te festeje,
Tudo te dezeje,
Tudo te obedeça.
De ti levantado
Teus louvores conte
O dezerto monte,
E o florido prado.

Gastado grande espaço da manhá em jogos, festas, e alegrias, deraõ os salvagens signal aos pastores; e juntos, começou a Ninfa a nomear em alta voz os que perguntavaõ, remettendo cada hum, como lhe coubera em sorte, ás quatro Ninfas que guardavaõ os segredos de Amor, que eraõ os bosques que de ambas as partes ficavaõ escondidos.

O primeiro, em que cahiò a sorte, foi o pastor Menandro; o qual depois de larga peregrinaçaõ, sem achar novas de Montea, se tornou ás praias do Tejo: este foi remettido á Ninfa Euribia, que lhe mostrou em o tronco de huma faia a reposta da sua pergunta, que era esta:

Per-

Pergunta de Menandro.

Se hei de ver inda Montea
De seus enganos vencida?
Se he já morta, ou se tem vida
Em outra vontade alheia?

Reposta.

Montea auzente tem vida,
E o amor noutro lugar;
Mas inda te ha de buscar
Quando seja aborrecida.

A segunda sorte cahio a Mirtea huma das tres pastoras, que se acháraõ ao sonho de Lereno ao pé da fonte: foi mandada á mesma Ninfa; e entalhada em hum buxo, que *cobria* huma fonte, achou a sua pergunta que dizia:

Se ha de vencer a razaõ
Hum enleio tam contino?
E se Amor com desatino
He mais, que ter affeiçaõ?

Reposta.

Vence a razaõ ao receio,
Naõ o ciume á affeiçaõ;
Que Amor fóra da razaõ
Naõ serve mais que de enleio.

A terceira sorte cahio ao pastor Filenio, quem Lizea mandára ao Mondego com a carta para Lereno: foi mandado á mesma Ninfa; e á entrada do bosque vio na area de huma fonte escrita a sua pergunta, que era:

Lizea, se posso vêlla?
Se, aonde está, tem liberdade?
Se hei de mudar a vontade?
Se hei de cobralla, ou perdella:

Reposta.

Vive na mesma prizaõ;

Vêlla has, mas com seu cuidado;
Mudará sedo o estado;
E tu mais sedo a affeiçaõ.

No quarto lugar o teve a do pastor Mendino, a quem os dous companheiros Lereno, e Rizeu encontráraõ, olhando-se na fonte; o qual do desterro daquella montanha veio habitar as que dalém cercaõ o Tejo: no mesmo bosque de Euribia, aonde foi mandado, achou no tronco de hum loureiro a reposta do que perguntava.

Se Duricia em algum dia
Fará por amor mudança?
E entam se terá lembrança
Do muito, que lhe queria?

Reposta.

Já vive de ti lembrada;
Já tem de Amor paga justa;
Que já sabe quanto custa
Amar, e naõ ser amada.

Atraz esta sahio reposta a huma pergunta da pastora Daliana: foi remettida ao valle da Ninfa Liris, a qual lhe mostrou a sua pergunta na pedra de huma fonte, e dizia:

Que remedio, ou que cautella
Para vencer a mudança?

Reposta.

Ter mudavel esperança;
E, antes de chegar, vencella.

Responderaõ no mesmo valle a huma pergunta de Eliza, qual ella achou escrita no tronco de huma copada avelleira, e dizia:

Que meio para encobrir
Hum mal, que aos olhos me vem?

Re-

Reposta.

Naõ no dizer a ninguem,
E deixallo prezumir.

No mesmo lugar cahio a sorte á pastora Olinda, e achou a sua pergunta em huma laranjeira carregada de suas cheirozas flores, que dizia:

Quem nega a fé promettida,
Que castigo lhe convém?

Reposta.

Saberse que naõ a tem,
E que nelle era perdida.

A' mesma Ninfa foi remettida huma pergunta de Lereno em nome alheio, cuja *reposta* estava em o tronco de hum alamo desta maneira:

Que remedio a quem pertende
Bens, de que outrem goza o fruito?

Reposta.

Aprender a soffrer muito,
E soffrer mais do que aprende.

Atraz desta sorte cahio a de Pavanio, o qual das semrazoens, que Natereia uzára com sua affeiçaõ, aprendeu a recear mudanças: porém como nenhum temor he taõ poderozo, que o naõ vença hum parecer divino, nos olhos de Angelia os seus cuidados occupara, fazendo entrega da vontade; que em fim era alheia pela primeira affeiçaõ: foi mandado ao valle da Ninfa Amathia, onde dava as repostas a encantada Ecco, que dentre muitos penedos, e arvores sombrias se ouvia tam natural como a propria voz, em que cada hum repetia de novo a pergunta; e a sua era:

Se me ha de vingar Amor
De huma alheia semrazaõ?

Se

Se na segunda affeiçaõ
Terei successo melhor?
Reposta.
Tu mesmo déste a sentença,
E foste algoz da vingança:
Na outra haverá mudança
Com o fim da primeira offensa.

No mesmo lugar cahio a sorte de Rizeu; cuja pergunta era:

Se huma fé firme, e segura,
Tem paga de seu cuidado?
E se hum bem tam dezejado
Póde caber na ventura?
Reposta.
Entre vontades iguaes
Paga amor tua affeiçaõ;
Mais bens, que nega a razaõ,
Nem a ventura os tem taes.

A' mesma Ninfa foi remettida huma pergunta, que Lereno fez em nome de Floricio; e no costumado oraculo de Ecco lhe responderaõ:

Se em Althéa se consente
Co' tempo alguma mudança?
E se ha de ter esperança
Floricio contra hum auzente?
Reposta.
Ama Althéa de verdade:
Mas se Floricio he constante,
Tudo póde hum firme amante,
Combatendo huma vontade.

Atraz esta reposta sahio, no mesmo lugar huma a Selvagio, que dizia:

Como se póde vencer
Huma pastora obstinada?

Repoſta.

Com lhe negar que he amada;
Que, em o ſabendo, he mulher.

No valle da Ninfa Dione reſponderaõ logo a huma pergunta de Floricio, onde de enſima de hum loureiro falava huma ave do Sol na maneira, em que Ecco reſpondia; e a pergunta era eſta:

Huma vontade enganada
Que meio ha para vingarſe?

Repoſta.

Saber fingirſe, e negarſe;
Logo ſe verá vingada.

No meſmo lugar huma pergunta *do paſtor* Umbrano foi reſpondida deſta maneira:

Que coiza haverá, que vença
O ciume de hum auzente?

Repoſta.

Nenhum remedio conſente;
Porque he morte, e naõ doença.

Logo traz eſta teve repoſta huma pergunta do vaqueiro Amintas, que dizia:

Huma paſtora offendida
Que extremo póde fazer?

Repoſta.

Matar a quem a offender;
Ou a ſi tirarſe a vida.

Neſte lugar ſahio a repoſta a huma pergunta de Lereno, que elle fazia tam deſconfiado no que perguntava, como pouco ſeguro de imaginar que razoens encantadas adivinhavaõ ſucceſſos alheios, dizia:

Que fim eſpera o deſterro,
Em que me traz meu cuidado?
E ſe eſtá deſenganado,
Ou perdoado meu erro?

Re-

Reposta.

Terá fim, nunca mudança:
Muda o trajo á disculpa;
Ficarás livre de culpa,
E o teu nome na lembrança.

Ainda os pastores, que esperavaõ a sua forte, occupavaõ todo o valle quando Lereno, e Pavanio o deixáraõ tomando o caminho para sua cabana; aonde chegáraõ ao tempo que o Sol dava fim ao dia. Passou Lereno a noite imaginando, offerecendo razoens á sua ventura, e pedindo-lhas para os males que padecia; hora queixando-se delles, e della, com o sentimento de aggravo; e porque o Sabio remettia a mudança de seu estado ás do tempo, determinou elle fazella no trajo, e no lugar, e deixar a vida de pastor pela de peregrino: communicou a Pavanio, e Rizeu este segredo; pedio-lhes que o guardassem por alguns dias: despedio-se delles com muitas lagrimas, e sentimento, deixando-lhe iguais saudades de sua companhia; partio-se dentre elles huma madrugada pelo caminho da montanha, e a pouco espaço ao pé de huma fonte, que sahia de debaixo de hum penedo, vio hum pastor que estava como desmaiado, e olhando-se na agua cantava o seguinte.

Em tal estado estou posto,
Que estranho a propria figura:
Mas esta he minha ventura,
Se este naõ he o meu rosto.

Se os males mais sem medida
Se conformaõ de tal sorte,
E tem força tam valida,
Que vaõ suspendendo a vida
Contra os poderes da morte:

Se contra hum desventurado
Póde dar a vida desgosto,
E tello vivo enterrado:
Se ha no mundo hum tal estado;
Em tal estado estou posto.
Estou, como alma, que pena
No corpo, que sustentou;
Como minha sorte ordena,
Reprezento huma pequena
Sombra do que em mim passou:
Já naõ vivo, nem dezejo;
Nada o coraçaõ procura;
Eu de mim proprio me pejo,
Para verme; e tal me vejo,
Que estranho a propria figura.
Acho-me no que padeço;
Porém, se encontro comigo,
Como outro me desconheço,
E a mim proprio me aborreço,
Como se fora inimigo,
Torno a ver-me com receio:
Pelo que se me affigura,
E conheço neste enleio,
Que bem posso ser alheio;
Mas esta he minha ventura.
Trocou-se a vida, o cuidado:
Tudo para perseguirme
Contra mim veio trocado,
A ventura triste, o fado;
Porque he triste, he sempre firme;
E se alcança o seu poder
Que eu viva em tanto mal posto,
Esses dias, que viver,
Como me haõ de conhecer,
Se este naõ he o meu rosto?

Sau-

Saudou Lereno ao pastor, e virando elle o rosto se conheceraõ, porque este era Filenio, em o qual ainda durava o engano passado da carta de Lizea; e lançando lhe os braços dizia: Ah Floricio amigo, quaõ pouco me valeraõ teus dezejos, e minha diligencia! E traz isto lhe contou como perdera à Lizea de ante os olhos, e a reposta que levava do Sabio, e que a maior tristeza, que tinha, era ter a vida, e o gosto tam acabado em maõs dos males, que tivera, que receava perdella antes de chegar ao Lis, e ver Lizea; e que só temia falar-lhe para esta ventura. Lereno o consolava com muitas palavras; e fazendo-o levantar, o acompanhou hum grande espaço de caminho, em o qual lhe falou desta maneira: Filenio amigo, ainda que tudo o que uzei comtigo era o que convinha a este nome, naõ quero que com o meu vivas enganado. Eu soù Lereno natural dos valles do Lis, para quem era a carta de Lizea, que no Mondego me entregaste; a que te tornei era reposta della com o seu proprio sobreescrito: traz-me a ventura tam perseguido, que já me descuido de Amor, e naõ busco mais em terras estranhas que a sepultura: tu, a quem a sorte dá de tam perto as esperanças, vai a colher com tempo o fruto dellas, e toma forças para vencer tua fraqueza com o alvoroço do bem, que te espera na tua Lizea, a quem serás testimunha do que vires, para que ella o seja diante quem agora a possue. Dize-lhe que mudo a terra, e trajo, e o costume, pois naõ he para pastor quem nasceu para viver triste; que me vou peregrino por terras estranhas, atè que alguma ache tam pie-

doza,

doza, que em ſeu centro me recolha; ou mude a natureza á minha ſorte. E para que da minha ſanfonha ouças o derradeiro ſuſpiro, á viſta deſtas praias do Tejo deſcancemos ſobre eſte penedo. Filenio enleado, e quazi tremendo ouvia o paſtor, que com lagrimas ajudava o ſentimento das palavras: e conhecendo em todos os ſignaes ſer aquelle o de que tanto tempo ſe temera, e dando fé a tudo o que lhe dizia, porque já de Lizea ſoubera, que em outra parte tinha poderoza affeiçaõ, de novo com amor, e eſpanto o abraçava, e ſuſpendendo a pratica pelo ouvir, cantou Lereno eſte ſoneto.

Rematemos já contas, eſperança:
Levai tudo o que tendes da ventura;
Porque ſois companhia mal ſegura,
E alcança mais de vós quem nada alcança.
Tenho por mais ſegura confiança
Nos males, e na fé da ſepultura:
Naõ quero mais de meu que eſcritura,
Que depois fique a muitos por lembrança.
Outros, a quem engana hum falſo objecto,
Enthezourem rubins, perlas, diamantes,
Eſmeraldas, jacynthos, prata, e ouro;
Que pois iſto á mudança he mais ſujeito,
E eu ſó dos males ſei que ſaõ conſtantes,
Quero fazer de males meu thezouro.

Bem quizera Filenio perſuadir ao triſte, e deſterrado Lereno, que ſe tornaſſe á ſua ribeira, ao ſocego de ſeu gado, e paſſaſſe a vida onde o Ceo lha déra com tanta alegria; porém vendo-o determinado, atalhou as palavras, e, ſem poder apartarſe delle, abraçados choravaõ como ſe de muitos annos de eſtreita amizade ſe conhe-

nhecerao; e traz isto tomando Lereno na mao a sua mimoza sanfonha lhe dizia:

Humilde sanfonha, que entre os pastores ereis tam celebrada, ouvida das lindas serranas, e ás vezes invejada dos vaqueiros, aqui vos sacrifico á memoria de meus desenganos; que, pois hum grande desgosto vos tirou a graça, e a mim o descanço, nao vos serve companhia tam triste, nem tam suave instrumento convém a pastor tam desesperado. Leva-me a ventura a terras estranhas, onde nem minhas ovelhas de sua branda lá me veráó vestido, nem ouviráó pastores estrangeiros os namorados versos, que tocandovos cantava: e para que algum rustico pegureiro nao vos offenda, acabai sobre este penedo, que he paga bem desigual do amor com que vos possui; porém val mais perecer, que acompanhar-me.

Acabando isto com muitas lagrimas, a fez em pedaços sobre o penedo, que ficárao derramados na verdura: e tomando differente habito, e caminho, se apartou de Filenio, que com suspiros, e magoas o queria deter. O que a ambos succedeu com o seguimento de suas historias, se veráó ao diante no *Pastor Peregrino.*

FIM DO SEGUNDO TOMO.